

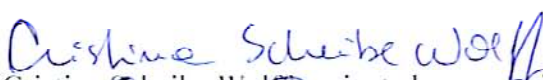
HISTÓRIAS IMPRESSAS DE JOINVILLE:
Estudo da historiografia e da influência da imprensa na
escrita da história da maior cidade de Santa Catarina

ALESSANDRA DA MOTA MATHYAS

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de

MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL


Banca Examinadora


Prof.^a. Dr.^a. Cristina Scheibe Wolff - orientadora e presidente – UFSC


Prof.^a. Dr.^a. Janine Gomes da Silva - /UFSC


Prof. Dr. José Klug - UFSC

Prof.^a. Dr.^a. Joana Maria Pedro – suplente - UFSC


Prof.^a. Dr.^a. Maria Bernardete Ramos Flores
Coordenadora do PPGH/UFSC

Florianópolis, 19 de dezembro de 2007.

ALESSANDRA DA MOTA MATHYAS

Histórias impressas de Joinville

**Estudo da historiografia e da influência da imprensa na escrita
da história da maior cidade de Santa Catarina**

Florianópolis, 19 de dezembro de 2007.

ALESSANDRA DA MOTA MATHYAS

Histórias impressas de Joinville
Estudo da historiografia e da influência da imprensa na escrita
da história da maior cidade de Santa Catarina

Dissertação apresentada para obtenção
parcial do título de Mestre em História Cultural.
Orientação: Cristina Scheibe Wolff. Programa de
Pós-Graduação em História Cultural, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal
de Santa Catarina.

Florianópolis, 19 de dezembro de 2007.

Em estudos recentes, a imprensa tanto constitui memórias de um tempo, as
quais, apresentando visões distintas de um mesmo fato, servem como
fundamentos para pensar e repensar a História, quanto desponta como agente
histórico que intervém nos processos e episódios, e não mais como um simples
ingrediente do acontecimento.

(Lúcia M.B.P. Neves e Tânia M.B.C. Ferreira)

*Por mais que o estudo pareça individual, ele é sempre coletivo...
Este, em especial, não seria possível sem o “suporte” de várias pessoas: o
apoio dos meus colegas de trabalho, com destaque para Mauro Passos e
Sabrina Franzoni; a dedicação da minha mãe, Olinda Salete Mathyas
Ferrador; a compreensão do meu marido, Claudinei do Nascimento; a
paciência da minha orientadora, Cristina Scheibe Wolff.
E, ainda que não compreenda, pois desfruta do desapego das preocupações que
só a infância possibilita, esta dissertação, bem como todos os meus esforços
profissionais e acadêmicos, são dedicados à minha filha CLARA.
Desejo que o mundo onde ela vive e fará sua história, seja um pouco melhor
por conta das minhas ações.*

RESUMO

Essa dissertação discute, a partir da análise crítica das principais obras historiográficas de Joinville/SC, as formas como os jornais impressos na cidade contribuem para a consolidação das versões da História regional. Os textos historiográficos foram classificados de duas formas: abordagem tradicional local e trabalhos temáticos. Verificou-se, ao fazer a leitura dos livros, que o jornal é fonte primordial para a grande maioria dos textos, mesmo nas obras historiográficas que se contrapõem. Conclui que os jornais contribuem de duas formas para a escrita da História local. A primeira, quando tratado como fonte, pois o que é hoje tido como histórico na cidade passou pelas páginas dos periódicos: seja como notícia, artigo, anúncio ou propaganda institucional. A segunda, no momento de pautar matérias sobre a História local, privilegiando apenas alguns historiadores e linhas de pensamento e mantendo no anonimato da mídia, outras versões. Daí a importância de o jornalista ter ciência de sua responsabilidade histórica no momento de elaborar pautas que se referem à historiografia. E também de os historiadores, que selecionam as notícias de acordo com o seu objeto de estudo, divulgarem a sua produção para que as novas versões da História local ultrapassem os limites acadêmicos e conquistem as páginas dos jornais, chegando ao grande público.

PALAVRAS CHAVE:

HISTORIOGRAFIA – IMPRENSA REGIONAL - JOINVILLE

ABSTRACT

Through a critical analysis of the main historiographical works in Joinville/SC, this paper discusses how the printed newspapers in the city contribute to the consolidation of regional history versions. The historiographical texts were classified in two ways: local traditional approach and thematic works. Upon reading the books, it was found that the newspapers are the primary source for the vast majority of texts, even in opposing historiographical works. It concludes that newspapers contribute in two ways to writing local history. The first, when treated as a source, since what is considered as historical in the city today has gone through the periodical pages: as news, articles, advertising, or institutional publicity. The second, at the moment of making the agenda for subjects on local history by giving privilege to just a few historians and lines of thinking, maintaining media anonymity of other versions. Hence the importance for journalists to be aware of their historical responsibility when producing agendas related to historiography. Also for historians, who select the news according to their object of study, to disclose their production in order that new versions of local history surpass academia boundaries and get into newspaper pages, reaching the general audience.

KEY-WORDS:

HISTORIOGRAPHY - REGIONAL PRESS – JOINVILLE

SUMÁRIO

Resumo	iv
Abstract	v
Introdução	07
Capítulo I	
1.1 O interesse “antigo” pelo cotidiano e o que deve ser lembrado	23
1.2 Critérios da seleção da notícia para a historiografia	29
Capítulo II	
A abordagem local tradicional	35
2.1 Rodowicz-Oswiecimsky: o relato de um viajante	36
2.2 Carlos Ficker – a primeira grande obra da história local.....	48
2.3 Elly Herkenhoff – a principal tradutora das obras em alemão	52
2.4 Adolpho Bernardo Schneider – descendente orgulhoso	64
2.5 Carlos Gomes de Oliveira – a valorização do luso-brasileiro	69
2.6 Apolinário Ternes – jornalista e historiador de prestígio político	74
Capítulo III	
Trabalhos temáticos da historiografia joinvilense	89
3.1 O mundo dos trabalhadores na cidade do trabalho	91
3.2 O mundo das etnias na cidade germânica	100
3.3 O mundo polifônico real na cidade imaginária da ordem	119
Capítulo IV	
4.1 A imprensa constrói um censo comum historiográfico?.....	136
4.2 A visão historiográfica na edição comemorativa do Sesquicentenário	141
4.3 A cidade real aparece no jornal diário	146
Considerações Finais	156
Textos historiográficos de Joinville tratados como fonte neste trabalho	160
Demais obras sobre Joinville	161
Referências Bibliográficas	165
Webgrafia	171
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

No dia 1º de agosto de 2005, uma sessão solene da Câmara de Vereadores de Joinville¹, realizada no Teatro Juarez Machado, reuniu dezenas de pessoas, sobretudo empresários, jornalistas e políticos, para a concessão do Título de Cidadão Benemérito da cidade ao jornalista e historiador Apolinário Ternes. Reconhecido por sua dedicação à história do município, a ele foram apresentados os mais dignos elogios pelo fato de até aquele momento, seus mais de 20 livros e incontáveis artigos nos jornais locais, terem contribuído para a “solidificação da história e da memória local”.

Destaco aqui alguns depoimentos, como o da vereadora Dalila Rosa Leal, líder da Bancada do Partido Socialista Cristão (PSC): *“Como todo bom joinvilense, tenho orgulho de nossa história, história essa conhecida graças ao seu empenho. (...) As obras de Apolinário não são simples narrativas de fatos passados, mas esse ilustre historiador tem o talento de, por meio de suas pesquisas, retratar ao leitor os anseios de nossos*

¹ A Sessão foi transmitida ao vivo pela TV Câmara e gravada nos anais da Casa. No entanto, há vários anos, o Poder Legislativo Municipal não faz mais transcrição de suas sessões e reuniões, o que exige do pesquisador um trabalho extra, pois, tal qual uma entrevista, precisa transcrever todo o evento. Pela extensão da sessão, ao final deste trabalho, estará anexada (ANEXO A) somente a parte do discurso do homenageado que, por si só, poderá suscitar novas pesquisas sobre o trabalho do profissional de História e Jornalismo.

antepassados, dando-nos um vislumbre das reais condições que enfrentavam e o ânimo destes colonizadores”. Ou ainda o comentário do vereador Maurício Peixer, líder do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira): “*O senhor tem o dom que Deus deu de colocar no papel aquilo que gostaríamos de falar*”.

Mas é o discurso do jovem vice-prefeito, Rodrigo Bornholdt, em nome do prefeito, Marco Tebaldi, e do Governador do Estado, Luiz Henrique da Silveira, que está o sentimento compartilhado por praticamente todos os presentes à sessão. Ao associar o fato de, naquele dia, o prefeito estar em um evento de administradores municipais para comemorar a conquista por Joinville de 3ª maior cidade da Região Sul do país nos “índices populacional e econômico”, disse o vice-prefeito: “*o que levou Joinville a alcançar estes patamares, todos sabemos, está relacionado ao espírito empreendedor dos colonizadores que aqui chegaram da Europa a partir de 1851*”. Mais adiante, destacou outros historiadores regionais que, a seu ver, são tão importantes quanto Ternes, como Elly Herkenhoff, Carlos Ficker, Adolfo Schneider “*e tantos outros que contribuem para a lembrança e a visão de futuro que nos dão para a compreensão do presente da nossa cidade. O valor da história hoje traz também aquilo que alguns analistas do cotidiano e da sociedade chamam de **sensação de pertencimento***” (grifo nosso). Nesta sessão, não estiveram presentes dois vereadores, professores de História, formados pela Univille e eleitos pelo Partido dos Trabalhadores. Também não foi registrada pelo Mestre de Cerimônia a presença de nenhum representante do Curso de História da Univille, instituição onde Ternes formou-se em História e trabalhou como assessor por algum tempo.

De fato, a obra de Ternes sobre Joinville é considerável e tem uma importância bastante relevante. Mas, como até o vice-prefeito mencionou, ele não foi o primeiro e não é o único historiador local. No entanto, a versão que este historiador sempre defendeu nos

seus livros – da cidade do trabalho, ordeira, dos empresários empreendedores por natureza étnica, como analisaremos nas páginas seguintes – é a que, como se constatou nesta sessão, de certa forma, consolidou-se na memória coletiva da maior cidade catarinense. Ao mesmo tempo, porém, em que Ternes escrevia suas obras, outros autores também o faziam, sem, no entanto, obterem o mesmo reconhecimento do Poder Político representado, na cerimônia em questão, pela Câmara de Vereadores, Prefeitura e Governo do Estado.

Vale aqui ressaltar a criação do Curso de História da Univille, no ano de 1968, do qual Apolinário Ternes fora um dos primeiros alunos e cujo trabalho de conclusão resultou no seu primeiro livro, com prefácio do então presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Oswaldo Rodrigues Cabral. De lá para cá, foram muitos os professores de História formados por este curso, e vários os que obtiveram títulos de Mestres e Doutores em História em várias universidades do país, trazendo abordagens e metodologias diversas acerca da história de Joinville. Livros foram publicados resultados destas pesquisas acadêmicas. Encontros e seminários acontecem quase que anualmente. Mas tais enfoques não caíram no gosto popular nem da chamada intelectualidade econômica local. E a prova disso são as edições de jornais, programas de rádio e televisão, que todo o ano se repetem em virtude do aniversário do município, no mês de março².

Por que essa resistência ao novo, em pleno Século XXI? Afinal, como bem lembrou o professor Walter Manoel Gomes, é impossível conhecer o passado como ele realmente aconteceu; é mais inteligente e honesto admitir que a melhor aproximação da realidade passada acontece através da pluralidade de versões, frutos de questionamentos e de

² Uma rápida abordagem de como o Jornal A Notícia pauta a história local foi analisada por mim no artigo **A imprensa local e a seletividade da memória histórica em Joinville**, apresentado na XIV Semana de História e XI Ciclo de Debates Sobre História Regional da Univille. Joinville, outubro de 2007. Texto não publicado.

abordagens diferentes³. Comentário, aliás, feito pelo vice-prefeito na sessão de homenagem, de que “a história está sempre em transformação”.

Esta pluralidade de versões já existe em Joinville e muitos outros estudos neste sentido estão em andamento. No entanto, poucos conseguiram ser publicados e difundidos na região. Destes estudos, alguns apenas chegam ao estudante do ensino fundamental e médio da cidade, mesmo quando o currículo programático de História determinado pela Municipalidade prevê uma visão múltipla da historiografia local e deixa livre a escolha de autores e metodologias, segundo relato de alguns professores⁴. Já aos trabalhadores, sobretudo os operários, que pouco acesso têm a livros, mas que ouvem rádio, lêem jornal e assistem televisão com assiduidade, a versão da história local que conhecem é a que acompanham por estes veículos de comunicação.

Instigada por minha profissão de jornalista, agora também com a responsabilidade de historiadora, minha principal tarefa nesta dissertação é abordar o papel dos jornais na consolidação das versões da história regional. Ora, conhecimento é poder. E questionar o que “sempre foi assim” não parece algo proveitoso para as sucessivas administrações de Joinville desde a sua fundação em 1851.

Acho necessário, antes de fazermos a viagem analítica por parte significativa da historiografia de Joinville, a qual também me proponho neste trabalho, lembrar os períodos historiográficos do país e de Santa Catarina e, situar o caso de Joinville neste contexto.

³ GOMES, Walter Manoel. **Formas de Pensamento Historiográfico Catarinense**. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1984. p. 10

⁴ Um bom exemplo desta abertura temática é o livro **Viver Joinville**. Secretaria de Educação e Cultura. Joinville, 2000. Com uma linguagem bastante simples, voltada ao estudante do ensino fundamental, o livro teve uma boa aceitação pelos professores. Traz uma valorização aos recursos naturais, explica o que são sambaquis e onde estão os de Joinville, faz relações diretas entre as navegações, o Descobrimento do Brasil e a crise na Europa na primeira metade do Século XIX com Santa Catarina e Joinville entre outras questões atuais, como meio ambiente – flora e fauna, industrialização local, lixo, reciclagem, impostos... No entanto a obra não foi reeditada ou revisada e sua tiragem está esgotada.

Sabemos hoje que o estabelecimento da história como disciplina é datado do fim do século XIX e desde então esta ciência vem discutindo um conjunto de conceitos e autores enquadrados em espécies de “molduras” temporais e temáticas. A escola histórica positivista, também denominada História dos Acontecimentos, teve duas importantes vertentes na origem da História como disciplina acadêmica: A Escola Histórica Alemã que pregou o historicismo, e a Escola Metódica Francesa. Esta visão positivista preocupou-se com a história política, a história-batalhas, a biografia de homens célebres. A contraposição a esta visão elitista, de uma história historicizante, veio com os escritos de perspectiva marxista, como bem lembrou José Honório Rodrigues, ainda na década de 60 do século passado:

Marx, ao escrever o 18 *Brumário de Luís Bonaparte*, começou com uma hipótese inicial e usou os fatos para confirmá-la. “Eu mostro”, escreve ele, “como a luta de classes na França criou circunstâncias e situações tais que permitiram a um personagem medíocre e grotesco fazer figura de herói”. E sua análise ilumina de tal modo o acontecimento que tudo que parecia estranho se torna compreensível.⁵

Estas contraposições teóricas tomaram o debate acadêmico na Europa, até que em 1929 foi fundada a revista *Annales d’histoire économique et sociale* (a Escola dos Annales), que trouxe para o campo da teoria histórica, uma verdadeira revolução ao constituir-se no virtual abandono daquilo que seus mentores chamaram de “história tradicional”, especialmente a história política, e na incorporação de métodos e abordagens das Ciências Sociais no campo da História. A partir de então, foi possível distinguir duas novas vertentes: uma interessada em uma história total que distinguisse diferentes dimensões da temporalidade e enfatizasse especialmente a “longa duração” – a história das estruturas – e a outra vertente interessada no universo das representações, no imaginário, na dimensão

⁵ RODRIGUES, José Honório. **A pesquisa histórica no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Ed. Nacional [Brasília], 1978. p. 29

psicológica. Segundo Rogério Forastieri da Silva⁶, esta segunda vertente foi alvo de severas críticas, sendo considerada por alguns uma “história das migalhas”, distanciada dos grandes problemas, das grandes estruturas. Esta última tem sido consensualmente chamada de *Nova História*, cuja bibliografia de estudos historiográficos é imensa, variada e com uma multiplicidade de vertentes de análise, sendo chamada até, por alguns pesquisadores, como *Novas Histórias*.

Para simplificar a diferença de pensamento historiográfico do antes e depois dos Anales, Peter Burke destacou alguns pontos de contraste. Para este autor, a chamada história tradicional faz uma narrativa linear dos acontecimentos, sobretudo políticos, normalmente com a versão *vista de cima*, privilegiando as fontes consideradas “oficiais” – o que poderemos perceber na historiografia joinvilense. Já a Nova História, segundo ele, propõe-se a fazer análises das narrativas e interessa-se não só pela política, mas por toda a atividade humana. Assim, ao apresentar experiências das pessoas comuns, traz a *história vista de baixo*.⁷

No caso da historiografia catarinense, há algumas propostas de periodização. Uma delas, apresentada por Walter Manoel Gomes⁸, foi dividida em cinco períodos:

1) *Da Descoberta (século XVI) ao início do Século XIX*, com a literatura de reportagens, os relatórios e crônicas de viajantes, a descrição de movimentos nativistas e a exaltação de personalidades. José Honório Rodrigues, um dos mais conceituados teóricos da historiografia brasileira, já em 1965 denunciava: “A personalização da história conduz à biografia, e a história do Brasil tem sido uma suma biográfica desde o período colonial aos

⁶ SILVA, Rogério Forastieri da. **História da historiografia**. Bauru: Edusc, 2001.

⁷ BURKE, Peter. **A escrita da História**. São Paulo: Unesp, 1992 pp. 7-37

⁸ GOMES, op. cit. p 39-46.

nossos dias”⁹. Entendo, assim, que a historiografia até então existente no Brasil era positivista. Em Santa Catarina, até o século XVII, tem-se o registro de somente literatura de viagem e poucas informações sobre os bandeirantes paulistas no Sul e questões administrativas do Procurador do Rio de Janeiro. Gomes destaca as crônicas de ação missionária na costa catarinense em 1605, 1609 e 1619.

2) *Da Independência à Idéia Nova*, seguindo a seqüência proposta por Gomes, aborda os temas liberdade e formação de uma grande nação: os grandes eixos da produção histórica brasileira no século XIX. As versões da história misturavam-se com textos jornalísticos. Matérias opinativas não eram assinadas. Os jornais neste período tiveram grande papel de difusão de novas e divergentes idéias: eram o palco dos debates públicos. Soma-se a isso o trabalho do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838), que já havia publicado títulos de Varnhagen¹⁰ entre outros escritores regionalistas da época, e a criação dos IHGs nos Estados (em Santa Catarina, em 1883). Continuava a produção da historiografia herdada do século XIX, denominada de “história historizante” ou “episódica”, onde a missão do historiador consistiria em estabelecer, coordenar e expor coerentemente em uma cadeia linear de causa e consequência, todos os “fatos históricos” (tidos como os acontecimentos singulares e que eram levados a esta categoria porque não se repetiam) a partir dos documentos oficiais disponíveis.

Ciro Flamarion Cardoso lembra que estes “fatos históricos” eram “quase sempre políticos, diplomáticos, militares ou religiosos, muito raramente econômicos ou sociais”¹¹. Os conflitos existentes no Brasil não encontravam respostas atualizadas da história.

⁹ RODRIGUES, José Honório. **História e historiadores do Brasil**. São Paulo: Fulgor, 1965, pp 24-25.

¹⁰ Considerado o fundador da história do Brasil, ou “Heródoto brasileiro”, que buscou em Portugal documentos relativos à colonização do nosso país. É tido como um dos grandes responsáveis pelo fortalecimento da identidade luso-brasileira.

¹¹ CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Héctor Peres. **Os métodos da história**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Gaal, 1983. p. 23

Segundo Maria de Lourdes Janotti, o IHGB deixou de representar a evolução da consciência nacional (no caso, a mudança do regime monárquico para o republicano) e voltou-se para o passado¹².

Continuando a proposta de Walter Gomes, a próxima etapa historiográfica catarinense seria

3) *Da idéia nova à Geração Acadêmica*: quando, segundo Gomes, em 1883, o presidente da Província, Francisco L. Gama Rosa, tenta uma mudança cultural, com a formação de um grupo em Desterro (hoje Florianópolis) para debater as idéias dos movimentos filosóficos e científicos em ebulição na Europa, propondo-se a “minimizar a mediocridade encastelada nos conservadores locais”¹³. Logo, além deste grupo, apareceram outros nomes considerados com “espírito renovador”. No entanto, prossegue o historiador, a “Idéia Nova” foi uma nuvem passageira e o movimento renovador foi cedendo lugar ao conservadorismo romântico que reconquistou a direção intelectual.

É importante ressaltar que a esta altura, Joinville já deixara de ser colônia para transformar-se em cidade, tinha vários jornais em circulação e uma “vida social” bastante intensa. E que na Alemanha, ainda em 1853 (apenas dois anos depois da chegada dos primeiros colonizadores), fora publicado um livro onde um ex-colono germânico narrou sua experiência da viagem para o Brasil e a vida em Joinville, onde fazia advertências acerca dos problemas locais (tratarei desta obra no Capítulo II). Isso sem falar em São Francisco do Sul, que muito antes da criação de Joinville, já era uma vila bastante movimentada, principalmente pelo seu porto. No entanto, no primeiro trabalho que pode ser considerado historiográfico do Estado no final do século XVIII (o relatório do governador da Capitania

¹² JANOTTI, Maria de Lourdes. **João Francisco Lisboa: jornalista e historiador**. São Paulo: Ática, 1977. p. 18

¹³ GOMES. Op. Cit. P. 42.

de Santa Catarina Miranda Ribeiro (1793-1800), intitulado *Corografia Catarinense*), nada consta sobre a região, cultivo, população, enfim. Gomes, ao analisar todo o documento, conclui que Miranda Ribeiro

(...) desconhecia a função social do historiador, e, cremos, jamais pensou em sê-lo. Em todo o instante, foi apenas um administrador subalterno e um militar despreparado e desatualizado para o trato da coisa pública, para o relacionamento com a sociedade civil e, sobretudo, para incursionar no território da cultura não militar.¹⁴

4) *Da Geração Acadêmica ao Grupo Sul* é o passo seguinte da historiografia catarinense na divisão proposta por Walter Gomes. Na virada do século XX, as instituições culturais catarinenses criadas até então foram retomadas. Destaque para os irmãos Boiteux – Lucas e José – que entre outras ações, foram responsáveis pela criação da Revista do IHGSC. José Boiteux também fundou em 1917 o Instituto Politécnico da Sociedade Catarinense de Letras, mais tarde transformada em Academia Catarinense de Letras (uma idéia que vinha sendo proposta desde 1912 pelo jornal literário *O Argo*), mas que não teria dado uma resposta catarinense ao Movimento Modernista de 1922¹⁵. Essa apatia a um movimento cultural nacional mostrou também a paralisia no IHGSC e na Academia para novas produções, tanto que a Revista do Instituto interrompeu suas publicações até 1943. Essas instituições, então, passaram a coligar, recolher e organizar documentos, em vez de criar e transformar.¹⁶ Ou seja, novamente perpetuando o pensamento positivista em Santa Catarina, em pleno Século XX.

A partir da década de 1940 o IHGSC entra numa nova fase, com personalidades de outras regiões do Estado, como Vidal Ramos, fazendeiro de Lages que chegou a ser Governador. Assim, o Instituto contribuiu também para o fortalecimento da visibilidade de

¹⁴ Idem. P. 75

¹⁵ MELO, Osvaldo. **Introdução à História da Literatura Catarinense**. Porto Alegre: Movimento, 1980. p. 102

¹⁶ GOMES. Op cit. 44

novas lideranças políticas. Em 1948 acontece o 1º Congresso de História Catarinense (para marcar o bi-centenário da colonização açoriana) e é criado o Grupo Sul, com o lançamento da Revista Sul.¹⁷ Desde então as atividades culturais se dinamizaram com o surgimento de novas livrarias, estações de rádios, novos jornais, arquivos, museus e cursos.

Em Joinville, neste período – pouco menos de 100 anos do início da colonização – a cidade em nada mais lembrava os tempos difíceis registrados nos primeiros jornais e crônicas escritas pelos colonos. Pelo contrário: estava em crescente desenvolvimento, enfrentara a Campanha de Nacionalização e preparava a comemoração do seu 1º Centenário (assuntos que veremos adiante).

A historiografia catarinense, para Walter Gomes, nasce verdadeiramente na última fase por ele proposta:

5) *Do Grupo Sul aos dias atuais*. Ele explica que

os quatro primeiros períodos de nossa evolução lítero-científica não são muito animadores para um estudo de historiografia. A produção histórica, a partir de lugares como a Desterro de então, o Palácio do Governo, o Instituto Histórico, a Academia, daquela época, refletia não só um discurso unívoco, mas sobretudo, de diminutas dimensões sociais, a-responsável, produto da ideologia do “o que será, será”. Não se pretende desvalorizar, desclassificar, diminuir o inestimável trabalho dos historiadores daqueles períodos. Até com certeza, não se pode prescindir de suas pesquisas, da erudição, da memória, dos conhecimentos obtidos; eles são a base do que temos e somos. Entretanto (...) são formas estereotipadas da memória e da notícia, sem crítica intersubjetiva da qualidade da solução, da análise e da exposição.¹⁸

Então, mesmo respeitando o que fora produzido até aquele momento, o grande salto da historiografia catarinense, com os debates teóricos que há quase um século vinham pautando estudos na Europa (o Positivismo, o Marxismo, a Escola dos Anais, a Nova

¹⁷ Para uma análise mais profunda do significado histórico-cultural do Grupo Sul para Florianópolis e para o estado, ver FLORES, Maria Bernadete Ramos et al (org). **A casa do baile**: estética e modernidade em Santa Catarina. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006

¹⁸ GOMES, Op Cit, P 46-47

História) só aconteceu depois da criação da Universidade Federal de Santa Catarina em 1962, que dispunha, entre os cursos, da Graduação em História. No final desta década, também na FURJ (hoje Univille), inicia a Licenciatura em História. Em 1975, depois da realização de um curso de especialização, surge o Curso de Mestrado em História da UFSC e a partir de então um considerável número de trabalhos acadêmicos vêm sendo produzidos com os mais variados enfoques teóricos e assuntos de todas as regiões do Estado.

Outra proposta de classificação da historiografia catarinense foi iniciada por Cristina Scheibe Wolff¹⁹. Num artigo publicado em 1994, ela classifica a produção historiográfica estadual a partir da década de 1940 em três grupos assim definidos pela abordagem teórico-metodológica: as obras estaduais tradicionais, e geralmente com destaque aos grandes eventos políticos, a abordagem local tradicional e por fim, os trabalhos temáticos. Para subsidiar esta proposta, a autora parte dos apontamentos citados por Peter Burke e seleciona algumas obras e autores considerados ícones.

A história estadual tradicional, segundo Cristina Wolff, segue a orientação básica dos períodos da História do Brasil: Colônia (até 1822), Império (1822 a 1889) e República (1889 em diante). Nas obras apresentadas, os sujeitos da História Catarinense são basicamente os políticos, empresários e os religiosos. Já a metodologia da história local tradicional agrega um número bem expressivo de obras, escritas por pesquisadores “muitas vezes amadores”, mas que hoje é a base da escrita da história de praticamente todos os municípios do Estado (incluindo Joinville). A diferença da primeira metodologia apresentada pela historiadora, é que a história, nestes casos, está muito próxima de quem pesquisa e, mesmo com toda a dedicação, acaba tornando-se repetitiva. Novamente é a

¹⁹ WOLFF, Cristina Scheibe. Historiografia catarinense: uma introdução ao debate in **Revista Catarinense de História**, n° 2. Editora Insular: Florianópolis, 1994. pp 5-15.

história vista de cima, como apontou Burke, mas num âmbito local. “É nestas histórias que aparece a figura do fundador da cidade, ou das principais famílias, muitas vezes presentes ainda na economia e na política”²⁰.

Mas a autora reforça que esta metodologia de abordagem tem uma grande importância para a pesquisa: “neste passeio pela cidade e seus arredores, realizado pelos autores de histórias locais, muitas vezes são publicados documentos interessantes, são organizados arquivos e o passado passa a interessar a um grupo menos restrito da população”²¹. Cristina S. Wolff termina seu artigo falando da mais recente tendência da historiografia que é a delimitação de objetos temáticos de estudo histórico, que fogem dos padrões tradicionais.

Apesar de recentes em Santa Catarina, esta última forma de abordagem proposta é antiga, como já citamos anteriormente: data da Escola dos Annales de 1929. Mas trouxe consigo também suas ambigüidades e problemas teóricos. Um exemplo foi o uso dos métodos estatísticos e demográficos, que possibilitou o estudo histórico através de dados cartoriais e de igrejas, mas, como ainda lembra Cristina Wolff, em alguns casos resultou na substituição das pessoas por números e os comportamentos, emoções e experiências, por médias. E assim, conclui a historiadora, alguns estudos acabaram se mostrando semelhantes aos tidos como tradicionais. No entanto, é permanente a releitura destes conceitos, a tal ponto de a Escola dos Annales já ter uma quarta geração preocupada justamente com a perda de certos princípios básicos, como a história-problema, a história total e a história-militante. Essa nova geração²² trouxe importantes contribuições à historiografia, como a

²⁰ Id. p 10

²¹ Id. ib.

²² Para citar alguns historiadores: Jacques Le Goff, François Furer, Piere Nora, Marc Ferro, Jacques Revel, Roger Chartier, Mona Osouf, Arlette Farge, Michelle Perrot, entre outros.

redescoberta da história das mentalidades, o retorno do interesse pela política através do estudo da micro-física do poder, o regresso da narrativa, a história oral, as questões de gênero e a própria história serial.

É preciso ainda ressaltar a influência da chamada *Escola de Frankfurt*, que deu origem a uma nova “teoria social”, também denominada de teoria crítica. Entre os seus mais destacados representantes estão Max Horkheimer, Walter Benjamin, Theodor Wieselgrund-Adorno e Jürgen Habermas, que criaram o Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt²³. Também motivadora de muitos trabalhos atuais e linhas de pesquisa é a *História Social*, que, apesar de não existir uma unanimidade quanto à sua denominação, em geral é tida como a história dos pobres, dos desfavorecidos, do trabalho, das idéias e organizações socialistas, além de uma série de atividades humanas, como hábitos, costumes, vida cotidiana e análise do social em combinação com o econômico. Alguns destaques desta nova historiografia social inglesa são Edward Palmer Thompson²⁴ e Eric Hobsbawm²⁵, que contaram a história do Século XX, sobretudo, com uma perspectiva conhecida como “a história dos de baixo”, ou a “história de gente comum” constituinte dos movimentos de massa do século em questão.

Nesse ponto, História Social e História Cultural tendem a se misturar ou confundir-se, dada a possibilidade da interdisciplinaridade e multiplicidade de enfoques, a partir de todas as teorias historiográficas até então debatidas. Segundo Francisco Falcon, a História Social inglesa e a História das Mentalidades francesa conduziram à aproximação do social

²³ Uma leitura rápida sobre os Teóricos de Frankfurt pode ser acessada em <http://www.culturabrasil.org/frankfurt.htm>, com indicações bibliográficas de todos os autores deste grupo.

²⁴ O maior clássico deste autor é **A formação da classe operária inglesa**, publicado no Brasil em 1987 pela Editora Paz e Terra. Mas são inúmeros os títulos e artigos a que se dedicou às temáticas trabalhadores e vida cotidiana. Vale destacar também as obras **Senhores e Caçadores** (1986) e **Costumes em comum** (1991).

²⁵ Também diversos são os títulos de sua autoria, mas o destaque universal é a trilogia **A Era do Capital**, **A Era das Revoluções** e **A Era dos Extremos**, além de **A Invenção das Tradições** (com Terence Ranger) e **Os Trabalhadores: estudo sobre a história do operariado**.

e do cultural e sua promoção conjunta ao primeiro plano das preocupações historiadoras, como se pode verificar pelo surgimento de disciplinas como História Sociocultural, a História Social das Idéias etc²⁶.

Mas estas duas práticas concretas de visualização histórica não são a mesma coisa, tampouco os teóricos da história chegaram a um consenso sobre isso. Falcon ressalta:

Verifica-se que o avanço da História Cultural, em extensão, apresenta-se como rápido e incessante movimento de descoberta e incorporação de uma variedade quase ilimitada de objetos e abordagens descritos ou rotulados, genericamente, de novos ou, em certos casos, esquecidos. (...) Assim, uma vez concebida como um campo de múltiplos temas e saberes, a História Cultural ora é pensada como um leque disciplinar, ora como área de investigação interdisciplinar ou mesmo metadisciplinar, capaz de dar conta de todas as práticas e representações sociais. (...) Há ainda, porém, muito chão de estrada á frente de todos nós.²⁷

Neste imenso debate teórico, Lynn Hunt²⁸ sugeriu também o que seria uma *Nova História Cultural*, onde destaca Roger Chartier e Jacques Revel, da quarta geração dos *Analles* e Michel Foucault. Nestes e em outros autores citados por Hunt, amplia-se a interdisciplinaridade e a ciência histórica usa de pressupostos e conceitos não só da Sociologia, mas da Antropologia e da Literatura. Conforme a autora, “a história cultural deve defrontar-se com novas tensões não só dentro dos modelos que oferece, mas também entre eles”²⁹.

Apesar de ainda não ter desenvolvido todas essas tendências acerca da história e/ou histórias de Santa Catarina, é inegável o avanço que a *Nova História* (*Analles*, História Social, História Cultural) e suas possibilidades trouxeram para a historiografia em nosso Estado. E também para a historiografia de Joinville.

²⁶ FALCON: Francisco. **História Cultural**: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura. Rio de Janeiro: Campus, 2002. P. 13.

²⁷ P. 105; 108

²⁸ HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

²⁹ Id, P 14

É essa “evolução” na historiografia local, a partir das citadas perspectivas estaduais, nacionais e internacionais, e como os jornais locais foram utilizados como fontes para estes estudos que me proponho a abordar nesta Dissertação. No Capítulo I, discutindo com algumas das atuais teorias do Jornalismo para explicar como as notícias são construídas, selecionadas, privilegiadas, falarei da função social do jornalista e de sua responsabilidade – e seletividade – histórica, bem como dos critérios utilizados pelos historiadores no uso da imprensa como fonte para suas pesquisas. Assim, veremos que as notícias publicadas passam por outra seleção quando se tornam fonte para História local o que faz com que um mesmo jornal, uma mesma notícia, possam ser usados como fontes para justificar diferentes problemáticas dos historiadores de Joinville.

Nos dois capítulos seguintes, que serão divididos conforme a proposta da historiadora Cristina S. Scheibe – **Abordagem local tradicional e Trabalhos temáticos**, veremos a evidência do avanço e pluralidade nas pesquisas historiográficas locais após o surgimento do Curso de História da Univille e da participação de professores da instituição em cursos de Pós-Graduação. Colocarei em discussão o teor das análises e suas articulações, os procedimentos, os conhecimentos produzidos, a documentação, a época, o lugar e os autores. Mas não poderei fazê-lo com todas as obras. Selecionei – e História pressupõe escolhas – as mais representativas de cada autor e/ou temática, já que, à exceção dos recentes trabalhos acadêmicos (muitos não publicados), os editados nas décadas de 1960, 70 e 80 tratam das mesmas questões, com pequenas nuances.

No Capítulo IV discutirei o tema da construção do senso comum historiográfico através dos jornais, tanto pela decisão editorial na elaboração das pautas, quanto no destaque de somente uma versão da história local. Em todos os capítulos as fontes para esta análise foram os textos historiográficos de Joinville, sejam os publicados em livros e

revistas ou as monografias, dissertações e teses que dificilmente saem das prateleiras das bibliotecas para o conhecimento do grande público. A partir deles, surgia a necessidade de se buscar outras leituras e confrontar os discursos ainda hoje defendidos por parcela significativa da imprensa local. Isso ficou evidente nos cadernos e suplementos especiais comemorativos ao aniversário de Joinville.

Ao final deste trabalho, acredito, conseguirei mostrar porque, mesmo com toda a produção historiográfica atual de Joinville, apenas um historiador e sua tese apresentada na década de 1970, são aclamados e reconhecidos pelo poder político, econômico e por boa parcela da sociedade local. Trata-se, portanto, de um trabalho de historiografia, que se propõe a estudar o processo de elaboração do conhecimento histórico, analisando seus métodos e técnicas, seu lugar social. Mas, sobretudo, é um texto de História Cultural, como define Roger Chartier:

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. (...) As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam.³⁰

³⁰ CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990. P 17

CAPÍTULO I

1.1 O interesse “antigo” pelo cotidiano e o que deve ser lembrado

As definições do que é notícia estão inseridas historicamente e a definição da noticiabilidade de um acontecimento ou de um assunto implica um esboço da compreensão contemporânea do significado dos acontecimentos como regras do comportamento humano e institucional.

NELSON TRAQUINA³¹

Desde o início da Colônia Dona Francisca percebe-se a necessidade de registrar quase que diariamente os acontecimentos cotidianos. Mal haviam chegado os primeiros imigrantes e logo começou a circular um jornal manuscrito, irônico e bastante disputado: o Der Beobachter am Mathiasstrom (O Observador às Margens do Rio Mathias). No nome deste primeiro jornal de Joinville já estava a primeira ironia, conforme explicou a historiadora Elly Herkenhoff:

Superficialmente lido em português, poderá até mesmo se afigurar coerente, já que o nosso Mathias – assim chamado em homenagem ao Senador Christian Mathias Schroeder, Presidente da Sociedade Colonizadora de Hamburgo –

³¹ TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Vol 2. Florianópolis: Insular, 2005. P 95

atravessava então, assim como atravessa, uma parte central de Joinville, habitualmente como simples riacho ou, para os mais otimistas, como ribeirão. (...) em alemão existem dois vocábulos para definir rio: “Fluss” e “Strom”.

O [Rio] Cachoeira é um “Fluss”, o tietê, o Doce, o Itajaí.

Mas uma torrente de água da potência do rio Amazonas já não é mais um “Fluss” – é um “Strom”. Assim, o Tocantins é um “Strom”, o Nilo, o Mississipi, enfim, todos os possantes rios do mundo se definem como “Strom”.

Daí o nosso, muito nosso “Mathiasstrom”...³²

O jornal resumia-se a uma página manuscrita, distribuída sem uma periodicidade, trazia anedotas, piadas e artigos que “mostravam o sentimento dos imigrantes no início da colônia”³³, transformando o seu mentor, o imigrante Karl Knüppel, numa das pessoas mais conhecidas da então colônia – amado por uns, odiado por outros.

O “Der Beobachter” de Joinville está inserido, ainda que tardiamente, num contexto mundial do início do jornalismo, ou seja, que motivos levam as pessoas em diversas sociedades, a se interessarem por “notícias”. Essa fase do jornal manuscrito vem sendo estudada há muito tempo por historiadores de jornalismo, como Michel Stephens, ao tipificar esse gênero na Europa, dos séculos XVII a XIX em notícias faladas (*spoken news*), notícias escritas (*written news*) e notícias impressas (*printed news*)³⁴, conforme explica o jornalista e professor Carlos Eduardo Franciscato. Com a leitura de Franciscato é possível acompanhar a evolução do jornalismo, dos jornais, do profissional jornalista, sobretudo na Europa, e a partir disso perceber porque também em Joinville, ainda colônia no século XIX, já havia o interesse pela leitura de jornais, consolidada a partir de 1862 com a criação do Kolonie-Zeitung. Este jornal se tornou o

³² HERKENHOFF, Elly. **História da Imprensa de Joinville**. Florianópolis: Edufsc; Joinville: Fundação Cultural de Joinville, 1998. p 15

³³ Id. p 14

³⁴ FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005. p 73

mais importante da região, que circulou por mais de 80 anos em língua alemã, só parando com a Campanha de Nacionalização do Governo Getúlio Vargas em 1942.³⁵

Segundo Franciscato, a imprensa alemã era atuante desde o século XVII³⁶, dando destaque aos grandes eventos na Europa. “Ao final deste século, quase todas as principais cidades alemãs tinham seus jornais, muitos dos quais já aparecendo mais de uma vez por semana”³⁷. Neste período ainda era comum que os periódicos manifestassem sua “opinião”, ou, a opinião de quem “mandava”, fossem reis ou burgueses. Com o surgimento do espaço opinativo – o editorial, os jornais passaram a ter mais credibilidade. Conforme a jornalista e pesquisadora portuguesa Cristina Ponte, ao separar o editorial das notícias, estas deveriam ser a “expressão da verdade”. Na mesma linha cronológica/histórica da imprensa mundial apresentada por Franciscato, Ponte destaca ainda algumas oscilações na preferência dos leitores e a direção tomada pela imprensa europeia de acordo com os interesses políticos de cada época:

A banalidade da violência quotidiana da Idade Média (mortes, assaltos) não fazia dessa ocorrência algo de relevante, sendo dada mais atenção às narrativas de batalhas e a fenômenos inexplicáveis das “coisas vindas do céu”. Nos séculos XVI e XVII, período de tensão religiosa, emerge a obsessão do diabo, a atenção a monstros e histórias de possessão. As deformações corporais, em recém-nascidos ou nos corpos diferentes de povos distantes, são tema de fascínio e de representação do *outro* como monstro. No século seguinte, (...) celebram-se atos de heroísmo cometidos por pessoas comuns, até então consideradas incapazes de ações magnânimas. Desses antecedentes da imprensa fica-nos, ainda que por pinceladas, o sinal dos constrangimentos censórios à circulação do discurso e de que como a história de um país também afeta indelevelmente a história da sua imprensa.³⁸

³⁵ Sobre este jornal especificamente, trataremos em vários momentos durante este texto, como na página 61, por exemplo.

³⁶ Isso se deve à influência do alemão Johann Gutenberg, considerado o Pai da Tipografia. Com a impressão tipográfica a partir do século XV, inúmeras pessoas tiveram acesso mais barato aos livros. Tal é a importância de Gutenberg que sua cidade natal, Mainz, abriga um museu dedicado a ele e sua invenção, também chamado de Museu Mundial da Imprensa. Disponível em <http://www.gutenberg-museum.de/> Acesso em 20 dez 2007.

³⁷ FRANCISCATO. Op. Cit. p 44.

³⁸ PONTE, Cristina. **Para entender as notícias**: linhas de análise do discurso jornalístico. Florianópolis: Insular, 2005. p 83

Tais interesses só se diversificaram no século XXI e as notícias são reflexo disso.³⁹ Além de ressaltar quem “manda o repórter atrás da notícia”, estudiosos do jornalismo apontam ainda a forma textual como decisiva para a compreensão do relato, ou seja, a construção do texto a partir dos fatos reais, que levem o leitor a tirar as conclusões que os autores (repórteres, editores, donos de jornais) querem. E isso é facilitado pela construção da notícia como história para estimular o interesse à leitura. Afinal, tanto na História como nas notícias as exigências de narratividade asseguram que os acontecimentos sejam percebidos de forma mais completa quando transformados em histórias.⁴⁰

Assim, são funções tanto de jornalistas quanto de historiadores a seleção, relação, valorização e a construção de sentido nos textos. Além da orientação editorial e econômica, que influenciam essa seleção, obviamente, na prática, a limitação física das páginas de um jornal não comporta todos os fatos que interessariam a todo o cidadão e cidadã de determinada cidade. Também para facilitar isso, há periódicos específicos por segmentos e àqueles que se dispõem a abordar “os principais fatos do dia” a cada edição, não resta outra opção do que selecionar o que, pela visão de mundo do jornalista, é fundamental por tratar-se das verdades factuais de interesse da sociedade de uma maneira geral.

Há diversos estudos sobre a produção de notícias. Como profissional do jornalismo, comungo da opinião de Michael Kunczik sobre dois fatores decisivos para a seleção de um noticiário: o tempo para o fechamento da edição e o espaço disponível: “Quanto mais cedo chega uma notícia, maior é a probabilidade de que seja publicada”.⁴¹ Este autor lembra que a decisão do

³⁹ Importante destacar que atualmente há uma gama imensa de pesquisas e teóricos do jornalismo e da comunicação, sendo desnecessária a citação ou análise de tantas opções. Para este estudo, as abordagens de TRAQUINA e PONTE são suficientes.

⁴⁰ Id. P 208

⁴¹ KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo**: norte e sul: manual de comunicação. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2001. pp 239-240.

que deve ou não ser publicado tem motivado pesquisadores da comunicação principalmente a partir de 1960, mas que desde o século XVII essa problemática (se é que se pode chamar assim) tem aparecido. Nestes casos a definição era bastante simplista. Kunczik comenta, por exemplo, que em 1676, Christian Weise definia a seleção de notícias como a separação entre o verdadeiro do falso. Já Daniel Hartnack, em 1688, defendia que as consequências de um acontecimento eram decisivas para sua divulgação ou não⁴². Para este nosso texto sobre historiografia, interessante ressaltarmos uma tese também bastante antiga, apresentada em 1690 por Tobias Peucer, onde o critério fundamental para a publicação é aquilo que merece ser lembrado e conhecido, e cita situações:

Prodígios estranhos, monstruosidades, obras ou produtos maravilhosos ou excepcionais da natureza e da arte, inundações ou tempestades terríveis, terremotos, aparições no céu, novos inventos ou descobrimentos, nos quais este século tem sido especialmente rico. Em segundo lugar, os diversos tipos de Estado, mudanças de governo, esforços de guerra e de paz, causas e intenções de guerra, batalhas, derrotas, planos dos comandantes militares, novas leis, sentenças pronunciadas, servidores públicos, dignitários, nascimento e falecimento de príncipes, herdeiros de tronos, nomeações e cerimônias oficiais similares, quer recentemente introduzidas, quer mudadas ou abolidas, falecimento de homens célebres, o fim dos ímpios e outros assuntos. Finalmente, a Igreja e os assuntos religiosos.⁴³

Como se vê, em pleno século XVII, início da imprensa com força na Europa, já havia um leque de possibilidades bastante extenso como critérios de noticiabilidade. Peucer, ao definir estes critérios, tinha obviamente a questão histórica em mente, ao defender a publicação do que deveria ser lembrado no futuro. Por isso ele também sugere alguns temas que não deveriam estar nas páginas dos jornais, como “obscenidades, crimes cometidos de maneira hedionda, palavras ímpias das pessoas” e todo o que “prejudica a boa moral e a verdadeira religião”⁴⁴. Obviamente

⁴² Id. 241.

⁴³ Id. PP 241-242.

⁴⁴ Id. Ibid.

que no século XXI, o que fora vetado por Peucer é material principal da maioria dos jornais diários. Também essas notícias, algumas tidas como “sensacionalistas” são importantes para estudos sobre as sociedades, como a violência, as relações familiares e sociais entre outras temáticas abordadas, sobretudo no campo das Ciências Sociais, Humanas e da Saúde.

Independente dos critérios utilizados para a seleção de notícias, o fato é que a apresentação de verdades factuais – o jornalismo – reflete os eventos do tempo presente e isso por si só já é um fenômeno social. Segundo Franciscato, um fenômeno composto por práticas sociais, relações de sentido e atributos inscritos em produtos culturais que tornam a vivência do tempo presente uma experiência concreta e compreensível como um objeto social. Ou seja, o jornalismo reforça as formas de a sociedade vivenciar o tempo presente, consolidando-se como uma escrita sobre eventos, temas e situações do presente que estejam fora do alcance da experiência direta de grande parte da coletividade e que assim acaba contribuindo no reforço de relações sociais ou culturais ligadas a esta temporalidade.⁴⁵

Assim, as notícias tornaram-se simultaneamente, segundo Traquina, um gênero (literário) e um serviço (público) e o jornalismo, um negócio e um elo vital na teoria democrática⁴⁶. A esta altura, é interessante lembrar que a origem de todo esse mega-sistema de comunicação mundial que vivenciamos no Século XXI é a mesma desde o surgimento dos primeiros jornais manuscritos como o joinvilense “Der Beobachter”: falar sobre e englobar as preocupações gerais do cidadão comum.

⁴⁵ Id. P 22

⁴⁶ TRAQUINA, Op. Cit. P 20.

Ainda que aspectos como verdade, isenção, neutralidade, parcialidade e outros temas estejam diretamente presentes nos debates teóricos do jornalismo⁴⁷ ao longo principalmente dos dois últimos séculos, fato concreto, no entanto, é que, escrito ou não de forma literária, transformado em reportagem ou nota curta, a notícia, por expressar um acontecimento recente, próximo do leitor e, portanto verossímil, é elevada à categoria de documento com credibilidade. Daí o amplo uso de jornais em pesquisas, nas mais diversas áreas das Ciências Sociais e Humanas. E mesmo os elementos que contribuíram na escrita desta notícia – alguns já comentados anteriormente – também podem auxiliar na interpretação sob diferentes aspectos do texto, dependendo da seleção e do enfoque de quem analisa: se no âmbito da linguagem, sociológico ou histórico.

1.2 Critérios da seleção da notícia para historiografia

Neste rápido panorama teórico do jornalismo e das notícias – e sua construção, verificamos que as escolhas na produção do Jornalismo são necessárias, o que de maneira alguma invalida sua importância documental. Nosso trabalho não consiste aqui em expor as teorias do jornalismo à exaustão nem tampouco abordar a notícia como linguagem apenas. É a importância histórica que se dá à seleção de notícias e a seleção das notícias feita pelos historiadores em suas pesquisas que me motivam neste texto. Por isso é importante sim ter a nítida noção das várias formas de se pensar a construção da notícia, a definição das linhas editoriais dos periódicos, o valor dos colunistas, das páginas tidas como “sociais” (aqui entendidas como agenda e promoção onde participam a chamada “elite” local) e até mesmo dos anúncios. Aliás, é nos anúncios dos

⁴⁷ Para se ter um rápido e bem explicativo panorama das principais teorias do Jornalismo, sugiro a leitura de TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Vol 1. Florianópolis: Insular, 2005. pp 145-210.

jornais do século XIX que a historiografia revela importantes situações. Então, o valor do jornal como fonte não está só no que é ou não notícia em cada dia, mas o seu conjunto, e até mesmo o que não entrou no jornal como notícia e que ainda assim conseguiu ser elevado à categoria de fato histórico pela sua repercussão.

No que se refere à historiografia de Joinville, nosso objeto nesta dissertação, é comum encontrar a citação de jornais locais em todas as fases que descreveremos nos próximos dois capítulos, mesmo sabendo-se que na cidade, desde os tempos da Colônia, circulavam periódicos de outras regiões do país. Talvez porque um fato, para ser chamado de histórico, precise estabelecer inúmeras relações com outros eventos locais. Assim, como sugere Ana Paula Goulart Ribeiro⁴⁸, a história passou a ser aquilo que aparece nos meios de comunicação por serem eles os detentores do poder de elevar os acontecimentos à condição de históricos e considerando como sem importância o que passa ao largo da mídia.

Ribeiro explica esta afirmação pelo desenvolvimento técnico do jornalismo, que trata os fatos com “espírito científico”, onde as regras de redação (conforme os manuais técnicos da profissão) orientam a necessidade de se retirar do jornalismo noticioso qualquer caráter emotivo e participante. Daí a credibilidade creditada ao texto apresentado nos jornais. E assim, o “fato jornalístico passa a assemelhar-se ao fato histórico”, da mesma forma como propunha a historiografia positivista.

O jornalismo exerce um papel crucial na produção de uma idéia de história, não só porque aponta aqueles que, dentre todos os fatos da realidade, devem ser memoráveis no futuro (ou seja aqueles que teriam relevância histórica), mas também porque se constitui ele mesmo em um dos principais registros ‘objetivos’ dos seu tempo⁴⁹.

⁴⁸ RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **A história do seu tempo**: a imprensa e a produção do sentido histórico. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995. p 27.

⁴⁹ Id, Ib

No entanto, Ribeiro, a exemplo do que também afirmam Traquina, Ponte, Franciscato, Kunczik entre outros, reforça a tese de que nenhum registro é ingênuo ou descomprometido. Para ela, todo registro é discurso e possui um mecanismo ideológico próprio: a forma como determinado fato é relatado acaba tornando-se mais importante que o fato em si. O texto jornalístico, então, para fonte histórica, é um documento/monumento, um testemunho escolhido com uma intencionalidade de perpetuação de uma certa visão do passado⁵⁰. E por que é importante fixar um consenso, neste caso, sobre determinada versão do passado? Para Pierre Bourdieu o consenso é o esqueleto que legitima determinado regime de dominação. Ao falar do consenso religioso, por exemplo, explica que esta é a forma eficaz para conduzir qualquer sistema de regras capazes de coordenar os materiais significantes de um sistema simbólico. Num campo religioso, os agentes – sacerdotes, leigos e o “profeta” – se enfrentam num campo de forças onde as posições que ocupam configuram uma batalha ideológica, expressão da luta de classes e do processo prevaiente de dominação⁵¹. Explica Bourdieu:

A estrutura das relações entre o campo religioso e o campo do poder comanda, em cada conjuntura, a configuração da estrutura das relações constitutivas do campo religioso que cumpre uma função externa de legitimação da ordem estabelecida na medida em que a manutenção da ordem simbólica contribui diretamente para a manutenção da ordem política, ao passo que a subversão simbólica da ordem simbólica só consegue afetar a ordem política quando se faz acompanhar por uma subversão política desta ordem.⁵²

Os argumentos utilizados por Bourdieu para apresentar a estrutura do campo religioso podem bem ser aplicados a outras situações sociais, culturais, econômicas e até mesmo políticas. Afinal, o efeito de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário é produzido, sobretudo, pela imposição de um modo de pensamento hierárquico que, por reconhecer a existência de pontos privilegiados tanto no espaço cósmico como no espaço político, “naturaliza”

⁵⁰ O conceito citado por Ribeiro é de LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

⁵¹ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. P XXIII

⁵² Id. P 69

as relações de ordem⁵³. Essa “ordem natural das coisas”, apresentada por parte significativa da historiografia de Joinville, nos leva a um debate teórico antigo e, pelo visto, interminável: a verdade e o conhecimento histórico⁵⁴.

Não vamos aqui retomar as perguntas básicas dos historiadores na formulação de suas pesquisas e conceituações, mas uma, apresentada por José Carlos Reis nos parece bastante propícia ao debate historiográfico em Joinville: “Quais as relações entre *verdade histórica* e interesse, crença, ideologia, valores, princípios filosóficos, tendência política?”⁵⁵ Pelo que veremos nos próximos capítulos, são muitas as relações que definiram o que deveria tornar-se verdade histórica na maior cidade de Santa Catarina. Mas considero oportuno comentar o que em 1968 Paul Ricoeur já defendia: que para obter a verdade o historiador (sujeito do conhecimento 1), tem que ser ético e comunicativo e tomar consciência de si no contexto universal, pois a história é dos homens e isso inclui os homens do passado (o objeto-sujeito), o historiador e os seus leitores (sujeitos do conhecimento 2). E mais: que o conhecimento histórico é uma reflexão, uma meditação presente sobre o viver humano no tempo passado, que a riqueza da história está na subjetividade e que a verdade é uma construção do sujeito⁵⁶.

Diferente de Ricoeur, para Michael Foucault a verdade não é só uma construção subjetiva do sujeito, mas um conjunto de regimes segundo os quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos de poder. Ou seja, não é o sujeito que constitui a história, ele que é constituído por tramas históricas de poder. Por isso, a história é marcada por rupturas, recomeços contínuos, definidos por lutas e relações de força, enquanto a verdade é articulada por saberes,

⁵³ Id. p 71

⁵⁴ Excelente texto que mostra o quanto essa temática vem sendo abordada teoricamente ao longo da História da História, é apresentado em REIS, José Carlos. História e verdade: posições In: **História & Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. 3ªed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. pp147-177

⁵⁵ Id. p 147

⁵⁶ Id, Ib

discursos que emergem e consolidam práticas de poder. Para Foucault, não há como se chegar à verdade exata, pois ela é uma máscara discursiva construída para a prática da beligerância, impossível de ser arrancada: atrás de uma máscara, outra, e outra, e outra... E assim, o historiador estaria dissipando a identidade artificial em máscaras e simulacros⁵⁷.

Ao analisar os textos dos mais diferentes jornais que circularam em Joinville e que foram fontes para a historiografia local, é preciso ter em mente, além de conceitos como os acima citados, as épocas históricas da produção de tais discursos e as lutas sociais travadas em cada período. “Uma página de jornal é um reflexo vivo das contradições da realidade social no corte de um dia”, explica Ana Paula Ribeiro. Mesmo que um periódico tenha seu perfil ideológico claramente estabelecido, o discurso sempre apresentará a tensão entre as forças sociais: mesmo que cada meio de comunicação constitua um “real” diferente, há neles um fundo comum de referência, e é essa coerência do conjunto dos meios que lhes dá credibilidade e aceitação, tornando-os porta-vozes das verdades factuais⁵⁸. Neste caso, por tratar de assuntos tão próximos da vida das pessoas, os jornais podem mesmo ser considerados portadores de verdades factuais, ainda que as notícias publicadas tenham sofrido o necessário processo de edição.

Então, se em cada jornal, em cada notícia, é possível perceber os mais distintos discursos da vida cotidiana presente de determinado tempo histórico, será a escolha do historiador que permitirá trazer à tona determinada versão em detrimento de outra. A verdade histórica torna-se então uma representação que um presente faz do passado e que acaba atendendo mais aos interesses deste presente do que ao conhecimento daquele passado. E essa representação do passado é, segundo Reinhart Koselleck, afetada pelo tempo, já que o passado é delimitado,

⁵⁷ Id. p 168-169.

⁵⁸ RIBEIRO, Op Cit, p 35.

selecionado e reconstruído criticamente em cada presente, que, sempre lança sobre o passado um olhar novo, ressignificando-o⁵⁹.

Assim retomamos a outra questão provocativa de José Carlos Reis: Até que ponto o conhecimento histórico é capaz de ser *objetivo*? Ora, conhecer a verdade de um tema histórico é reunir e juntar todas as interpretações do passado e do presente sobre ele. Esse exame multifacetado de um tema é que diz a sua verdade e por isso, conhecimento histórico, ainda que não tenha se tornado um consenso teórico – e tomara que nunca se torne um – é sim objetivo, pois a história produz verdades apoiando-se em documentos. Mas o historiador tem liberdade de criação ao hierarquizar causas, formular problemas e hipóteses, selecionar fatos, eventos e processos de acordo com a sua orientação teórica.

O que veremos a seguir são as escolhas feitas pelos historiadores de Joinville sobre a verdade histórica. Ou seja, o juízo de valor que cada autor atribuiu aos fatos que a história é capaz de recuperar tecnicamente com segurança (eventos, datas, personalidades...), mas que escolhidos em diferentes tempos presentes, mostram diversas possibilidades de conhecimento histórico. Peço desculpas, de antemão, pelas longas descrições. As descrições da historiografia com a imprensa, de fato, não são nada breves...

⁵⁹ REIS. Op Cit. P 174.

CAPÍTULO II

2. A abordagem local tradicional

A inovação pode acontecer de dois modos. Primeiro, o que é definido oficialmente como “passado” é e deve ser claramente uma seleção particular da infinidade daquilo que é lembrado ou capaz de ser lembrado. Em toda a sociedade, a abrangência desse passado social formalizado depende, naturalmente, das circunstâncias.
ERIC HOBSBAWM⁶⁰

São dezenas as obras que tratam da colonização de Joinville. Sobretudo, da colonização alemã. A história da cidade é ceifada de uma espécie de “mitologia real”: todo habitante atual de Joinville sabe que é a cidade dos príncipes, das flores, das bicicletas, das tradições alemãs, da dança... No entanto, poucos devem conhecer a origem de tais atributos, que passados 156 anos da chegada da primeira leva de imigrantes europeus, são repetidamente reforçados pela imprensa, poder público e pela historiografia locais. Analisaremos neste capítulo algumas obras emblemáticas desta tendência histórica, que considero “enquadradas” na proposta apresentada por Cristina

⁶⁰ HOBSBAWM, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004. P 23

S. Wolff de história local tradicional⁶¹. Em todas elas, o grande destaque é a exaltação à coragem dos pioneiros e de seus descendentes, verdadeiros responsáveis pela pujança econômica de Joinville.

Optei em fazer esta leitura de leituras, como comentei na introdução, separando os autores e comentando suas principais obras. Obviamente que em algumas situações as informações se cruzarão. No entanto, acho que, metodologicamente, este estudo individual fortalecerá a percepção de cada autor. A escolha dos títulos também será apresentada em ordem cronológica de publicação. Assim é possível percebermos qualquer evolução – se acharmos que houve – entre os fatos históricos e as interpretações dos mesmos pelos historiadores locais.

2.1 Rodowicz-Oswiecimsky: o relato de um viajante

Em pleno século XIX, uma crônica de um ex-imigrante que acompanhou os primeiros tempos da implantação da Colônia Dona Francisca pode ser considerada como o primeiro texto historiográfico local. Apesar de deixar a dúvida se é fonte ou historiografia, creio que este texto de Theodor Rodowicz-Oswiecimsky foi o precursor de todo o discurso construído acerca da germanidade e da epopéia vivida pelos primeiros colonizadores de Joinville. Comparo-o aos “relatos de viajantes”, que já motivaram tantas obras, sobretudo acerca da história do continente americano quando das navegações e que, a partir destas narrativas, com a visão européia de outro mundo – ou apenas uma terra com um povo diferente do seu – motivaram a imaginação e o pré-conceito⁶². Na obra há gravuras de vários aspectos da colônia: residências, mata, animais, instrumentos de trabalho agrícola. Quando da publicação da crônica

⁶¹ WOLFF, Cristina S. Op Cit.

⁶² Sobre esta visão do desconhecido, a narração da existência de monstros no Novo Mundo e na África, ver PRIORE, Mary Del. *Esquecidos por Deus: monstros no mundo Europeu e Ibero-americano* (séculos XVI-XVIII). São Paulo: Cia. das Letras, 2000

traduzida⁶³, em 1992, o diretor do Arquivo Histórico de Joinville era o historiador e jornalista Apolinário Ternes (sobre este autor reservaremos a última análise deste capítulo), e na apresentação do livro afirma ser Rodowicz-Oswiecimsky o “primeiro grande cronista de Joinville” e que o texto trata-se do “primeiro grande documento bibliográfico” da cidade.

Chegado à Colônia em setembro de 1851, o autor permaneceu até setembro do ano seguinte, regressando ao seu país por julgar a vida muito difícil na nova terra. Desde o início do livro, o cronista mostra sua preocupação em narrar “a verdade”, que apenas descreve o que vê, e que o livro é fruto da sua “mais honesta convicção” pois, para ele, verdade é “uma questão de honra”. Em apenas um parágrafo, mostra-se ao mesmo tempo um tanto prepotente pela condição privilegiada da educação, e plural, ao aceitar outras opiniões sobre o assunto:

Embora minha atividade, nos últimos vinte anos, haja sido na carreira militar (que teve seu eclipse com o resultado desfavorável da guerra de Schleswig-Holstein) em toda minha juventude ocupei-me com trabalhos técnicos e tive, no início dessa carreira, vasta oportunidade de exercer-los como engenheiro-geógrafo no Estado Maior Prussiano. Creio, portanto, estar plenamente capacitado para ser COLONO, talvez muito mais do que a maioria e, com isto, suficientemente apto a julgar se a insatisfação deva ser procurada nas condições da Colônia ou, propriamente, nas do colono. Certo que não emigrei com ilusões sobre a vida de emigrado, nem arrependido de, assim procedido, acabar desistindo. Por este motivo, sinto-me absolutamente á vontade, ao transportar para o papel a minha sincera opinião. Entretanto, longe de mim, querer que essa opinião seja a única, certa.”⁶⁴

Importante a honestidade do autor de, já na primeira página, falar que está escrevendo sobretudo a sua opinião sobre o que viveu em outra terra. E o fato de publicar essas suas memórias teve uma finalidade: alertar os demais possíveis imigrantes do que poderiam encontrar na América, afinal, em 1853, data da obra original, o Brasil recebera diversos navios com imigrantes. Rodowicz-Oswiecimsky já

⁶³ RODOWICZ-OSWIECIMSKY, Theodor. **A colônia Dona Francisca no Sul do Brasil**. (tradução em português do original em alemão, de 1853). Florianópolis: Edufsc; Joinville: FCC, 1992

⁶⁴ Id. Prefácio.

no início do texto pondera que é preciso cautela, pois quando “a idéia de emigrar começa a criar raízes, é como tiririca, que é difícil extirpar. Quase sempre impossível. (...) É como um micróbio que acaba tomando conta do indivíduo⁶⁵. Ele admite ainda que a decisão da emigração “sela” o destino das pessoas que pode terminar com “uma situação de relativo conforto, ou de infelicidade⁶⁶. Opta em primeiro descrever a situação dos “descontentes” com sua pátria e por isso decidem pela emigração. Para estes, descreve o cronista, as condições básicas para enfrentar o desafio do novo são a virtude e excelente saúde. Comenta:

Pessoas de nível inferior, quase sempre têm estes predicados essenciais, pela circunstância de sua vida, mas quem, até então, sempre dependeu de um marceneiro para fincar um prego ou de um alfaiate para remendar ou prender um botão, aquele que assim viveu, deveria passar por um aprendizado, antes de resolver emigrar, porque, ou ele se sentirá completamente abandonado ou fracassará como colono⁶⁷

E segue a descrição primeira, bastante negativa, que mais parece um desabafo do que sofreu:

O que devem eles esperar ainda? Por longo tempo, trabalho pesado, esforço sobre-humano, em todo o sentido e tão pobre como, às vezes, se sentia na Europa, chegará o momento em que concluirá que é, agora, mais miserável na América dos seus sonhos. (...) Na terra nova darão começo às derrubadas, limpeza do terreno para as primeiras plantações. Passam meses na expectativa, cada vez mais perto o dia da colheita, e que há de melhorar a sorte do colono. Ainda porém, não chegou esse dia, e já aparecem os desenganos.⁶⁸

De toda forma, dado o alerta das dificuldades, Rodowicz-Oswiecimsky reforça que a emigração é sim proveitosa para aqueles que se submeterem a toda forma de trabalho, independente de sua “classe”:

Portanto, todo aquele que não tiver nada a perder na Europa e que se achar nestas condições, força, saúde e coragem para enfrentar todas estas vicissitudes, que deixe para trás todas as mágoas, preocupações e emigre com juízo para a América onde, provavelmente, o espera um futuro que ele nunca teria alcançado em sua terra natal. (...) Aquele que, seriamente, se preocupar com a conquista de seu bem estar, se lhe

⁶⁵ Id. P 3

⁶⁶ Id, Ib

⁶⁷ Id, P 4

⁶⁸ Id, Ib

abrirão inúmeros ensejos de êxito caso dispuser de alguns meios para instalação de quaisquer outras atividades, comerciais ou industriais. Conseguir juntar alguma coisa e agarrar-se ardorosamente, deve ser a meta de todos nos primeiros tempos.⁶⁹

Na continuidade das primeiras páginas, o autor reforça o tempo todo, os sacrifícios que certamente serão vividos por quem optar pela emigração, mas ao mesmo tempo, fala das vantagens, como a opção política no Brasil, onde “nenhum outro país lhe poderá oferecer maior liberdade, em qualquer sentido”⁷⁰. Também faz duras críticas às campanhas de emigração das companhias colonizadoras que “nos livros, juntam-se as coisas mais agradáveis e interessantes. Porém as desinteressantes, que compõem o cotidiano e que se encontram nas entrelinhas, sobre isso eles calam”⁷¹. O cronista refere-se às boas condições de infra-estrutura e climáticas, “vendidas” para os emigrantes: mapas com rios, estradas, pontes... Adverte: “Na mata virgem, raros são os rios que não apresentem em seu leito obstáculos de árvores tombadas, corredeiras, pedras etc, que tornam difícil sua utilização. Com as estradas dá-se a mesma coisa: só existem projetos”⁷².

O ponto seguinte é a descrição da Colônia, onde o autor avisa que irá “apontar as falhas da Colônia, a fim de colaborarmos em fazer calar as queixas, às vezes exageradas dos descontentes”⁷³ “Aqui, lembremos, que ele se refere aos descontentes com a Europa, que querem emigrar, e não os descontentes com a Colônia. Tanto que pede que outros emigrados na América e Austrália, também escrevessem suas narrações sobre o que viveram nas colônias: “Em lugar de escreverem narrações repletas de elogios, mostrem Luz e Verdade em suas publicações”⁷⁴. Theodor Rodowicz-Oswiecimsky explica como a Colônia foi criada, as primeiras atividades e problemas administrativos.

⁶⁹ Id, P 5

⁷⁰ Id, P 7

⁷¹ Id, Ib

⁷² Id, P 9

⁷³ Id, P 11

⁷⁴ Id, Ib

Descreve a íntegra do contrato de fundação da Sociedade de Colonização de Hamburgo e aqui, opino, está configurada a primeira referência historiográfica, já que usa uma “fonte oficial”, descrevendo-a e depois a comentando. Rodowicz-Oswiecimsky, então, não é só um cronista, mas, por este texto, pode ser considerado como o fundador da história de Joinville. Afinal, sob a perspectiva do texto histórico vivenciado por ele e corroborado por fontes até hoje disponíveis para estudo, como contrato, jornal, relatórios, gravuras, ele contribuiu consideravelmente para a história de seu tempo e para a historiografia de Joinville. Seguimos adiante nesta obra.

Sobre os preparativos para a viagem, comenta o autor:

De fato, foram-nos prestados por parte do Governo e da Assembléia Geral (Câmara e Senado), inúmeras facilidades como sejam: isenção de impostos alfandegários, para todos os utensílios, mantimentos, equipamentos etc., bem como isenção de taxas portuárias para embarcações que transportassem emigrantes e seus pertences. Também foi declarada pela Assembléia brasileira, a proibição de utilizar escravos, o que veio facilitar a conservação dos costumes, tradições e língua já estabelecidos no país, não existindo, em toda a Colônia, nenhum nativo.⁷⁵

Desde os primeiros anos da colonização, de acordo com alguns autores catarinenses⁷⁶, viviam por estas terras tribos indígenas e moradores luso-brasileiros (adiante, veremos os indícios em jornais e em outras narrativas). Mas como aqui, o autor está descrevendo a boa receptividade que tiveram os então alemães interessados em emigrar, assuntos que poderiam suscitar preocupação, como a escravidão – há muito abolida na Europa – e o perigo indígena – como os descritos pelos viajantes séculos anteriores, o autor não deu destaque aos outros “moradores” da Colônia Dona Francisca⁷⁷. Rodowicz-Oswiecimsky afirmou que na época boatos da possibilidade de o

⁷⁵ RODOWICZ-OSWIECIMSKY, Op Cit. P 15

⁷⁶ Para exemplificar, entre vários textos sobre a presença indígena anterior à colonização de Santa Catarina, ver COELHO, Silvío. **Índios e brancos no Sul do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Movimento, 1986

⁷⁷ Em outro trecho do livro sobre a viagem no navio Gloriosa, novamente Rodowicz-Oswiecimsky fala dos indígenas, mais como um comentário de um passageiro “brincalhão” que de uma possibilidade real de confronto com o diferente: “Muitos passageiros, naquela noite talvez não tivessem podido dormir. Mais tarde, porém, tudo se dissipou” (p. 29).

próprio Príncipe de Joinville fixar-se na Colônia motivaram ainda mais os imigrantes “pioneiros”:

Tudo parecia azul e a procura aumentara, entre todas as classes sociais. No que se iria pôr dúvidas na honestidade desta propaganda, quando à frente desta organização estava uma das figuras mais representativas do algo comércio de Hamburgo? (referia-se ao Senador Mathias Schoroeder) (...) Segundo as mesmas notícias, a Casa Real brasileira tomava interesse especial pelo florescimento da Colônia. (...) Os relatórios de Günther, deram a tudo isto um relevo tal, que não é de admirar o grande interesse suscitado pela Colônia, acabando com as dúvidas, que em muitos, ainda persistiam. Infelizmente, a verdade era outra.⁷⁸

Esse comentário – da possibilidade do príncipe morar na colônia – nunca fora citado por nenhum outro historiador de Joinville, mas é interessante a forma como esses “boatos” aparecem no texto deste autor, pois, com certeza, se não determinantes, foram importante incentivo para os imigrantes, como descrito acima. No entanto, tal afirmação do “primeiro cronista de Joinville” não ecoou aos seus sucessores. Nem isso nem as qualificações das três etnias que chegaram com a Colônia, em março de 1851. O autor não fala apenas do número de pessoas que chegaram e do local que foram residir na Colônia. Detalha, as qualidades e os defeitos dos grupos, na sua opinião:

Formaram três núcleos, com três picadas discriminatórias, partindo do local da futura cidade de Joinville: em direção sueste, a picada alemã; para oeste a dos suíços e a do norte para os noruegueses. (...) Os noruegueses dividiram-se em diversos grupos, cultivaram suas terras, regulando 8 morgos por pessoa, mas trabalhando coletivamente, à maneira de “Mutirão”. De hábito, aliás, na nova terra, construíram suas vivendas e punham as suas rendas numa caixa comum. (...) Todo este grupo (74 noruegueses) com raras exceções, era constituído de verdadeiros modelos, sob o ponto de vista da economia, da ordem, do trabalho, além de serem, de um modo geral, dos quais qualificados colonos.⁷⁹

Outro assunto que fica explícito no texto é que, mesmo atraindo pessoas de diferentes classes sociais, os prejudicados, ao contrário do que disse Rodowicz-Oswiecimsky anteriormente – que quem nunca precisou trabalhar no pesado não resistiria – eram os pobres que mais sofriam, pois teriam que permanecer na Colônia de qualquer forma, ao passo que os mais abastados poderiam regressar ao seu país de

⁷⁸ Id, P 15

⁷⁹ Id, P18-19

origem no próximo navio. Esse era o perfil da maioria dos ocupantes do navio Gloriosa, a embarcação que trouxe a terceira leva de imigrantes para a Colônia, e na qual estava o autor. Ele descreve, então, a viagem, o sentimento das pessoas, segundo ele, “felizes” e com recursos: “Parecia, na verdade, a partida para uma alegre viagem de turismo. Crianças bem vestidinhas brincavam alegres e misturavam-se naquela confusão álcara dos passageiros”⁸⁰. Com uma riqueza de detalhes, o autor detalha refeições, a mudança na apresentação da água potável, a monotonia, a caça a tartarugas, tubarões ou medusas a situação dos passageiros de 1ª e 2ª classe... E pensar que, ao chegar na Colônia, todos iriam trabalhar de forma igual... Mas essa informação da diferença social no navio ou mesmo alguns detalhes positivos numa viagem tão longa, como a pesca, também não foram abordados pelos historiadores de Joinville. A riqueza de detalhes de Rodowicz-Oswiecimsky não foi tão interessante assim para alguns escritores. Bem, história pressupõe escolhas, tendências, objetivos.

E já neste primeiro escrito histórico de Joinville está a afirmação que ainda hoje traz dúvidas à população, mas não mais à historiografia: de que a Barca Colon não ancorou no Rio Cachoeira, hoje, centro da cidade. Rodowicz-Oswiecimsky narra como ele e os demais passageiros do Gloriosa chegaram à sede da Colônia, forma idêntica aos imigrantes das duas embarcações anteriores:

Ao lado da Ilha do Mel o barco lançou âncora pela última vez. Na manhã seguinte, começou o transbordo dos passageiros, para canoas que os levariam à Colônia. Em breve, se havia ultrapassado a Lagoa Saguacu, entrando no Rio Cachoeira, a via fluvial que conduz à Colônia. (...) Logo se chega, numa curva, à desembocadura do Bucarein, no Cachoeira. É aqui que começam as terras da Colônia.⁸¹

Estranho como se constroem os mitos... Este primeiro texto, escrito por um dos primeiros imigrantes, traz a afirmação de que a chegada à sede da Colônia não foi com as barcas européias, mas com pequenas canoas, que navegaram dos portos até o Rio

⁸⁰ Id, P 23

⁸¹ Id, P 29-30

Cachoeira. Os livros seguintes, de historiadores, repetem essa informação, inclusive citando Rodowicz-Oswiecimsky, e no geral, os moradores da Joinville do século XXI continuam acreditando que os “pioneiros” chegaram com os navios até o Cachoeira. Tanto que para marcar os 150 anos da colonização foi construído o monumento *A Barca*, exatamente no local onde a Colon “teria ancorado para o desembarque”. E um monumento patrocinado pelo poder público... Esse mito, nem a história de Joinville consegue explicar...

Theodor Rodowicz-Oswiecimsky prossegue sua narração descrevendo as próximas embarcações e imigrantes chegados, as doenças típicas de um país tropical, como os bichos-do-pé, o trabalho e as iniciativas dos núcleos. Apresenta a relação dos passageiros⁸², bem como as formas de construção das casas e a descrição detalhada das culturas para plantação. Muitas dessas informações são baseadas em fontes identificadas – os relatórios da colônia e cartas dos imigrantes –, outros livros, como o do Dr. Blumenau e o seu *SüdBrasilien*, e mesmo declarações pessoais e depoimentos. Como cronista de seu tempo, também usou como fonte informações orais, bastante comum neste período. Provavelmente foi através de relatos orais que o cronista soube das outras etnias que já habitavam a região da colônia, como neste comentário:

Já anteriormente, este belo pedaço de terra que conta uns 70 morgos havia sido residência de uma família brasileira, que teria sido massacrada por indígenas há cerca de dezessete anos. Após esses acontecimentos, o terreno não mais havia sido cultivado, e agora apresentava um misto de novas árvores e muita samambaia”⁸³.

Brasileiros, aliás, que muito ajudaram os colonos nos meses difíceis iniciais, e que, ainda que rapidamente, são reconhecidos pelo autor. Ao falar das plantações que deveriam ser feitas pelos colonos, ressalta: “Teria sido vantajoso a permanência de

⁸² Hoje todas as listas dos passageiros imigrantes estão disponibilizadas no AHJ e publicadas em duas edições:

S. THIAGO, Raquel; BÖBEL, Maria Thereza. **Joinville, os Pioneiros II**: documentos e História (1867-1881). Joinville: Univille, 2005.

_____. **Joinville, os Pioneiros**: documentos e História. V 1. Joinville: Editora Univille, 2001.

⁸³ RODOWICZ-OSWIECIMSKY, Theodor. Op Cit, P 42

brasileiros na Colônia, para se ocuparem de serviços diversos (...) Graças porém, a brasileiros que procediam à derrubada por empreitada, evitou-se de fazer experiência neste setor”⁸⁴, referindo-se à derrubada de árvores e queimada para o plantio.

E não só isso. Segundo o cronista, os peixes eram abundantes na Colônia, mas não para os colonos, pois a pesca era trabalho exclusivo dos brasileiros:

Ainda que o peixe seja, na Colônia, um bom alimento, não se encontram colonos que se dediquem a pescarias. Em parte por lhe faltarem os instrumentos para tal fim, além de necessitarem andar uma a duas horas para alcançarem o local da pesca. Conclusão: muita perda de tempo. Na Lagoa, encontram-se constantemente de 10 a 12 canoas de pescadores brasileiros, que perguntados se já pegaram algo, respondem negativamente. Apesar de, às vezes, estarem com os seus balaios cheios. É que o consumo de peixes pelos brasileiros, é muito grande, para que eles se resolvam a vender parte do que pescaram. (...) A pescaria por meio de anzóis é demorada e requer uma grande prática, pois não é com canções, mas simples linhas de mão, que estão em constante movimento, até que o peixe seja fígado. Talvez fosse boa a idéia para alguns colonos, aperfeiçoar a pescaria com fachos”⁸⁵

Além da agricultura e da pesca, os “brasileiros” também trabalhavam para os colonos ou com eles, como na construção de casas e mesmo das igrejas: “Com o “Gloriosa” chegaram muitos empregadores, passaram-se a oferecer melhores salários e a consequência foi a fuga de braços da administração da Colônia, que acabou tendo que se servir quase exclusivamente de mão-de-obra nacional”.⁸⁶

Em dado momento, o autor fala das dores de dentes, de ouvidos e enxaquecas que maltratam famílias inteiras de “nativos”. Ou também, na afirmação: “De todas as espécies de cafezeiros existentes na Colônia, os únicos que vingavam, foram os de mudas novas fornecidas pelos nativos”⁸⁷. Aqui fica uma dúvida? Quem são esses nativos para o cronista? À primeira impressão, dá a entender que são os indígenas, mas também viviam na região, tendo nascido no local inclusive, famílias de lusos e de “pretos”, como o autor cita em outros momentos. Afinal, quando se refere aos índios,

⁸⁴ Id, P 62

⁸⁵ Id, P 87

⁸⁶ Id, P 89

⁸⁷ Id, P 73

Rodowicz-Oswiecimsky trata de indígenas, não de nativos. Isso sem falar que a convivência com os luso-brasileiros era tranqüila, mas com os indígenas, nem tanto. Tais comentários contribuem para a solidificação do mito pejorativo aos indígenas, como neste trecho:

Por muito tempo eu me ri das histórias de indígenas, tigres, cobras, crocodilos etc. Entretanto, tive que mudar um pouco a minha opinião. (...) No entanto, parece que uma patrulha curiosa de indígenas andou fazendo sondagens nas cercanias da colônia do Sr. Hasselmann. O Sr. Hasselmann e um seu ajudante, observaram, á distância, trepados numa árvore, dois vultos grandes, que tomaram por enormes macacos. (...) Ora, é sabido que macaco jamais desce de árvores com a aproximação de alguém, e, antes, foge saltando galho em galho. Além disso, é sabido que indígenas costumam sondar de cima de árvores, às vezes, porém, vêem-se famílias inteiras, e, às vezes, grupos tribais que se postam à frente das casas e ali ficam, enquanto existir alguma comida que pedem com simples mímica, levando a mão para a boca aberta. (...) Um grupo manso destes existe em Iguape, onde franceses se instalaram com serraria.⁸⁸

Também neste primeiro livro histórico de Joinville, a colonização francesa é rapidamente citada. O outro momento é quando o autor fala na tentativa do cultivo do café: “Que em São Francisco se pode colher um excelente produto, poderá ser verificado com o Sr. Ledoux, um remanescente da colonização francesa, vis-a-vis desta cidade”⁸⁹. Depois, prossegue a narração da caçada de um tigre, que, como afirma o autor, é a “primeira grande caçada que merece ser contada, como documento que sirva á posteridade”, ou seja, atribui a este fato o ícone de histórico, porque é singular e “merece ser contado”.

Rodowicz-Oswiecimsky, ao descrever a geografia física – solo, estradas, meio de transporte, plantas, enfim, explica de antemão que usará outras fontes, mais qualificadas nestes assuntos, para descrever de forma “imparcial” a Colônia. Cita e explica várias fontes, e, quando não concorda com alguma afirmação, pondera, justifica. Ao falar das estradas, por exemplo, destaca o avanço da Colônia: “Na extensão de uma légua, a cavalo, se consegue transitar regularmente. As exigências brasileiras não vão a

⁸⁸ Id, P 53

⁸⁹ RODOWICZ-OSWIECIMSKY, Op Cit, P 74

tanto, o que tem levado autoridades provinciais a externarem elogiosas referências à colônia em seus periódicos”⁹⁰. Entende-se aqui periódicos como relatórios ou jornais da capital, pois ainda não circulavam jornais locais em Joinville. Para apontar ainda mais a deficiência de transporte no Brasil, cita a obra de Friedrich Von Weech – Situação Brasileira, “no ano de 1828, pág. 51”, e transcreve trecho do livro, entre parênteses⁹¹. Em 1853, já se usava normas hoje tidas como acadêmicas. De fato, Rodowicz-Oswiecimsky tinha esse conhecimento e, como já mencionei antes, o pensamento teórico estava em ebulição na Alemanha o que, provavelmente, o motivou a debruçar-se com esmero neste texto em busca de fontes para complementar de forma “imparcial” a sua “narração verdadeira”.

Neste primeiro texto sobre Joinville também já se percebe a existência de conflitos sociais, para além das diferenças étnicas: o alcoolismo, os jogos de azar e “carteados”, os roubos e outras práticas:

E abriram-se vendas (tabernas) uma atrás da outra, onde não só se servia cachaça, mas também vinho. E quando a elevação de preço da mão-de-obra, por vezes paralisava o serviço, havia consolo nos barris de vinho e já não se passavam somente domingos, mas metades e dias completos nos botequins. (...) Quando, porém começaram a se efetuar danças nos estabelecimentos comerciais, acabaram-se os controles e a paz. A honestidade começou a sofrer abalos e já não se procurava encobrir roubos de madeira da administração⁹². (grifo nosso)

Tal comentário torna evidentes as diferenças de uma sociedade em formação, sobretudo seus conflitos sociais... Soma-se a isso, a já sentida corrupção e mesmo, a morosidade da legislação. Rodowicz-Oswiecimsky lamenta a ocorrência de um

⁹⁰ Id, p 59

⁹¹ Vale uma observação nesta obra citada pelo cronista. O título a que se refere não foi traduzido para o português. Trata-se de VON WEECH, Friedrich. **Reise nach Brasilien und den vereinigten Staaten des La-Plata-Stromes während den Jahren 1823 bis 1827**. München, 1831.

Então esta referência não deveria ter sido traduzida no momento da conversão do texto de Rodowicz-Oswiecimsky para o português. A data da publicação também não confere com a pesquisa que fiz. A obra de Weech em português, que trata das questões mencionadas pelo “primeiro cronista de Joinville” é ALVES, D. B. (Org.) . **Fr. von Weech: A Agricultura e o Comércio do Brasil no Sistema Colonial**. 1ª ed. V 1. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

⁹² RODOWICZ-OSWIECIMSKY, Op Cit, p 89

episódio, onde um vizinho matou o cavalo do Sr. Aubé porque o animal invadira várias vezes a horta. Na época a legislação não permitia que se atirasse em animais alheios. Tamanha fora a demora deste processo que o proprietário do cavalo acabou desistindo para não aderir ao hoje conhecido e condenado “jeitinho”. Comenta o autor: “Certas coisas só se conseguem fazer andar nos maus caminhos do Brasil, quando são colocados sobre rodas, mas, não rodas de carros, porém rodas de metal, e quanto mais nobre for este metal, mais rápido andarão. E o Sr. Aubé era pessoa que não se prestada a usar destes meios”⁹³

E neste contexto, avalia a importância crucial da orientação religiosa e da educação:

O ensino estava mais abandonado do que a parte religiosa e, provavelmente, permanecerá assim por muito tempo, embora já se houvesse feito diversas tentativas neste sentido. (...) Religião e escola, alavancas dos bons costumes, não poderão existir sem regulamentação. A escola é básica para a aplicação e disciplina, para o asseio, para a ordem e persistência⁹⁴

Depois de uma narrativa extremamente descritiva – e por vezes repetitiva, finaliza o cronista: “Eu abordei inúmeros assuntos, no intuito de chamar a atenção daqueles que têm o poder nas mãos, para consertar, remediar, melhorar ou recuperar o que foi negligenciado”⁹⁵. Na verdade foi além: mostrou que um documento histórico pode ser sempre revisto e dele tirados novos elementos para pesquisa. Aliás, alguns destes elementos ainda merecem a atenção dos historiadores de Joinville, como o detalhamento da participação de franceses, dos indígenas e dos portugueses, dos conflitos sociais, tantas vezes citados na descrição dos primeiros meses da Colônia Dona Francisca.

⁹³ Id, P 92

⁹⁴ Id, P 89-90

⁹⁵ Id, P 110

2.2 Carlos Ficker – a primeira grande obra da história local

O primeiro livro que aborda a História de Joinville de forma densa, minuciosa, fruto de um concurso promovido pela Fundação Tupy, é o de Carlos Ficker, de 1962. Ele buscou em Joinville, no Rio de Janeiro, na Alemanha, documentos de arquivos públicos, de famílias, oficiais da Prefeitura, da Câmara de Vereadores, enfim, fez um difícil e detalhado trabalho de pesquisa histórica para o seu tempo. No entanto, até pelo fato de tal trabalho participar de um concurso de uma das mais importantes empresas da cidade, Ficker não apresentou um método de interpretação. “Leu” os fatos da colonização, onde o protagonista é o príncipe, o proprietário da companhia colonizadora, o colono, depois os “sujeitos da história” passam a ser os administradores, os proprietários de lojas de comércio, de fábricas, os jornalistas, os engenheiros....

A motivação para a escrita deste livro foi o concurso, que além da premiação, comprometia-se a publicar o melhor trabalho e dar ampla divulgação. A Tupy tornara-se uma das mais importantes empresas de Joinville e responsável direta por grandes alterações econômicas, políticas, sociais e ambientais. Essas mudanças, no entanto, não foram objeto de análise do livro premiado, pois o trabalho de pesquisa impresso referia-se à história local até 1913. Na apresentação, feita por Oswaldo Rodrigues Cabral, membro do Instituto Histórico Brasileiro, é exaltado o esforço pessoal do pesquisador, que viajou à Europa, com recursos próprios em busca de novos documentos acerca da história da colonização sobretudo, e assim teria conseguido “realizar esta obra, que, no momento, é a mais completa que já se fez sobre a evolução de Joinville”.

Cabral ressalta a isenção de Ficker no quesito imigração, “sem as tiradas demagógicas tão do sabor de certos cronistas apaixonados, que, por motivos étnicos, muitas vezes subestimaram a ação do poder público e malsinaram a nossa organização burocrática”. Cabral, sem citar nomes, critica autores que “apenas” exaltam os colonos e

“depreciam” o elemento nacional. Ele fala ainda que a iniciativa de Ficker deve ser destacada por ter ido além do que já havia sido consultado e publicado – “livros já raros, depoimentos de viajantes, jornais e outras fontes”. “A empreitada, assim, não era fácil, se se quisesse escrever uma história real, exata, precisa, minuciosa, da ex-Colônia Dona Francisca”⁹⁶ (grifo nosso). Cabral conclui apostando no surgimento de outras obras como esta que “reunindo e analisando todo o vasto material recolhido, possa escrever a nossa história definitiva”(grifo nosso).

Bem, na década de 60 do século XX, esse debate de história estava avançado, mas não no nosso Estado. De fato, o trabalho de Carlos Ficker até hoje é referência para quem estuda a história de Joinville e é bibliografia também no ensino fundamental e médio. Para pesquisadores, sua coleção que hoje consta no Arquivo Histórico de Joinville, comprada pela Prefeitura⁹⁷, contendo muitos originais em alemão só recentemente traduzidos, geram até os dias atuais questionamentos de interpretação e motivaram até mesmo uma disputa pública entre dois historiadores através das páginas do Jornal A Notícia⁹⁸.

Polêmicas à parte, durante a leitura da extensa obra de Ficker, a dificuldade é em situar as fontes, todas citadas somente ao final do livro. O texto é uma descrição detalhada, construída a partir do discurso vigente de então, e reforçado pelos documentos encontrados nos arquivos da Europa, no Arquivo Nacional e por matérias de jornais. Ao contrário de Cabral, Ficker afirma que apesar do seu intenso trabalho,

⁹⁶ FICKER, FICKER, Carlos. **História de Joinville**: subsídios para a Crônica da Colônia Dona Francisca. Joinville: Meyer, 1965 P 10.

⁹⁷ A aquisição da Coleção Ficker para o acervo do AHJ foi narrada em um dos boletins da instituição. Na prática, a Prefeitura de Joinville teve comprar duas vezes a mesma coleção.

⁹⁸ Este episódio das divergências teóricas e políticas dos historiadores Apolinário Ternes e Dilney Cunha foi o tema de:

AUGUSTO, Cláudio Lúcio. **A produção do conhecimento histórico na imprensa escrita**: o diálogo entre os historiadores Apolinário Ternes e Dilney Cunha das comemorações dos 150 anos de Joinville. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social/Jornalismo) Instituto Luterano de Ensino Superior de Santa Catarina/Ielusc, Joinville, 2003. Retomaremos a este texto adiante.

este não é um texto completo, então, não é uma história definitiva, como sugeriu poder existir Oswaldo Cabral. Mas reforça a tese da imparcialidade: “

Um historiador não pode ser levado pelos seus sentimentos a abordar assuntos históricos com acentuada veia poética e romântica. A história, que é tão objetiva como, digamos a Física ou a Química, conhece somente fatos crus e frios. Os legítimos tratados de História são puros relatos, não sendo usada a linguagem colorida, lírica, ou mesmo eufórica”⁹⁹. (grifo nosso).

Mas não é isso o que se percebe ao longo do texto, construído sim de forma “lírica” ou por vezes, “eufórica”. Senão, como descrever o nascimento do Príncipe de Joinville, François Ferdinand Phillippe Louis Marie, ocorrido em 1818, no Castelo Neuilly, na França, “uma residência majestosa com terraços e frontaria jônios, voltados para a corrente do Sena, bordada de juncos e salgueiros”¹⁰⁰? Ficker teria encontrado algum diário, imagem, ou documento oficial que descrevesse tal cena, que por sinal, é belíssima de se imaginar? Ou então, ao falar das obras do cais, a partir do Relatório Municipal de 1904, estaria descrito na citada fonte que, em marés secas, “via-se a nu, lodoso e fétido, o leito do Rio Cachoeira”? Diante da orientação metodológica que chamo aqui de positivista, creio que isso dificilmente teria acontecido.

Então, a história que apresentou, desde antes da colonização – e que trouxe elementos novos, como o paralelismo das iniciativas colonizadoras, resultantes dos domínios do Príncipe de Joinville e do Duque D’Aumale – até a citação de alguns fatos pitorescos ocorridos em Joinville na primeira década do século XX, podem ser objetivos, mas sua narração é subjetiva. Em vários momentos vêm à tona o sentimento de “pertencimento” à cidade e o “orgulho” do seu passado, como nas citações enormes de artigos inteiros de jornais – que por sinal, dificilmente têm as datas citadas.

Como disse anteriormente, apesar do texto fluente, em alguns momentos fica difícil de saber quem diz o que: se o autor ou a fonte. As citações começam com aspas,

⁹⁹ FICKER, Carlos. Op Cit., P 13

¹⁰⁰ Id, P 15

mas não encerram. O parágrafo seguinte, inicia novamente com aspas e novamente o trecho fica em aberto. Isso acontece principalmente quando Ficker transcreve o que fora impresso em jornais. Seria apenas descuido na revisão?

CONTRADIÇÕES

Mesmo nas transcrições, percebe-se algumas contradições no discurso que se busca construir ao longo de todo o texto. Na página 368, por exemplo, Ficker (ele, e não uma citação!) afirma: “O clima de boa vontade na vida da pequena Joinville, que contava apenas três mil habitantes no perímetro urbano, com pouco mais de quatrocentas casas, fazia prenunciar para 1906 uma era de prosperidade e empreendimentos”. Depois da conclusão do cais, fora construído o Mercado (Municipal), inaugurado no ano seguinte e que, conforme descrições relatadas nos jornais do período, fora uma situação bastante controversa, pois os feirantes e pescadores teriam que vender seus produtos somente na nova construção e não mais nas ruas. Divergências à parte, chamou a atenção a seguinte citação, no Jornal Gazeta (o autor não menciona a data):

Um incidente, porém, quase que vem comprometer a festança, e foi o caso de um rapaz, que tendo uma unha na palma da mão, aproveitando-se da ocasião ia desaparecendo com um cilindro de oito mil kilogramas de peso, que está há tempo em frente ao mercado e dizem ser para a Estrada de Ferro. “Por felicidade um cidadão observou a ligeireza do “batedor de bolsa” e mandou-o prender pela polícia do Mercado.¹⁰¹

Ora, onde há furtos e pequenos delitos, há problemas sociais e econômicos que precisam ser resolvidos. Constatações feitas já nos primeiros tempos da colônia por Theodor Rodowicz-Oswiecimsky! Situação oposta à citação de “clima de boa vontade” e “prosperidade” prenunciada acima. Além disso, a própria briga travada em torno do Mercado Público mostra as divergências sociais e econômicas da cidade naquele início de século: os feirantes temiam mudar-se para o Mercado e perder sua freguesia nas ruas.

¹⁰¹ Id, P 372

Mas essa interpretação não é feita por Ficker, que nesta situação, como em outros fatos, somente cita trechos de jornais e documentos.

Nesta parte final do livro, as únicas citações, com nota de rodapé foram relativas ao Álbum Histórico do Centenário de Joinville de 1951¹⁰² e a Revista do IHGSC de 1943. Na verdade, esta última parte, é quase um resumo do Álbum, com alguns acréscimos de notas de jornais, situando as situações do primeiro telefone de Joinville, da chegada da energia elétrica, do primeiro veículo e dos bondinhos a burros. O “lirismo” e a subjetividade, rechaçados na Introdução do livro, aparecem com força total nos últimos parágrafos:

Termina, com a exposição das razões mais evidentes do êxito da colonização e industrialização, a história de Joinville e a crônica da Colônia Dona Francisca.

Muito se poderia ainda dizer a respeito do elemento humano que povoou a antiga colônia, uma análise da sua adaptação e assimilação ao novo meio. Interessante seria, por certo, fazer-se o estudo da sua influência na formação cultural da população e a participação de seus descendentes na política brasileira, considerando os aspectos sociais e econômicos.¹⁰³

2.3 Elly Herkenhoff – a principal tradutora das obras em alemão

De todas as historiadoras de Joinville (e atualmente não são poucas), o poder público municipal (Câmara de Vereadores¹⁰⁴ e Prefeitura) rendeu diversas homenagens a Elly Herkenhoff, sobretudo pelo seu trabalho de tradução no Arquivo Histórico de Joinville. Falecida em setembro de 2002, natural da cidade, dedicou sua vida ao fortalecimento da história do município, sobretudo a história dos descendentes dos colonizadores. Também pesquisou os jornais locais. Matérias jornalísticas alusivas à sua morte afirmam que Elly fez parte da primeira geração de historiadores joinvilenses

¹⁰² Que a meu ver, não é obra historiográfica, mas fonte primária que trata de diversos assuntos relativos à cidade e por isso não faz parte aqui de análise individual.

¹⁰³ Id, P 439

¹⁰⁴ Em 1999, recebeu da Câmara de Vereadores, o título de Cidadã Benemérita.

“dedicados a resgatar e a reconstruir a história da cidade”¹⁰⁵. Também é lembrada pela elaboração do “Método Roselly”, que desenvolveu com a irmã Rosa para alfabetização de adultos e ensino da língua alemã, e pela publicação do sexto volume da coleção **Famílias Brasileiras de Origem Germânica** (1975).

Em novembro de 2004, dois anos após seu falecimento, a historiadora foi condecorada com a Medalha do Mérito Cruz e Souza, oferecida pelo Conselho Estadual de Cultura em solenidade realizada em São Francisco do Sul. A última homenagem, pós morte – até a data da presente dissertação – foi o lançamento em janeiro de 2007 do livro **Anno Duzami – Contos e Poesias**, escritos pela própria Elly em alemão, no período entre 1950-1970. Segundo a escritora Regina Colin, organizadora da obra, esta foi a fase “mais produtiva” da historiadora¹⁰⁶, que, se estivesse viva, completaria em 2007, 101 anos de idade.

Entre seus livros que são referência no município, estão **História da Imprensa de Joinville** (1998) e **Era uma vez um simples caminho...** (1987). Mas hoje, depois de conhecer muitas obras historiográficas de Joinville, creio que a maior contribuição desta autora foi a tradução para o Português de documentos e jornais escritos em Alemão. Praticamente todos os trabalhos sobre a história da cidade destacam alguns jornais, principalmente o Kolonie-Zeitung, que circulou por mais de 80 anos em língua alemã em Joinville, Blumenau e arredores. Elly Herkenhoff contribuiu não só com o Arquivo Histórico de Joinville, mas com o Arquivo de Blumenau e a confecção da série **Blumenau em Cadernos**. Ainda que os textos traduzidos não tenham sido também interpretados por ela, tal trabalho facilitou e muito as pesquisas de outros historiadores e jornalistas a ponto de hoje ser possível fazer um trabalho sobre a história de Joinville

¹⁰⁵ Morre, aos 98 anos, Elly Herkenhoff. **Jornal A Notícia**, 19/09/2004. Disponível em www1.an.com.br/2004/set/19/0ger.htm Acesso em 25 junho 2007.

¹⁰⁶ Conforme declarações na imprensa local: Livro homenageia historiadora Elly Herkenhoff. **Jornal dos Bairros de Joinville**. 19/01/2007. Disponível em www.adjorisc.com.br/jornais/jornaldosbairros/noticias Acesso em 25/06/2007.

sem a obrigatoriedade de se falar alemão. Então, se ela não tivesse escrito nada, já teria seu lugar na história do município por este grande feito: a tradução dos documentos em alemão e o ensinamento a outros que deram continuidade a esse trabalho, como Maria Teresa Böbel. Mas Elly Herkenhoff escreveu. E escreveu bastante para seu tempo.

Para esta análise historiográfica, optei em escolher dois títulos que, a meu ver, expressam o pensamento histórico da escritora. Além destes e outros livros, Elly escreveu artigos, que foram publicados no **Boletim do AHJ** e na **Blumenau em Cadernos**. No entanto, nestes casos, tratava-se basicamente da transcrição das traduções feitas, tanto dos documentos quanto dos jornais de época, com explicações básicas. Um exemplo é o artigo intitulado **A Escravidão no Brasil**, publicado no Boletim do AHJ. O título chama a atenção, pois até hoje esse é um assunto abordado muito superficialmente pela historiografia local. No entanto, já nas primeiras linhas a autora avisa do que se trata:

Sob o título original alemão “Die Sklaverei in Brasilien” foi publicado o artigo abaixo no “Kolonie-Zeitung” (Jornal da Colônia) dos dias 17 de junho e 1, 15 e 22 de julho de 1871 ou seja, poucas semanas antes da proclamação da Lei do Ventre Livre. O artigo traz o nome do autor, mas tudo leva a crer que tenha sido o jornalista e advogado Carl Julius Parucker, então editor responsável do jornal, fundado a 20 de dezembro de 1862, por Ottokar Doerffel, em Joinville.¹⁰⁷

A autora a seguir faz um breve relato de quem fora este autor, originário da Saxônia e que se tornara professor em escolas rurais em 1861 e professor e advogado na antiga Desterro (hoje Florianópolis). Ela reforça que este cidadão “foi um dos mais férteis poetas e assíduo colaborador do Kolonie-Zeitung” e depois, transcreve a primeira parte da série de artigos publicados sobre escravidão. Iniciativa louvável para o período, pois permitiu o acesso em Português, quase um século depois da Abolição da Escravatura, do pensamento de um imigrante alemão que viveu aquele momento de

¹⁰⁷ **Boletim do AHJ**. N° 6. Joinville: AHJ, mar 1990, pp 18-21

mudança na legislação brasileira, e o significado da escravidão no cotidiano do Brasil e de Santa Catarina¹⁰⁸.

E já que estamos falando do pensamento do imigrante alemão, iniciemos a análise de **Era uma vez um simples caminho...**¹⁰⁹ Prefaciado pelo prefeito de então Wittich Freitag, a obra é assim apresentada:

Nós e todos os joinvilenses somos privilegiados por convivermos com alguém como a Sra. Elly Herkenhoff, exemplo vivo de amor à nossa terra e à nossa gente, pesquisadora incansável de tudo que nos diz respeito. Coletando dados e informações e pesquisando fatos, recupera ela riquezas inestimáveis do nosso passado, enriquece nossa história, revive nossas tradições e solidifica nossa cultura, como se estivesse redescobrimo Joinville”¹¹⁰

Acho que estas primeiras frases do ex-prefeito já são um indício do que o livro tratará. Claro que a autora não “redescobrirá” Joinville, como o político sugere, até porque todos os documentos e interpretações que Elly apresenta em seus textos trazem sempre a versão que chamo de “oficial”, ou seja, nada bombástico a ponto de mudar a história para ser redescoberta, reescrita, enfim. Ela não questiona origem, nem momento ou situação que tais fontes transformaram-se em históricas. Mas sistematiza – e bem – aquelas fontes que reforçam o caráter germanicista do município, como veremos adiante. Entre o poema e contos e crônicas da própria autora, escritos em momentos diferentes de sua vida, ela narra episódios de Joinville, que, na sua visão, são históricos e portanto, de fundamental divulgação.

Assim como já fizera Ficker, Elly inicia assim seu texto: “A história de Joinville teve início a 1º de maio de 1843, quando a Princesa Dona Francisca Carolina, irmã do Imperador D. Pedro II, desposou o Príncipe francês François Ferdinand Philippe de

¹⁰⁸ Recentes pesquisas vêm abordando essa temática, mas poucas conseguiram ser publicadas em livro. Daí a importância das Revistas, como a produzida pela Editora da Univille, um dos principais veículos de divulgação destes trabalhos acadêmicos historiográficos. Um exemplo é o artigo de ROSA, Vanessa da. Trajetórias e estratégias de inserção ocupacional de mulheres negras em Joinville In: *REVISTA UNIVILLE*. Edição comemorativa de 10 anos do Ciclo de Debates sobre História Regional. V 12, N° 1. Joinville: Univille, 2007 P 115-129

¹⁰⁹ HERKENHOFF, Elly. **Era uma vez um simples caminho**. Joinville: Fundação Cultural, 1987

¹¹⁰ Id, P 3

Joinville”¹¹¹. Depois prossegue numa rápida descrição histórica sobre os primeiros anos na Colônia. O conto que dá nome ao livro, é uma narrativa romanceada do início da Colônia, com os nomes conhecidos: engenheiro Hermann Guenther, o representante do Príncipe de Joinville, o francês Léonce Aubé e outros. No entanto, já nas primeiras linhas ela traz elementos que outros historiadores podem usar para ratificar as teses de uma cidade mais que germânica:

No princípio havia o Jurapé, que vinha da margem do Rio Cachoeira, adentrando a floresta espessa, intocada quase. (...) Já lhe tinham dado o nome de Jurapé, os moradores das cercanias, que aqui vinham caçar, subindo pelo atalho, até a altura da atual rua Henrique Meyer. (...) Desembarcou aquele grupo de pioneiros exatamente no nascedouro do Caminho de Jurapé, onde então existia um rancho habitado por um francês de nome Frontin, antigo morador da fracassada colônia do Saí. (...) (p. 09) E assim, 10 meses mais tarde, a 9 de março de 1851, a primeira leva de imigrantes veio subindo pela picada Jurapé, então já alargada, para chegar aos ranchos de recepção.¹¹² (...)

Como se vê, em um único parágrafo Herkenhoff já informa que, antes da chegada dos imigrantes, havia caçadores, que poderiam ser tanto indígenas quanto luso-brasileiros, e franceses, oriundos da Colônia do Saí. Logo, *os pioneiros*, na verdade, não foram pioneiros, mas colonizadores, pois a região já era habitada. Mas sigamos adiante. Nas próximas frases, novamente explica a historiadora que, na direção Norte da “picada” fora criada uma rua, a Nordstrasse, e foi “ali que se estabeleceram os noruegueses, uma leva de imigrantes, todos homens solteiros, desembarcados também a 9 de março de 1851, procedentes do Rio de Janeiro”¹¹³. A descrição das ruas continua, com seu paralelo com a atualidade e as explicações das mudanças de nome das vias. O estilo da escrita de Herkenhoff é muito agradável. Lê-se História como quem lê um romance. Talvez ela acreditasse mesmo que a história dos pioneiros fosse isso já é uma interpretação minha da interpretação da autora!

¹¹¹ Id, P 5

¹¹² Id, P 10

¹¹³ Id, P 11

Interessante neste conto/crônica/romance inicial, é como rapidamente a historiadora/poetisa inclui as informações que considera fundamentais. Ao falar do Salão Ravache, “com seu minúsculo e insubstituível palco”, dá a mesma importância às apresentações dos primeiros espetáculos de teatro amador quanto o jantar de despedida dos “nossos 23 voluntários – imigrantes alemães e suíços” que foram combatentes na Guerra do Paraguai, em 1865. Continuando sua narração pelas ruas, comenta que fora na Cachoeirastrasse, em 1864, as cerimônias de inauguração do templo evangélico e no mesmo local, em 1893, “se reuniram os nossos bombeiros voluntários, os atiradores da sociedade de tiro ao alvo e os ginastas da Sociedade Ginástica, para uma tomada de posição, em face de chegada do General Piragibe, um dos chefes federalistas”¹¹⁴. Assim, num estilo envolvente, poético e direto ao mesmo tempo, Herkenhoff usa poucas linhas para contar, a história de Joinville, a partir da criação de suas ruas! Obviamente que muitos outros fatos aconteceram entre os períodos destacados por ela – muitos destes comentados por outros escritores – mas com este estilo, Herkenhoff conquistou leitores e informava o que, para ela era histórico.

Outro exemplo é o destaque que dá a Julie Engell, esposa do engenheiro Guenther, que fora designado para tomar as providências para a recepção dos colonos e, segundo os historiadores locais, falhara nesta tarefa. A escritora cita os textos históricos anteriores a ela – Rodowicz e Ficker, onde o nome da berlinense já era citado como a autora dos desenhos ilustrativos da Colônia, que teriam motivado a vinda de inúmeros imigrantes para o Brasil, entre eles o próprio Rodowicz. Pesquisadora e interessada por tudo o que dizia respeito a Joinville, Herkenhoff encontrou informações sobre a Sra. Guenther, numa publicação em São Paulo¹¹⁵, segundo a qual Julie Engell era professora

¹¹⁴ Id, P 12

¹¹⁵ Id, P 20

num educandário feminino em Limeira e que, antes da imigração, teria sido uma das pioneiras do movimento feminista “dos acontecimentos políticos de 1848 em Berlim”.

Para a historiadora, estas poucas informações são mais que suficientes para traçar o perfil de Julie e sair em sua defesa, contrapondo-se à versão de Rodowicz, na valorização da mulher que irá considerar uma “heroína de barricadas”:

basta-nos situa-la dentro de sua época, dentro daquela Europa ainda mal cicatrizada das guerras napoleônicas, sacudida pelos manifestos incendiários de Engels e de Marx, convulsionada pelas revoltas, aqui e ali – na França, na Itália, na áustria, na Alemanha – e ainda assim, a meio caminho já da superindustrialização e do superdesenvolvimento. É preciso situa-la dentro da atmosfera explosiva da alvoraçada Berlim de 1848, situa-la como pioneira do momento feminista, como “heroína de barricadas” e evidentemente, como companheira da corajosa Luise Otto-Peter, a feminista que, naquele ano, naquele tumultuado ano de 1848, lançou o seu programa de ação, reclamando para a mulher o direito de se instruir em diversas profissões. (...) Imagem bem diferente esta, da feminista pioneira de Berlim, da educadora de Limeira, bem diferente daquela transmitida por Rodowicz – o ultratradicionalista oficial do exército – e assim retransmitida e assim gravada na história de Joinville: a distorcida imagem de uma Julie Engell (...) ¹¹⁶

Assim como esta visão diferenciada de uma “pioneira”, Elly, ao longo do livro, traz outros dados, muitos inéditos, fruto do seu trabalho de tradução, como o artigo escrito pelo Dr. H. Koestlin, amigo do filho do Senador Schroeder, que escrevera num jornal de Hamburgo/Alemanha suas impressões acerca das sete semanas que passara na Colônia Dona Francisca. Entre as observações deste alemão, estão suas impressões sobre a Colônia do Saí:

Bem defronte da cidade [no caso São Francisco do Sul] localiza-se a fértil zona do Saí, onde existiu a colônia francesa do Dr. Mure. A colônia foi por água abaixo e apenas 5 colonos da malograda experiência continuam nas redondezas: dois marceneiros, um médico e dois jardineiros. Ela não podia deixar de fracassar, pois o que Mure pretendia, era fundar um falanstério, tendo para tal fim arregimentado nas ruas de Paris, abades, mecânicos, ebanistas, sapateiros, comissários – gente apta para a lavoura assim como o parisiente proverbialmente se presta a marinheiro. E a lavoura, de mais a mais, era como que interdita. Apenas máquinas seriam construídas e no entanto não existia nenhum lugar para aproveitá-las (...)

¹¹⁶ Id, P 21

Herkenhoff faz aqui uma interessante análise ao comparar este texto de 1851 com o livro do Dr. Hermann Blumenau publicado em 1850, onde constam recomendações aos colonos alemães que quisessem vir para o Brasil. No seu texto, Blumenau não cita o fracasso do Saí, apenas de que os alemães deveriam evitar “o triângulo compreendido entre os rios Saí Grande e São Francisco do Sul”. Herkenhoff aponta algumas opções para esta omissão: a disputa dos países pelos imigrantes e a falta de tempo para uma atenta revisão de texto e bibliográfica. O fato é que o *Suedbrasilien* – espesso livro do Dr. Blumenau – não faz menção nem ao fracasso da colônia francesa na costa catarinense, nem dos ataques dos indígenas, o que, pela imprensa local, sabe-se hoje, eram freqüentes e bastante violentos, tanto para os nativos quanto para os colonos. Mas também o relato de Koestlin, ressalta Herkenhoff, trata a situação dos índios de forma superficial, a quem chamava de “bugres”: “Nunca assaltaram durante a noite, não atacam as casas um pouco afastados do mato e têm medo de homens e de armas de fogo. (...) Com um pouquinho de precaução, os colonos nada têm a temer”.

A historiadora, no entanto, dá sua opinião sobre esta situação: “O futuro se encarregaria, infelizmente, de contestar estas e outras afirmações tranquilizantes, com os muitos ataques dos “bugres” ao longo dos anos praticados contra os colonos, tanto às margens do Cachoeira como às margens do Itajaí”¹¹⁷. Obviamente que aqui Herkenhoff dá sua opinião sob o ponto de vista dos colonos, não dos indígenas. Aliás, ainda que seu texto seja primoroso, e que de fato faça um trabalho historiográfico ao confrontar fontes, levantar informações inéditas a partir das traduções e formar novas opiniões, não há dúvida de que Herkenhoff foi uma das grandes responsáveis pela visão germanista que se tem de Joinville atualmente. Ela nunca negou a história que conhecera de outras etnias – os lusos, os indígenas, os suíços, os noruegueses, os negros, os franceses. Mas a

¹¹⁷ Id, p 29

construção de sua narrativa e os argumentos usados levam sempre às mesmas conclusões: a força dos pioneiros alemães.

Assim também é a linha do livro **História da Imprensa de Joinville**, que aborda as primeiras iniciativas de comunicação escrita na Colônia, até as primeiras décadas do Século XX. Muitas informações se repetem da edição de **Era uma vez um simples caminho...**, mas a tradutora traz neste livro – o último antes de sua morte – mais detalhes dos jornais criados nem Joinville, tanto os que tiveram longa vida, como o alemão *Kolonie-Zeitung*, quanto os efêmeros, sobretudo os de língua portuguesa. Estes, ressalta a historiadora, só tiveram espaço após a campanha de nacionalização. Mas a partir daí, ainda aguardamos um pesquisador que unifique tais informações, pois era intenção de Elly escrever a continuação de **História da Imprensa de Joinville**, o que a idade avançada não permitiu...

A partir da leitura desta obra de Herkenhoff, rapidamente falaremos da situação dos jornais em Joinville. O primeiro e, talvez pelas circunstâncias, o mais interessante na minha opinião, fora o *Der Beobachter am Mathiasstrom* (O Observador às margens do Rio Mathias)¹¹⁸. Criado em 1852, em alemão, manuscrito umas 50 cópias que eram disputadíssimas, o *Observador* é emblemático. Não há cópia do original em nenhum lugar e pelo que se sabe, mesmo o que Herkenhoff conseguiu encontrar, está registrado em outros jornais, como as cartas publicadas no *Reform* de 1887 a 1889, onde tanto antigos leitores lembravam o que se debatia a partir daquela folha escrita à mão, quanto o próprio criador, já não mais residente na Colônia, mas no interior de São Paulo, escrevera sobre aqueles primeiros tempos na colônia. Elly reproduz toda a carta do autor publicada pelo *Reform*, mas não se dedica à sua interpretação. Apenas finaliza: “E aqui termina o depoimento do nosso jornalista “porrete” – a mensagem surpreendente sob

¹¹⁸ Já fizemos referência a este jornal no Capítulo I.

vários aspectos, que neste espaço não poderão ser analisados”¹¹⁹ para tristeza inclusive dos leitores contemporâneos. Este jornal, como já citamos anteriormente, destacara-se pelo seu tom satírico, claramente subjetivo do seu escritor.

Vale relembrar que ainda no século XIX, outros jornais foram editados em Joinville, motivados sobretudo por orientações políticas distintas: *Gazeta de Joinville* (1877), *O Democrata* (1880), *O Globo* (1884), *A União* (1884), *Balão Correio* (1884), *O Constitucional* (1885), outro redigido totalmente em alemão, *Neue Kolonie-Zeitung* (Novo Jornal da Colônia) (1885), que em 1887 tem seu nome modificado para *Reform* (Reforma), *Folha Livre* (1887), *O Sul* (1889) e *Volkstaat* (1891, também em língua alemã que significa Estado do Povo). De todos estes, somente dois mantiveram a circulação até o final da conturbada década de 1880: o *Kolonie-Zeitung* e o *Reform*¹²⁰. Depois da Abolição da Escravatura, surge um novo jornal na cidade: *O Sul*, cujo diretor, Capitão Leal, era declaradamente republicano e abolicionista. No entanto, mesmo escrito em português, este, como os demais jornais criados na região, apresentavam textos em alemão com notícias, comentários e debates sobre assuntos do dia-a-dia.

Este momento de criação e fechamento de jornais no período pré-republicano foi comum no Brasil e em Santa Catarina, e Joinville não fugiu à regra. Isso veio desde o início do século XIX, quando, na Inglaterra, a imprensa deixou de ser somente publicadora de notícias para tornar-se também formadora de opinião pública. No século XIX no Brasil, e por extensão em Santa Catarina e em Joinville, ainda que com alguns anos de atraso, os jornais eram sobretudo políticos, ligados a grupos de poder específicos com interesses próprios. Por isso, era muito comum, diferente do que se

¹¹⁹ HERKENHOFF, Elly. **História da Imprensa de Joinville**. Op Cit. p 25. Vale ressaltar o porquê do adjetivo “porrete” ao criador do Der Beobachter, Karl Konstantin Knüppel. Nas palavras da própria autora: “Há um detalhe curioso, relativo ao nome do nosso jornalista: a palavra ‘Knüppel’ se traduz por ‘cacete’ ou ‘porrete’ e não será difícil imaginar que vários são os ditados, provérbios e expressões ligados ao nome ‘Knüppel’”. Id, p 16

¹²⁰ Id, p 78

verifica atualmente, encontrar uma notícia em determinado periódico e nada sobre o assunto em outro. Ou ainda, um mesmo assunto, com versões opostas em cada jornal.¹²¹

Pela historiografia de Joinville, percebe-se que de todos os que circularam na cidade, de fato o *Kolonie-Zeitung* era o que trazia os assuntos mais abrangentes nesse período, ainda que, vale ressaltar, sempre tenha deixado explícita sua orientação editorial. É como descreve Herkenhoff em **Era uma vez...**:

O jornal alemão deixa de ser um órgão meramente local, defensor de interesses puramente regionais. À proporção que vai multiplicando a sua própria capacidade, vai também, a pouco e pouco, ampliando a sua influência nos centros urbanos das províncias do Sul. Vai alcançando, ao longo dos decênios, todas as áreas de colonização alemã, cumprindo, até na mais longínqua roça arraigada em nossa hinterlândia, a missão de transmitir mensagem de esperança aos desesperados, mensagem amiga na língua familiar, a milhares, a milhões de imigrantes e filhos e netos de imigrantes, não só de etnia germânica: alemães, austríacos e suíços, mas ainda de imigrantes das mais diversas nacionalidades, conhecedores do idioma alemão, como holandeses, húngaros, romenos, poloneses, russos, bálticos, gente oriunda de todos os recantos da Europa, gente de todos os credos, de todas as classes, de todas as profissões.¹²²

A historiadora mostra que conhece outras etnias, mas neste trecho tem um rompante apaixonado pela causa do imigrante! Achar que os jornais em língua alemã são tudo o que os imigrantes “desesperados” precisavam para ter acalento, é demais! No entanto, é inegável a importância dos jornais nas línguas dos imigrantes, que, somados a outras instituições, como as escolas e as igrejas, contribuíram grandemente para a ambientação dos novos brasileiros. Sigamos adiante, com a imprensa joinvilense...

Além do *Kolonie*, em 1895 um novo jornal é criado, voltado prioritariamente para os colonos e seus descendentes nascidos brasileiros que mantinham a língua alemã:

¹²¹ Obra imprescindível para se entender a imprensa brasileira é SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro, Mauad, 1999. Assim inicia esta história: “Coincidência interessante fez do aparecimento do Brasil na História e do da imprensa acontecimentos da mesma época, só nisso aproximados, porque a arte de multiplicar os textos acompanhou de perto, e serviu, a ascensão burguesa, enquanto a nova terra, integrada no mundo conhecido, iniciava a sua existência com o escravismo” (p 9)

¹²² Id, p 49

o *Joinvillenser Zeitung*, com tendência federalista. No ano seguinte, surge o *Sonntagsblatt* (Folha Domingueira). Neste período a cidade vivia um clima tenso pela disputa da Superintendência (Prefeitura) que ocorrera em 1898 e que fez os dois principais jornais, *Kolonie-Zeitung* e *Joinvillenser Zeitung* defenderem respectivamente as candidaturas de Gustavo Adolfo Richlin (descendente de suíços) e Abdon Baptista (luso-brasileiro). Venceu o candidato Richlin, o que motivou, pouco mais de um ano depois, em 1900, o surgimento de um novo jornal: o *Commercio de Joinville*, primeiro redigido em português após um intervalo de dez anos, quando o *Sul* deixou de circular, e com perfil declaradamente “antialemão”. Talvez por isso tenha mantido poucas edições.

Em 1905, mais jornais em Joinville: a *Gazeta de Joinville* surge, pela terceira vez, o *Commercio de Joinville* com novo perfil, em defesa “do direito e da liberdade do povo de Joinville” e o *Jornal do Povo*, além do semanário da Comunidade Evangélica *Evangelisch-Lutherisches Gemeindeblatt* e outros periódicos nos distritos de Joinville de então, hoje municípios vizinhos.

A 1ª Guerra Mundial afetou a aparente tranquilidade da imprensa local, visto que em nível nacional a imprensa cobrava a imediata declaração de guerra do Brasil à Alemanha, o que acabou acontecendo em 1917. A proibição do uso da língua alemã em lugares públicos no Brasil fez com que a edição de jornais alemães fosse interrompida. O *Kolonie-Zeitung* não pára sua circulação, mas se adequa às regras nacionais, tornando-se o *Actualidade*, todo redigido em português. Em função da guerra outra consequência em Joinville foi a modificação do nome das ruas, até então em alemão, e o surgimento de novos jornais em português: *Jornal de Joinville*, *Município de Joinville* e o *Correio do Povo*, em 1919. Com o fim do conflito mundial, neste mesmo ano, o *Actualidade* volta a ser editado como *Kolonie-Zeitung* e o jornal *Município de Joinville*

apresenta uma página em alemão. Somam-se a estes no mesmo ano, o *Jaraguá-Zeitung* (em alemão) e *O Clarim* (em português, mensal, de cunho literário).

Em 1923, surge *A Notícia*, passando por diversas etapas, inclusive com a suspensão das edições por alguns meses e que, hoje, constitui-se do maior e principal jornal de Joinville.¹²³ É importante destacar que além dos periódicos escritos em Joinville, já na primeira metade do século XX os moradores tinham acesso a jornais de outras cidades, principalmente os de Florianópolis, Curitiba, Blumenau, Porto Alegre e Rio de Janeiro. No entanto, Herkenhoff debruça-se somente nas produções locais, não chega a se referir sobre *A Notícia*, atualmente o mais importante jornal da região. Em *História da Imprensa de Joinville*, senti falta de ligações mais detalhadas entre os jornais e os grupos que os criaram bem como a repercussão de sua presença na sociedade. Mas este não fora o objetivo de Herkenhoff neste trabalho e sim numerar os periódicos e resumir suas existências. Por isso, a imprensa local ainda oferece muitas possibilidades de pesquisa no Século XXI...

2.3 Adolpho Bernardo Schneider. O descendente orgulhoso

Natural de Joinville, da segunda geração de imigrantes, Adolpho Schneider publicou alguns livros considerados importantes para a história local. Aqui, analisaremos o livro de contos e crônicas sobre Joinville, sua primeira obra, em português e alemão¹²⁴. Como bem sabemos, literatura não é história, mas se relaciona

¹²³ Sobre este jornal especificamente, seria preciso praticamente um capítulo à parte, pois nas suas várias etapas, ele chegou a ser mantido por um grupo de empresários locais, dos mais diferentes partidos e que por isso, também davam a linha editorial. Alguns dos principais acionistas do jornal tornaram-se proeminentes políticos municipais, estaduais e mesmo federais. **A Notícia** foi vendida em 2006 ao Grupo RBS de Comunicações, fato lamentável, na minha opinião. Foram mantidos os empregos e a sede em Joinville. No entanto, editorialmente, os assíduos leitores foram prejudicados, pois, pertencente agora ao mesmo grupo do **Diário Catarinense**, com sede em Florianópolis, **A Notícia** acaba retratando praticamente a mesma versão do **DC** e não mais é tido como uma opção, de contraposição de qualidade ao discurso do outro, este, o veículo de maior circulação no Estado.

¹²⁴ SCHNEIDER, Adolpho Bernardo. **Nossa boa terra**: contos e crônicas da Terra dos Príncipes. Joinville: Meyer, 1984

com ela. E os textos desta obra em particular dão a nítida impressão de uma narração pessoal e vivida do acontecido. Seria uma história do imediato? Não. Tratemos apenas como literatura. Mas, com certeza, uma literatura que baseou alguns recentes trabalhos de história.

Schneider atuou também como jornalista e contribuiu em muitas edições de jornais locais. O livro não diz, mas me parece que se trata de uma seleção de alguns contos e crônicas publicados em jornais e outros periódicos. Entre todos, chamou-me a atenção dois textos. O primeiro, trata-se de um conto que, segundo o autor, foi escrito em homenagem ao 1º Centenário da fundação de Joinville, intitulado O VELHO IPÊ¹²⁵. Ao longo do texto, o autor retrata o ipê, árvore nativa e até hoje um dos símbolos de Joinville, praticamente em extinção, e, de certa forma, compara a árvore ao imigrante alemão:

Sentiu pois o pequeno Ipê desde o comêço, que a sua vida seria luta, uma luta insana e sem tréguas, de que porém não escapava vegetal ou animal na mata virgem. Previu porém também o seu destino glorioso e nesta certeza, espraçou as raízes e as fixou com firmeza no pedacinho de chão úmido, que Tupan lhe havia dado, em sua infinita bondade e providência. Sentindo em si, desde a primeira hora de sua existência, o seu futuro brilhante, o pequeno Ipê ergueu com altivez e com orgulho a sua pequenina copa verde e cresceu reto para a luz, para o Sol, o astro-rei, que seria sempre o seu maior amigo. (...)

Mas, os fados lhe haviam reservado, a ele e a toda a vargem imensa, que se estendia até onde a vista alcançava, um destino cruel e implacável. Fez-se ouvir um certo dia um ruído bastante estranho para as bandas do rio, que quase lhe banhava os pés. (...) Eram batidas pausadas de remos nas águas mansas do rio. E vozes nunca dantes aqui ouvidas se elevaram até às alturas, onde imperava o velho Ipê, sons diferentes também do murmúrio calmo dos bugres, dessas vozes abafadas e guturais, que muitas vezes havia escutado em sua longa existência e que mais se pareciam ao borbulhar e ao rumorejar de um regato de águas cristalinas, a escorrer alegremente a encosta abaixo, por entre rochas e pedregulho.

Era um batelão, que se aproximava vagarosamente, impulsionado por braços musculosos de homens de tez clara, que se faziam acompanhar de mulheres e de crianças e que haviam vindo de longe, de muito longe. Olhos azuis espiavam com curiosidade e também algum temor em redor de si, pois nunca haviam visto paisagem igual.(...)

Caiu a selva, desapareceu o velho Ipê, encerrando uma época. Mas, em troca, surgiu nova vida: Joinville e a civilização!

¹²⁵ Id, p 27

Ao mesmo tempo em que, ainda que não diretamente, compara a força do ipê ao homem de “tez clara”, a crônica lamenta a destruição da selva nativa, com o desaparecimento das flores, das frutas, dos pássaros, mas justifica a importância disso, de que era preciso encerrar uma época para iniciar outra, a da civilização. O outro capítulo que vale a pena comentar é a narrativa *Os Pioneiros*¹²⁶, que o próprio autor chama de “verídica romanceada”, e que fora publicada no livro do 1º Centenário:

Para a geração atual, que reside neste belíssimo rincão da nossa terra, não devem ser e certamente também não serão esquecidos os pioneiros da colonização, os velhos, que já se foram, que já desapareceram para sempre, após lutarem dia e noite, vencendo em trabalho árduo e perseverante dificuldades mil, para nos legarem o que hoje está diante dos nossos olhos: a nossa urbs, pequena ainda, porém já conhecidíssima nos meios comerciais e industriais do País, tendo-se tornado graças ao labor incansável dos seus filhos, senão a maior, então pelo menos um dos esteios mais importantes da economia de Santa Catarina.

Interessante nesta crônica (que mais se parece um artigo), o fato de Schneider trazer à tona a história de vida de um casal, anônimo na “história oficial” de então, 1951: o casal Emil Scheidemann. Escreveu o autor:

O velho casal já não vive (...). Desapareceram, assim como vieram, silenciosamente, não porém sem antes nos legarem exemplos do dever cumprido e provas de amor e de afeição à sua nova pátria, por eles escolhida espontaneamente. Muitas vezes tive oportunidade de escutar o que contava a velhinha já curvada pelo peso dos anos, dos primeiros tempos da colônia, fatos sempre confirmados com um menear de cabeça afirmativo pelo seu velho esposo, cujo rosto era emoldurado por vastas barbas brancas. (...) Na, was denne!, em seu dialeto saxônico, como se quisesse dizer: “Vocês não acreditam? Pois foi assim mesmo!” Mas deixemos contar a velhinha:

“A minha terra natal é a Saxônia, uma terra já naquela época pobre demais, para sustentar a população densa. (...) Havia pois muita miséria e nós não fazíamos exceção.

Foi pois com intenso júbilo, que escutamos um belo dia, que além-mar existia um grande país, chamado Brasilien, onde havia terras riquíssimas em profusão, quase de graça e onde a neve não paralizava as atividades quase 6 meses em seguida e a gente poderia trabalhar o ano todo, para construir o bem-estar da família. (...)”

E assim segue a suposta narração da história de vida deste casal, que teria residido num lote da Estrada do Sul, a quatro horas de viagem da sede da colônia

¹²⁶ Id, p 31

(próximo a Jaraguá do Sul) e que teria tido no trabalho na construção da Estrada do Sul, na Estrada Dona Francisca e nas ferrovias São Francisco – Joinville e Jaraguá-São Bento do Sul, a renda para sobrevivência da família. De fato, uma história bastante interessante e, que adquire *status* de verdadeira, dada a riqueza de detalhes.

A publicação desta narrativa, no momento em que se comemorava o centenário de fundação de Joinville, foi fundamental para fortalecer a identidade germânica que poucos anos antes enfrentara a dureza da proibição das escolas de língua estrangeira. E uma história como esta, de um casal que superou as adversidades, que teria perdido uma filha bebê por falta de alimentação adequada e recursos médicos, cuja mãe enfrentava onças e índios para garantir o leite e as plantações às suas crianças, de fato comove e aproxima os descendentes de imigrantes uns dos outros.

Mas também é um depoimento que perpetua, de certa forma, alguns preconceitos hoje já verificados como tal na historiografia de Joinville, como é o caso da relação dos imigrantes com os indígenas. A narração, uma vez mais, fortalece a hipótese do texto construído, recriado pelo historiador. Procurei verificar a existência da família citada por Schneider numa rápida consulta às listas oficiais elaboradas pelos Agentes de Imigração, já publicadas em livro¹²⁷. De fato, há quatro imigrantes com o sobrenome Scheidemann na listagem do Vapor Montevideu, que, de acordo com o jornal *Kolonie Zeitung*, chegou a São Francisco do Sul em 17 de junho de 1881. São eles Friedrich, 27 anos, sapateiro, lavrador, protestante, oriundo de Meuselwitz, de Alterburg, acompanhado de Anna Paulina (nascida Wietzler), 24 anos, mulher, e das filhas Ida de três anos e Martha com um ano e meio. A tradutora informa ainda em 4 de fevereiro de 1884, falecera a filha Bertha, aos dois anos, na residência na Estrada do Sul¹²⁸.

¹²⁷ S. THIAGO, Raquel; BÖBEL, Maria Thereza. *Joinville, os Pioneiros II: documentos e História (1867-1881)*. Joinville: Univille, 2005

¹²⁸ Id, p 552

Então, já em 1951, Adolpho Schneider usou narrativa recolhida para, através da história de uma família pioneira, reforçar a identidade germânica no centenário de Joinville. Ao mesmo tempo, se voltarmos ao início deste texto, o autor diz que se trata de uma “narrativa verídica romanceada”. Ele usou nomes, ou melhor, sobrenomes verdadeiros, que poderiam ser verificados posteriormente, além de cartas de imigrantes e notícias de jornais da época, para construir o texto. E interessante o fato de Schneider ter optado por uma narração do ponto de vista de uma mulher. Talvez tenha sido a primeira publicação local com a opinião de uma mulher sobre a colonização, mesmo que num texto construído por um homem, jornalista e historiador, protestante, descendente dos colonizadores, mesmas características da “heroína”, como ele a denomina. Mas essa escolha, do ponto de vista historiográfico, é importante, pois a essa época, Elly Herkenhoff ainda não era a respeitada historiadora que se tornou para a sociedade joinvilense e predominava sim o ponto de vista masculino. E uma prova desta intenção de Schneider é uma entrevista que ele concedera à historiadora Janine Gomes, onde falou dos motivos pelos quais havia poucas mulheres na Colônia e as que viviam no local, trabalhavam tanto quanto os homens, portanto, construtoras também da cidade:

O homem não ia sozinho para a roça, ele sempre precisava da mulher. As vezes também a mulher ia um pouco mais tarde, porque o homem ia na frente e já começava a trabalhar, e na hora do chamado frühstück, que era lá pelas 9:00 horas, 9:30 horas, ela vinha com uma cestinha com uma pequena merenda para o marido, e ela também ajudava em tudo, ela tinha que ajudar em tudo, serviço pesado¹²⁹

Além da valorização à figura feminina, Schneider deixa transparecer no seu texto um certo desdém ao elemento luso-brasileiro e não só por conta de ser um filho de imigrante, mas usando inclusive argumentos históricos para ratificar sua posição:

Os portugueses não traziam mulheres, então como eles queriam mulher, então eles simplesmente matavam os índios, para ficar com as mulheres. Acontece que naquela época, os colonos, se nós podemos chamar de

¹²⁹ SCHNEIDER, Adolfo Bernardo. **Entrevista concedida a Janine Gomes da Silva**. Joinville, 29 abr. 1996. Acervo: AHJ

colonos, porque o português não queria colonizar, ele queria apenas explorar. Explorar o país e voltar rico, voltar para casa, ele não tinha a intenção de ficar aqui. Os portugueses matando os índios homens, se apossaram das mulheres, e geralmente cada português tinha um harém de 15, 20 índias, e para ele serviam para plantar, para colher, e principalmente para ter filhos, os filhos chamados caboclos. Foi esse os primeiros brasileiros que nasceram aqui.¹³⁰

Tal posição anti-lusitana ainda é vigente em boa parte da sociedade joinvilense. No entanto, destacadas figuras públicas de origem luso-brasileira, se esforçaram para combater essa versão.

2.5 Carlos Gomes de Oliveira e a valorização do luso-brasileiro

Depois de uma série de historiadores que exaltam o elemento germânico na constituição de Joinville (o mais emblemático veremos na sequência), a “historiografia oficial” deve a Carlos Gomes de Oliveira a primeira e mais importante tentativa de mostrar o valor de outra etnia para o município: a luso-brasileira. E isso se deve basicamente à história de vida do autor. Joinvilense de nascimento, ainda no tempo do Império (12/10/1894), de família abastada para os padrões da época, Carlos Gomes enfrentou as dificuldades de convivência com os alemães da cidade, da infância à idade adulta, segundo deixa transparecer no seu livro, escrito já depois da longa vida política nacional, na aposentadoria desfrutada na vizinha cidade de Barra Velha. Seu principal livro escreveu próximo do seu centenário de vida, e denominou **Integração**¹³¹ por tentar integrar os temas nacionais, estaduais e locais em blocos temáticos, sobretudo destacando um tema a que, na vida pública, dedicou-se com afinco: a educação. Em 1994, recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal de Santa Catarina e, para a ocasião, teve publicada sua biografia, escrita pelo historiador também

¹³⁰ Idem

¹³¹ OLIVEIRA, Carlos Gomes de. **Integração**: estudos sociais e históricos – Joinville, Santa Catarina, Brasil. Florianópolis, Gráfica Canarinho, 1984

joinvilense Apolinário Ternes, com o apoio do Jornal *A Notícia* e da Editora da UFSC. Faleceu em Joinville, no ano de 1997.

Dos grandes nomes ressaltados na história política de Santa Catarina até os dias de hoje, mesmo com os avanços historiográficos, com certeza Carlos Gomes teve destaque importante, principalmente pela grande mudança na educação da época, durante o Governo de Getúlio Vargas, do PTB. Foram do catarinense, quando senador da República, a proposta de merenda escolar, adotada pela primeira vez em Santa Catarina, e o projeto de maior repercussão, que nacionalizou o ensino no país, proibindo o funcionamento das escolas de língua estrangeira, que, no caso de Joinville, eram a maioria. Eis aí outro grande tema de destaque da vida do autor em questão: a nacionalização.

Como político, executou diversos cargos públicos, desde inspetor de ensino, Secretário de Educação e Justiça do Estado em 1932, deputado constituinte, em 1933/34 e Senador, de 1951 a 1959. Primeiro bacharel em Direito nascido em Joinville, concluiu seu curso em São Paulo em 1918 e, ao regressar para Santa Catarina, segundo sua biografia¹³², deixou o sonho de chegar à Promotoria Pública para dedicar-se ao jornalismo (onde dirigiu o primeiro jornal local escrito em português: o *Jornal de Joinville*, criado em 1919) e depois à política. Antes de chegar ao Senado, foi vereador¹³³, depois prefeito municipal em 1927¹³⁴ e deputado estadual em 1928. Carlos Gomes organizou o Departamento de Assistência aos Municípios, no governo estadual de Nereu Ramos, o que teria funcionado como “uma espécie de processo modernizador da estrutura administrativa do governo estadual” e foi Presidente do Instituto Nacional

¹³² TERNES, Apolinário. **Carlos Gomes de Oliveira**: dossiê dos 100 anos. Florianópolis: UFSC; Joinville: A Notícia, 1994.

¹³³ Na época chamado de conselheiro consultivo municipal, cargo nomeado, não por meio de eleição direta como é hoje.

¹³⁴ Quando através da resolução 400 de 5/10, reconhece a utilidade pública da Associação Comercial e Industrial de Joinville, o braço empresarial da política local.

do Mate¹³⁵ de 1940 a 1944, a convite de Getúlio Vargas. Acompanhou o Estado Novo, participou do processo de democratização do país (1946 a 1964), tendo presidido a sessão da Câmara dos Deputados que deu posse ao presidente Jucelino Kubitschek, em 31 de janeiro de 1955. No período da ditadura militar, de 1964 a 1985, Carlos Gomes já não estava mais na política, mas, segundo a biografia¹³⁶, sempre se posicionou sobre ela. E lembrar que seu “batismo” na política foi a prisão de 20 dias no Rio de Janeiro, no movimento revolucionário que ficou conhecido como *Os 18 do Forte* e depois, a função de assessor e secretário do mais destacado político local: Abdon Batista, do Partido Republicano, outro luso-brasileiro¹³⁷. Esta prisão, segundo afirmou Carlos Gomes nas muitas entrevistas que concedeu sobretudo na sua aposentadoria, fora um engano, mas lhe serviu para mostrar a importância de atuar e não apenas observar os rumos do país.

É a partir da sua aposentadoria, na segunda metade da turbulenta década de 1960, que Carlos Gomes dedicou-se intensamente à pesquisa e, a partir dela, publicou seus livros históricos. O resultado de suas pesquisas – recortes de jornais e revistas, estudos, anotações, enfim, resultaram em cerca de 70 pastas de papéis, doados ao Arquivo Histórico de Joinville. O livro *Integração* acabou sendo o resultado de duas décadas de leituras, pesquisas e interpretações, sobretudo do que viveu na esfera pública e que, para ele, afetava diretamente a vida dos cidadãos. Publicado em 1985, quando Carlos Gomes chegara aos 91 anos de idade, a obra de fato critica a exaltação exacerbada ao germanismo em Joinville, mas não de uma maneira direta ou grosseira. Para ele, o fato de o país ter origem portuguesa e de norte a sul todos poderem aprender

¹³⁵ Para Joinville, isto era bastante importante, pois ainda que não produzisse erva mate, a cidade foi o maior ponto de beneficiamento da erva produzida no Planalto Norte e depois exportada através do Porto de São Francisco. Aliás, como veremos adiante, o grande motivo de desenvolvimento econômico de Joinville foi a erva mate.

¹³⁶ Como se vê na citação extraída do Jornal A Notícia In: TERNES, Apolinário. Op Cit, p 130

¹³⁷ No próximo capítulo, analisaremos o livro que trata exclusivamente desta figura pública.

e falar a mesma língua, era o grande sentido da “integração” Para alguns, como descreveu Apolinário Ternes, este livro é “uma reunião de sofisticado requinte sociológico dos vários temas que ocuparam as atenções do político e do historiador ao longo de toda a sua vida”¹³⁸. Antes mesmo da publicação desta, que foi considerada sua mais importante obra, Carlos Gomes de Oliveira já tinha o reconhecimento da intelectualidade catarinense, que, vale lembrar, sempre foi elitista. No Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, era membro desde 15/10/1929 e na Academia Catarinense de Letras, ocupou a cadeira número oito a partir de 24/11/1970.

Ainda que Carlos Gomes não fale em nenhum momento de uma orientação teórica para sua linha de pensamento, e mesmo o texto sendo escrito em terceira pessoa, é um livro declaradamente de opinião. É preciso ressaltar ainda que o escritor dedicara sua vida inteira à política, sobretudo aos temas da educação e da nacionalização, além de reforçar sempre que necessário a sua opção religiosa pela Igreja Católica, sendo compreensível, portanto, já no fim da vida, que defendesse estas idéias como seu legado à posteridade.

CRÍTICA AO GERMANISMO, DEFESA DA NACIONALIZAÇÃO

Fui constituinte e fiz com que se introduzisse um artigo na Constituição, determinando que o ensino primário só pudesse ser ministrado em língua portuguesa. Hoje vejo com satisfação que entre os descendentes de brasileiros, os caboclos, e os descendentes de alemães, não existe mais discriminação, pois à época, havia muita rivalidade.¹³⁹

Esta afirmação, em entrevista concedida ao Jornal *A Notícia*, deixa explícito o pensamento de Carlos Gomes de Oliveira, e que norteou todo seu **Integração**. Pensamento, aliás, que faz questão de afirmar na apresentação da obra:

O nosso esforço, pois, entrará no sentido de convencer, mais do que impor, das vantagens no uso da língua brasileira, porqu岸tos hajam nascidos no Brasil, sejam de que origem forem, e uso comum, como

¹³⁸ TERNES, Apolinário. Op Cit, p 19

¹³⁹ Id, p 37

língua própria, em casa, na rua, nos negócios, a toda hora em que a expressão de um pensamento requeira a articulação verbal.¹⁴⁰

A única orientação que afirma ter ao longo do texto é de “ser claro e não dizer demais nem de menos”. Para isso, completa, não buscou apenas o que já havia sido escrito até então em livros, mas “buscamos fontes originais, que nos permitam desvendar os meandros da história”¹⁴¹. Só não deixa claro que “fontes originais” são estas. Pela sua biografia, já mencionada anteriormente, deduz-se que sejam recortes de jornais e revistas, pois, àquela altura da vida, deduzo, os anos pesavam para a busca de fontes primárias distantes, como as conseguidas por Carlos Ficker, por exemplo. Mas homem bem relacionado e conhecedor dos arquivos públicos, segundo constataram os professores Afonso Imhof (Univille) e Alcides Buss (UFSC) no parecer sobre o livro, até então intitulado como “Árduos Caminhos da Integração Catarinense”, as fontes primárias a que se refere Carlos Gomes são os relatórios dos presidentes da província e um antigo relatório do Ministério da Agricultura.

Ainda na metodologia da apresentação, explica sua opção: “parece termos adotado método mais didático na explanação da matéria, distribuindo-a conforme o assunto – Território, Social, Economia e Política. Diferentemente do que o tem feito os autores, em geral, que o fazem sob critério cronológico.” Mostra domínio da leitura ao afirmar que o modelo escolhido para escrever o livro foi o mesmo de Roy Nash, em **A Conquista do Brasil**¹⁴². Aliás, este é só mais um das dezenas de autores citados ao longo do livro.

¹⁴⁰ OLIVEIRA, Carlos Gomes. Op Cit, p 8

¹⁴¹ Id, Ib

¹⁴² NASH, Roy. **A conquista do Brasil**. 1ª ed brasileira. São Paulo: Ed. Nacional, 1939.

Este autor estadunidense ao observar o Brasil com o olhar do estrangeiro, afirmou nesta obra: "portugueses, negros e índios, com o influxo no século XIX de povos mediterrâneos, gente vinda da Europa Central e de asiáticos, fundiram-se num Brasil de trinta milhões de habitantes". Para ele a miscigenação do povo brasileiro era uma fusão livre, sem qualquer entrave da lei ou dos costumes: "Aí, mais do que em qualquer outra parte do mundo, uma mistura dos tipos mais divergentes da humanidade está a injectar (sic) significado no igualitarismo da França Revolucionária e na solidariedade humana de filósofos e de proletários conscientes das diferenças de classes". E assim, na sua opinião, o destino tinha

Além de **Integração**, também no fim da vida, Carlos Gomes deixa gravadas inúmeras entrevistas e escritos diversos poemas. Sua participação na vida política nacional e local ainda gera controvérsias (como veremos no próximo capítulo), mas é inegável a importância de sua versão lusa para a história de Joinville, ainda que sob um ponto de vista elitista, que parte da autoridade para as pessoas comuns.

2.6 Apolinário Ternes – jornalista e historiador de prestígio

De todos os historiadores citados anteriormente, identificados com a “história oficial” de Joinville, o mais aclamado e respeitado certamente é Apolinário Ternes. Formado em História nas primeiras turmas da antiga FURJ (hoje Univille), o título sobre o qual discorreremos a seguir – **História de Joinville: uma abordagem crítica**, seu primeiro publicado, foi apresentado como trabalho de conclusão de curso em 1977, mas só publicado em 1981. Antes mesmo de ingressar na História acadêmica, Ternes já exercia o trabalho de jornalista (desde 1968). Em 1973, foi assessor de imprensa da Prefeitura Municipal de Joinville, trabalhando com o então prefeito Luiz Henrique da Silveira, do antigo MDB. Aliás, até os dias de hoje, Ternes permanece com esta proximidade ao político catarinense, amigo pessoal do atualmente Governador do Estado de Santa Catarina. De 1977 a 1979 foi diretor do Arquivo Histórico de Joinville e em 1978 fundou o jornal semanário *EXTRA*, cuja existência foi efêmera. Em 1979, começou a trabalhar no Jornal *A Notícia*, onde desempenhou as funções de repórter, editor e, editorialista até a recente mudança no jornal com a venda para o Grupo RBS. Neste mesmo diário, mantém um artigo semanal sobre os mais diversos assuntos,

erigido no Brasil "um laboratório social que há-de revelar o significado da "raça" e, ou confirmar ou desmentir para todo o sempre a superstição que a associação de raças muito diferenciadas implica a decadência" (p. 9).

priorizando a política nacional e catarinense. No seu currículo, soma-se ainda o magistério e a assessoria à direção geral da antiga FURJ.

Pela biografia, percebe-se que Ternes sempre teve uma grande proximidade com a administração pública de Joinville. Pela sua formação e profissão, imaginava-se então que, como o próprio título do livro em análise sugere, o autor traria de fato uma “abordagem crítica” da história de Joinville, principalmente ao enfatizar o uso de uma metodologia científica de análise historiográfica, ratificada nos prefácios da 1ª e 2ª edições e na Introdução. Explica o autor que “este livro desenvolve uma investigação fenomenológica da História de Joinville” e que, mesmo alinhando-se na corrente de Fernand Braudel e da Escola Francesa (Analles), foi a metodologia de Edmund Husserl (1859-1938) a sua base científica:

Assim, todas as análises e interpretações têm como premissa básica o acontecido, ficando, portanto, no terreno simples e objetivo da Lógica Pura dos Fatos. (...) A Fenomenologia cuida das significações. Assim, na História, o fato tem a sua dimensão do fato em sua essência e em seu significado. (...) Aplicada à História, passa a se constituir na “ciência descritiva das essências da Consciência pura”. (...) Pretende-se abordar a História de Joinville sob três enfoques distintos (...) validade científica, a simplicidade e a adequação com a finalidade¹⁴³

Ao ler a *Introdução*, pessoalmente registrei uma confusão no texto. Porque em dado momento a impressão que se tem é que fora escrito pelo autor; em outro, por uma terceira pessoa, mas que não é identificada. Na *Introdução*, há crítica ao trabalho de Ficker, por ser “extremamente dispersiva, carregada de detalhes, enfim, rica em considerações menores e, portanto, não valorosas à abordagem escolhida pelo autor”. No entanto, Ternes não apresentou fontes primárias inéditas. Pelo contrário, cita diversos autores, principalmente Carlos Ficker, para formular a sua teoria da supremacia e “espírito empreendedor” do imigrante colonizador de Joinville. Não percebi no corpo do texto integral o que está afirmado na introdução, que: “Pela primeira vez a História

¹⁴³ TERNES, Apolinário. **História de Joinville**: uma abordagem crítica. Joinville: Meyer, 1981 p 11-14

de Joinville, como talvez, pela primeira vez na historiografia catarinense, é apresentada segundo novas concepções metodológicas e sob rigorosas bases científicas”¹⁴⁴.

Vejamos os principais tópicos desta obra, a começar pela divisão dos capítulos, que dá a impressão de uma formulação braudeliana – de abordar o fato a partir das estruturas – muito mais até que a fenomenologia de Husserl¹⁴⁵.

A CONTAGEM DO TEMPO: HUSSERL OU BRAUDEL?

O primeiro capítulo fala da Europa de 1815 a 1850. Ternes destaca a importância das revoluções liberais nas cinco primeiras décadas do século XIX, o que para ele foram o “marco definitivo na história da humanidade”, e para o futuro de Joinville. Dá especial ênfase à Revolução de 1830 na França e o reinado de 18 anos de Luís Felipe, conhecido como Duque de Orleans, quando então destronada em fevereiro de 1848, a família real francesa é exilada para a Inglaterra. Antes, porém, o terceiro filho do rei francês, o Príncipe François Ferdinand Philipe, casara-se com a Princesa Dona Francisca – Françoise Caroline, em 1º de maio de 1843, no Rio de Janeiro.

Sem buscar ligação direta com Joinville, no Brasil, Ternes pula da França para os estados alemães e suas dificuldades econômicas no mesmo período. Destaque no texto para o senador Christian Mathias Schroeder, criador da Sociedade Colonizadora de Hamburgo em 1849, esta sim, diretamente ligada à Joinville, pois como já havia descrito Ficker em sua obra de 1962, o Senador negociou com o procurador do Príncipe de Joinville, Leonce Aubé, as terras dotais da Princesa Dona Francisca para colonização. Ternes, já neste primeiro capítulo, exalta as qualidades empreendedoras do Senador:

¹⁴⁴ Id. p15

¹⁴⁵ Tal orientação teórica já foi contestada mais recentemente em GRUNER, Clóvis. **Leituras matutinas:** utopias e heterotopias da modernidade na imprensa joinvilense (1951-1980). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2003 p 54-55

Era realmente uma grande empreitada, já que a concorrência dos armadores da Antuérpia, de Londres e do Havre atingia proporções gigantescas, mas este fato não esmoreceu o Senador, que planejou, organizou e executou um dos mais ambiciosos projetos de emigração e de colonização da América Latina, através da implantação da “Colônia Dona Francisca”¹⁴⁶.

Por dividir seus capítulos de forma temática e não cronológica – esta segunda uma característica marcante da chamada “história tradicional”, por vezes o leitor fica um pouco confuso. Por exemplo, ao apresentar os dados de Nelson Werneck Sodré sobre o crescimento da balança comercial de 1840 a 1890, Ternes cita a importância da Estrada Dona Francisca, entre as cidades de São Francisco do Sul e Rio Negro (esta no Paraná), uma das poucas trafegáveis no país de então. Mas não informa ainda as condições de sua construção ou por que ela era tão importante assim. Isso só será desvendado em capítulo posterior, específico sobre a economia de Joinville. Para os que conhecem a geografia da região, a citação é óbvia. Mas pensemos no leitor de outra região do país, que não conhecia Santa Catarina... Ainda no segundo capítulo, onde traça um paralelo entre a política e a economia brasileira, Ternes cita Caio Prado Júnior e seu livro **História Econômica do Brasil**, para explicar o fim do tráfico de escravos africanos em 1850, e com isso, o início da colonização com incentivo governamental. O autor faz uma crítica ao Governo do Brasil, que até aquele momento não dera importância aos imigrantes que já viviam no país e que isso só se modificara com a presença da Família Real e o processo de modernização. Daí em diante, cita as relações entre Brasil e Alemanha – que, é importante que se diga, não era unificada como atualmente, mas ainda dividida em estados, ducados e condados. Ou seja, na prática, não era apenas a relação institucional do Brasil com a Alemanha, mas do Brasil com cada Estado europeu, muitos de língua alemã.

¹⁴⁶ TERNES, Op Cit. p 35

A ÊNFASE À COLONIZAÇÃO ALEMÃ

O autor destaca a criação, em 1856, da Associação Central de Colonização (a grafia era assim mesmo!), que era obrigada a introduzir no Império do Brasil, em cinco anos, um total de 50 mil colonos “industriosos e moralizados”, frisa Ternes à página 52. O autor aponta – mas não diz a fonte – que no Brasil entraram cinco milhões de imigrantes, com “predominância de portugueses, italianos, espanhóis, japoneses e alemães” e que o crescimento do movimento emigratório deu-se a partir de 1850. E, enfim, um indício de ligação do quadro brasileiro com Joinville, numa clássica montagem de texto, na minha opinião braudeliana – da superestrutura para o fato isolado, no caso, a colonização de Joinville: “Efetivamente a política de colonização adotada pelo Império, não apenas expandira os cafezais do centro-sul, como representaria uma solução para o povoamento das terras do extremo-sul, esparsamente povoado por pequenos núcleos de colonização açoriana”¹⁴⁷.

O terceiro capítulo é destinado à história da “Província de Santa Catarina”. Chama a atenção de imediato a citação que abre este capítulo, escolhida pelo autor: “Em um Estado que vive a maior parte do tempo ocioso, não podem nascer homens de qualidades excelentes (Maquiavel)” !!! Bem, nesta parte do livro, Ternes relata as primeiras expedições a Santa Catarina que, segundo ele, “não passaram de visitas acidentais, sem nenhuma repercussão maior delas não resultando o estabelecimento de qualquer povoamento organizado”¹⁴⁸. Naquele momento em que escrevera este livro, década de 1970, talvez o autor não dispusesse das já conhecidas publicações sobre as populações organizadas indígenas nativas de Santa Catarina, como a declaração da

¹⁴⁷ TERNES, Op Cit, p 53

¹⁴⁸ Id, p 62

viagem do hoje bastante conhecido capitão Binot Paulmier de Gonneville¹⁴⁹, e tantas outras fontes primárias que tratavam das ocupações pré-coloniais em Santa Catarina. A meu ver, ainda que não com este propósito, Apolinário Ternes reafirma a teoria, hoje vencida historiograficamente, de que só a partir da colonização europeia é que o Brasil – e Santa Catarina, por extensão – tiveram sociedades organizadas. Tudo o que explicitaram as fontes primárias disponíveis na década de 1970 acerca das populações indígenas, são irrelevantes neste livro, aliás, sequer citadas.

Talvez, e isto é uma opinião pessoal, esteja aí a justificativa para a escolha da citação inicial: o modo de vida indígena pré-colonização, com a confecção de artefatos, cerâmica, rituais de sepultamento, enfim, comprovações arqueológicas da organização social, e também escrita, como o relatório de viagem de Gonneville acerca da organização social dos Carijós, para Ternes os nativos nunca evoluiriam para a “civilização” europeia colonizadora de então¹⁵⁰.

Enfim, sobre a história de Santa Catarina, Ternes narra como se deu a ocupação, a partir dos textos de outros historiadores catarinenses. Fala do que considera o fracasso da tentativa de colonização açoriana em Desterro e litoral, que só auxiliou a Capitania na “duplicação da população e, talvez, no aumento da miséria”, e assim, “acabava-se o século XVIII. Comenta rapidamente também, através de Carlos Ficker, a criação e o fim do Falanstério do Saí, na Baía da Babitonga, a primeira iniciativa de uma comunidade totalmente comunista no país, liderada por revolucionários franceses. Nem esta

¹⁴⁹ A tradução deste relatório de viagem focalizando apenas a parte referente à Santa Catarina foi publicada no Brasil em 1936 sob o título GONEVILLE, Binot. **Viagem à Província de Santa Catarina – 1820**: São Paulo: Cia Editora Nacional.

¹⁵⁰ É importante ressaltar que o Norte do Estado é uma das áreas com maior número de sambaquis do Estado, o que motivou inclusive a criação do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville e o permanente estudo destas civilizações pré-coloniais, como ressaltou a pesquisadora Maria José Reis: “Trata-se de uma história bem mais antiga, porém não menos importante. Incorpora-la permitirá ampliar o diálogo sempre inacabado entre o presente e o passado. Permitirá, sobretudo, fazer justiça histórica através do reconhecimento e da valorização de experiências de grupos que, por terem sido dominados no passado e viverem marginalizados no presente, são, com frequência, esquecidos ou excluídos da memória coletiva local e regional”, in **São Francisco do Sul**: muito além da viagem de Gonneville. Florianópolis, Edufsc, 2004. p. 67.

iniciativa audaciosa para a época motivou o autor¹⁵¹ a abordar outros tipos de “civilização” na Região Norte de Santa Catarina. Para ele, “somente a partir de 1850, quando se instalaram as chamadas “grandes colônias” no Vale do Itajaí e no Norte da Província, é que realmente Santa Catarina iniciaria o seu processo de integração, não apenas interno, mas ainda no contexto nacional, ao qual até ali, esteve fragilmente ligada”¹⁵².

A Sociedade Colonizadora de Hamburgo motivou o capítulo quarto inteiro. Ternes retoma em mais detalhes as negociações de Leonce Aubé com o Senador Mathias para a ocupação de “oito léguas quadradas para o estabelecimento da futura colônia”. Ao falar do contrato estabelecido entre as partes interessadas, o autor sugere que um ponto secreto do acordo poderia ser a denominação da futura colônia de “Joinville”, o nome do príncipe francês. Também constava no contrato a proibição pelos colonos do emprego de escravos negros “nas terras de Suas Altezas Reais”. Nesta época, como lembra o autor, a escravidão estava praticamente abolida no mundo ocidental, mas ainda era muito forte no Brasil, tanto que legalmente só deixou de existir em 1888. Ternes não fala da presença de escravos negros em Joinville, nem dá destaque aos que já viviam nas “terras de Suas Altezas” antes da chegada dos primeiros colonos, em 1851, principalmente luso-brasileiros e indígenas. Para o autor, o contrato estabeleceu mecanismos que comprovam que a Colônia não seria apenas a ocupação de espaços vazios, mas a implantação de “pólos de desenvolvimento”, de “grandes colônias”, como, aliás, eram conhecidas as colônias agrícolas de Blumenau e Joinville. Ele diz: “Desde o início, foram implantadas as bases, os fundamentos, para que as

¹⁵¹ Até mesmo Herkenhoff, como verificamos anteriormente, dera alguns indícios sobre o Saí. Por conta da emancipação de Joinville, a história do Falanstério é creditada à história de São Francisco do Sul e talvez por isso raramente apareça na historiografia de Joinville. Uma importante referência é S. THIAGO, Raquel. **Fourier**: utopia e esperança na Península do Saí. Blumenau: FURB; Florianópolis: UFSC, 1995.

¹⁵² TERNES, Op Cit, p 71

‘colônias’ se transformassem em núcleos urbanos organizados e não apenas experiências”¹⁵³.

É aqui que Ternes reconhece a diferença da política imigratória adotada pelo Brasil, se comparado ao processo que trouxe os açorianos nos anos de 1750: “Eles foram trazidos – os açorianos – e praticamente abandonados. Enquanto estes recebiam concessões, privilégios, atenções, financiamentos, aqueles, menos equipados cultural e tecnologicamente, foram simplesmente ‘esquecidos’ aqui” (grifo nosso)¹⁵⁴.

Logo em seguida o autor discorre sobre o descaso do Engenheiro Hermann Guenther para a preparação das instalações dos primeiros colonos e que, em virtude disso, o filho do Senador, Eduardo Schroeder, tomou as rédeas da situação, “ajudado, muito certamente pelos elementos das sesmarias existentes na região, inclusive pelos escravos destas fazendas, na medida do possível”¹⁵⁵. Ou seja, o autor não cita, mas para que os primeiros imigrantes pudessem ter o mínimo de estrutura para sua chegada, foi preciso ajuda de pessoas que já moravam naquelas terras, em outras obras adiante, veremos, tanto de São Francisco do Sul, quanto dos escravos e fazendeiros que habitavam as “terras de Suas Altezas”.

SUPREMACIA ALEMÃ: PRECONCEITO OU LEGITIMAÇÃO?

Diz Ternes, à página 100:

Somente uma firmeza psicológica devidamente amadurecida em quase noventa dias de viagem difícil e penosa, é que compunha um ponto de sustentação mental, de apoio moral, de abrigo emocional. E é esta firmeza psicológica que explica a permanência de quase todos os 118 emigrantes alemães em Joinville, enquanto 13 dos 74 noruegueses já retornaram com o Colón no final de março e quase todos os outros, os noruegueses, voltariam para o Rio até o fim de 1852, quando restavam aqui, então, apenas 9, dos 61 que decidiram ficar em março do ano anterior.

¹⁵³ TERNES, Op Cit, p 94

¹⁵⁴ Este comentário referente aos açorianos, tidos como “menos equipados cultural e tecnologicamente”, soa como um elemento preconceituoso, sobretudo quando veremos à frente, a explicação histórica-sociológica do autor acerca da supremacia alemã sobre os outros povos da Europa.

¹⁵⁵ Idem, p 98

Para o autor, o sentimento de manter-se firme em outra terra, de clima, animais e terreno diferentes, com pessoas de outras línguas, foi o grande diferencial dos imigrantes alemães que chegaram a Joinville, em comparação com os de outras etnias, mesmo que, estes outros tivessem mais conhecimento técnico e intelectual, como ele mesmo ressaltou:

(...) é fácil perceber que a qualificação dos emigrantes noruegueses, é superior aos alemães vindos com a barca Colon. Efetivamente, os noruegueses possuíam qualificações técnicas superiores aos alemães, que, em sua maioria, eram lavradores, enquanto entre os noruegueses deparamos com médico, tecelões, pedreiros, padeiro, alfaiate e marceneiros¹⁵⁶.

Então, segundo Ternes, os que permaneceram e enfrentaram as inúmeras adversidades locais (mesmo que sempre auxiliados financeiramente pelo Império e pela Sociedade Colonizadora) conseguiram este feito pelas suas características psicológicas, herdadas por gerações anteriores que cultuavam severamente o trabalho. Não à toa, no Capítulo V, escolhe a seguinte citação para apresentar o período de adaptação e a “construção do destino”: “A vida desses homens se passava no trabalho árduo e eles estavam contentes com ela. (Tolstoi)”. Nas páginas seguintes, Ternes cita o que Ficker já mencionara no seu livro: o longo artigo do Comércio do Rio de Janeiro, onde o Coronel João Vieira descreve minuciosamente as atividades desenvolvidas na Colônia Dona Francisca, em 1852 (as divisões na cidade entre as etnias, a produção rural, as manufaturas urbanas etc¹⁵⁷), a importância do imigrante Ottokar Döerffel, criador do *Kolonie Zeitung*, o mais duradouro jornal da Colônia em língua alemã¹⁵⁸, o início da construção da Estrada da Serra e demais vias terrestres¹⁵⁹, a transformação da colônia em cidade, assunto este que ocupa todo o sexto capítulo.

¹⁵⁶ Id p 99

¹⁵⁷ Id, p 112

¹⁵⁸ Id, p 114

¹⁵⁹ Id, p 121

Quero finalizar abordando a grande teoria defendida neste livro, no Capítulo VII. Intitulado “*A formação sócio-histórica do anglo-saxão e as diferenças com o elemento nacional*”, Ternes busca em ciências auxiliares à História, além dos “fatos, dos documentos, dos registros”¹⁶⁰, explicações para o “espírito empreendedor”, a “vocação ao trabalho” do povo germânico, e, ao mesmo tempo, o atraso do povo brasileiro. Explica o autor:

O que desejamos realizar é definir, em suas dimensões mais largas, as estruturas da formação histórico-humana da sociedade brasileira. (...) Somente através do levantamento dos pontos de referência da formação racial e psicológica do elemento nacional, comparando-o com o elemento anglo-saxão que se radicou neste espaço geográfico, é que encontraremos, visível e facilmente, as explicações para o processo histórico aqui desencadeado, tão peculiar, tão personalisticamente diferente do que se registrou nos demais territórios da comunidade nacional brasileira.¹⁶¹

Ele começa dizendo que o Brasil, pela sua descoberta e colonização, tem suas raízes profundas na civilização portuguesa, encontrando na Península Ibérica, “quase todas as suas identificações, suas heranças, suas virtudes e seus aspectos negativos e positivos”¹⁶². Cita os mais distintos grupos étnicos que ao longo dos séculos invadiram e povoaram a Península Ibérica, sendo esta, para Ternes, resultado “deste caldeamento, desta interpenetração de raças e de culturas”. Para reforçar sua tese, cita Gilberto Freyre, em *Interpretação do Brasil*, sobre a diversidade antropológica portuguesa¹⁶³:

(...) um dos aspectos mais significativos da psicologia dos povos da Península Ibérica, fruto de suas milenares (sic) heranças, é o total desligamento de preocupações de caráter material, ou de trabalho físico. (...) Aliás, como na antiguidade clássica, o trabalho manual é quase um rebaixamento da condição humana¹⁶⁴.

Outro importante autor citado para embasar ainda mais a tese pelo desgosto ibérico ao trabalho, é Sérgio Buarque de Holanda, em **Raízes do Brasil**. Para Ternes,

¹⁶⁰ Id, p 167

¹⁶¹ Id, p 168

¹⁶² Id, p 171

¹⁶³ Além desta obra, a mais conhecida, *Casa Grande e Senzala*, onde é defendida a tese da pacificidade do “brasileiro”, da boa convivência entre o senhor e seu escravo, vem sendo duramente combatida por inúmeros intelectuais da atualidade, como a filósofa Marilena Chauí.

¹⁶⁴ TERNES, Op Cit, p 172

são esses traços ibéricos que impediram o Brasil, por séculos de “construir a sua história”. O fato de cada capitania ter autonomia, sobretudo na questão administrativa, sem “qualquer vínculo ou qualquer elemento de solidariedade” com outras províncias, faz com que a “insolidariedade” seja um elemento nacional¹⁶⁵.

Já com relação aos alemães, argumenta Ternes, a situação é oposta¹⁶⁶. Ao citar o autor Charles Bonnefon no livro **História da Alemanha**, Apolinário quer mostrar como “um estado de selvageria permanente em que viviam por séculos os povos bárbaros nórdicos transformou-se numa nação, numa potência econômica, força cultural e ser palco de duas Guerras Mundiais”¹⁶⁷. Para o historiador joinvilense:

O que precisamos captar, é que as tradições culturais e políticas dos povos ingleses, estes sim, com desenvolvimento político, com cultura, com heranças de vivência urbana quase milenares, próximos geograficamente, deram sua contribuição para o processo civilizatório alemão e, principalmente, influenciaram e muito os alemães que deixaram a Europa rumo às Américas, tanto do Norte, quanto do Sul.¹⁶⁸

Ele prossegue dizendo que foi a perspectiva da liberdade, de um povo cansado de guerras que motivou os alemães a deixar seus “campos de guerra, suas cidades superpopulosas, em busca da paz e da segurança. Mesmo que esta tivesse que ser construída, o foi aqui em Joinville, sob o preço de um trabalho extraordinário, quase sobrehumano nos primeiros meses de instalação”¹⁶⁹ (sic).

Então, para o historiador, os imigrantes que chegaram a Joinville, muito além do permanente apoio financeiro governamental e da Companhia de Colonização, só transformaram o local na maior cidade (em população, em produção econômica, enfim) graças à cultura anglo-saxã e do espírito guerreiro dos povos bárbaros, herdados dos

¹⁶⁵ Id, p 174

¹⁶⁶ Nota-se que raramente o autor cita os germânicos, estes específicos da hoje Alemanha. Normalmente fala em alemães, que na época designava todos os que falavam alemão: suíços, noruegueses, germânicos. No entanto, essa diferenciação, para o leitor comum, não fica clara, dando a entender que os alemães a que se refere o autor, são apenas e tão somente, os imigrantes do atual território alemão, sem levar em conta as diferenças regionais dos estados.

¹⁶⁷ Id, p 180

¹⁶⁸ Idem, p180-181

¹⁶⁹ Id, Ib

antepassados. Entendo como preconceituosa a afirmação, ainda que baseada em Oliveira Viana¹⁷⁰, de que o brasileiro sempre espera pela benfeitoria do Governo, que não toma iniciativas, enquanto os imigrantes alemães, “bafejados pelas influências inglesas e de outros povos adiantados da Europa, sentiam que a missão do cidadão é fiscalizar o Governo”¹⁷¹.

Acredito que em 1851 os imigrantes não fiscalizavam governo nenhum, e sim também recebiam auxílio – mesmo que não de todo – deste mesmo governo para sua estruturação física na nova terra. A meu ver, a colonização européia da segunda metade do século XIX no Brasil foi uma via de mão dupla: o Império queria terminar com a escravidão para poder contar com benefícios estrangeiros, principalmente da Inglaterra, na compra de produtos primários, como o café brasileiro, melhorar a sua “aparência” no cenário nacional, branqueando a população, sobretudo embalado pelas teorias raciais, como a de Oliveira Viana, e ampliar as relações comerciais com outros países europeus. E os imigrantes, motivados pela crise política e econômica deflagrada em 1848 e pelas ostensivas campanhas das Companhias Colonizadoras, de iniciar uma nova vida com a promessa de fartura, emprego e terra própria. Aí é possível diagnosticar a má fé das companhias colonizadoras, em divulgar benfeitorias que não existiam, como aconteceu com os imigrantes que chegaram a Joinville. No entanto, e as cartas disponíveis no AHJ mostram isso, bem como livros publicados sobre a imigração desde a década de 1970, dão conta que já nos primeiros anos essa situação era conhecida pelos imigrantes na Europa, que mesmo assim, continuavam vindo para a América.

Fica a pergunta: será que se os primeiros colonos açorianos, “abandonados” no litoral catarinense e rio-grandense como bem afirmou Ternes, não teriam também

¹⁷⁰ Teórico nacionalista da década de 1920, defensor da tese de que o brasileiro é fruto do português, indígena e negro e por isso, de raça inferior. Um exemplo é o título VIANA, Oliveira. **Raça e assimilação**. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1932.

¹⁷¹ TERNES, Op Cit, Ib

“progredido”, como entende o autor, se tivessem recebido o mesmo estímulo que os italianos, suíços, noruegueses, germânicos, entre outros, tiveram um século mais tarde? Não teriam os açorianos também capacidade de criar tantas instituições organizativas econômicas, políticas e sociais, como as criadas nas colônias de Blumenau e Joinville? Pessoalmente, acredito que sim, e como argumento, lembro o potencial naval e bélico da Península Ibérica no período das grandes navegações. Não faltou àquele povo cultura, ciência e “empreendedorismo” em desafiar os mares desconhecidos. Mas este não é um trabalho de análise do perfil social ibérico, e sim de obras historiográficas. Por isso, para encerrar minha análise sobre este primeiro livro de Ternes, ressalto a tese defendida pelo autor sobre a “vontade germânica pelo trabalho”, também pela escolha (e história é escolha!) de algumas citações, como esta, no capítulo VIII, destinado especificamente à Gênese do Poderio Econômico: “Deus fez do trabalho a sentinela da virtude (Confúcio)”.

Neste capítulo, Ternes inicia reafirmando seu compromisso metodológico e teórico: “nosso objetivo é a análise mais abrangente possível da história de Joinville. Uma crítica à História”¹⁷². No entanto, ao chegar ao final do livro, não detectei nenhuma crítica à história de Joinville conhecida até então, principalmente se levarmos em conta o livro de Ficker, a maior referência local da época. A diferença de Ternes para Ficker é que o primeiro opinou mais, buscou em autores nacionais e internacionais explicações para ratificar suas opiniões, sobretudo ao “empreendedorismo joinvilense”, enquanto o segundo ateu-se na descrição minuciosa dos fatos da história local a partir de documentos primários que buscou, inclusive fora do país. Qual a nova fonte, ou novo fato histórico apontado por Ternes nesta “crítica”? Não encontrei nenhum. Apenas um

¹⁷² TERNES, Op Cit, p 201

texto bem escrito e mais opinativo dos editados até então . Mas como história também é opinião, até aí nenhum problema.

Vale lembrar que, quando escreveu esta obra, Ternes já dirigia o Arquivo Histórico de Joinville e tinha acesso a muitas fontes que, embora não citadas em seu trabalho, ajudaram a constituir essa idéia do sentimento alemão empreendedor. Imagino – e aí não tem como ser diferente, pois não é citado – que entre essas fontes esteja o Álbum do Centenário, editado pela Municipalidade e pela Sociedade Amigos de Joinville para as comemorações do centenário da chegada dos primeiros imigrantes – 1951, quando, como trabalhos historiográficos mais recentes explicitam, criou-se na cidade o grande culto ao germanismo¹⁷³. Também se já não tinha criado, Apolinário Ternes estava viabilizando o jornal semanário *EXTRA*, que trazia, em praticamente todas as edições, citações de exaltação ao trabalho e ao fortalecimento econômico local¹⁷⁴.

Ternes escreveu mais de 20 livros. Salvo alguns específicos e interessantes de crônicas e poemas, todos os demais tratam da história de Joinville – seu povo, sua economia, sua imprensa. Apesar de enfoques diferenciados, não visualisei em nenhum dos textos deste autor qualquer diferença teórica, metodológica ou mesmo ideológica desta primeira obra, que é, vale ressaltar, a grande referência historiográfica da cidade, tendo sido esgotada a 1ª edição e publicada brevemente a 2ª. Apolinário Ternes tem o respeito dos historiadores e dos jornalistas, mas sobretudo da classe política e empresarial. Pudera: seus livros foram vigas mestras na construção de uma memória coletiva e um sentimento de pertencimento a uma etnia “forte”, a um povo que é exemplo para o país de união e desenvolvimento. Ao menos nos seus livros. O que, já

¹⁷³ Veremos, no capítulo seguinte, a leitura feita pela historiadora Janine Gomes da Silva sobre a comemoração do Centenário (1951) em contraposição aos efeitos da Campanha de Nacionalização de Getúlio Vargas (1935).

¹⁷⁴ Outro historiador, Clóvis Gruner, pautado também no próximo capítulo, constatou esta situação.

vem sendo, há alguns anos contestado. A começar pela grande influência luso-brasileira na cidade: os joinvilenses que alcançaram os maiores cargos na nacional não têm origem germânica, mas portuguesa: Carlos Gomes de Oliveira, Procópio Gomes, Abdon Batista, Luiz Henrique da Silveira.

CAPÍTULO III

Trabalhos temáticos da historiografia joinvilense

O desenvolvimento da historiografia está sempre na dependência da utilização e controle de fontes, do aperfeiçoamento da pesquisa e dos métodos, da capacidade interpretativa, da compreensão.
JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES¹⁷⁵

Conforme vimos na *Introdução* deste trabalho, as novas visões teóricas que ainda baseiam boa parte da historiografia mundial são antigas, têm quase um século, e foram motivadas, sobretudo, pela Escola dos *Annales*, a partir de 1929. Em Santa Catarina, no entanto, somente com a criação dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em História é que essas múltiplas possibilidades de se ver e escrever a História começaram a aparecer, ressaltando-se a delimitação de objetos temáticos de estudo, que fogem dos padrões ditos “tradicionais”. Surgem com força outras possibilidades de fontes, como a História Oral¹⁷⁶, a revisão das fontes já consultadas, sobretudo as tidas

¹⁷⁵ RODRIGUES, José Honório. **Teoria da história do Brasil**: introdução metodológica. 4ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978 P 122

¹⁷⁶ Percorrendo a historiografia de Joinville uma das questões que me chamou a atenção é que a História Oral, como metodologia de pesquisa e análise, só recentemente tem sido utilizada nos escritos da história da cidade. Um fato no mínimo curioso, pois já em 1981 as professoras Raquel S. Thiago e Dúnia de Freitas, ambas do Curso de História da Univille, participaram de curso para formação de diretores de laboratórios de história oral, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e promovido pela Organização dos Estados Americanos (OEA). No mesmo ano conseguiram aprovação para a implantação de um laboratório com este fim na universidade que, no início, centrava-se no projeto *Prefeitos de Joinville*, imprimindo uma linha de pesquisa voltada para a história política com base na voz das lideranças, seguindo o modelo do CPDOC. Este fato é para o Curso de História da Univille, motivo de orgulho, pois é considerado como uma das instituições pioneiras em história oral no Brasil. “Várias

como oficiais produzidas por governos, e sua confrontação com uma gama interminável de outras, como a pesquisa em cartórios, em delegacias, arquivos de famílias, cartas, fotografias e, mantendo-se como uma privilegiada fonte que retrata a sociedade de seu tempo, **o jornal**. Todas são possibilidades de se conceber a História através das representações da sociedade. E, ao fazê-lo cada vez mais aumentam os questionamentos, como sugere José Carlos Reis:

Pensar é perguntar continuamente, transformando possíveis soluções em novos enigmas. (...) Não é cortar o nó górdio com a espada, de forma impaciente, autoritária e violenta, mas desata-lo serenamente, fazendo a sua teoria. Pensar, enfim, é problematizar um objeto bem demarcado, criar hipóteses, testa-las. Depois, procurar articular um discurso sobre esse objeto em linguagem clara e comunicável, debatendo-o publicamente, iluminando-o sob diversos ângulos, percebendo-o em suas mudanças no tempo, para ver esse objeto tornar-se um enigma ainda maior! Haverá um final feliz para tais interrogações?¹⁷⁷

E Joinville está sendo pensada, ainda que a produção deste pensamento não seja conhecimento de todos. A recente produção historiográfica temática sobre a cidade,

circunstâncias fizeram com que o Laboratório ficasse desativado por alguns anos, apesar do reconhecimento da sua importância pelos professores do departamento de História”, explica a apresentação do Catálogo de História Oral. Vale destacar ainda que não só este, mas vários laboratórios de História Oral foram relegados a planos inferiores, muitos dos quais tendo seu acervo dilapidado, como aconteceu com o laboratório do Curso de História da UFSC. No entanto, entendo que a ausência destes laboratórios, aqui principalmente o da Univille, não seria um fator impeditivo para o estudo e aplicação desta metodologia aos trabalhos historiográficos de Joinville, pois, com exceção dos historiadores considerados “tradicionais” e que pouco inovaram no método de pesquisa e análise nas últimas quatro décadas, a “nova geração” de profissionais, a maioria com pós-graduação na área, conhecia estas possibilidades de pesquisa. Ao contrário, foram as novas abordagens da história e a inquietação pelo “oficialismo” que levaram os historiadores a buscar nas fontes orais mais elementos para (re)construir o passado de Joinville e mostrar que ainda há muita história para ser contada. Ainda que o tempo modifique as opiniões e lembranças que o indivíduo tem a respeito de determinado acontecimento, a subjetividade dos depoentes permite perceber a pluralidade que cada contexto histórico pode apresentar. São essas representações - que os entrevistados constroem sobre os fatos vividos ou lembrados - a grande contribuição da história oral para a permanente (re)leitura do passado. É como um quebra-cabeças: a história oral não cobre lacunas deixadas pelos documentos escritos, tidos ainda hoje por muitos historiadores como as fontes “confiáveis”. Ela é tão confiável quanto as demais fontes, pois o trabalho rotineiro do historiador é a crítica permanente e a análise do material pesquisado. Não se trata de uma simples contraposição das fontes orais com as escritas, mas de complementação, associação, de soma, como sugere Garrido (RBH, n° 25/26, 40). E cabe ao historiador, dentro do objeto da sua pesquisa, escolher as “peças” que constituirão seu “quebra-cabeças”. Sobre História Oral, há muita boa leitura (veja referências bibliográficas) e boas iniciativas também, como se percebe em muitos dos trabalhos apresentados nos Ciclos de Debates sobre História Regional, promovidos pelo o Curso de História da Univille há mais de uma década.

¹⁷⁷ REIS, José Carlos. Op Cit, P 97-98

sobretudo a partir da década de 1980, é uma prova disso. Algumas demonstrações desta efervescente fase historiográfica veremos a seguir.

3.1 O mundo dos trabalhadores na cidade do trabalho

Joinville é uma cidade reconhecidamente industrial, o que significa existirem milhares de operários trabalhando para isso, tão ou mais importantes que os proprietários das empresas. A vida destes trabalhadores nos mais diversos ramos da atividade econômica local não fora motivo de pesquisas historiográficas nos trabalhos citados no capítulo anterior. São, no entanto, o principal objeto para os historiadores considerados temáticos. Em virtude do trabalho na cidade, inúmeras frentes de pesquisa vêm sendo realizadas.

No ano 2000, a Editora da Univille publicou um título que resumiu algumas destas frentes de pesquisa temática local. **Em Histórias de (i)migrantes: o cotidiano de uma cidade**¹⁷⁸, estão artigos que sintetizam alguns dos trabalhos de fôlego desenvolvidos por professores do Curso de História da Univille, desde o início da imigração, a vida das mulheres, a saúde, as greves, a Campanha de Nacionalização, até os movimentos de resistência à ditadura militar nas décadas de 1960 e 1970. Algumas temáticas parecem repetir o que os historiadores do capítulo anterior dedicaram-se, como a colonização e as perseguições com a nacionalização. No entanto o que prevalece em todos estes textos são as histórias de vida, os “cotidianos” das pessoas comuns e os métodos de pesquisa histórica, com ênfase à História Oral, a busca de fontes documentais consideradas não oficiais. O livro é, sem dúvida, uma boa referência do que está sendo produzido historiograficamente em Joinville, mas, até por sua limitação,

¹⁷⁸ GUEDES, Sandra P. L. de Camargo (org) **Histórias de (I)migrantes: o cotidiano de uma cidade**. Joinville: Univille, 2000

não abraça tudo. Muito antes desta publicação, outras pesquisas já vêm discutindo as “histórias” de Joinville, de seus trabalhadores, de seus movimentos sociais, culturais e de sua organização.

3.1.1 As greves do início do Século XX

Uma das precursoras quando o assunto é a história dos trabalhadores é a professora Iara Andrade Costa, que antes mesmo da defesa de sua dissertação de Mestrado pela UFPR em 1996, já escrevia sobre os trabalhadores¹⁷⁹. Mas foi com a pesquisa para o Mestrado que a professora mostrou um universo até então apresentado apenas em notícias esporádicas de jornais, mas que, ordenado num texto coeso, mostrou a organização dos trabalhadores e a sua força de contestação desde o início do século XX, mesmo quando o sistema político e econômico vigente, através de “seus historiadores” diziam o contrário:

Os trabalhadores, muitas vezes caracterizados como protagonistas menores, imaturos, desorganizados e passivos de qualquer processo, deixaram que as classes dominantes e o Estado assumissem o papel de sujeitos históricos “naturais e necessários” do tão propalado desenvolvimento nacional. Os conflitos são escamoteados pelos poderes constituídos, dando a idéia de harmonia, legitimando as relações entre capital e trabalho e concebendo uma sociedade ordeira e progressista.¹⁸⁰

Para esta pesquisa, todos os jornais que circulavam em Joinville no período estabelecido, foram a principal fonte da historiadora. Ela assim explica sua escolha:

Fazendo uso dos registros da imprensa local, este trabalho resgata o discurso da elite joinvilense que, utilizando-se do lema: “dividir para melhor controlar”, inviabiliza a integração regional e exclui a maioria da população. Através de uma releitura desse discurso, procura-se demonstrar suas incoerências, colocar à tona aquilo que pretendiam negar e, sobretudo ressaltar os mecanismos de controle das manifestações operárias nele contidos.

Por outro lado, este trabalho também ressalta que esta população “calma, disciplinada e ordeira”, como querem fazer crer as elites, resiste aberta ou veladamente às tentativas de controle de suas ações e de submissão às regras da acumulação de capital¹⁸¹

¹⁷⁹ COSTA, Iara Andrade. **Os movimentos paredistas de Joinville: 1979-1985**. FURJ/UFPR, 1989.

¹⁸⁰ _____. **A cidade da ordem: tensões sociais e controle (Joinville 1917-1943)**. Mestrado em História. Curitiba: UFPR, 1996 P 9-10

¹⁸¹ Id, P 10-11

Já no início, explicita sua orientação teórica em Thompson¹⁸², sem entrar na abordagem cultural feita pelo autor inglês: “Buscando a totalidade, através das vias institucionalizadas, e usando-se de conceitos e métodos de Thompson, procurou-se sinais de descontentamento na sociedade joinvilense que mostrassem como esta ordem era fragmentada nas suas capilaridades, reconstruindo, assim, a trajetória das questões sociais em Joinville, cidade “da ordem e do trabalho”¹⁸³. Para isso, segundo a historiadora, os periódicos foram essenciais. Ela não se propôs a observar a imprensa em si, mas de que forma os jornais apresentavam os temas locais. Iara Costa lamenta pouco haver de imprensa sindical, de origem dos próprios trabalhadores, onde estaria ali a opinião de parte significativa das categorias, que, segundo ela, foram vozes silenciadas pela oficialidade. Mas os jornais não foram a única fonte. Para mostrar dados mais específicos dos trabalhadores, buscou os dados dos recenseamentos. Foi por aí que constatou que nos festejos dos 75 anos de Joinville: “Dos trabalhadores das fábricas, cerca de dois mil operários trabalhavam na cidade e tinham domicílio nas zonas rurais”¹⁸⁴.

É neste contexto, principalmente depois da vinda do presidente Getúlio Vargas em 1940, que Iara Costa destaca a moldagem da sociedade para o progresso. Explica a historiadora:

Campanhas eram feitas via imprensa e outros meios de comunicação para que o povo fosse educado para uma verdadeira economia, com benefícios próprios e da coletividade. Para tanto, estimulava-se a poupança, mas alertava-se que a economia era necessária para o progresso, desde que não ficasse guardado em “baús dentro de casa” onerando o país e tirando o dinheiro de circulação. Para que esta economia fosse eficaz deveria ser depositada nos bancos para o progresso, assim como se fazia nas grandes nações¹⁸⁵.

¹⁸² THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

¹⁸³ COSTA, Op Cit, P 12

¹⁸⁴ Id, P 33

¹⁸⁵ Id, Ib

Era o caminho da modernização a que Joinville não podia ficar de fora. E não ficou. Mas essa modernidade não trouxe apenas a riqueza dos empresários e a beleza aos moldes europeus e que por si só, já era um elemento convidativo para migrantes acreditar numa vida melhor na cidade. Segundo Iara Costa:

Aqueles que vinham de outras regiões para trabalharem, deslumbravam-se pelas maravilhosas condições do centro da cidade. A miséria, o empobrecimento e a Joinville “fria”, continuava guardada a “sete chaves” nos seus rincões de bairros afastados, que não possuíam flores, bicicletas ou histórias de príncipes e sim palafitas nos mangues, sem infra-estrutura, esgoto a “céu aberto” correndo rumo à Baía da Babitonga (...) ¹⁸⁶

Mas mesmo que escondida para fins de divulgação institucional do Governo local, essa realidade fora registrada pela imprensa local, conforme a própria historiadora constatou. Um exemplo foi uma série de entrevistas feitas pelo Jornal A Notícia em 1941, onde, motivados pelos conflitos internacionais, os entrevistados foram instigados a opinar sobre suas situações locais. O que se verificou, segundo registrou a historiadora em sua Dissertação, foi uma Joinville pouco “florida”: com problemas de habitação, carestia de gêneros alimentícios e impostos, baixo salários e a crescente mendicância ¹⁸⁷. Ou seja, os mesmos conflitos sociais que Theodor Rodowicz-Oswiecimsky registrara nos primeiros meses da Colônia, agora, na Joinville de 1941, só aumentaram em larga escala, conforme noticiaram os jornais – não com estas palavras – e interpretou a historiadora Iara Costa.

3.1.2 A voz dos migrantes

Quando o assunto relativo aos trabalhadores de Joinville é MIGRAÇÃO, uma das principais técnicas utilizadas vêm sendo a História Oral. Um exemplo disso é a Dissertação de Valdete Daufemback Niehues, defendida em 2000 na UFSC e que

¹⁸⁶ Id, P 40

¹⁸⁷ Id, P 96-99

analisou a trajetória de agricultores nas décadas de 1970 e 80 que se tornaram operários em Joinville.

“Foram entrevistados homens e mulheres, que desencantados com a lavoura, ou seduzidos pela cidade, trocaram as atividades do campo pelo trabalho na fábrica.(...) Acostumados com uma vida simples dentro de um círculo de relações restritas e estáveis, esses migrantes, diante da complexa teia que encontraram na cidade, trilharam por diferentes caminhos para reelaborar os valores e garantir a sobrevivência”¹⁸⁸

Para a pesquisadora a História Oral é algo instigante, pois alguém “entrega” o seu passado a outro, que na maioria das vezes, é desconhecido. “Muitos dos entrevistados referiram-se à importância da entrevista, porque nunca tinham tido a oportunidade de falar sobre suas vidas. Ninguém havia se interessado pelas suas histórias”, comenta. Através das entrevistas a historiadora percebeu o caráter repressor do espaço fabril onde predomina o trabalho feminino, bem como a angústia imposta pela disciplina do trabalho para ambos os sexos. Ainda assim, conclui a pesquisa, o trabalho na fábrica foi considerado pela maioria dos migrantes uma atividade leve, se comparada com a do campo¹⁸⁹

Neste trabalho, além das entrevistas, a autora pesquisou os jornais da época em Joinville e percebeu os diferentes objetivos por trás das notícias de cada veículo impresso:

Dentre todos, o EXTRA foi aquele que dedicou número significativo de matérias e reportagens envolvendo a problemática do migrante. Criado com o apoio do MDB (Movimento Democrático Brasileiro) em oposição ao A Notícia, o referido jornal circulou na cidade entre 1978 e 1987, quando foi extinto. Considerado na época um veículo de comunicação combativo, pela forma polêmica com que abordava os temas, é de importância fundamental para o historiador que trabalha com pesquisas voltadas para a questão popular, pois contém informações “silenciadas” por outros jornais da cidade¹⁹⁰.

¹⁸⁸ NIEHUES, Valdete Daufemback. **De agricultor a operário: lembranças de migrantes**. Mestrado em História. Florianópolis: UFSC. 2000. Resumo

¹⁸⁹ Id, P 230

¹⁹⁰ Id, P 3

NIEHUES buscou ainda os periódicos de fábrica onde os trabalhadores eram apresentados como produtores de riqueza da nação além de beneficiários da empresa. E no Livro Tombo no Arquivo da Igreja Cristo Ressuscitado, na qual a Teologia da Libertação teve atuação significativa, observou os registros que influenciaram as ações de trabalhadores que freqüentavam a igreja, sobretudo sua participação em sindicatos organizados. E também este trabalho foi escrito para se contrapor à historiografia tradicional local: “A proposta de dar voz ao trabalhador e devolver a sua história, significou dar visibilidade às contradições no mundo do trabalho encobertas pelos cânones da história tradicional”¹⁹¹.

3.1.3 Estudos marxistas dos sindicatos de trabalhadores

Em 2003, o trabalho que exerci como assessora de imprensa da Intersindical dos Eletricitários de Santa Catarina – Intercel – e o fato de já morar em Joinville me levaram à história desta categoria na cidade. Procurei reconstruir a trajetória do Sindicato dos Eletricitários de Joinville – Sindinorte¹⁹², a partir do organizado (para minha sorte) arquivo que a entidade dispõe ainda hoje, desde sua criação. O destaque foi para a grande campanha contra a privatização na década de 1990, que ganhou a adesão de sindicatos de diversas outras categorias, sobretudo do serviço público, contra o Programa Nacional de Desestatização implementado neste período. A principal orientação teórica foi Edward Thompson e outros estudos de orientação marxista. Até onde sei, este TCC é o único trabalho que buscou traçar a trajetória histórica de um sindicato de trabalhadores de Joinville. Mas o tema continua na pauta acadêmica.

¹⁹¹ P 233

¹⁹² MATHYAS, Alessandra da Mota. **Do conformismo à luta contra a privatização**: elementos para uma história do Sindicato dos Eletricitários do Norte de Santa Catarina. Trabalho de Conclusão da Graduação em História. Florianópolis: UFSC, 2003

A mais recente dissertação que aborda os trabalhadores da cidade foi defendida em 2006 por Giane Maria de Souza¹⁹³. Nela a autora analisa o que chama de “concatenação” histórica entre o surgimento do Sindicato dos Têxteis (1939) e o reconhecimento do Sindicato dos Mecânicos e Metalúrgicos (1942) na cidade, durante o Estado Novo (1937-1945). Para Giane Souza, estas entidades foram vertentes do sindicalismo amarelo para a promoção da aquiescência social e educação dos trabalhadores. Novamente é importante dizer o “lugar” de onde o historiador constrói seu texto. Giane Souza foi dirigente sindical dos servidores municipais nas gestões ligadas à Central Única dos Trabalhadores, tendo portanto, uma visão contestadora na cidade. Daí sua intenção de evidenciar como se deu o processo de cooptação ideológica dos trabalhadores nas categorias representadas pelos sindicatos estudados. Buscou, como orientação teórico-metodológica a perspectiva materialista-histórica, uma opção pouco procurada pelos historiadores de Joinville, que no geral, vêm fazendo uso das vertentes da Nova História.

O trabalho foi dividido em dois grandes capítulos. No primeiro faz uma avaliação geral da resistência camponesa e operária antes de 1930 do contexto histórico desta década até o final do Estado Novo, mostrando como era a educação e o trabalho no “regime autoritário”, a figura de Getúlio Vargas e a função das lideranças operárias. Na segunda parte dedica-se a explicar a legitimação e a difusão do discurso, onde a imprensa, para Giane Souza, teve um papel fundamental não só em Joinville mas no país, através da criação do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC):

O papel educativo exercido pelos rádios e jornais mostra como foi desenvolvida a cooptação ideológica e a massificação política do Estado Novo. Engrandecendo e reverenciando a figura do presidente Getúlio Vargas, a imprensa garantia seu funcionamento. A ideologização era realizada por meio da justificação e fundamentação das políticas

¹⁹³ SOUZA, Giane Maria de. **Educação para o trabalho**: os sindicatos amarelos e a pedagogia estadonovista. Dissertação de Mestrado em Educação. Campinas: UNICAMP, 2006

apaziguadoras dos conflitos classistas para o estabelecimento da ordem e segurança nacional.

Para Vargas, não haveria maisluta de classes; em consequência, patrão e trabalhadores deveriam viver harmoniosamente, sem intrigas e ressentimentos, tudo em prol da unidade nacional.¹⁹⁴

Em Joinville, a imprensa manifestava-se diariamente por um dos mais importantes jornais locais – o Jornal de Joinville. Em cada edição, eram impressos os discursos do presidente Getúlio Vargas dirigidos aos trabalhadores. *O pai dos pobres* era reverenciado por esse órgão de imprensa que seguia as determinações emanadas do governo e difundia as teses políticas, sociais e econômicas do governo varguista.¹⁹⁵

A autora cita várias notas publicadas neste jornal em particular para mostrar que o discurso de Vargas veio em consonância com o que pretendia a elite local, que despontava a cidade como pólo empresarial nacional, mesmo num momento de divergência, já que fora neste governo a realização da Campanha de Nacionalização:

Em Joinville patrões e operários sempre viveram na mesma comunhão de vida e de interesses. A história da nossa indústria registra apenas umas duas manifestações grevistas, promovidas mais por pirataria de politicagem que por amor aos operários. Gente ordeira, vivendo na sua casa, cultivando a sua pequena horta, em seu próprio terreno, o operário Joinvilense é feliz e não se prestará nunca a promover desordens grevistas e a reclamar concessões descabidas por amor a ideologias de sectarismos que se quer implantar no Brasil [...] (**JORNAL DE JOINVILLE**, 1931, p.1)¹⁹⁶

Além da imprensa, afirma Souza, os sindicatos também foram os instrumentos pedagógicos fundamentais na formação dos trabalhadores para a estruturação da sociedade proposta por Vargas. E para isso a historiadora fez um levantamento documental nas entidades sindicais para análise e confrontação com outras fontes, como a historiografia local. Um exemplo de autoridade que teria, segundo Giane Souza, contribuído para esta pedagogia do operário foi Carlos Gomes de Oliveira (cuja obra nos referimos no capítulo anterior). Ela ressalta as funções administrativas do político joinvilense no Governo Vargas, como diretor do Instituto do Mate, e o seu trabalho pela nacionalização do ensino e na educação “tecnocrática”, o que contribuíra para o regime autoritário:

¹⁹⁴ Id, P 58

¹⁹⁵ Id, P 59-60

¹⁹⁶ Id, P 62

A educação tecnocrática que o senador defendia era voltada para a divisão dualista do trabalho: alguns comandam, outros efetuam o comando. Fazia a separação do trabalho intelectual do trabalho braçal. Oliveira considerava Vargas um “presidente de mãos firmes e engajado nas causas trabalhistas”. (...) Sua carreira política foi caracterizada pela defesa dos interesses capitalistas industriais. Com seus aforismos eloqüentes, era um defensor das oligarquias e do conservadorismo político catarinense¹⁹⁷.

Mas a crítica ao senador e historiador Carlos Gomes de Oliveira não foi a única. Giane Souza também faz referência a Adolfo Schneider que, segundo ela, “defendia a outorga da legislação trabalhista como mérito de Getúlio Vargas, e não como um processo de conquista, produto do acúmulo das lutas históricas dos trabalhadores” e que em Joinville não havia greves. Souza contesta as afirmações deste historiador que a antecedeu : “Certamente Adolfo B. Schneider ignorava os focos de resistência dos trabalhadores joinvilenses, que no período anterior à Revolução de 1930, organizavam greves e mobilizações para reivindicar melhores condições de vida e trabalho”¹⁹⁸, e sua fonte para isso foi o trabalho de Iara Costa, do qual já nos referimos anteriormente.

A autora conclui que a pedagogia estadonovista imprimiu na história dos trabalhadores joinvilenses uma ideologia centralizadora e totalitária, cuja assimilação fora aquiescente dos trabalhadores, por conta da estrutura intelectual e orgânica dos líderes sindicais. Com Giane, que resgatou a veia marxista da concepção histórica de Joinville, percebeu-se que, no Estado Novo, os sindicatos de trabalhadores estavam aliados “da classe dominante na promoção e estruturação do capital por meio do trabalho e da cooperação com o Estado”, mas que isso não aconteceu sem resistências, tanto que muitas foram as reclamações e processos trabalhistas encaminhados aos sindicatos. Ao terminar seu texto, a historiadora desabafa: “apesar de estar crescendo, ainda é pequena a importância dada pelos historiadores aos movimentos dos operários.

¹⁹⁷ Id, P 90

¹⁹⁸ Id, P 92

Talvez essa seja a explicação do não-interesse acadêmico pelo movimento sindical, que, em Joinville, possui toda a sua história para ser desvelada”¹⁹⁹.

3.2 O mundo das etnias na cidade germânica

3.2.1 Os clãs familiares luso-brasileiros

Uma consistente argumentação e contestação à tese da superioridade germânica defendida por Apolinário Ternes foi, ainda em 1983, a dissertação de mestrado da historiadora Raquel S. Thiago, sob o título **Um caso de liderança luso-brasileira na Região de Joinville: Abdon Baptista – 1884-1922**. Cinco anos mais tarde, quando a autora estava na função de Diretora do Arquivo Histórico de Joinville e com o apoio do governador de então, Pedro Ivo Campos²⁰⁰, sua pesquisa foi publicada, agora com o título **Coronelismo Urbano em Joinville: o caso de Abdon Baptista**.

Raquel S. Thiago dividiu seu trabalho em duas partes. No primeiro explica a origem do termo coronelismo urbano²⁰¹ e a importância da elite luso-brasileira para a consolidação econômica de Joinville nos primeiros anos do século XX. Para isso explica as orientações metodológicas e teóricas na pesquisa:

fomos buscar os dados na Casa Paroquial da Igreja Matriz de São Francisco Xavier, de Joinville, bem como da Igreja Evangélica Luterana, também de Joinville, onde verificamos as relações de compadrio da elite joinvilense luso-brasileira, no período compreendido entre 1878 e 1914. A técnica que achamos mais conveniente utilizar para determinarmos o grau das relações de compadrio foi a do sociograma. A montagem deste foi orientada pela obra de Francis J. Rummel (...)

¹⁹⁹ Id, P 112

²⁰⁰ Cujo reduto eleitoral era Joinville.

²⁰¹ “Com o advento da república, o poder privado não somente sobreviveu, mas saiu fortalecido na medida em que os chefes locais controlavam o voto num regime representativo. Daí ser o coronelismo uma política de compromissos, uma troca de proveitos entre o poder público e o privado que se estendeu por todo o Brasil.

Com as grandes transformações de ordem econômica e política ocorridas no Brasil a partir de 1850, modificou-se a altamente estratificada estrutura de classe de uma sociedade predominantemente agrária, quando a urbanização se faz sentir com maior intensidade. E nem por isto o coronelismo deixou de existir. Surgiu o coronelismo urbano” IN S. THIAGO, Raquel. Op Cit, P 18

Através de pesquisas em certidões de casamento nas Casas Paroquiais de Araquari e São Francisco do Sul, verificamos que o tronco deste grupo foi João Gomes d'Oliveira. (...) analisamos o papel da atividade ervateira na preponderância que o citado grupo deteve desde os primeiros anos da conclusão da Estrada Dona Francisca, na década de 1870, possibilitando o transporte da erva-mate do planalto para Joinville²⁰².

Na segunda parte Raquel S. Thiago dedica-se à figura de Abdon Baptista, o médico baiano que “fez a vida” em Joinville como empresário, vereador, prefeito, deputado provincial, deputado federal, senador, vice-governador e governador de Santa Catarina nos primeiros anos da República. Para a autora, o expoente político foi o “mais significativo representante da oligarquia do mate, encarnando a figura do “coronel” urbano”. Para traçar esta história biográfica sem cair na mera cronologia, a autora teve como principais fontes os jornais da época disponíveis no AHJ, os discursos feitos por Baptista na Câmara dos Deputados e Senado e entrevistas de História Oral, com destaque às concedidas pelo também expoente político joinvilense luso-brasileiro Carlos Gomes de Oliveira. Além disso, a metodologia do sociograma teve como objetivo colocar Abdon Baptista ao centro de uma bem estruturada teia de relacionamentos. O orientador da dissertação – que virou livro – foi o historiador Walter Fernando Piazza, um dos fundadores do Curso de Pós-Graduação em História da UFSC e uma das principais referências bibliográfica, a pesquisa de história política de Carlos Humberto Corrêa²⁰³.

Este trabalho de Raquel S. Thiago mostra que há mais de 20 anos se pensa a História de Joinville para além da imigração germânica. Tem na história política, assim como Ternes, a opção metodológica e teórica, mas mostrou sua visão diferente de historiadora: que os luso-brasileiros foram fundamentais em terra tida como germânica,

²⁰² Id, P 12-13

²⁰³ CORRÊA, Carlos Humberto. **Santa Catarina – Um Estado entre duas Repúblicas** – a luta política num período de mudanças ideológicas. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1981 (tal obra foi editada em 1984 pela EUFSC e Assembléia Legislativa de Santa Catarina)

pelo seu poderio econômico que interferiu diretamente na polícia local, com uma “grande” ajuda dos jornais. E já nas primeiras páginas argumenta porque:

Numa terra estranha na qual tinham que enfrentar todas as espécies de adversidades, somadas à timidez e à insegurança geradas²⁰⁴.

Sem rádio e sem televisão, a imprensa escrita era imprescindível a qualquer campanha política na época. Assim, em 1884 o Coronel José Antônio de Oliveira comprou o jornal “O Globo”, editado em Joinville e transformou-se no órgão do Partido Liberal, sob o nome de “O Democrata” que a partir daí passou a ser impresso em São Francisco do Sul. Abdon Baptista foi o principal redator do jornal e em 1885 assumiu a responsabilidade do periódico. (...)

Casado com uma das filhas do Coronel José Antônio de Oliveira, próspero negociante de São Francisco do Sul e líder do partido Liberal naquela cidade, Abdon Baptista tinha respaldo financeiro bastante para montar uma máquina eleitoral capaz de projetar seu nome²⁰⁵.

O impulso econômico, conforme comenta S. Thiago, não fora apenas pelo “espírito empreendedor natural” germânico dos colonos, como sugere Apolinário Ternes, mas pela produção e comercialização de erva-mate que impulsionaram Joinville já no final do século XIX²⁰⁶. Os imigrantes passaram a exercer outras atividades além da agricultura, olaria, enfim, profissões natas dos colonizadores, para atender à nova base econômica que projetou Joinville para o mundo: a erva-mate. Mas quem dominava este mercado continuaram sendo os luso-brasileiros, principalmente a Sociedade Industrial Catharinense, mais tarde Companhia Industrial, cujos proprietários eram Abdon Baptista, Ernesto Canac e Procópio Gomes d’Oliveira, que se “revezaram” na prefeitura de Joinville entre 1890 e 1921, conforme mostrou o Álbum Histórico do Centenário, fonte utilizada por Raquel S. Thiago.

A historiadora, ao estudar os sociogramas elaborados, mostrou que a sociedade econômica e política – que envolve também a imprensa – era definida pelas relações de compadrio, tanto pelo grau de aceitabilidade social como pelas relações entre os parentes. E que os governos liderados por tais expoentes luso-brasileiros eram bem

²⁰⁴ S. THIAGO, Raquel. Op Cit, P 20

²⁰⁵ Id, P 22

²⁰⁶ Id, P 24

vistos pela população em geral, não só pelo seu “paternalismo” como pela compra de votos. E a fonte usada pela historiadora para tal constatação foi de Carlos Gomes (cuja biografia e obra já descrevemos no capítulo anterior), como neste trecho:

A liderança política exercida por Abdon Baptista no decorrer de quarenta anos de vida pública na região de Joinville conferiu-lhe o caráter paternalista do “coronel”. Poderíamos afirmar que foi um autêntico “coronel urbano”, médico, comerciante, industrial e político que era, seu jeito pacato, nada violento, paternal, o médico que como patrão tratava gratuitamente da saúde dos seus empregados, o pioneiro da instalação de uma vila operária em Joinville, enfim, o coronel-doutor. (...) As eleições em Joinville e arredores não fugiam à regra do que ocorria no resto do país, com voto de cabresto e bico-de-pena. E a situação dificilmente perdia. Carlos Gomes de Oliveira conta que os chefes locais beneficiavam-se do poder para manter a clientela, “alimentada a emprego público (...) ou a churrasco ou subsídios de toda ordem. (...) Era chapéu, era roupa, era sapato (...)²⁰⁷

Lembra S. Thiago que o período governado pela “oligarquia ervateira”, tida como fase de grande progresso em Joinville, foi também de intensa atividade comunitária promovida por esta mesma elite: o Hospital Municipal São José, o Clube Joinville, o Mercado Municipal, o Colégio Municipal (mais tarde chamado Grupo Escolar Conselheiro Mafra), a escola para os filhos dos operários do Moinho Joinvilense, o asilo de órfãos Abdon Baptista. Talvez estivesse aí a aceitação em geral de tais figuras luso-brasileiras, numa terra por todos conhecida pela colonização alemã. Obviamente que havia resistências a esta hegemonia política e o principal meio para contestar, segundo apurou a historiadora, era o jornal dos imigrantes, o *Kolonie-Zeitung*, como a notícia disponibilizada no livro, por S. Thiago:

UM CERCO FAMILIAR?

No número anterior, comentamos que os senhores Olympio d’Oliveira em Campo Alegre, e Manoel Tavares em São Bento do Sul, serão candidatos ao cargo de Superintendente pelo Partido Federalista. Também será lançada a candidatura do Sr. José Antônio d’Oliveira. A oposição tem todo o direito de participar das eleições, já que a grande maioria do eleitorado não poderá formar nenhuma opinião a respeito dos nomes citados, uma vez que lhes são desconhecidos. Não lhes interessa quem será o Superintendente em Campo Alegre, São Bento, São Francisco. Mesmo assim, não podemos ficar indiferentes a isso, principalmente agora; a menos que nos seja indiferente que todo o norte

²⁰⁷ Id, P 42

do Estado fique entregue a uma única família nos próximos quatro anos. O Sr. Dr. Abdon, é como todos sabem, genro do Sr. José Antônio d'Oliveira de São Francisco, o Sr. Olympio d'Oliveira, de Campo Alegre, filho deste (portanto, cunhado do Dr. Abdon), e o Sr. Manoel Tavares, de São Bento, um primo do mesmo. Como uma grande aranha, a família d'Oliveira procura tecer sua teia sobre o norte do Estado, e assim formar um cerco familiar nos quatro municípios: Joinville, São Bento, São Francisco e Campo Alegre. E para esta teia, que querem lançar sobre as suas cabeças, vocês, eleitores, forneceis o fio. Realmente, é uma afronta. Esta deve ser a “honrada, econômica e progressista administração” do Sr. Dr. Abdon, pela qual, segundo sua opinião, “anseia o município”. Por isso, eleitores, temos certeza que vocês saberão que resposta dar no dia 13: Nenhum voto para o Dr. Abdon. (Kolonie-Zeitung, n° 86, 3-11-1898)²⁰⁸

A historiadora mostra a política de Joinville de uma forma bastante distinta do que fora apresentado até então por Carlos Ficker e Apolinário Ternes. Os argumentos da historiadora levam a conclusão de que foram os luso-brasileiros, “a oligarquia ervateira” a responsável pelo grande desenvolvimento industrial da cidade, pois impulsionou e governou neste período, tendo influência não só na região nordeste, mas em todo o estado e no Governo Federal. S. Thiago mostrou com pesquisa detalhada suas conclusões e em nenhum momento fez qualquer crítica aos demais historiadores locais. Apenas justificou a escolha do assunto para pesquisa pela “ausência” e estudos de temas específicos na historiografia do nordeste catarinense. Sua trajetória acadêmica manteve-se na história política, mas usando das metodologias e teorias permanentemente discutidas em História.

É provável que a autora tenha recebido críticas por, ao traçar a vida de Abdon Baptista, justificar a importância das elites locais para a história da cidade, ainda que sejam as luso-brasileiras e não as germânicas. No entanto, a abordagem foi bastante contundente na explicação das relações sociais, políticas e econômicas, mostrando que as conquistas de tais homens públicos não se deram por conta da “pré-destinação” a tal, graças a sua cultura e espírito guerreiro herdados dos antepassados, como afirmou Ternes ao justificar a supremacia alemã em Joinville. O poderio dos luso-brasileiros,

²⁰⁸ Id, P 145

sobretudo em torno da família Gomes de Oliveira aconteceu pelo domínio econômico, pelas relações religiosas, familiares e sobretudo, pela situação política estadual, que colocou Abdon Baptista no mesmo grupo dos políticos estaduais que conquistaram grande espaço no cenário nacional, como Lauro Muller e Hercílio Luz. Além disso, observou a historiadora, num período de transição entre Monarquia e República, Abdon Baptista não tomou decisões ideológicas, mas pragmáticas:

Quando a República instalou-se no país, pacificamente aderiu ao novo regime, confessando-se, em discurso, sectário de idéias avançadas [discurso publicado no Jornal Sul]. Daí concluirmos que Abdon Baptista só se mantinha num Partido Monarquista porque este lhe proporcionava o poder que o Partido Republicano, politicamente inexpressivo, não lhe poderia proporcionar.²⁰⁹

Então, ainda que seja um texto historiográfico sobre a vida de um expoente político e econômico, não “enquadro” este livro na abordagem tradicional local ou uma biografia, pois não contribuiu para que a figura de Abdon Baptista fosse mais ou menos valorizado na memória coletiva local. Não há uma exaltação aos políticos e empresários luso-brasileiros dos séculos XIX e XX, mas uma constatação da forma como as classes políticas e econômicas mantinham seus espaços na sociedade.

3.2.2 Suíços e a busca pelo reconhecimento

Essa disputa de espaços na sociedade como nos leva a concluir Raquel S. Thiago, existiu também entre os imigrantes europeus, desde o início da colonização. E foi o reconhecimento à etnia suíça que motivou o historiador Dilney Cunha a publicar, em 2003, *Suíços em Joinville: o duplo desterro*. No entanto, diferente da citada obra de S. Thiago, datada da década de 80, Dilney Cunha, já no Século XXI, dispondo de novas e revistas teorias e metodologias da História, apresenta um texto de cunho opinativo, ainda que fortemente baseado em fontes documentais. Desde o início do livro deixa transparecer a crítica à história dos alemães de Joinville, assumida pelo imaginário

²⁰⁹ Id, P 60

social, e reconhece a importância e a existência de outras etnias na região nordeste do Estado:

Ao contrário do que se poderia pensar, os primeiros suíços, que chegaram a Dona Francisca, a partir do ano 1851, de Siblingen, Osterfingen, Herblinger e outras comunidades do Cantão de Schaffhausen, não vieram para o Brasil estimulados pelo espírito de pioneiros.

Não. Os verdadeiros motivos que os trouxeram datam de meados do século 19, quando a Suíça passou por uma profunda crise econômica. A revolução industrial, que tirou o emprego de dezenas de milhares de pessoas, e a baixa produtividade rural conduziram diversos setores a um empobrecimento progressivo. (..)

Os nossos patrícios, junto com os alemães, italianos, austríacos e portugueses contribuíram decisivamente para o que Joinville é hoje: uma cidade industrial próspera e humana²¹⁰.

Para a realização desta obra o autor pesquisou os arquivos e bibliotecas na Suíça, sobretudo as localidades de origem dos imigrantes que vieram para Joinville. Sua motivação, na época, fora a ausência da etnia nos estudos historiográficos locais:

Escolhi o tema movido por uma constatação e uma dúvida: inúmeros descendentes de imigrantes suíços ainda residem em Joinville mas muitos sequer suspeitam dessa origem e autodenominam-se “descendentes de alemães”. Memórias individuais e coletivas foram perdidas ou “apagadas”. Por que razão operou-se tal processo?

A imigração suíça foi bastante significativa nos primórdios da colonização de Dona Francisca; os suíços chegaram mesmo a constituir a maioria da população da colônia. No entanto, foram praticamente desprezados pela historiografia local²¹¹.

Para Cunha, a tendência historiográfica local era colocar em segundo plano as contribuições dos demais grupos de imigrantes e das populações nativas – entendidas pelo autor como os luso e afro-brasileiros e os indígenas e produzir uma “história de memória única”, construída pela sua “elite dominante”. Percebe-se a crítica mordaz de Dilney Cunha aos autores aos quais nos referimos no capítulo anterior. Além de reforçar a contribuição da etnia suíça para Joinville, Cunha afirma que a metodologia de sua pesquisa também é oposta à dos demais historiadores locais que têm pesquisado a colonização local. Para ele, nessas obras, a história local é vista como um processo linear, em que os acontecimentos se desenrolam em um processo contínuo, numa visão

²¹⁰ CUNHA, Dilney. **Suíços em Joinville**: o duplo desterro. Joinville: Letra D'Água, 2003. P 7-8

²¹¹ Id, P 12

positivista e centrada na cronologia dos fatos, dos grandes eventos e dos personagens importantes. Ele faz uma análise crítica, ainda na introdução, da historiografia da colonização de Joinville. Mesmo sem citar os autores, o recado tem endereço: Ficker, Ternes, Herkenhoff, Schneider...

Sua pesquisa na Suíça contribuiu bastante para a historiografia local, pois trouxe fontes inéditas e as disponibilizou no Arquivo Histórico de Joinville, como correspondências pessoais, cartas de imigrantes, livros-caixa, atas de reuniões e assembléias, títulos de propriedades, registros eclesiásticos, novas e recibos, listas de passageiros, testamentos, anúncios, diários, fotos e periódicos estrangeiros onde foram publicadas notícias e cartas sobre Joinville. Observou também a documentação oficial da Sociedade Colonizadora de Hamburgo e as correspondências da direção da Colônia e autoridades suíças. Cunha anunciou que sua orientação metodológica, diferente dos anteriores estudos da imigração local, foi a Nova História e a análise das estruturas a partir da leitura de obras de outras áreas do conhecimento, como a Antropologia e a Sociologia²¹².

De fato, o texto de Cunha é riquíssimo em fontes, muitas das quais, por se tratar de fontes pessoais como cartas, contribuem para um tom sentimental. Até aí nenhum problema, pois a história das pessoas é feita de sentimentos. No entanto, ele afirmara que iria abandonar a narrativa cronológica “positivista”, mas de certa forma, manteve a estrutura do texto nesta cronologia. Primeiro fez considerações sobre a história da Suíça, o que nos leva a conclusão de que a imigração, para milhares de suíços, era a única possibilidade de vida. Ao se referir ao processo imigratório, também fez uma narrativa cronológica, pois apresentou as várias faces de uma situação que culminou com o

²¹² Pessoalmente, considero esta orientação bastante genérica pois a Nova História é muito abrangente e o diálogo entre as Ciências Sociais e Humanas não é só uma orientação metodológica mas praticamente uma obrigação na história que se escreve no século XXI, seja qual for a temática.

“desterro”. E na parte final, ao dedicar-se ao processo colonizador, também mostrou as dificuldades econômicas dos primeiros suíços em Joinville, as formas de organização social e política, a religião, o ensino, o lazer...

Cunha apresenta uma narrativa bem escrita, com fontes até então inéditas, as interpreta e mostra a vida de um grupo considerável de imigrantes que até então era tratado apenas como “alemães”. Mas a narrativa é cronológica sim. Não é porque não aborda os fatos dia-a-dia, ano a ano, que o texto deixa de ser uma narrativa cronológica de uma etnia européia em terra brasileira. E acho que não deveria ser diferente, até por questões didáticas e para entendimento do leitor. Em vez de dividir o texto em datas, optou pela forma temática. Ao falar da organização econômica²¹³, por exemplo, inicia pelo constrangimento da permanente cobrança das comunidades suíças pela dívida dos imigrantes (que tiveram sua passagem paga por estas comunidades). Depois fala da abertura das estradas, onde famílias inteiras de suíços trabalhavam e recebiam da direção da colônia pelos serviços prestados. E dá indícios das diferenças que até hoje são sentidas no mundo do trabalho: que homens e mulheres têm remunerações diferenciadas mesmo desenvolvendo funções iguais:

Era comum, no início, a participação de toda a família nesses serviços, inclusive mulheres e crianças, como uma maneira de aumentar a renda e saldar as dívidas. A remuneração do trabalho feminino e infantil, no entanto, era bem mais baixa que a de um homem adulto. Enquanto este recebia da direção da colônia por dia de serviço (“Tagelohn”) 600 réis, uma mulher recebia 400, o mesmo que um adolescente; e uma criança, entre 100 e 160 réis²¹⁴.

E ao falar da opção da maioria dos imigrantes suíços pela agricultura, de certa forma busca também o passado cultural para justificar a situação: “Os suíços, em sua

²¹³ Id, P 125

²¹⁴ Id, P 129

maioria, estabeleceram-se na área rural, na direção das montanhas da Serra do Mar. Repetiam, talvez inconscientemente, uma experiência milenar dos seus antepassados, que buscavam as terras mais férteis nos vales próximos às montanhas”²¹⁵. Imediatamente, no entanto, comenta que os lotes mais baratos eram os da área rural e que havia comentários de que as terras agrícolas seriam valorizadas em breve, o que também teria motivado a escolha dos lotes dos “endividados” imigrantes.

Apesar de ser maioria agrícola, algumas famílias suíças que permaneceram no centro da Colônia foram prósperas em suas iniciativas. Como não eram tantas, Cunha fala da história de cada uma destas famílias: a Casa Comercial Richlin que começou como curtume, a cervejaria Schmalz, os “madeireiros” Bagenstoss, Sauerbeck, Ritzmann, Heusi e outros, a serraria dos irmãos Vogelsanger... O historiador também faz uma análise de como os suíços vindos de comunidades autônomas sentiam-se numa terra de Monarquia a caminho da República. Já que não tinham como ascender socialmente por reconhecimento da direção da Colônia, foram decisivos na criação de mecanismos democráticos de participação de todos os colonos, como a Comuna, em 1852, que acabou sendo dissolvida. Assim,

é visível a fraca representatividade política que possuíam, levando-se em consideração o número de pessoas dessa origem que residiam em Dona Francisca. É fato que a maioria absoluta, composta de agricultores, sequer participava do processo político. As causas certamente eram o desinteresse ou o não-ajustamento aos padrões políticos brasileiros (...) Os poucos que participavam dividiam-se entre os partidos e movimentos então existentes. Dessa forma, é possível encontrarmos suíços liberais e conservadores, federalistas e republicanos “guerreando-se ao extremo”.²¹⁶

Somando a esta situação, Cunha afirma ter havido em Dona Francisca um processo de aculturação e assimilação dos suíços, o que teria motivado o atual

²¹⁵ Id, Ib

²¹⁶ Id, P 169

“desaparecimento” público da etnia no século XXI, como se questionara na introdução do livro:

As pressões exercidas pela elite dominante, agiam, por sua vez, no sentido de uma assimilação, entendida como um processo de (re)ajustamento de personalidades a expectativas sociais de comportamento, realizado pela substituição de combinações de atitudes e valores por novas combinações, que vêm a integrar o indivíduo em uma sociedade culturalmente diferente²¹⁷. (...) a cultura material dos imigrantes é a primeira a sofrer transformações, impostas pelo meio. Novas técnicas agrícolas e construtivas, novos hábitos alimentares, por exemplo, foram incorporados pelos imigrantes ao seu patrimônio cultural; dessa adaptação, aliás, dependia sua sobrevivência.²¹⁸ Grande parte desses novos conhecimentos, técnicas e hábitos, até então estranhos aos imigrantes, foram, sem dúvida, transmitidos a estes através do contato com os “nativos” (luso-brasileiros e negros), moradores das redondezas que vinham para a Colônia comercializar seus produtos ou oferecer seus serviços.²¹⁹

Esse processo, segundo conclui o historiador, para Joinville foi positivo pela diversidade étnica que se constituiu a cidade atual, mas não teria sido o objetivo da Sociedade Colonizadora nem dos diretores da Colônia, que tinham a tarefa de conservar a língua e os costumes alemães. Para isso seria preciso isolar a Colônia, não permitindo contato com os nativos, o que, como se viu em toda a historiografia da imigração, foi inevitável. Para Dilney Cunha eis aí o motivo do isolamento dos suíços entre os imigrantes: já que eram a maioria entre os emigrados, o “estamento-casta dominante”²²⁰ da Colônia, os alemães, teriam que “neutralizar as ações dos suíços” que por ser maioria, “ameaçavam dar o tom da vida social e cultural da Colônia, criando suas próprias associações e influenciando outras. Segundo a linha de raciocínio de Cunha, a forma mais eficaz de manter a maioria suíça afastada das decisões da Colônia foi a

²¹⁷ Id, P 216

²¹⁸ Id, P 217

²¹⁹ Id, P 218

²²⁰ Este grupo a que se refere Dilney Cunha teria sido constituído por funcionários da direção da Colônia, ex-oficiais, prussianos, profissionais liberais como médicos, advogados e professores, além de comerciantes das áreas centrais. Segundo o autor, “para pertencer a essa elite levava-se em consideração o “status” e o prestígio obtidos ainda na terra natal, a educação, os bens materiais, e também critérios étnicos e de parentesco, o que lhe dava características de casta” - Página 247

formulação de uma idéia de “comunidade étnica” e sua difusão através das associações comunitárias, bem como pela imprensa e literatura:

Na Colônia Dona Francisca, assim como nas demais colônias “alemãs” surgidas no Brasil na segunda metade do Século XIX, começaram a manifestar-se já nas primeiras décadas, uma consciência étnica e um sentido de grupo fundamentado na germanidade, que conduziria à formação de uma identidade e de uma comunidade étnica.

Estas eram definidas através de critérios de pertencimento bastante inclusivos: o uso da língua alemã, a preservação de usos e costumes tradicionais alemães quanto à alimentação, ao comportamento religioso, à organização do espaço doméstico, às concepções de trabalho e lazer, à arquitetura, à intensidade da vida associativa, à “raça” (origem comum), à “Kultur” “alemã”.²²¹

Cunha credita à imprensa local, sobretudo ao Kolonie-Zeitung, o fortalecimento deste imaginário coletivo, deste sentimento de pertencimento a um mesmo grupo, onde já no número-piloto estaria o propósito de “atuar contínua e persistentemente, de acordo com a nossa índole e o nosso espírito autenticamente alemães”²²². O autor nos leva à conclusão que também junto aos imigrantes, as definições de poder se davam pelas relações pessoais, não tanto de compadrio, como no caso dos luso-brasileiros, mas pelas origens na Europa e depois, na tentativa de unificação em torno do sentimento alemão, fortalecido pela 1ª guerra, onde suíços e alemães enviavam contribuições aos “irmãos alemães, mostrando que, mesmo distantes, permanecem fiéis a eles e à pátria comum”²²³. Para tanto, o Kolonie-Zeitung, como exemplificou em diversas ocasiões, foi o principal meio de divulgação destes ideais.

3.2.3 Indígenas em terra de alemão ou vice-versa?

Mas mesmo tendo sido criado para reforçar os laços de união entre os imigrantes, o Kolonie-Zeitung publicava notícias dos mais diversos assuntos, entre eles, não raros eram os fatos relatados envolvendo indígenas. O assunto foi tema da Dissertação de Mestrado de Rosilene Maria Alves, sendo os jornais sua principal fonte

²²¹ P 221

²²² P 226

²²³ P 224

de pesquisa²²⁴. A autora chama a atenção que a prática jornalística naquele momento se confundia com a história dos seus fundadores e redatores, bem como suas veiculações e alianças políticas, como Ternes e Herkenhoff também deixam explícitos nas suas obras.

Ao referir-se especificamente sobre seu objeto de pesquisa, Alves afirma:

Os jornais são fontes riquíssimas de informações sobre o indígena ou, melhor dizendo, informações fornecidas pelo outro que aqui é o não-indígena. Portanto, não estamos lidando com a história indígena enquanto o que este pode documentar, escrever sobre si mesmo e até sobre o outro com quem entrava em contato. Mas sim, com um documento que historiciza este indígena, através do que o não-indígena escolheu escrever sobre ele. É o que se documentava num meio de comunicação de acesso exclusivo ao não-indígena naquele momento. São estes que, portanto, detêm o poder do discurso.²²⁵

Para minha surpresa, Alves constata que já na primeira edição do *Kolonie-Zeitung*, que circulou em caráter experimental (20/12/1862), o indígena foi motivo de notícia. O assunto: um ataque indígena em Teresópolis (colônia alemã no hoje município de São José, Grande Florianópolis). Aliás, este fato fora citado pela historiadora Elly Herkenhoff, mas sem nenhum comentário sobre o assunto²²⁶. Para Alves, os jornais tomaram para si a noção de civilidade, ao balizar as atitudes dos indígenas – nas notícias chamados de silvícolas – como contrárias à civilização. Mesmo aqueles periódicos que manifestavam alguma posição favorável aos indígenas, segundo ela, o faziam no sentido de igualá-los aos brancos, não de respeito à sua condição natural. “Torná-lo igual, significava apagar as diferenças desqualificando-o para, ao mesmo tempo qualificá-lo e passar a ser visto pelas qualidades próprias do branco”²²⁷. Isso, na visão da historiadora, fica evidente nas notícias sobre batismos de indígenas e reprodução dos discursos dos padres.

²²⁴ ALVES, Rosilene Maria. **Se mostram de novo os bugres**: abordagens da imprensa catarinense sobre o indígena (1900-1914). Dissertação em História Cultural. Florianópolis: UFSC, 2000 P 21

²²⁵ Id, P 23

²²⁶ “Em outro local, a notícia de um assalto de bugres (índios botocudos) na Colônia de Teresópolis e um Edital da “Subdelegacia do Distrito de São Francisco Xavier de Joinville”, publicado pelo Subdelegado Georg Adolf OttoNiemeyer na página dos anúncios, além das listas dos nascimentos, casamentos e óbitos ocorridos naquele mês (...)”. (HERKENHOFF, Elly. **História da Imprensa de Joinville**. Op Cit P 35)

²²⁷ ALVES, Rosilene Maria, Op Cit, P 60

No caso específico de Joinville, Alves encontrou notícias sobre os “bugres”²²⁸, nos principais jornais da cidade, tanto os escritos em alemão como em português. Os temas repetiam-se: os ataques a áreas rurais e mesmo em casas urbanas mais afastadas das áreas centrais. Estes noticiários, afirma a pesquisadora, eram constantemente marcados por descrições sensacionalistas sobre o estado físico das vítimas atacadas e a depredação das propriedades. Até informações de outros estados, de trabalho indígena em fazendas, foram noticiadas em Joinville como exemplos de sucesso de “convivência pacífica”. Mas, “as proposições como *foge do trabalho, é nômade e vive de roubos e assaltos*, eram conhecidas dos participantes do discurso e iriam contribuir para reforçar nos leitores a ideologia proposta então pelos responsáveis pela notícia”.²²⁹

Recentemente vêm sendo desenvolvidas outras pesquisas abordando o elemento indígena na sociedade joinvilense, sobretudo pelos alunos do Curso de História da Univille. Obviamente que os textos resultantes destas pesquisas não têm o mesmo alcance das dissertações e teses que vimos observando neste trabalho, mas nos mostram que a historiografia local está cada vez mais temática e plural e seguindo diferentes metodologias de pesquisa. Um exemplo é a pesquisa sobre os índios guarani mbya na região Nordeste do Estado, compreendendo o período de 1990 a 2003, desenvolvida pela acadêmica Carolina Vellozo com orientação da professora Arselle de Andrade da Fontoura²³⁰. O objetivo desta pesquisa foi desenvolver um estudo sobre os processos de ocupação, os movimentos migratórios e as formas de organização dos grupos *guarani mbya*. Para isso as pesquisadoras utilizaram a História Oral, matérias jornalísticas,

²²⁸ como freqüentemente eram apresentados todo e qualquer indígena, independentemente de sua origem: Xokleng/Botocudo, Guarani entre outros

²²⁹ ALVES, Op Cit, P 105

²³⁰ VELLOSO Carolina; FONTOURA, Arselle D. YUY MARA EY – Em busca da terra sem males: a presença dos guarani mbya na região nordeste de Santa Catarina (1990-2003) In: **Revista da Univille** [PIBIC História]. Joinville: Univille: 2004

relatórios de impacto ambiental e outros documentos cedidos pela Fundação Nacional do Índio.

A pesquisa mapeou oito comunidades indígenas em São Francisco do Sul, Balneário de Barra do Sul e Araquari, cujas formações estão vinculadas aos diferentes processos de deslocamento e migração e também pelos aspectos espirituais. E isso as pesquisadoras observaram através das narrativas orais: de povos que se deslocam para resistir às mudanças que vão sendo impostas e assim garantir a sobrevivência e a sua cultura. Este artigo, assim como muitos publicados na Revista da Univille, deixa aos que gostam de história um sentimento de “quero mais”, pois não dispõem ainda de espaços para apresentar os resultados ou desenvolver com mais profundidade as idéias.

Outro artigo também do PIBIC História da Univille que oferece bons indícios sobre a história indígena local foi publicado em 1997²³¹. O objetivo foi demonstrar, ainda que rapidamente – pela limitação de um artigo – o embate travado entre os colonizadores e os indígenas, bem como a forma como se concretizou a exclusão do nativo na região. As autoras também comentaram as pistas deixadas pela presença de populações pré-históricas na região e como os indígenas tratavam estes vestígios. Assim afirmam as pesquisadoras:

A Colônia Dona Francisca fora território amplamente povoado pelos construtores de sambaquis e depois pelo elemento índio. Contudo, permanece o hiato entre o homem sambaquiano e o colono europeu. A História de Joinville é contada a partir da chegada do imigrante europeu, ignorando-se o fato de que aqui já existiam outros povos.²³²

Mas ainda que sem mencionar a interferência indígena – salvo em notícias de jornais de ataques à propriedades como já disse Rosilene Alves – os espaços ocupados pelos indígenas foram utilizados pelos novos moradores de Dona Francisca, com a

²³¹ PEREIRA, Sandra G. M; GUEDES, Sandra P. L. C. **O confronto entre índios e colonos da Dona Francisca (1851-1900)**. [Caderno de Iniciação à pesquisa. PIBIC HISTÓRIA] Joinville: Univille, 1999

²³² Id, P 10

retirada de grande quantidade de material da superfície dos sambaquis para a indústria da cal:

As conchas de moluscos (berbigões, mariscos e ostras) serviam para a pavimentação de vias públicas e estradas em toda a Colônia Francisca, assim como serviam de matéria-prima para a fabricação de cal, largamente utilizada na construção civil e na pintura de casas. (...) A cal fabricada a partir da compactação das conchas de marisco e de ostras eram o segundo produto mais importante da Companhia Industrial²³³ (de propriedade de luso-brasileiros, como vimos na obra de Raquel S. Thiago)

Além da depredação do patrimônio histórico – que só em 1960 teve legislação para coibir esta prática – a presença indígena foi duramente perseguida pelas tropas de bugreiros financiadas pelas autoridades locais e municipais a fim de manter a ordem. Tem-se muitos registros em Santa Catarina destas situações nas rotas dos tropeiros, mas nas colônias privadas “pacíficas” de Blumenau e Joinville isso também aconteceu. Normalmente, segundo a historiografia, os bugreiros atacavam à noite, sem chance para reação dos indígenas e matavam a todos. Eventualmente, poupavam crianças e mulheres:

Era comum serem, os pequenos índios, adotados ou pelos próprios bugreiros, ou por elementos da comunidade européia. Sobre isso observaram-se muitos casos notificados na imprensa catarinense e na Antropologia. Esta pesquisa, por exemplo, pôde resgatar, junto à comunidade de idosos teuto-brasileira de Joinville, uma história que segue esse modelo. Trata-se da família do bugreiro João Bolduan, que no início deste século [XX], em Schroeder, na região do Bracinho, capturou um menino índio e matou seus pais, após o que traziam essa criança presa a um cabresto e a correntes, assim a mantendo por longo tempo.²³⁴

Neste artigo, as autoras fazem referência ainda às matérias publicadas nos jornais do início do Século XX e os depoimentos orais, de que diversos grupos podem ter transitado nas terras da Colônia Dona Francisca: kaingang, guaranis, tupis, xokleng ou botocudos. Ou seja, há ainda um longo caminho e inúmeras pistas a serem descobertas e estudadas sobre a vida pré-colonial no nordeste de Santa Catarina.

²³³ Id, P 13

²³⁴ Id, P 16

3.2.4 Há história de negros em Joinville?

Não há outro termo que não o lamento por estudos como o de Rosilene Alves, de Sandra Pereira e da antropóloga Flávia Mello²³⁵ e o e tantos outros sobre os indígenas no Estado e da região nordeste permanecerem apenas nas estantes das bibliotecas acadêmicas, sem a possibilidade da publicação e a disseminação em livrarias e demais bibliotecas públicas. O mesmo dizemos acerca da história dos negros em Joinville. Salvo em estudos acadêmicos, artigos na Revista da Univille e outros periódicos, a impressão que fica é que os negros não participaram da história local. No entanto, desde os primeiros livros da historiografia, quando ainda raramente se falava das famílias luso-brasileiras, alguns faziam referência ao trabalho dos escravos. Tal discriminação é sentida hoje e motivo de estudo – mas ainda não de publicação em livro.... Um exemplo é o artigo de Vanessa da Rosa²³⁶, recentemente publicado pela Revista da Univille. Em *Trajetórias e estratégias da inserção ocupacional de mulheres negras em Joinville*, a autora, que é Mestre em Educação pela UFSC²³⁷ (onde detalhou este tema abordado no artigo) mostra o duplo preconceito vivido por este considerável segmento da população local na sua região geográfica de origem:

Os bairros escolhidos para a realização da pesquisa localizam-se na zona sul da cidade. São bairros de periferia e apresentam uma grande concentração de negros(as), talvez por terem sido os locais onde se fixaram as primeiras sesmarias da colônia (cada dono de sesmaria vinha para Joinville com seus respectivos escravos) (...)

É certo que cada luso-brasileiro que chegava à colônia trazia, além de sua família, seus escravos. Coincidência ou não, até hoje esses locais são os que têm maior concentração de negros, além do bairro Floresta, onde também havia sesmarias, e do Paranaguamirim, que fica relativamente próximo ao Itaum.²³⁸

Optamos em trabalhar com a categoria raça, não no sentido biológico, mas sim no aspecto sociológico da palavra. Concordamos que

²³⁵ MELLO, Flávia Cristina de. **AATA TAPÚ RUPY – Seguindo pela estrada**: uma investigação dos deslocamentos territoriais realizados por famílias mbya e chiripá guarani no Sul do Brasil. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001

²³⁶ ROSA, Vanessa da. *Trajetórias e estratégias da inserção ocupacional de mulheres negras em Joinville*. In: **Revista da UNIVILLE**. V 12, N° 4. Joinville: Univille 2007 P 115-129

²³⁷ _____. **A invisibilidade da mulher negra em Joinville**: formação e inserção ocupacional. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006

²³⁸ Id, P 117

atualmente etnia é o melhor termo a ser empregado, pensando na sua dimensão histórica e social. Porém, (...) quando se discute a gestão do negro na sociedade brasileira, raça ainda é o termo que consegue mostrar a verdadeira dimensão do racismo existente em nosso país. A palavra raça é utilizada neste trabalho em virtude da dimensão social e política que ela inspira.²³⁹

Todas as entrevistadas eram mulheres na faixa etária de 29 a 53 anos. As ocupações variaram entre técnicas de enfermagem, professoras e serventes, algumas concursadas e outras admitidas em caráter temporário (ACT). (...) Todas se auto-identificaram como negras e fizeram referência ao baixo nível de escolaridade de seus pais (...)²⁴⁰

Sua pesquisa, ainda que rápida pela limitação de um artigo, mostrou mais uma vez Joinville num atual e complexo contexto provocado pelas raízes históricas nacionais. Vanessa da Rosa percebeu que suas entrevistadas têm histórias de vida parecidas: ocupadas em área de saúde e educação, não por opção mas “para fugir de ocupações menos precárias, como a linha de produção da fábrica ou o serviço doméstico”, que iniciaram sua trajetória ocupacional como empregadas domésticas ou babás, seus cônjuges possuem pouca escolaridade e todas sofreram discriminação racial. Nestas histórias de vida, Vanessa da Rosa constatou um caso da mulher que foi aprovada em dois concursos públicos mas nunca foi chamada e que a busca por emprego através de concurso é o que garante a todas a estabilidade e a diminuição do preconceito: “Como diz Aqualtune, técnica em enfermagem: “O que seria do negro se não fosse o concurso público?””²⁴¹ Além disso percebeu a importância que todas as suas entrevistadas dão à educação, mesmo quando não têm condições de pagar ou acesso aos cursos de suas “vocações”.

A pesquisadora não constatou apenas a falta de historiografia sobre negros e negras em Joinville, mas a escassez de dados sobre esse grupo populacional: “A falta de materiais que divulguem a quantidade de negras que trabalham nesses setores [Enfermagem, Medicina e Odontologia] também é agravante. São raras as pesquisas que

²³⁹ Id, P 118

²⁴⁰ Id, P 119

²⁴¹ Id, P 122

se dedicam à temática.²⁴² Rosa buscou bibliografia e fontes nacionais, como o Dieese²⁴³ para fundamentar o seu artigo. Destacou os avanços para a comunidade negra das recentes políticas públicas de inclusão fomentadas pelo Governo brasileiro, como a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial, que prevê o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana nos currículos escolares, a adoção de cotas em universidades e outras ações de valorização deste grupo étnico. No entanto pondera : “apesar de termos várias ações em andamento no país de forma geral, o que é muito positivo, as mudanças são bem morosas, quase imperceptíveis”²⁴⁴. E volta a Joinville:

Trata-se de uma cidade que faz parte do Estado “mais branco” do país e que insiste em afirmar que não existe negro no município. Faz-se tal afirmação com tanta veemência que se chega a delimitar postos de trabalho e espaços geográficos para a concentração dos negros. Esse “tradicionalismo fabricado” tem impedido muitas mulheres e homens negros de concorrer de forma igualitária com o segmento não-negro da cidade²⁴⁵

Isso só mostra quantos desafios a historiografia local ainda tem pela frente, mas que aos poucos vão sendo vencidos. Uma prova é a pesquisa iniciada em 2001 pelo Núcleo de Pesquisa Histórica do Arquivo Histórico de Joinville que objetiva dar visibilidade ao acervo da instituição, que apresenta inúmeros indícios sobre a presença negra na cidade²⁴⁶. Um pouco deste trabalho foi publicado em 2006 pelo Núcleo de Estudos Negros – NEN²⁴⁷. No artigo das historiadoras do AHJ, fica evidente o quanto é possível avançar na historiografia da população afro-descendente, através das escrituras

²⁴² Id, P 125

²⁴³ Pesquisa mais recente que a citada por Vanessa da Rosa, também do DIEESE, reforça a constatação da pesquisadora: No Brasil, as mulheres negras têm salários menores, mesmo se estiverem em funções idênticas as dos homens brancos: **Escolaridade e trabalho: desafios para a população negra nos mercados de trabalho metropolitanos**. DIEESE – Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Econômicos. Ano 3, N° 37. Novembro de 2007. Disponível em <http://www.dieese.org.br/esp/estPesq37PopulacaoNegra2007.pdf> Acesso em 15 novembro 2007

²⁴⁴ ROSA, Op Cit, P 127

²⁴⁵ Id, Ib

²⁴⁶ Por problemas de ordem física – o acervo do AHJ ficou indisponível para pesquisas de 2002 a 2007 – a pesquisa até o momento está paralisada.

²⁴⁷ FONTOURA, Arselle de A.; SILVA, Janine G. A presença negra em Joinville durante o século XIX *in* **Negros em Santa Catarina** (Série Pensamento Negro em Educação). Vol 9. Florianópolis: Atilénde (Núcleo de Estudos Negros), 2006. P 47-58

de compra e venda de escravos, nas matérias dos jornais locais, nas histórias de vivência nas sesmarias pelos relatos de História Oral, pela análise de ações da municipalidade, seja dos poderes Legislativo e Executivo, e pelo teor de processos judiciais:

Nomes e histórias são revelados nestes processos vindos do Fórum da cidade. (...) Muitas vezes, as desavenças entre vizinhos trazem para o cenário da cidade o depoimento de escravos, outras vezes, a luta contra a situação de escravos leva a ações de solicitação de liberdade.²⁴⁸

Fica aqui o estímulo à continuidade destas pesquisas, pois é a história de parcela significativa da população local²⁴⁹ que ainda precisa ser encontrada nas fontes e publicada para o conhecimento e respeito de todos.

3.3 O mundo polifônico real na cidade imaginária da ordem

3.3.1 A visão feminina de Joinville

Se no caso da história dos indígenas e dos negros não há livros publicados, sorte diferente estão tendo as pesquisas que mostraram as mulheres em Joinville. A historiadora Janine Gomes da Silva publicou em 2004 a dissertação de mestrado defendida em 1997 na Pós-Graduação em História da UFSC. Antes disso, porém, já havia contribuído com artigos em revistas sobre a temática. No livro **Tensões, trabalhos e sociabilidades: histórias de mulheres em Joinville no século XIX**, a historiadora buscou nos jornais os principais indícios de como era a vida de representativa parcela feminina da Joinville da época. E mostrou também através das histórias de mulheres do século XIX que a convivência entre luso-brasileiros e imigrantes não fora pacífica e ordeira como sugere a historiografia comentada no Capítulo II:

Podemos observar, por exemplo, por meio das representações e de imagens femininas veiculadas pela imprensa em português, que as

²⁴⁸ Id, P 51

²⁴⁹ Segundo o Censo Demográfico do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano 2000, dos 429.604 habitantes de Joinville, 9.413 se declararam negros.

mulheres faziam parte (e às vezes, eram alvo) dessa tensão. Nesse sentido, alguns jornais locais, além de outras fontes, foram pesquisados, e as notícias dos jornais escritos em português, apesar de provavelmente serem lidas por uma minoria daquela população, devem ser relativizadas, seus discursos e suas idealizações não podem ser tomados como características gerais daquela sociedade. (...) Podemos dizer que essas notícias, quando se referem especialmente às mulheres, não podem ser lidas como uma “notícia qualquer. Permeiam os seus textos, normas, códigos e moral. Constroem imagens femininas.”²⁵⁰

Numa publicação que discute a história local sob a perspectiva de gênero, Janine Silva faz a crítica à historiografia masculina e dominante germânica, que (re) cria o discurso da colonização diferenciada das demais do país pela povoação de intelectuais:

Salienta-se que não é nosso objetivo desmerecer a presença do imigrante na colonização de Joinville. Porém, criticamos essa historiografia que “cultua”, que (re) cria estigmas e que não contempla a grande massa de pessoas que também trabalhou. Tal historiografia costuma enfatizar apenas a história urbana, do centro da cidade, por ser aí que se estabeleceram as pessoas dedicadas às atividades comerciais e industriais e a “elite intelectual joinvilense”²⁵¹

Além das notícias, foram nos anúncios dos jornais locais que Janine encontrou muitos caminhos para traçar a história de vida das mulheres em Joinville que, somados às dezenas de entrevistas de História Oral, nos deram uma amostragem de como se constituíam as famílias: “As memórias nos apresentam mulheres trabalhadoras, que aqui viveram, plantara a terra e participaram do crescimento da cidade. Também a imprensa escrita, no período estudado, revelou-nos várias mulheres, as parteiras, professoras, comerciantes etc., que apareciam nos anúncios dos jornais”²⁵².

Outro momento importante da presença feminina em Joinville aconteceu nos preparativos e nas comemorações do Centenário, conforme demonstrou Janine G. Silva na sua tese de Doutorado²⁵³, defendida em 2004, também na UFSC. Naquele momento

²⁵⁰ SILVA, Janine Gomes da. **Tensões, trabalhos e sociabilidades**: histórias de mulheres em Joinville no século XIX. Joinville: Univille, 2004. P 30-31

²⁵¹ Id, P 77

²⁵² Id, P 102

²⁵³ SILVA, Janine Gomes da. **Tempo de lembrar, tempo de esquecer...**: as vibrações do centenário e o período da nacionalização: histórias e memórias sobre a cidade de Joinville. Tese (Doutorado em História Cultural). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

a comemoração, teve um objetivo específico: exaltar a imigração alemã e a forma como os descendentes assumiram seu patriotismo pelo Brasil como resposta à Campanha de Nacionalização realizada pelo Presidente Getúlio Vargas poucos anos antes (1938-1945).

A pesquisadora dividiu sua tese em quatro capítulos. No primeiro ela analisa alguns discursos sobre o Centenário comparando com o período vivido nos tempos da Campanha de Nacionalização e mostra como iniciou a organização pelos festejos. É logo que termina a campanha patrocinada por Getúlio Vargas que um grupo de eminentes personalidades de Joinville funda a SAJ – Sociedade Amigos de Joinville (1946), que tinha o objetivo primordial de preparar a comemoração do Centenário da chegada dos primeiros imigrantes alemães à região. A autora explica que no caso de Joinville, como em muitas outras cidades de colonização européia, a data de fundação da cidade coincide com a chegada dos imigrantes e torna-se o dia oficial do município. Nestes casos, pouco se fala do que existia no local antes deste episódio, tampouco se faz referência aos nativos da região e às outras etnias que posteriormente também se instalaram em Joinville. Neste sentido, Janine aponta a necessidade de estudos historiográficos mais abrangentes, pois ainda são raras as pesquisas sobre os índios e afro-descendentes que viviam em Joinville quando da colonização.

Voltando à tese, é preciso que se dê destaque às suas notas de rodapé. As questões teóricas envolvendo etnicidade, memória, representação, identidade, discurso, gênero, entre outras que são pano de fundo da pesquisa, pouco figuram no corpo do texto, mas são amplamente debatidas nas notas. Isso faz a leitura apazível e instigante para qualquer leitor, deixando as questões teóricas que nortearam a pesquisa para a consulta específica dos interessados nos detalhes nas notas de rodapé.

“Tornar o Centenário uma grande apoteose, abafando memórias de dores recentes e revigorando antigos personagens”²⁵⁴, no caso os colonizadores alemães, foi a intenção da SAJ. Aqui um destaque: tanto em 1946 com a SAJ, como em 1998 com o Instituto Joinville 150 Anos, quem liderou e comandou os festejos foi a elite local, predominantemente de origem germânica. Janine Silva apresenta a nominata das diretorias da SAJ. A esmagadora maioria tem sobrenome de origem germânica e muitos deles mais tarde tornaram-se, além de empresários de grande destaque na cidade, eminentes personalidades políticas, como vereadores, prefeitos, deputados estaduais e federais, sobretudo pela UDN – União Democrática Nacional, que era oposição ao PTB – Partido Trabalhista Brasileiro, de Getúlio Vargas. Segundo Janine, esta opção política predominante na cidade deve-se mais à Campanha de Nacionalização que propriamente por ideologia. “No pós-guerra, antigos e novos empresários, aliados a tradicionais e emergentes políticos locais, iam delineando as ações da SAJ, e ao ‘trabalharem’ para o desenvolvimento econômico da cidade, iam também preparando as comemorações do Centenário”²⁵⁵. Janine recupera um fato curioso da história de Joinville. Antes da Campanha de Nacionalização e da SAJ, o “aniversário” da cidade passou anos despercebido, até mesmo pela imprensa local. Já no período da nacionalização, quando se lembrava do 9 de Março, o tom era do trabalho e do patriotismo do imigrante ao país que o acolheu. E depois da 2ª Guerra Mundial, voltou-se a valorizar o colono, mas atrelado aos componentes da brasilidade, até para contrariar inúmeras notícias e panfletos que faziam alusão a integrantes nazistas na cidade, denúncia que levou alguns à prisão²⁵⁶. Recuperou-se, na época, notícias antigas, da participação dos imigrantes como soldados brasileiros na Guerra do Paraguai²⁵⁷ e o próprio censo do IBGE de

²⁵⁴ Id. P 22

²⁵⁵ Id, P 63

²⁵⁶ Id, P 45

²⁵⁷ Id, P 123

1940, segundo relatou a historiadora, mostra que naquele momento a maioria da população de Joinville não era “estrangeira”, mas brasileira nata com descendência dos imigrantes do século XIX, não só alemães, mas de italianos, portugueses e espanhóis²⁵⁸.

O 9 de Março torna-se festivo de fato após o Centenário, o que permanece até os dias de hoje, inclusive com a exaltação ao imigrante alemão e à Barca Colon²⁵⁹. A pesquisadora buscou todas as fontes disponíveis para apresentar o que significou o Centenário, desde os panfletos, as matérias, artigos, poesias e publicidade nos jornais e na Revista Vida Nova, criada especialmente para esta comemoração, até os depoimentos de pessoas que viveram aquele momento. Talvez este tenha sido o trabalho mais difícil da pesquisa: foram 51 entrevistas analisadas, além dos muitos depoimentos de pessoas que não quiseram registrar oficialmente suas lembranças, mas que de alguma forma deram pistas para a pesquisa. Novamente, a pesquisadora privilegiou as opiniões femininas sobre o Centenário, e explica o porquê:

As histórias sobre aqueles “tempos” foram perscrutadas a partir de dois tipos de memórias: uma publicizada por meio da imprensa e das inúmeras realizações da SAJ, portanto uma memória “mais masculina” (...) e, por intermédio das narrativas orais, especialmente de mulheres, na perspectiva de evidenciar algumas memórias “femininas” (...) as narrativas das fontes orais, permitem ver descontinuidades em face às memórias que afloram dos mais variados discursos presentes em outras fontes. (...) Priorizar a memória destas mulheres, como principais interlocutoras de diferentes experiências desenroladas em Joinville nas décadas de 1930 a 1950, reside na perspectiva de que é possível, ao nos “(re)encontrarmos” com histórias de um tempo pretérito, perceber a partir das minúcias de uma série de outras questões, uma perspectiva de “memória feminina”.²⁶⁰

Através desta tese percebe-se que, de fato, as decisões políticas da cidade, amplamente divulgadas, foram masculinas, ficando às mulheres o papel de “apoio

²⁵⁸ Id, P 28

²⁵⁹ Tanto que, em 2001 o Poder Público inaugurou o monumento pelos 150 anos, às margens do Rio Cachoeira (em frente à Prefeitura Municipal), no local onde teriam desembarcado estes primeiros colonos. Intitulado *A Barca*, o monumento é uma grande placa de cimento em forma de barco, com imagens que “representam” Joinville: a Estação Ferroviária, flores, operários e suas bicicletas, a dança. Elementos que no Centenário já haviam sido amplamente valorizados, conforme Janine descreve nos capítulos 2 e 3 da tese.

²⁶⁰ SILVA, Janine. **Tempo de lembrar, tempo de esquecer...** Op cit. P 9-10

logístico e doméstico”. No caso das comemorações do Centenário, a solicitação para “elas” foi o embelezamento da cidade, a confecção de bandeiras, o auxílio no cuidado dos jardins, entre outras ações. Isso fica evidenciado pela escolha teórica e metodológica de privilegiar a memória “periférica” sobre os festejos no público através das vozes femininas. Para Janine Silva, tal escolha não significou perceber as diferenças como algo dado, mas que se em muitos casos homens e mulheres viveram suas experiências de forma diferente, no ato de rememorar, estas diferenças se fizeram presentes²⁶¹, e este é um dos pontos principais desta tese.

Foi através destes depoimentos, por exemplo, que a pesquisadora constatou que o apelo público à participação de todos nas festividades do Centenário, no voluntariado e no embelezamento da cidade, destinava-se aos espaços do centro, já que na periferia da cidade não houve mudanças. Os que moravam na periferia teriam que trabalhar nos horários de folga para os festejos, de forma voluntária, mas a pedido das firmas, cujos donos estavam ligados à SAJ. A interferência da SAJ na sociedade foi tal que chegou a sugerir, através da imprensa e em panfletos próprios, a mudança das férias dos trabalhadores das indústrias para o mês de março para que estes pudessem participar das comemorações e gastar nas atrações. Pela SAJ, cada família deveria contribuir com 130 cruzeiros da época, ao adquirir o Álbum do Centenário – compra quase obrigatória – e gastar durante as atividades da festa. Subentende-se, intui a autora, que houve uma certa pressão dos patrões para este voluntariado dos trabalhadores, que acabou sendo um importante alicerce na construção do Centenário.

Para descrever a comemoração, Janine usa uma extensa documentação não só textual, como já foi citada, mas iconográfica: o Álbum de Fotos do Centenário e um

²⁶¹ Id, P 205

filme com imagens das festividades ofereceram uma leitura ímpar daqueles acontecimentos. A historiadora ao descrever, por exemplo, os desfiles tanto o cívico militar quanto o histórico, os bailados, os festivais esportivos de futebol e os clubes de tiro, apresenta como esta comemoração trouxe para o corpo da representação diversos elementos significativos para sustentar uma identificação com o passado do imigrante e forjar uma identificação com um futuro moderno de progresso econômico (pág. 156). A mudança do nome da Praça da Bandeira para Praça do Centenário e a inauguração neste local de um ginásio para abrigar exposições e do Monumento ao Colono, reforçam este argumento²⁶².

A tese da professora Janine Silva caminha pela memória pública/política entrelaçada pela história narrada através da lembrança/memória conseguida pela História Oral. Mostra elementos de fortalecimento de uma sociedade que até então vivia ainda os reflexos de uma campanha de nacionalização que mexeu com toda a cidade, mesmo naqueles moradores que não eram descendentes dos pioneiros. O “tempo de lembrar”, o tempo da colonização, apresentou-se como um espetáculo memorável e visava uma “vida nova” – daí a publicação da revista com o mesmo título – para que o tempo da nacionalização, o “tempo de esquecer”, de fato ficasse no baú das memórias. A história dos “fundadores”, lembrada a cada 9 de Março, o “espírito do trabalho alemão” que impulsionou a economia local a ponto de Joinville ser conhecida como a “Manchester Brasileira”, associada à identidade de “Cidade das Bicicletas” em função do grande número de operários, de “Cidade das Flores”, uma cultura germânica, e de “Cidade dos Príncipes”, em alusão ao casamento que originou o nome da cidade (da

²⁶² Essa continuidade da “saga do imigrante”, que começou com a Barca Colon e chegou à industrialização, com as firmas e suas chaminés e os operários de bicicleta, na ótica de quem efetivou os festejos, ratificaria a versão do passado enquanto uma “tradição”, o que de fato aconteceu. Basta lembrar dos 150 anos, comemorados em 2001. Mas também as diferenças sociais entre os moradores foram evidenciadas nos discursos do Centenário – e por que não dizer novamente no Sesquicentenário – especialmente quanto à classe social. Prevaleceu a narrativa a partir do imigrante e a maior parte da elite local (empresarial e política) era de descendência alemã.

Princesa brasileira Francisca com o Príncipe francês Joinville), foi consolidando no senso comum que Joinville é “de toda a gente”.

3.3.2 Instituições e imaginário local

Um trabalho que serve de pano de fundo de todos os citados anteriormente nesta fase “temática” da historiografia joinvilense é a Dissertação de Mestrado de Bellini Meurer, de 1993. Nela o autor analisou como o mundo imaginário na cidade foi construído socialmente, mostrando de que forma os mecanismos de sociabilidade – a imprensa, a historiografia, a cultura, com destaque para a literatura, o teatro e as artes – interferem na construção de um “real” que não é o vivido pela maioria da população:

Atualmente a população de Joinville vive “entre flores e manguesais” a procura de sua identidade. A imagem das flores destacou-se diante das demais representações que formaram o imaginário local. O peso deste símbolo é construído diariamente não só por esta, mas pelas mais variadas sociedades do mundo inteiro. Seus aromas fortes, e suas cores vivas, são elementos certos para ofuscar um mundo concreto, recheado de explorações sociais.

O que mais se percebe nos dias de hoje, é a formação de um real joinvilense, constituído de miseráveis – moradores de palafitas sobre o pântano de manguesais. Entre flores construídas e o mundo concreto dos manguesais, invadidos por seres humanos famintos, muita coisa tem para ser escrita²⁶³.

Bellini Meurer vivenciou o boom migratório de Joinville na década de 1970 e o crescimento desenfreado do bairro onde vive ainda hoje: Morro do Meio, um dos mais distantes do centro, com grande concentração de operários. Acompanhou o crescimento dos projetos habitacionais considerados populares, muitos dos quais feitos com aterros em mangues e dedicou-se às artes, sobretudo ao teatro. Foi deste “lugar” que escreveu o que entendia da história de Joinville, a partir dos pressupostos teóricos de Peter Berger e Thomas Luckman – construção social da realidade – e de Karl Marx – ideologia. Segundo Meurer, sua cidade está baseada num mundo concreto e outro fantástico, como sugere:

²⁶³ MEURER, Bellini. **Entre flores e manguezais**: a construção do real em Joinville. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1993. P 6

O nome da cidade nos lembra uma duplicata. A sua origem nos leva ao Príncipe de Joinville, Francisco Ferdinando, filho de Luiz Felipe – rei da França. O título nobiliárquico é originário de um vilarejo nas proximidades de Paris. Join-Ville: duas vilas convivendo no mesmo espaço separadas por um rio.

A Joinville brasileira é uma colônia alemã de Santa Catarina, dividida não por um rio, mas um processo histórico. Hoje temos uma vila real onde imperam as ricas avenidas, parques e monumentos ao lado de seres humanos famintos e esfarrapados. E temos a outra vila – imaginária, onde imperam a ordem, o progresso e todos vivem felizes.²⁶⁴

No decorrer de sua dissertação, Meurer apresenta os elementos que conduziram ao imaginário da Joinville feliz. A historiografia onde predomina a coragem dos imigrantes germânicos e a idéia de harmonia e progresso, com destaque para Elly Herkenhoff, Adolpho Schneider e Apolinário Ternes. Na literatura, o tema recorrente da história épica dos colonizadores e o amor à pátria deixada no Velho Mundo reforçam os laços de identidade. As artes plásticas “mostram os trabalhadores como pessoas ordeiras que pedalam suas bicicletas alegremente até o local do trabalho, cujas casas são locais lindos, com muitas flores”²⁶⁵. E o jornalismo local, segundo o pesquisador, realimenta “este ideal de uma cidade que é a maior do Estado, que tem o maior número de indústrias ou a maior arrecadadora de impostos”²⁶⁶.

Para Meurer, o distanciamento entre o real e o imaginário dá-se numa construção de cidade ideal que atende a manutenção de uma classe social no poder. No caso das artes, afirma o historiador, podem servir para destacar personalidades: “um trabalhador na indústria do material plástico nunca será encontrado na Galeria de Arte Vitor Kursansev”²⁶⁷. Porém, o prefeito [Luiz Henrique da Silveira, em 1981] pode utilizar-se do folheto convidativo para expor sua erudição²⁶⁸. Ao falar das obras do escultor e ceramista local Mário Avancini, assim explica Meurer:

²⁶⁴ Id, P 7

²⁶⁵ Id, P 9

²⁶⁶ Id 10

²⁶⁷ Galeria da cidade hispânica de Toledo.

²⁶⁸ MEUER, Op Cit, P 28

Quando de seu início, nas atividades artísticas, esculpia reais egípcios, índios e tamáticas do cristianismo católico. Após sua adaptação meio artístico, passou a esculpir temas ligados à família. Hoje, é possível perceber os traços germânicos de suas personagens, tanto na escultura quanto na cerâmica. (...) Não estamos querendo afirmar que alguém teria lhe cobrado num sentido literal, este novo procedimento. Estamos falando de construção de um imaginário social, onde é a sociedade que de forma abstrata, faz as exigências.²⁶⁹

Mas apesar de uma sociedade de certa forma fechada em suas tradições, Joinville não é isolada do contexto político e econômico nacional, por isso, observa Meurer, a partir de 1975 surgiu na cidade um grupo de intelectuais e artistas – inspirados e motivados pelo sindicalismo e movimentos artísticos do Sudeste – que passaram a questionar as estruturas locais. Isso gerou um confronto entre o grupo “questionador” e o “antigo sistema germânico feudal”, como descreve Bellini Meurer, favorecido por o fato de líderes das principais famílias de Joinville – entre eles empresários e políticos locais do momento – estarem ligados ao autoritarismo militar: “Ora, se um determinado consenso questionava a presença dos militares brasileiros no poder, nada mais justo que a elite política situacionista fosse questionada em sua realidade discursiva”²⁷⁰. Logo foram tomadas as providências para “eliminar” os focos de subversão:

As pessoas consideradas mais perigosas, foram perseguidas com demissões. Grande parte dos intelectuais – não obtendo espaço – tiveram que sair da cidade e os que ficaram – “menos perigosos” – não tiveram qualquer expressão. (...) tratou-se de incrementar a Festa das Flores, ampliaram-se as vindas de orquestras alemãs, iniciaram-se as construções em “enxaimel”, além de outras providências.²⁷¹

A imprensa, segundo Meurer, teve seu papel disciplinador fundamental neste período ao ecoar o pensamento predominante vigente contra as mudanças sociais, como vinha ocorrendo em algumas paróquias, motivadas pela Teologia da Libertação. Um exemplo é a notícia abaixo:

²⁶⁹ Id P 29-30

²⁷⁰ Id P 33

²⁷¹ P 36

Ocupando a tribuna da Câmara de Vereadores na noite de ontem, na qualidade de líder da Bancada da Aliança Renovadora Nacional, o vereador Marco Antonio protestou veemente contra o tipo de pregação que vem sendo feita nas paróquias de Joinville, que, no seu entender, antes de contribuir para a solução dos problemas sociais existentes, cria uma grave atmosfera de animosidade no relacionamento entre patrões e operários (...)²⁷²

Para o historiador as análises jornalísticas das lutas de classe em Joinville são superficiais e denotam uma preocupação em manter a ordem porque “as condições de vida – a que é relegada a maioria da população – são ocultadas, centrando-se ataque à participação política da mesma”²⁷³. Para isso, mostra artigos assinados que vão contra os movimentos contestatórios, como os sindicatos. Na verdade, são poucas as notícias – fatos e comentários locais – que o autor usa para mostrar a influência da imprensa na consolidação deste imaginário local. Sabemos, no entanto, que mesmo os textos sendo assinados – e por determinação não expressarem diretamente a opinião do jornal – passam por uma escolha, uma seleção, um pedido para publicação.

Meurer detectou na sua pesquisa um uma entrevista no Jornal EXTRA²⁷⁴ a um metalúrgico perseguido por ser sindicalista. Nela o trabalhador deixa claro que não mais atuará no movimento sindical, pois por ter se candidatado à presidência do seu sindicato, havia mais de um ano não encontrava emprego, mesmo com a ajuda de políticos progressistas da época. Conclui: “mesmo que o metalúrgico não viesse causar problemas à estrutura local, (...) seu gesto poderia significar ceder aos novos pensamentos políticos que teimavam em pulverizar Joinville”²⁷⁵.

O pesquisador mostra ainda os efeitos da Campanha de Nacionalização no fortalecimento da identidade germânica, mesmo para os não germânicos que acompanharam a proibição das expressões culturais alemãs. Ao mesmo tempo, este foi

²⁷² Vereador denuncia pregação marxista nas igrejas católicas. **A Notícia**, 06/10/1978. p 1 – Segundo Caderno (Apud)

²⁷³ MEURER, Op Cit, p 39

²⁷⁴ A máfia de Joinville me persegue. **Jornal Extra**. Joinville, 27 e 28/04/1979. P 15 Este jornal fora criado para contestar A Notícia e outros veículos de comunicação alinhados à ditadura militar.

²⁷⁵ MEURER, Op Cit, p 43

o período que permitiu o aumento da produção industrial de Joinville e conseqüente “proletarização de indivíduos que deixavam as regiões agrícolas das proximidades, em busca de uma vida melhor”²⁷⁶. No entanto, a cidade onde muitos operários têm suas palafitas sobre os mangues permanece, na visão de Meurer, florida e loira: “Nos dias atuais, pessoas oriundas de todo o Brasil perambulam nas ruas da cidade, com seus costumes, ambições, sonhos. Auxiliando na reconstrução de um mundo fantástico. Mas que dificilmente eliminará a flor, a bicicleta, a Maçonaria, o enxaimel: o “espírito germânico”²⁷⁷.

Esta manutenção da identidade germânica até os dias atuais como explicou Meurer, teve também nos espaços de sociabilidade, como grupos de música, canto coral, teatro e ginástica, desde o início da colonização, os locais para a preservação e consolidação deste imaginário coletivo. Belini Meurer faz referência a estes espaços culturais em sua dissertação, mas foi Katianne Bruhns em 1997, também em estudo acadêmico, que mostrou em detalhes como tais espaços auxiliaram os grupos descendentes de europeus a manter os laços culturais resistindo à Campanha de Nacionalização de 1938. Ela ressalta que tais sociedades culturais são características de todas as regiões de colonização germânica: “a característica principal, comum a todas elas era a de reelaborar velhas tradições e incentivar a formação de uma identidade étnica”²⁷⁸.

Um conceito interessante que permeia o texto de Katianne Bruhns é o de “identidade contrastiva” apresentada por Giralda Seyferth,, como explica a historiadora:

Adotaremos neste trabalho o conceito de comunidade étnica utilizado por Giralda Seyferth, que se define a partir dos usos e costumes, e tendo estes como base diante das diferenças. (...) Importante ressaltar aqui que este conceito de comunidade étnica formou-se a partir da constatação

²⁷⁶ Id, P 135

²⁷⁷ Id, P 136

²⁷⁸ BRUHNS, Katianne. **Espaços de sociabilidade e o idioma**: a Campanha de Nacionalização em Joinville. Mestrado em História. Florianópolis: UFSC, 1997 P 10

das diferenças culturais entre as colônicas teuto-brasileiras e as demais – luso-brasileiras, ítalo-brasileiras, etc, ou seja, começa a aparecer aí a “identidade contrastiva” (..) [que] constitui a essência da identidade étnica, pois se afirma, **negando** a outra identidade etnocentricamente²⁷⁹ [grifo nosso]

Busquei, através de documentos, perceber a importância do idioma alemão para o desenvolvimento das atividades culturais na década de 30. A partir daí, pudemos perceber que as apresentações teatrais, ou dos corais e mesmo as festas e reuniões para competições de tiro ao alvo ou de ginástica davam-se através do uso desta língua.²⁸⁰

Conhecedora já dos trabalhos historiográficos desenvolvidos até então (Bellini Meurer, Ilanil Coelho²⁸¹, Cyntia Campos²⁸², Elly Herkenhoff e outros), Bruhns procura apresentar como as sociedades culturais germânicas sobreviveram à Campanha de Nacionalização incorporando novas normas “e até novos ritos”, como as comemorações cívicas nacionais. Estas novas comemorações eram largamente divulgadas pela imprensa local, principalmente através do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda – do Governo Getúlio Vargas, em tom convocatório e loco passaram a fazer parte do cotidiano, como registrou a historiadora:

Temos inúmeras matérias escritas nos jornais de Joinville divulgando e promovendo comemorações cívicas incentivadas pelo Estado Novo em sua campanha nacionalizadora, que buscava no passado justificativas para o presente, criando heróis e enaltecendo tudo o que era genuinamente brasileiro.

Diante destas notas – que camuflam o conflito, dando uma falsa noção de que a harmonia reinava tanto nos dias de homenagens cívicas quanto nos outros – percebemos a intensidade da Campanha de Nacionalização e da ideologia do Estado Novo, que alcançou o Brasil reinventando tradições cívicas um tanto esquecidas pelas ideologias liberais²⁸³

Além das sociedades culturais, Bruhns ressalta a importância da comunicação para este processo de nacionalização e destaca trechos de jornais e legislações que impunham proibições aos estrangeiros, sobretudo a alemães e italianos, como o direito concedido somente a brasileiros natos para a locução em estações de rádio. Essa e a

²⁷⁹ Id P 11-12

²⁸⁰ Id, P 13

²⁸¹ COELHO, Ilanil. **Joinville e a campanha de nacionalização**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal São Carlos, São Carlos, 1993

²⁸² CAMPOS, Cyntia Machado. **Controle e normatização de condutas em Santa Catarina (1930-1945)**. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1992.

²⁸³ BRUHNS, Katianne, Op Cit, P 69-70

definição da proibição de notícias em alemão e sobre a cultura alemã, apontou a pesquisadora, abalou as estruturas culturais em Joinville pois “o Jornal “A Gazeta”, até 1937, trazia o programa das irradiações que provinham da Alemanha e possuía uma coluna escrita totalmente em alemão, a Deutsche Teill (Secção Alemã), que trazia informações políticas e sociais em alemão e em português ou castelhado, programas de música popular alemã, comédias, emissões para jovens (onde a juventude hitlerista cantava)²⁸⁴. Tal medida proibiu ainda a exibição de filmes estrangeiros e peças teatrais escritas e apresentadas em alemão, que também eram comuns e mais tarde, com a intervenção do Governo através do Exército nas sociedades culturais e de ginástica:

Em função dos objetivos desses espaços de sociabilidade – preservação dos costumes, práticas, hábitos e tradições germânicas – o Governo reinventa certas práticas para os mesmos espaços como, por exemplo, a valorização do passado através da exaltação dos heróis nacionais, impondo, desta forma, novas normas culturais para a criação da brasilidade.²⁸⁵

Diante disso, para muitas sociedades, esta nova realidade exigia uma nova postura diante de todo o sentimento de germanidade que procuravam preservar, bem como diante de um sentimento, que se não lhes era estranho, pelo menos não fazia parte integral de seu cotidiano – o sentimento de brasilidade. Este, agora, deveria ser cultivado diariamente. Mais do que isso, deveria ser vivido nas ruas, repartições, públicas, nos lares e no dia-a-dia de toda a população²⁸⁶.

Katianne Bruhns, neste trabalho que mostrou as mudanças culturais em Joinville com a Campanha de Nacionalização, procurou nos jornais locais e na historiografia existente, as fontes básicas para a sua pesquisa. Aqui, mesmo se tratando do comportamento “tradicional e cultural” germânico, a autora percebe os elementos de transformação e de mudanças sociais com o passar dos anos. E foi pelas notícias de jornais que verificou a sociedade diversificada de Joinville e as disputas étnicas em jogo.

²⁸⁴ Id, P 73

²⁸⁵ Id P 107-108

²⁸⁶ Id P 110-111

3.3.3 A modernidade e suas implicações

Tais disputas permanentes de forças vêm sendo tematizadas em outros trabalhos historiográficos que evidenciam o mundo polifônico real na cidade da ordem defendida pela historiografia local tradicional e contestada pelos trabalhos temáticos. Talvez um dos mais recentes e que mostra essa sociedade em transformação, motivada pela industrialização e pela modernidade, é o de Clóvis Gruner.

Jornalista e formado em História pela Univille, o autor desde a graduação optou em avaliar como a imprensa de Joinville tratou a temática trabalho²⁸⁷. Posteriormente, na sua Dissertação de Mestrado pela UFPR (que publicou no livro em questão), optou por fazer uma crítica à modernidade, de denúncia social porque

A cidade moderna, já se sabe, é também o lugar da destruição das tradições e da segregação social, da exclusão dos pobres e indesejáveis para as margens, assim como da estigmatização daqueles que não se tornam proprietários. Mulheres, negros, mendigos, subversivos, indesejáveis de todos os tipos são, neste contexto, alijados da vida social, da política e da cultura, para além da participação na riqueza econômica, como um entrave para o avanço desse mesmo progresso que os engendra.²⁸⁸

Gruner também questiona a tradição que lhe foi imposta na cidade que conhece desde criança e se recusa a dar seqüência ao discurso que emoldura ainda hoje o imaginário local (como vimos, por exemplo, em Meurer). Escolheu como fonte principal o jornal *A Notícia* e apresentou como orientação metodológica o pensamento de Michel Foucault:

Sob o ponto de vista genealógico, para citarmos Foucault, não se trata de buscar no passado a idealidade das origens, mas o momento em que nascem, historicamente, os saberes e os discursos que constituíram os objetos históricos – e o próprio sujeito. Não mais explicar o “real”, mas desconstruí-lo enquanto discurso. Em outras palavras: o passado não nos é dado, ele é uma construção social, conceitual, lingüística e discursiva. (...) Ao ler essas fontes e, pela leitura e a escrita, construir – ou inventar – o passado, o historiador está representando o já representado, atribuindo-lhe outros significados e sentidos. E nunca é

²⁸⁷ GRUNER, Clóvis. **Ordem, disciplina e dissonância na Joinville do trabalho: o olhar da imprensa 1960-1980**. Monografia. Univille, Joinville, 1997

²⁸⁸ _____. **Leituras matutinas: utopias e heterotopias da modernidade na imprensa joinvilense (1951-1980)**. Curitiba: Aos quatro Ventos, 2003 P XIV-XV

demais lembrar que é no interior de um “campo de força”, dos “jogos de poder”, que essas interpretações são produzidas e legitimadas como verdade. (...) Talvez um de nossos principais desafios, hoje, como historiadores, seja o de desnaturalizar a história, interpretar as interpretações, mostrar que o que é não tem sempre sido e que aquilo que nos parece natural é construído historicamente.²⁸⁹

Usando as notícias do principal jornal da cidade no período do *boom* industrial, logo depois das festividades do Centenário de fundação de Joinville até a década de 80, com o crescimento demográfico surpreendente provocado pelas migrações, Gruner acompanha o processo de modernização local para além do que ele teve de visível: a interferência do poder público na urbanização, nas ruas e avenidas, na construção de praças e delimitação dos espaços coletivos. O autor buscou a polifonia, a pluralidade e a diversidade mesmo quando o esforço hegemônico buscava fazer de Joinville um lugar uníssono²⁹⁰. Para isso, explica, pesquisou os discursos que falam sobre modernidade e como ela foi percebida por parcela da população e ao mesmo tempo pelas gestões que planejaram e tentaram disciplinar o desenvolvimento urbano. E nos próprios discursos Gruner buscou – e encontrou – os indícios de rupturas e dissonâncias ao projeto de modernização em andamento:

Inspirados tanto em [Walter] Benjamin quanto em Foucault, procuramos “ler a história a contrapelo” para tornar visíveis suas descontinuidades. Ainda em Foucault, fomos buscar o conceito de “heterotopia”, empregado neste trabalho como a possibilidade de ler, nas relações cotidianas da cidade, formas de “contestação simultaneamente mítica e real do espaço e das pretensões utópicas que incidem sobre ele.”²⁹¹

A modernidade que trouxe a industrialização e projetou Joinville para o mundo, explica Gruner ao analisar sobretudo os discursos da imprensa, as páginas policiais, os

²⁸⁹ Id, P 3-4

²⁹⁰ Clóvis Gruner apresenta esta outra – ou estas outras – Joinville, mas não sem fazer a crítica aos historiadores que edificaram a identidade germânica e empreendedora, sobretudo ao também jornalista Apolinário Ternes. Ao referir-se à opção de Ternes em abordar a história local a partir da fenomenologia de Husserl e a “longa duração” de Fernand Braudel, trata-a como “equivocada”, “frágil” e “risível”: “*Grosso modo*, a longa duração visa ao estudo das permanências e estruturas da história, cuja ênfase é outra característica que afasta a história escrita por Braudel daquele voltada aos acontecimentos”, contesta Gruner. Para ele, Ternes, mesmo tendo estudado as teorias “esforçou-se”, mas não teria compreendido a profundidade dos estudos da Escola dos Annales. **GRUNER, Op Cit, P 54-55**

²⁹¹ Id P 7

artigos preocupados com a “Joinville de antigamente” trouxe também o lado selvagem da cidade que se sonhava ser ordeira. Com a migração e a falta de oportunidades para todos que chegavam, vieram também a ampliação da periferia, a prostituição, a mendicagem, os problemas no trânsito. E, para além disso, surgiram outras formas de sociabilidade que não as tradicionais conhecidas das áreas centrais de Joinville:

Contrapondo-se à utopia de uma cidade virtual, as heterotopias, os contralugares, parecem surgir em toda parte, mostrando a face de uma cidade (ou cidades) real, e por isso, espaço de sociabilidades e tempos descontínuos e fragmentados. As tentativas de constituição e instituição de uma “eugenia moral”, protagonizadas pelas elites políticas e econômicas, com o respaldo da imprensa, frustram-se em seu encontro com as práticas e sociabilidades marginais. (...) Nesse universo de relações plurais, a delinquência e a criminalidade perdem, por certo, a aura de romantismo que muitas vezes lhes são atribuídas. Mas conquistam o “direito” de serem pensadas historicamente, em um tempo e espaço.²⁹²

Pensar historicamente a vida dos mais diversos grupos em Joinville, do centro e da periferia, das mais diversas etnias e ocupações, bem como reescrever histórias já contadas, descobrir novas fontes ou reinterpretar as já conhecidas, ao que se percebe, projeta um campo de estudos bastante fértil. Neste sentido, qual papel dos jornais e jornalistas, que em todas as fases historiográficas locais tiveram seu espaço assegurado e sua produção interpretada de diferentes maneiras? Clóvis Gruner mostrou que a cidade real aparece nas páginas dos jornais diários, ainda que esta realidade não faça parte dos discursos e do “imaginário” local. Existe, então, um censo comum historiográfico em Joinville? É o que veremos a seguir.

²⁹² Id, P 196-197

CAPÍTULO IV

A lembrança se reconstrói sempre a partir do presente e é o grupo ao qual pertence o indivíduo que fornece a ele meios de reconstruir o passado. A seletividade da memória nada mais é do que a capacidade de ordenar e dar sentido ao passado, em função das representações, visões de mundo, símbolos ou noções que permitam aos grupos sociais pensar o presente.
MARIALVA BARBOSA²⁹³

4.1 A imprensa constrói um senso comum historiográfico?

No século XIX, quando do início da imigração para o Brasil, a imprensa européia já estava consolidada, sobretudo impulsionada pelos avanços tecnológicos da melhoria dos transportes, da invenção do telégrafo, do telefone, da linotipo e da máquina de escrever. Ainda assim, só 12 anos depois da chegada dos primeiros imigrantes a Joinville é que a cidade teve o seu primeiro jornal impresso (o que havia circulado até então era manuscrito), com equipamento vindo da Alemanha. E, segundo reforça o historiador Apolinário Ternes , o Kolonie-Zeitung só

²⁹³ BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. P 83

não foi o primeiro jornal em língua alemã do Brasil porque no “momento do desembarque dos 118 imigrantes, acaba afundando e leva para o fundo do mar o primeiro prelo”²⁹⁴. A criação deste periódico, aliás, é exaltado por praticamente todos os historiadores classificados na abordagem local tradicional nos anos de 1970 até a década de 1990 e é tido pela historiografia local como um marco, conforme Ternes:

O ‘Colonie-Zeitung’, inicialmente era semanário, depois passou a bi-semanal, trazendo notícias, anúncios, artigos, reflexões filosóficas, enfim, farto material impresso, o qual era avidamente consumido pelas centenas de leitores, não apenas na cidade (os fatos eram conhecidos imediatamente e passavam de boca-em-boca no mesmo dia), mas se constituía na grande atração das famílias residentes na área colonial. Como todo jornal, também o ‘Colonie-Zeitung’ foi instrumento poderosíssimo para realçar as figuras que já se destacavam na colônia, sendo ele, o jornal, o embrião de muitas idéias políticas (...) não tememos afirmar que seria o ‘Colonie-Zeitung’ um dos fatores que poderão e deverão ser admitidos como um dos agentes responsáveis pela transformação da colônia agrícola em centro industrial²⁹⁵

O comentário do historiador pode ser exagerado quanto à importância do periódico para a economia da cidade, mas tem razão quando faz referência à leitura de boa parte da população, sobretudo os de origem germânica e a influência política através das páginas do jornal. Aqui, acho pertinente retornar a Carlos Eduardo Franciscato quando afirma serem os aspectos sociais e culturais os responsáveis pela sedimentação dos sentidos de temporalidade predominantes de uma época, através dos componentes simbólicos, interações e hábitos sociais:

Além de oferecer relatos periódicos sobre os pequenos movimentos da vida urbana local e das nações, o jornalismo cria hábitos culturais e sociais que têm, em si, um componente temporal: a notícia estimula a interação entre as pessoas, seja na simultaneidade dos procedimentos de leitura quanto no debate direto dos conteúdos noticiosos, conduzindo para uma tomada de decisões visando a produzir uma ação pública.²⁹⁶

²⁹⁴ Sessão solene pelo Centenário da morte de Ottokar Dörfffel, em 14/03/2007. **Anexo B.**

²⁹⁵ TERNES, Op Cit, P 131-132

²⁹⁶ FRANCISCATO. Op Cit. P 63.

O mentor do *Kolonie-Zeitung*²⁹⁷, jornalista e advogado Ottokar-Dörfffel (que chegou à Colônia Dona Francisca em 1854), segundo Ternes e Herkenhoff, fora ex-prefeito de Glauchau/Alemanha e teria vindo ao Brasil depois da derrota de seus ideais políticos, em 1848²⁹⁸. Há uma divergência inclusive acerca de sua viagem para o Brasil: se ele teria vindo como fugitivo para evitar a morte, já que havia esta sentença nos tribunais da Saxônia, ou se esperara todo o trâmite do processo e só emigrado depois de sua absolvição. Independente da versão verdadeira, fato concreto é que os historiadores Ternes e Herkenhoff exaltam, a meu ver, de maneira exagerada o imigrante, e os motivos são as atividades que exercera na Saxônia e depois, pelas funções acumuladas em Joinville: secretário e diretor interino da Colônia, diretor de teatro, fundador da Maçonaria e de sociedades culturais, criador do *Kolonie*: “Filósofo, homem de muitas leituras, sóbrio, Ottokar Dörfffel no entanto, desde que pisara as terras brasileiras, sonhava com um jornal”²⁹⁹.

Ternes faz ainda uma extrema ligação entre Joinville e Dörfffel, muito antes da criação da Colônia e da derrota política do advogado saxão. Disse o historiador, na sessão solene na Assembléia Legislativa de Santa Catarina, que celebrou o centenário da morte de Ottokar Dörfffel, realizada em março de 2007:

²⁹⁷ Nota-se que as primeiras publicações do periódico vinham grafadas *Colonie*, mas é o nome *Kolonie-Zeitung*, com K, que é a referência. Assim explica Herkenhoff: “É interessante notar que o nosso Jornal da Colônia nasceu como “*Colonie-Zeitung*” – com C inicial – de acordo com a grafia ainda em uso. Havia, porém, uma tendência generalizada nos países de língua alemã, no sentido da substituição do C pelo K em determinadas palavras de origem latina, como : *Colonie*, *Cultur*, *Concurrenz* etc. Aos poucos, os escritores alemães mais categorizados foram aderindo à grafia germanizada de tais palavras, passando a escrever: *Kolonie*, *Kultur*, *Konkurrenz* etc, e assim, em janeiro de 1869, o nosso jornal modificou o seu cabeçalho, apresentando-se como “*Kolonie-Zeitung*” – para satisfação dos progressistas e desespero dos superconservadores...” in HERKENHOFF, Elly. **História da Imprensa de Joinville**. Florianópolis: Edufsc; Joinville: Fundação Cultural de Joinville 1998. P 40

²⁹⁸ “Embora professando idéias liberais, Ottokar Doerffel era inimigo da violência e, no intuito de impedir qualquer destruição material, qualquer derramamento de sangue, procurou por todos os meios, tolher a marcha dos rebeldes de Glauchau sobre Dresden, o que não conseguiu. Mas, após o restabelecimento da ordem com auxílio de tropas prussianas, rigoroso inquérito foi instaurado e, segundo alguns autores, Doerffel teria sido condenado a morte, por alta traição, em primeira instância, a prisão de 12 anos em segunda e absolvido em terceira instância. (...) O certo é que, em conseqüência daqueles acontecimentos, o idealista Ottokar Doerffel decidiu abandonar a pátria”. In HERKENHOFF, Elly. **Era uma vez um simples caminho**. Joinville: Fundação Cultural, 1987, 43

²⁹⁹ TERNES, Op Cit. P 127

O espanhol Ortega y Gasset, filósofo que estudou na Universidade de Leipzig, disse que nós somos nós e as nossas circunstâncias. Ottolar Döerffel tem isso muito visível na sua trajetória. A primeira circunstância da vida dele foi que poderia ter-se desempenhado muito bem na condição de serventuário da Justiça, de operador do direito e de político, porque já obtivera um cargo importante em Glauchau. Mas todas aquelas circunstâncias iniciais dos seus primeiros 32 anos foram interrompidas brutalmente pelas revoluções do ano de 1848.

É interessante também vincular que a fundação de Joinville, que vai ocorrer no dia 9 de março de 1851, está diretamente vinculada à Revolução de 1848, na França, na qual o rei Luiz Felipe, pai do príncipe de Joinville, perdeu o trono. (...) Então, a Revolução de 1848 é que determina a fundação de Joinville e determina, em 1854, a imigração de Ottokar Döerffel para a nossa cidade.

Para Ternes, o *Kolonie Zeitung* é um “instrumento poderosíssimo para realçar as figuras que já se destacavam na colônia, sendo ele, o jornal, o embrião de muitas idéias políticas”. E isso, de fato, procede. Ele reforça esta tese em vários livros publicados e também em eventos, como o citado acima. Nos livros reproduziu diversas notícias veiculadas no periódico, sempre fazendo alusão ao crescimento, ao surgimento das novas empresas, a alguns conflitos étnicos, ao espírito empreendedor dos imigrantes, o que ele credita à “alma joinvilense”, constituída pelo “elemento anglo-saxão, germânico, prussiano, tenaz, obstinado”. Ao fazer uma análise das diferenças entre os povos da Península Ibérica que colonizaram a América e dos europeus, notadamente os germânicos que emigraram para o Brasil na segunda metade do século XIX, Ternes argumenta:

Batizados pelo fogo da guerra, respingados pela lei do mais forte, cansados da expropriação, entregues sempre à insegurança e à devastação (...), os alemães que constituem a parte espiritual e afável da Alemanha, decidiram implantar no Brasil, nas terras despovoadas de Santa Catarina, um pouco do muito que sonhavam. Sabedores como frisamos, das instituições liberais e democráticas inglesas e francesas, os “alemães nossos” entenderam que Joinville seria o local, e 1851 a hora. E desde lá, Joinville cresceu sob o signo do liberalismo, habitado por um punhado de homens empreendedores e ciosos de seus deveres, de suas obrigações, mas também de seus direitos. E nesta linha de pensamento que podemos explicar a presença aqui de um filósofo e de um político atuante como foi Ottokar Doerfell, responsável pela criação do “*Kolonie-Zeitung*”.³⁰⁰

³⁰⁰ Id, Op Cit. P 188

Aliás, não só estes historiadores, mas a própria representatividade política profissional dos jornalistas catarinenses mantém vivo o ícone Kolonie-Zeitung e seu criador. A constatação foi exatamente a já citada sessão solene promovida pelo Poder Legislativo Estadual, alusiva ao 39º aniversário da Associação Catarinense de Imprensa, o centenário da morte de Döerffel e o lançamento de um livro sobre o jornal³⁰¹. Nas palavras do presidente da ACI, jornalista Moacir Pereira³⁰² a confirmação do “senso comum” acerca da história de Joinville:

Transmito a cada uma das autoridades, dos ilustres participantes desta solenidade, em nome da diretoria do Conselho da Associação Catarinense de Imprensa, o abraço de gratidão pela presença, pelo prestígio e, certamente, depois de ouvirem Apolinário Ternes vão ficar ainda mais interessados na leitura da obra da nossa colega Lilian dos Santos, especialmente por outros trabalhos de pesquisa sobre os desbravadores da colonização alemã, dos imigrantes valorosos, heróicos e corajosos que construíram a capital econômica do estado de Santa Catarina (grifo nosso).

Esse discurso é permanentemente reforçado a cada novo aniversário da cidade, celebrado no mês de março. Joinville tem isso de peculiar: ao contrário da maioria dos municípios brasileiros, que comemoram seu aniversário na data de emancipação política, em Joinville o aniversário relembra a chegada dos primeiros imigrantes. E isso ficou ainda mais forte depois das comemorações do Centenário, ocorridas em 1951, conforme mostrou a historiadora Janine Gomes em sua tese de doutorado (Capítulo III).

³⁰¹ Nesta sessão comemorativa o historiador Apolinário Ternes fora a grande atração da noite, ao narrar a vida do imigrante Ottokar Döerffel. Ternes fora, aliás, o único historiador de Joinville presente. Segundo constatei junto aos professores do Curso de História da Univille, eles sequer foram convidados para tal cerimônia.

³⁰² Moacir Pereira é um dos jornalistas políticos mais importantes de Santa Catarina. Um dos fundadores do Curso de Jornalismo da UFSC, atua na profissão há mais de 40 anos, tendo sido correspondente internacional e atuado em veículos de comunicação nacionais. Nos últimos anos, mantém coluna diária em diversos jornais do Estado. Também contribuiu para o debate acerca da História e Jornalismo, ao escrever diversos livros sobre a política estadual e a comunicação, entre eles **Aspectos da realidade política de Santa Catarina** (1980), **O golpe do Silêncio** (1984), **Imprensa e poder: a comunicação em Santa Catarina** (1992), **O Golpe das Letras** (1997), **Ivo Silveira: um depoimento** (1998), **Kleinubing: uma trajetória de coerência** (2001) e **Colombo Salles: o jogo da verdade** (2007).

4.2 A visão historiográfica na edição comemorativa do Sesquicentenário

Nas comemorações do Sesquicentenário, em março de 2001, o Jornal A Notícia tentou fazer um amplo panorama da cidade sob os aspectos históricos, políticos, econômicos, educacionais, sociais³⁰³. No entanto é inegável o grande espaço concedido para os assuntos que remontam a tradição germânica. Na matéria que fala do Cemitério dos Imigrantes, é citado o trecho do discurso da historiadora Elly Herkenhoff feito em 1980 no local:

Este campo de paz é um patrimônio da nossa cidade. Ao caminharmos por entre os seus vestustos jazigos, encontraremos nomes perpetuados nas páginas de nossa história, que nos lembram homens e mulheres que tudo, tudo deram de si, trabalhando uma vida inteira na obra comum, para filhos e netos de todas as gerações futuras.

A afirmação é reforçada pela informação do repórter:

Os pioneiros, os que aqui chegaram nas primeiras semanas e nos primeiros anos, a partir de março de 1851, e enfrentaram dificuldades de toda ordem e mesmo assim venceram as adversidades e consolidaram a colônia, estão no Cemitério do Imigrante. Sobrenomes tradicionais - de Doerffell a Wetzel, de Niemeyer a Wundervald - repousam no primeiro cemitério da cidade.

No artigo do então prefeito da cidade, Luiz Henrique da Silveira, a nostalgia dos primeiros anos vividos em Joinville, na década de 1960 e, ao celebrar os avanços propostos pela sua administração, conclui, também voltando-se para o século XIX:

Daqui a 50 anos, os joinvilenses vão lembrar com saudade, também, de coisas com que comemoraremos o sesquicentenário. É o caso dos centreventos comunitários nas escolas municipais, a grande festa da solidariedade no Complexo Cultural Antarctica, a Expo Joinville, o Rodeio Crioulo Nacional e do Mercosul, a inauguração da Piazza Italia, a apresentação do Bolshoi, quando a grande dama da dança do momento, Nina Speranskaya, encerra sua carreira com o espetáculo de Joinville, fazendo o solo "A Morte do Cisne". E o grande monumento "A Barca" em frente à Prefeitura estará ali, imponente, homenageando os bravos imigrantes que desbravaram o mangue e construíram a maior e melhor cidade de Santa Catarina.

³⁰³ Aos 150 anos, Joinville é uma cidade de futuro. **A Notícia**, 9 de março de 2001 Disponível em <http://www1.an.com.br/jville2001/pg01.htm>. Acesso em 12 junho 2006. **ANEXO C**.

Não faltaram artigos e matérias exaltando os desbravadores e empreendedores. Wilfredo Eberhardt, em 2001 com 76 anos (nascido em Joinville e cujos bisavós da Alemanha e da Suíça vieram para a cidade por volta de 1860) assinou um longo texto sobre os primeiros colonizadores. O olho da matéria é mais um reforço da tendência oficial: “Homenagem de um joinvilense aos seus antepassados, que construíram uma cidade com a força da fé e da obstinação”. Também foram publicados textos sobre a vida de Ottokar Döerffel, o jornalista Crispim Mira, um ícone da imprensa local, Wittich Freitag – fundador das empresas Cônsul e Embraco, tendo sido também prefeito, além do Senador Carlos Gomes (cujo pensamento e obra comentamos no Capítulo II). Na matéria referente à biografia deste, que de fato foi um dos mais importantes políticos nascidos em Joinville, só foi omitida uma informação, a meu ver, muito importante: que a nacionalização do ensino, tida por muitos descendentes dos colonizadores como um dos mais tristes momentos da história local, pelo fechamento das escolas alemãs e dos jornais em língua estrangeira, foi iniciativa de um projeto do próprio Senador, que defendia a língua portuguesa e a necessidade do ensino na língua nacional. Por que isso não foi dito nesta edição comemorativa e de exaltação à memória colonizadora? Deixo ao leitor esta conclusão...

A maçonaria também teve seu espaço nessa edição comemorativa, ainda que a matéria tenha sido superficial. Informa as datas da criação e comenta que, por conta dos participantes das lojas maçônicas é que Joinville teve uma grande diversidade cultural:

Através da forte atuação de seus membros, a maçonaria esteve presente nos mais importantes momentos da colônia, sendo, de certa forma, o centro de irradiação cultural, espiritual, social e material do lugarejo. Nomes como Ottokar Doerffel e Augusto Wunderwald (um dos fundadores) foram a síntese do espírito comunitário em prol da municipalidade cultivado nos primeiros anos e que foi a base para o desenvolvimento e a transformação do pequeno povoado na Joinville que conhecemos.

Apesar de não citar a fonte³⁰⁴ nem nomes atuais pertencentes à instituição, o jornal aponta algumas práticas maçônicas e fatos ocorridos nos primeiros anos da colônia. Como praticamente todas as demais matérias fizeram ligação com a Joinville atual, senti falta desse “gancho” na pauta, pois com certeza, a maçonaria continua forte e influente na cidade. Mas como até hoje paira sobre a instituição uma espécie de cuidado, precaução e até mesmo temor, a matéria intitulada **“Livres pensadores inovam a cultura”** é encerrada de forma genérica: “Ao lado das atividades rotineiras da entidade (como palestras, instruções e iniciações), a participação na comunidade continuou se fazendo presente onde é mais preciso, sempre com a discrição que sempre caracterizou a postura maçônica.”³⁰⁵

De outras etnias, esta edição comemorativa lembrou ainda a participação do médico libanês Sadalla Amin, que além da medicina dedicou-se à construção do primeiro edifício de escritórios em Joinville, em 1950, do primeiro prédio de apartamentos, em 1956, do estádio do América Futebol Clube, na época o maior de Santa Catarina, e da nova Catedral. Segundo o jornal, “Suas obras como construtor são gigantescas em termos históricos e culturais”. Afirmativa que pode ser questionada sob muitos aspectos, mas não entremos nisso agora...

O jornal apresenta ainda uma matéria que traz o nome de uma das primeiras colonizadoras (chegada a 9/03/1851) num livro que, na época fora recentemente publicado: o "Dicionário Mulheres do Brasil". O diferencial nesta matéria foi a opção pela versão colonizadora a partir da valorização de uma mulher, que não teria ocupado nenhum cargo público proeminente, tampouco se tornado uma empreendedora de sucesso, mas que, por sua determinação, teria sido a responsável pela manutenção da família até os dias atuais: “A matriarca da família joinvilense foi

³⁰⁴ Esta falha é verificada em praticamente todos os textos desta edição, que, pressupõe-se histórica, mas no caso da Maçonaria deve ter sido o livro de EHLKE, Ciro. **A maçonaria do passado histórico de Joinville**. Joinville: PMJ/FCJ/AHJ, 1990

³⁰⁵ Aos 150 anos, Joinville é uma cidade de futuro. Op Cit.

apontada pelo livro lançado no final do ano passado pela Editora Jorge Zahar, como a representante do esforço e dedicação das imigrantes alemãs que aqui chegaram durante a segunda metade do século 19”. A fonte citada pela história da Sra. Adelheid Roskamp foi seu tataraneto, Norberto, que disse o que sabia da história de sua família.

Nessa matéria senti falta da busca de outra fonte: da historiadora Janine Gomes, que anos antes já havia defendido sua Dissertação de Mestrado sobre histórias de mulheres na cidade no século XIX (já nos referimos a esta obra no Capítulo III) e também já era de conhecimento público suas pesquisas sobre o tema no Arquivo Histórico de Joinville. Por que esta fonte não foi procurada? Desconhecimento? Pressa para o fechamento? Limitação de espaço? Ou simplesmente desinteresse por uma opinião que, se sabe, é divergente da tendência “oficial” da história da cidade?

Aproveitando o momento de estarmos “viajando” pelos textos da edição comemorativa do sesquicentenário de Joinville em *A Notícia*, vamos aqui ver as outras formas de pensamento que foram publicadas neste jornal. Seguramente, como o leitor poderá verificar no ANEXO C, a maior parte da publicação destina-se à voz oficial da municipalidade, sobretudo os novos investimentos na cidade. Na seqüência de importância, aspectos da história, alguns já mencionados anteriormente. E sobre a Joinville atual, o desenvolvimento, as empresas, o potencial econômico:

Se ao completar 150 anos Joinville é saudada por ser a maior cidade de Santa Catarina e um dos mais importantes pólos do Sul do País, é porque este lugar de destaque tem ligação direta com a economia local. Um parque fabril com mais de 1,3 mil indústrias e um comércio diversificado e com quase dez mil estabelecimentos fazem de Joinville uma cidade de futuro. E essa perspectiva faz parte do espírito de quem comemora, em 2001, o aniversário de 150 anos da cidade. As quase 30 mil empresas estabelecidas no município proporcionam o terceiro maior volume de receitas geradas aos cofres públicos do Sul do País, inferior apenas às capitais gaúcha (Porto Alegre) e paranaense (Curitiba). E o crescimento de 5,6% ao ano na arrecadação de tributos dá à economia local a

certeza da manutenção entre as cidades mais importantes do País. Só a produção da indústria de Joinville é responsável por cerca de 16% das exportações catarinenses.

Obviamente que este jornal, cujo projeto foi proposto pelo editorialista de então, Apolinário Ternes, trouxe outros pontos de vista acerca destes 150 anos. Mas estas opiniões praticamente ficaram restritas aos artigos, não às reportagens. A exceção ficou por conta da matéria relativa à cultura, que apontou, paralelo aos anúncios de investimentos em estrutura para fortalecimento do turismo como nova área econômica e entrevistas com os mais destacados empresários locais, as dificuldades de apoio e reconhecimentos aos artistas joinvilenses, tanto na dança, quanto no teatro, na literatura e nas artes plásticas.

Sobre a Joinville multifacetária não foi publicada nenhuma reportagem, mas um artigo, que, pela característica própria deste tipo de texto em periódicos, não representa o pensamento editorial do jornal, mas sim a opinião do escritor. A tarefa de apresentar a **Joinville hoje**, com seus trabalhadores, migrantes, e classes sociais foi dada à historiadora Raquel S. Thiago. Diz a professora, já no início do seu texto:

Joinville é minha terra natal. Lidando constantemente com seu passado, tento encontrar caminhos que me levem a entender o presente desta cidade de mil faces e vislumbrar seu futuro. Joinville é resultado de circunstâncias especiais desde a sua fundação. No século 19, refletiu especialmente fatos da longínqua Europa. Já o século 20 foi marcado pela integração sócio-econômica da ex-colônia Dona Francisca ao contexto nacional. De imigrantes europeus, passou a receber migrantes brasileiros. Dos anos 70 em diante Joinville tornou-se uma espécie de "terra da promessa", quando à população relativamente estável juntaram-se, em pouco espaço de tempo, milhares de pessoas de diversas origens, profissões e classes sociais. Convém lembrar que essas pessoas trouxeram, além das suas dificuldades e esperanças, a cultura dos seus locais de origem, implantando novos ingredientes ao cotidiano da cidade.

Num breve texto, a historiadora ressalta a importância social de todos os que moram em Joinville, seja por opção ou por nascimento, as mais diversas áreas culturais, as diferentes formas econômicas, muitas advindas de migrantes, e também os problemas gerados pelo crescimento desenfreado: “Não se pode esquecer, entretanto, de que se perfilam igualmente no cenário

joinvilense as inevitáveis contradições, refletidas na pobreza da periferia e nas atividades marginais, notadamente o tráfico de drogas e níveis sofisticados de prostituição.” E faz uma crítica sutil, mas necessária aos governantes:

Além de ser festejada, Joinville precisa ser pensada e administrada com responsabilidade. É preciso prevenir a possibilidade, já sensível, de que, ao lado das "sapatilhas", alinhe-se grande número de doentes oriundos da camada menos favorecida da população, dependente dos serviços da saúde pública. Dança e saúde não se excluem, ao contrário, se complementam.

4.3 A cidade real aparece no jornal diário

Essa opinião da cidade real, com virtudes e problemas, já vem sendo mostrada pelas páginas de jornais muito antes do Sesquicentenário e em matérias, não apenas em artigos. Quem fez esta leitura foi o historiador Clóvis Gruner, no seu livro publicado em 2003 (conforme já verificamos no Capítulo III). Ao analisar as matérias do Jornal *A Notícia* publicadas entre 1951 e 1980, Gruner contesta a visão modernista e desenvolvimentista com enfoque na Joinville como cidade do trabalho e da ordem, defendida até a atualidade por Apolinário Ternes. Ele afirma que a obra de Ternes é emblemática porque “se alimentou do material fornecido pela memória, tornada oficial, erigida à condição de verdade e consagrada, enfim, pela historiografia. Uma escrita que incorpora as mesmas premissas dos trabalhos de enquadramento da memória”³⁰⁶. Rebate Ternes ao afirmar que na cidade do progresso há contestações, sublevações, problemas sociais. E as notícias do jornal são a prova disso. Entre os temas que contestam a cidade ideal, a tranquilidade da “Cidade dos Príncipes”, estão a violência urbana e a pobreza, que causam mal-estar aos articulistas e leitores. O historiador explica que

o principal problema do mal-estar parece residir no fato de que, com seu espetáculo miserável, a pobreza provoca uma fratura no interior de um imaginário social que sobrepõe à “cidade que se tem” e a “que se quer”: a cidade já

³⁰⁶ GRUNER, Op Cit. P 43

construída e a que está por construir, a do desejo, nas representações que fazem de Joinville a imprensa e seu público, não apenas residem no interior de uma mesma utopia, mas integram-se nela, configuram um único espaço. O “enxame de pedintes” que infesta as ruas da cidade – e o seu centro, principalmente – vira do avesso a utopia: a visão de mendigos sentados nas calçadas, vivendo da “caridade alheia”, revela quão frágeis são ainda as bases que a sustentam.³⁰⁷

Gruner, usando como fonte principal o Jornal *A Notícia*, apresenta o lado negativo da modernidade tão defendida e exaltada pelas sucessivas administrações, pela Câmara de Vereadores, pela Associação Comercial e Industrial de Joinville e outras organizações sociais locais. Um olhar que parte da periferia para o centro e que tem nas páginas do jornal a constatação desta realidade.

Mas mesmo se verificarmos os jornais locais do século XIX, iremos perceber desde os primeiros exemplares os indícios de uma comunidade que, apesar do permanente controle da administração da colônia, estava longe de ser considerada como ordeira e pacífica. Apesar do destaque que a historiografia e a imprensa em geral dão à identidade germânica de Joinville³⁰⁸, o *Kolonie-Zeitung* e outros periódicos, mesmo os que não eram da cidade, traziam os mais diversos temas, desde a política nacional, passando pelo difícil relacionamento com os luso-brasileiros e indígenas, até brigas familiares e de vizinhos pelos mais variados motivos. Então, fontes riquíssimas para auxiliar na permanente reescrita da história local, onde, sobretudo a partir dos trabalhos embasados nas teorias da Nova História, surgiram essas possibilidades.

Um exemplo da possibilidade de releitura dos jornais é a história indígena e a forma como estes a tratavam, sobretudo no início do século XX. Essa situação só recentemente veio à tona, através da Dissertação de Mestrado de Rosilene Maria Alves (também analisada no Capítulo III). Os jornais foram para Alves a sua fonte de pesquisa. Assim ela explica a escolha metodológica:

³⁰⁷ Id. P 88

³⁰⁸ Conforme já comentamos anteriormente, nas comemorações do Sesquicentenário. Veja Anexo C.

Eis ali, o jornal, revelando no meu tempo presente, através de sua particularidade documental, o seu tempo presente, onde o mesmo interagiu na construção da realidade social vivida por homens e mulheres naquele momento histórico particular, homens e mulheres que construíram ‘seu mundo’”³⁰⁹.

Ela reforça a primeira notícia do *Kolonie-Zeitung* que circulou em caráter experimental em 20/12/1862, com uma notícia de ataque indígena em Teresópolis (colônia alemã no hoje município de São José, Grande Florianópolis) e outras notícias sobre os “bugres” nos principais jornais da cidade, tanto em alemão como português, como já vimos anteriormente.

Presente também nas páginas dos jornais indícios sobre as demais etnias que imigraram junto com os germânicos: suíços e noruegueses, além, é claro, dos luso-brasileiros que já viviam na região³¹⁰. Outros temas recentes da historiografia de Joinville encontraram nos jornais locais fontes interessantes. A presença das mulheres na vida social local é um deles. A historiadora Janine Gomes da Silva, em sua Tese de Doutorado que tratou do Centenário de Joinville (1951) e como ele foi vivenciado, trouxe a voz das mulheres para um ambiente, que ela explica, na época ser predominantemente masculino

As histórias sobre aqueles “tempos” foram perscrutadas a partir de dois tipos de memórias: uma publicizada por meio da imprensa e das inúmeras realizações da SAJ, portanto uma memória “mais masculina” (...) e, por intermédio das narrativas orais, especialmente de mulheres, na perspectiva de evidenciar algumas memórias “femininas” (...) as narrativas das fontes orais, permitem ver descon continuidades em face às memórias que afloram dos mais variados discursos presentes em outras fontes. (...) Priorizar a memória destas mulheres, como principais interlocutoras de diferentes experiências desenroladas em Joinville nas décadas de 1930 a 1950, reside na perspectiva de que é possível, ao nos “(re)encontrarmos” com histórias de um tempo pretérito, perceber a partir das minúcias de uma série de outras questões, uma perspectiva de “memória feminina”³¹¹.

Através desta tese percebe-se que, de fato, as decisões políticas da cidade, amplamente divulgadas na imprensa e que ecoaram na historiografia local, foram masculinas, ficando às

³⁰⁹ ALVES, Op Cit, P 21

³¹⁰ Verificamos essas informações nas obras que tratavam especificamente destes assuntos, nos dois capítulos anteriores

³¹¹ SILVA, Janine. Tempo de lembrar, tempo de esquecer... P 9-10

mulheres o papel de “apoio logístico e doméstico”. No caso das comemorações do Centenário, a solicitação para “elas” foi o embelezamento da cidade, a confecção de bandeiras, o auxílio no cuidado dos jardins, entre outras ações conclamadas também pela imprensa, principalmente pelo Jornal *A Notícia*. Janine Silva explica sua escolha teórica e metodológica de privilegiar a memória “periférica” sobre os festejos no público através das vozes femininas não pelo fato de perceber as diferenças como algo dado, mas que se em muitos casos homens e mulheres viveram suas experiências de forma diferente, no ato de rememorar, estas diferenças se fizeram presentes³¹².

Foi também nos jornais, sobretudo nos anúncios, que a pesquisadora encontrou elementos para identificar, na sua primeira pesquisa, esta publicada em livro, o papel das mulheres na economia e na hierarquia social das famílias, bem como seus espaços de sociabilidade. Vejamos alguns exemplos destacados pela historiadora:

Maria Clara de Miranda Oliveira avisa ao respeitável público e especialmente às Exc. Famílias que abriu um colégio n’esta cidade à rua do Norte. Ensina flores de escama, de papel, panno, penas, canutilho, vidrilho, etc., bem como o português, a bordar em ouro e prata e outras disciplinas. (...) Leciona também em casas de famílias, sendo aí os preços os que a anunciante convencionar, e todas as prendas que mais do agrado forem dos pretendentes. (SILVA, 2004: 99, citação do *Kolonie-Zeitung* de 28/05/1889)

Na livraria de J.H.Auler em Dona Francisca encontram-se: Manual de crochê para senhoras: a arte de aprender todos os trabalhos de crochê. Para uso escolar e doméstico (...) Esta escelente [sic] obra, dedicada à S.M. Elisabeth, Rainha da Prússia, encontra-se já em sua 11ª edição, com grande aceitação, o que comprova seu valor prático (...) (id: 144, citação do *Kolonie-Zeitung* de 28/03/1863)

Pulem, saltem, leitoras.

Brevemente teremos um drama em português. Um drama brasileiro em Joinville... É um grande acontecimento!!! Assim, rapaziada. Gosto disso, pois não. E depois haja quem diga que Joinville não vai em progresso! Mentira, mil vezes mentira. (id: 136, citação do *Folhetim O Globo*, de 15/06/1884)

Obviamente que a imprensa não foi a única fonte estudada por Janine Silva para escrever a história das mulheres de Joinville no século XIX (conforme vimos no Capítulo III), mas

³¹² Idem, P 205

evidentemente, trata-se de uma fonte importante que trouxe vários aspectos da sociedade de então.

Esta sociedade que foi se modificando com o passar do tempo também foi apresentada nos jornais em Joinville. Um exemplo foram os conflitos envolvendo trabalhadores e patrões, na cidade já industrializada, em nada mais lembrando a colônia agrícola do século XIX. Na pesquisa de Iara Andrade Costa, sobre estes conflitos nas primeiras décadas do século XX (também analisada no capítulo anterior), foi na imprensa que a historiadora encontrou “o discurso das elites” em contraposição aos movimentos grevistas e de contestação. Ainda que Costa tenha considerado a imprensa local no período estudado “essencialmente burguesa, representada pelo *Jornal de Joinville*”, com uma “linha ideológica, assumidamente conservadora, e integralista por alguns tempos etc” e o *Jornal A Notícia* que “embora afirmando-se independente, pendia sempre para onde o vento soprasse mais forte, a fim de garantir seu mercado consumidor”³¹³, foi também com as notícias destes meios de comunicação que a autora mostrou como os trabalhadores de Joinville estiveram inseridos num debate nacional e como o poder público local e as organizações dos empresários buscavam controlá-los.

Além destes periódicos a historiadora conseguiu exemplares de boletins informativos das empresas, o que também mostrava a opinião e a orientação dos patrões para os empregados. Como a mensagem publicada no *Correio Tupy*, que circulava internamente na Fundação de mesmo nome, empresa que ainda é um dos principais propulsores econômicos da cidade: “Só tem direito à vida as pessoas que produzem e as que trabalham”. No entanto, quase nada foi encontrado de produção dos próprios trabalhadores. O que não dificultou a realização da

³¹³ COSTA, Iara. **A cidade da ordem...** P 13

pesquisa. No seu trabalho, ela destacou como os trabalhadores eram orientados pela imprensa local, por vezes comparados aos soldados, no período da Ditadura de Getúlio Vargas:

(...) a disciplina e a obediência são apontadas como pedra angular de qualquer edifício industrial ou comercial (...) onde o operário (...) tem um grande dever: obedecer (...) mas de forma dignificante. (...) a desobediência tem sido causa de grandes infelicidades. O soldado, defendendo a integridade da terra, é um abnegado e revela profundo amor pela pátria; o operário é um soldado da grandeza econômica da nação e um abnegado do trabalho. (...) ³¹⁴

Vale destacar aqui que este, como diversos outros trechos pinçados pela historiadora Iara Costa para sua dissertação, são textos assinados, ou seja, tratam-se de artigos, que, já no século XIX tinham o mesmo caráter de hoje: não se tratando da orientação editorial do jornal, mas de opiniões pessoais, obviamente que com critérios determinantes para sua publicação. Mas é pelo contexto geral da edição, a partir dos títulos, das fotos escolhidas, das notícias locais e das selecionadas vindas das agências internacionais através de telégrafo que se pode verificar essa linha editorial ³¹⁵. Como notícia, os jornais publicavam os movimentos grevistas nacionais e locais e suas repercussões. Costa cita, por exemplo, matéria do *Jornal de Joinville* (02/05/1927) para falar dos grandes comícios e passeatas alusivos às comemorações do 1º de Maio no Rio de Janeiro, bem como as matérias – além dos artigos assinados – sobre as greves locais:

Outra greve eclode em primeiro de junho de 1927 no Moinho Boa Vista, quando seu gerente, Sr. Scheidegger, foi procurado pelo Sr. Francisco Sousa, em nome da Liga Operária, para exigir que os operários do Moinho só trabalhassem 8 horas por dia. (...) Conforme sua declaração aos jornais: “*Hoje os operários do Moinho, instigados pelo Sr. Sousa, não compareceram ao trabalho*”. ³¹⁶

³¹⁴ Id, P 38, citação do texto assinado por Raul Amaral – Disciplina e Trabalho, *Jornal de Joinville*, 01/12/1938

³¹⁵ Sobre a influência editorial das agências de notícias em Joinville, ver MATHYAS, Alessandra. Os primeiros reflexos da Revolução Cubana nas páginas de A Notícia (1958-1963). **Revista da Univille**. V 11, Nº 2. Joinville: Univille, 2006 P 97-13

³¹⁶ COSTA, Op Cit, P 161

Verifica-se que é pela veiculação ou não das notícias sobre as greves pesquisadas que a historiadora reconstrói situações e parte importante da história dos trabalhadores da cidade: “Por quatro anos, não se acham menções nos jornais de movimentos paredistas, mas em 1933, os operários joinvilenses da construção civil se declararam em greve pelas 8 horas/dia de trabalho e o não cumprimento das leis”³¹⁷.

Ainda sobre os trabalhadores, também no meu Trabalho de Conclusão de Curso em História, sobre o Sindicato dos Eletricitários de Joinville, em 2003, e a Tese de Doutorado de Giane Souza defendida em 2006, encontra-se indícios importantes para a construção dos textos a partir das notícias dos jornais locais. Assim Giane Souza se refere à imprensa no período Vargas:

Nos meios de comunicação, o Estado Novo era um sistema político estabilizador do crescimento econômico e promotor da harmonia social. (...) Em Joinville, a imprensa manifestava-se diariamente por um dos mais importantes jornais locais – o Jornal de Joinville. Em cada edição, eram impressos os discursos do presidente Getúlio Vargas dirigidos aos trabalhadores. O pai dos pobres era reverenciado por esse órgão de imprensa, que seguia as determinações emanadas do governo e difundia as teses políticas, sociais e econômicas do governo varguista.

O Jornal de Joinville conclamava todos os operários a viverem num clima de tranqüilidade e prosperidade nacional. Essa versão positivista do trabalho era defendida na imprensa a serviço dos donos das fábricas e do poder local institucionalizado³¹⁸

No caso do texto sobre os eletricitários joinvilenses, tive a sorte de contar com um bom acervo do próprio sindicato, que mantém praticamente todas as correspondências recebidas desde sua criação, na década de 1960, cadernos de atas, inclusive os boletins informativos da categoria. Foi nesses informativos que encontrei notícias bastante esclarecedoras sobre os diferentes momentos da entidade e também recortes de jornais locais feitos pelas diretorias. Dificilmente as notícias desta categoria, com exceção das históricas greves nas décadas de 80 e 90, tiveram eco nos jornais locais da cidade. Notícias como as que seguem:

³¹⁷ Id, P 163

³¹⁸ SOUZA, Giane. Op Cit. P 59-60

Em 1990, já sob o governo de Fernando Collor, o setor elétrico nacional entra em greve pela não redução de salário e pela garantia de emprego. Foi um movimento de 21 dias no mês de junho numa negociação que envolveu a Eletrosul nos quatro estados de sua abrangência (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul), além das demais empresas nacionais Eletronorte, Furnas, Nuclen, Cepel, Escelsa, Chesf, Itaipu e a própria Eletrobrás. As cláusulas reivindicadas foram contempladas no acordo. No entanto, as empresas não cumpriram o que foi assinado e uma nova greve acontece durando 31 dias e com 98% de adesão dos funcionários ligados ao Grupo Eletrobrás. Nesta época a Eletrosul já era presidida por Amílcar Gazaniga e os funcionários foram fortemente reprimidos, com investigações da polícia federal durante a greve e punições a empregados.³¹⁹

Ainda que não seja a imprensa oficial, assim considerados os jornais de circulação local e estadual, a imprensa alternativa, neste caso, sindical, desempenha ainda hoje importante papel nas organizações sociais³²⁰. Em Joinville, no entanto, são poucas as entidades que mantêm seus acervos e também pouco há destes registros no Arquivo Histórico. As entidades que os detêm ainda esperam o interesse de pesquisadores para mostrar outras versões da história local.

Mesmo em outros trabalhos históricos sobre Joinville, que não tenham definido a imprensa como fonte principal, como é o caso da Dissertação de Valdete Daufemback Niehues (que usou basicamente as técnicas da História Oral para mostrar as lembranças dos migrantes, conforme mostramos no capítulo anterior), são freqüentes as citações dos jornais locais, inclusive para ratificar os depoimentos concedidos à autora.³²¹

Há ainda muitos trabalhos em desenvolvimento acerca da história de Joinville. Em alguns, ainda que no seu início, é possível verificar sua orientação metodológica, principalmente os projetos desenvolvidos pelo Curso de História da Univille através do PIBIC. Praticamente todos

³¹⁹ MATHYAS, Alessandra. Op Cit. P 35

³²⁰ Ver PEREIRA, Adelaide Maria Gonçalves. **A imprensa dos trabalhadores no Ceará, de 1862 aos anos 1920.** (Doutorado em História). Florianópolis: UFSC, 2001. Neste estudo a autora aborda a imprensa dos trabalhadores no Ceará como fenômeno social, cultural e urbano e em sua dimensão de fonte/documento/memória. Na primeira parte, analisa seus projetos político-pedagógicos, evidenciando as distintas matrizes doutrinárias. Na segunda parte, o tema da Educação é enfatizado, posto que permeia os enunciados dessa modalidade de imprensa e fornece substrato à visão de mundo de seus protagonistas, constituindo experiências e práticas sócio-culturais heterogêneas. O estudo apresenta ainda um extenso inventário dos periódicos, bem como localiza evidências que confirmam o intercâmbio com outros estados do Brasil e com Portugal, além de identificar marcas de mobilidade dos militantes fazedores dessa imprensa e a difusão de suas idéias.

³²¹ NIEHUES, Valdete D. Op Cit, 177

recorrem às notícias de jornais. Outros, pela limitação de um artigo, foram bastante breves (sobretudo os publicados pela Revista da Univille). Mas ainda assim, as notícias estão lá, como fontes essenciais para a pesquisa. Como exemplo, cito o artigo sobre o Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville, onde, desde o início, os autores apresentam suas fontes:

A pesquisa buscou compreender as relações entre memória e identidade na construção do Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville, Santa Catarina, por intermédio dos discursos encontrados. Para tal percepção, analisaram-se artigos publicados em jornais locais, disponibilizados pelo Arquivo Histórico de Joinville e pelo arquivo do próprio museu (...) ³²²

Na mesma edição, outro breve artigo faz dos jornais sua principal fonte ao problematizar como foi vivenciada a Revolução de 1930 no município. As autoras lembram que durante “a ‘marcha’ do Rio Grande do Sul a São Paulo, os revolucionários passaram por Joinville, confrontando-se com as tropas governamentais” e que isso foi notícia nos jornais. A partir destas notícias, as pesquisadoras propuseram-se a confrontar informações entre os periódicos e os depoimentos de entrevistas orais, além das fotografias encontradas. Assim, das notícias extraídas do *Correio de Joinville* e de *A Notícia* elas explicam o contexto histórico daquele momento:

Por intermédio dos jornais, percebe-se que a vida das pessoas foi envolvida no conflito; houve a chamada dos reservistas, a proibição de ajuntamentos populares e venda de bebidas alcoólicas, a interrupção do tráfego de trens, etc. Foi suspensa a circulação de jornais em língua estrangeira, bem como foram submetidos à censura todos os jornais.” ³²³

Como podemos perceber, os jornais de Joinville, ainda que tenham passado pelas mais distintas fases de edição, com caráter mais opinativo, ou enfrentando e por vezes obedecendo a censuras diversas – dos proprietários ou de Governos – registraram de uma forma ou outra o que é hoje tido como histórico na cidade. E muito ainda do que foi escrito carece de pesquisa e mais

³²² MACHADO, Diego F.; FINDLAY, Eleide A.G. Memória e identidade: o Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville e a reafirmação da identidade local. In: **Revista da Univille** [PIBIC HISTÓRIA]. Joinville: Univille, 2005 P 211

³²³ RECH, Jeisa; SILVA, Janine G. A Revolução de 1930 em Joinville: notícias, imagens e memórias In: **Revista da Univille**, Op Cit, P 221

análise. No recente livro publicado sobre a História do *Kolonie-Zeitung*, a jornalista Lilian Mann dos Santos anexou algumas notícias e anúncios como “curiosidades”. Tais situações vão desde ofertas de empregos, serviços, objetos para venda e compra, até textos enigmáticos, como já a historiadora Elly Herkenhoff havia destacado em seu **História da Imprensa de Joinville**: “As páginas dos anúncios, da primeira à última edição do nosso jornal, na realidade nos relatam, em seus incontáveis textos (...) toda uma surpreendente e emocionante história à parte”³²⁴. A autora destaca alguns, como estas pérolas:

Um jovem culto, na melhor idade, com bom e seguro rendimento, procura, por falta de oportunidade de conhecer damas, uma companheira para a vida, na idade de 16 a 24 anos. A mesma deverá possuir, além de bom nível cultural e agradável aparência, um caráter delicado e todas as virtudes de uma boa dona de casa. Propostas, por obséquio, com fotografia anexa, queiram deixar sob A.B. na loja do Sr. Auler, em Dona Francisca. Garante-se sigilo absoluto.

Na edição seguinte do jornal, a “contraproposta”:

Pão, pão, queijo, queijo. Se nós tivermos de enviar a nossa fotografia ao Sr. Auler, então o culto pretendente ao casamento que deixe primeiramente a sua no mesmo local, para a nossa apreciação, pois não gostaríamos de comprar gato por lebre. A quase totalidade das moças casadouras de Joinville.

Dessa “história à parte” sabemos ainda muito pouco. Mas já há historiadores e outros pesquisadores, entre eles, jornalistas, interessados em reescrever, permanentemente, as histórias que ainda não foram contadas.

³²⁴ SANTOS, Lilian Mann dos. **Kolonie-Zeitung**: uma história. Florianópolis: Insular; ACI, 2007. P 41.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação traçou uma linha cronológica da historiografia de Joinville, não na sua totalidade, mas basicamente abordando todas as temáticas históricas já discutidas e em pauta no momento. Para além da descrição crítica de obras e autores locais, procuramos mostrar como a imprensa influenciou e influencia ainda hoje na escrita da história regional.

Jornalistas e jornais têm uma contribuição bastante significativa na historiografia sob dois aspectos. O primeiro é quando a imprensa torna-se fonte para as pesquisas de história, já que a cidade real, com virtudes e problemas, é o combustível diário dos jornais de Joinville, desde o primeiro escrito à mão no Século XIX, passando pelas edições na língua alemã, até a atualidade, com o advento do jornal eletrônico. Como vimos nos capítulos anteriores, não só a imprensa mostra diariamente a cidade real, mesmo com a necessária edição, que além de técnica, também é uma opção pessoal e política, mas a historiografia vem abordando as diversidades locais.

Verificando os jornais de Joinville do início da imigração, a historiografia recente vem percebendo os indícios de uma comunidade que, apesar do permanente controle da administração da colônia, estava longe de ser considerada como ordeira e pacífica. Ressalta-se ainda que,

mesmo com todo o destaque da historiografia hegemônica de valorização às origens alemãs assumida pelo poder público, político e econômico, com o auxílio da imprensa em geral³²⁵, o *Kolonie-Zeitung* e outros periódicos, mesmo os que não eram da cidade, traziam os mais diversos temas, desde a política nacional, passando pelo difícil relacionamento com os luso-brasileiros e indígenas, alforrias de escravos, até brigas familiares e de vizinhos pelos mais variados motivos. Por isso a imprensa é fonte riquíssima para auxiliar na permanente reescrita da história local, onde, sobretudo a partir dos trabalhos embasados nas teorias da *Nova História*, abriu-se um leque de possibilidades.

No entanto, por que o jornalismo, ao pautar temas históricos, não recorre a outras fontes historiográficas para mostrar que a sociedade joinvilense não foi sempre a ideal como a historiografia tradicional local insiste em apresentar? Falta de conhecimento, de tempo para pesquisa, de um guia de fontes? Creio que não. Acredito que ainda impera sim, nas redações, a visão criada da cidade imaginária das flores e bicicletas, do trabalhador feliz e satisfeito. Mesmo nas últimas edições dos cadernos comemorativos de aniversário do município, com pautas diferenciadas das anteriores, quando o assunto é História, a linha do tempo é a mesma de sempre, sem apresentação das contestações ou dúvidas das “verdades históricas”³²⁶. E aí está o segundo aspecto da influência da imprensa na historiografia de Joinville.

A história local aparece quando é premiada com destaque nacional³²⁷ ou quando pode ser contestada radicalmente³²⁸, ou seja, quando há o elemento do novo. Os historiadores da Univille,

³²⁵ Conforme já comentamos anteriormente, nas comemorações do Sesquicentenário. **ANEXO C.**

³²⁶ MATHYAS, Alessandra. **A imprensa local e a seletividade da memória histórica em Joinville.** Op Cit

³²⁷ O be-a-bá do passado: projeto do Museu do Sambaqui de Joinville recebe prêmio do Iphan em educação patrimonial. **A NOTÍCIA**, 10/07/2007. ANEXO, p B1

³²⁸ Como sugeriu matéria publicada por *A Notícia* em 7/12/2000, de que documentos encontrados no AHJ mudariam a história local. Sobre as disputas entre os historiadores Apolinário Ternes e Dilney Cunha decorrentes desta notícia, ver AUGUSTO, Cláudio Lúcio. **A produção do conhecimento histórico na imprensa escrita: o diálogo entre os historiadores Apolinário Ternes e Dilney Cunha das comemorações dos 150 anos de Joinville.** Monografia (Trabalho

por exemplo, não são procurados pelos jornais para falar de determinados assuntos históricos, como a situação da vida das mulheres, dos trabalhadores e seus sindicatos, de outras etnias além das germânicas, do aumento da violência, do surgimento de outros grupos sociais, enfim, temas que são possíveis de se apresentar com análise histórica.

Espero com este trabalho, que esta constatação sirva como sugestão às redações, de acompanhamento com mais cuidado do que é produzido pelas universidades locais, seja participando de eventos, como as Semanas de História Regional promovidas pela Univille, ou buscando novas leituras para além do “básico” sobre a história local. Aí é importante ampliar-se a “caderneta de fontes”, companheira indispensável de todo jornalista. Isso faz a diferença no jornalismo. Aos historiadores também fica o pedido para que divulguem junto à imprensa suas pesquisas com as “novidades” que elas apresentam. Isso interessa ao jornalismo que é sempre motivado pela novidade. Se o conhecimento produzido não sai da Academia por própria iniciativa de quem pesquisa, ficará difícil de tornar-se interessante para a sociedade. É preciso

de Conclusão de Curso em Comunicação Social/Jornalismo) Instituto Luterano de Ensino Superior de Santa Catarina/Ielusc, Joinville, 2003. Segundo apurou o autor, a divulgação da matéria acima, às vésperas da comemoração do Sesquicentenário, motivou uma verdadeira briga através de artigos entre os dois historiadores citados. De fato houve a divulgação apenas da tradução de documentos até então somente disponíveis em alemão, mas que não afetariam o curso que a história teve. No entanto a provocação evidenciou as diferenças metodológicas atuais na historiografia joinvilense e mostrou a força política de Apolinário Ternes junto à imprensa e ao poder público local. Comenta-se ainda hoje que tal situação motivou punições no quadro funcional do Arquivo Histórico de Joinville. O autor da monografia tentou entrevistar os dois historiadores. Dilney Cunha respondeu as questões, explicitando novamente as suas críticas a Ternes. Este, por sua vez, não concedeu a entrevista, afirmando apenas que suas opiniões estavam registradas nos artigos publicados decorrentes do episódio. Constatei que esta divergência, às vésperas da comemoração dos 150 anos de Joinville, acabou sendo “abafada”. Apesar de ter sido uma boa oportunidade de se discutir publicamente a História local, o fato não saiu do campo dos “artigos” nem foi comentado por nenhum outro veículo de comunicação. Tal como na comemoração do Centenário, em toda a cidade vivia-se a expectativa dos festejos e um novo fato, que poderia colocar em risco toda a programação, não era bem vindo. Além disso, o sucesso do Sesquicentenário promoveu ainda mais a municipalidade. Na época, o prefeito Luiz Henrique da Silveira já se colocava informalmente como candidato a governador – o que acabou acontecendo em 2002 – e desejava “entrar para a história” neste momento cuja data histórica tinha uma simbologia importante. Como resultado, Apolinário Ternes saiu fortalecido, já que era o editorialista de *A Notícia* e amigo pessoal do então prefeito, e novamente houve a exaltação à memória dos imigrantes em todas as comemorações. Em contrapartida, pioraram as relações entre a imprensa local e os demais historiadores, sobretudo os da Univille, situação que perdura ainda hoje, conforme constatei junto a estes profissionais.

“usar e abusar” das boas estruturas de assessoria de imprensa que as instituições de ensino oferecem.

Há infinitas possibilidades de leituras históricas em Joinville. Algumas foram descritas neste texto e outras, pela limitação de espaço, simplesmente citadas, no entanto, não menos importantes. Há também incontáveis leituras a se fazer na imprensa e para a imprensa local. Historiadores e jornalistas são narradores e narrar é seguir e compreender uma história. E as histórias não têm fim... Como disse José Carlos Reis, quando se espera ter acedido à verdade, ao fim da história, um temporal muda a direção das folhas e tudo o que era sólido se desfaz no ar³²⁹... Que venham mais historiadores e jornalistas interessados em rearranjar essas folhas e reescrever, permanentemente, as histórias que ainda não foram contadas.

³²⁹ REIS, Op Cit, P 98

Textos historiográficos de Joinville tratados como fonte neste trabalho

- ALVES, Rosilene Maria. *Se mostram de novo os bugres: abordagens da imprensa catarinense sobre o indígena (1900-1914)*. Dissertação (Mestrado em História Cultural). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.
- BRUHNS, Katianne. *Espaços de sociabilidade e o idioma: a Campanha de Nacionalização em Joinville*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.
- COSTA, Iara Andrade. *A cidade da ordem: tensões sociais e controle (Joinville 1917-1943)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.
- CUNHA, Dilney. *Suíços em Joinville: o duplo desterro*. Joinville: Letrad'água, 2003.
- FICKER, Carlos. *História de Joinville: subsídios para a Crônica da Colônia Dona Francisca*. Joinville: Meyer, 1965.
- FONTOURA, Arselle de A.; SILVA, Janine G. A presença negra em Joinville durante o século XIX **in** *Negros em Santa Catarina* (Série Pensamento Negro em Educação). Vol 9. Florianópolis: Atilénde (Núcleo de Estudos Negros), 2006.
- GUEDES, Sandra P. L. (org) *Histórias de (i)migrantes: o cotidiano de uma cidade*. Joinville: Univille, 2000.
- GRUNER, Clóvis. *Leituras matutinas: utopias e heterotopias da modernidade na imprensa joinvilense (1951-1980)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2003.
- HERKENHOFF, Elly. *História da imprensa de Joinville*. Florianópolis: Edufsc; Joinville: Fundação Cultural de Joinville, 1998.
- _____. *Era uma vez um simples caminho*. Joinville: Fundação Cultural, 1987.
- MEURER, Bellini. *Entre flores e manguezais: a construção do real em Joinville*. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1993.
- NIEHUES, Valdete Daufemback. *De agricultor a operário: lembranças de migrantes*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.
- OLIVEIRA, Carlos Gomes de. *Integração: estudos sociais e históricos – Joinville, Santa Catarina, Brasil*. Florianópolis, Gráfica Canarinho, 1984.
- REVISTA UNIVILLE. Edição comemorativa de 10 anos do Ciclo de Debates sobre História Regional. V 12, N° 1. Joinville: Univille, 2007.
- REVISTA DA UNIVILLE (textos de bolsistas PIBIC, em diversas edições)

- RODOWICZ-OSWIECIMSKY, Theodor. *A colônia Dona Francisca no Sul do Brasil*. (tradução em português do original em alemão, de 1853). Florianópolis: Edufsc; Joinville: FCC, 1992.
- ROSA, Vanessa da. *A invisibilidade da mulher negra em Joinville: formação e inserção ocupacional*. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- SCHNEIDER, Adolpho Bernardo. *Nossa boa terra: contos e crônicas da Terra dos Príncipes*. Joinville: Meyer, 1984.
- SILVA, Janine Gomes da. *Tensões, trabalhos e sociabilidades: histórias de mulheres em Joinville no século XIX*. Joinville: Univille, 2004.
- _____. *Tempo de lembrar, tempo de esquecer...: as vibrações do centenário e o período da nacionalização: histórias e memórias sobre a cidade de Joinville*. Tese (Doutorado em História Cultural) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- SOUZA, Giane Maria de. *Educação para o trabalho: sindicatos amarelos e a pedagogia estado-novista*. Dissertação (Mestrado em História e Filosofia da Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- S. THIAGO, Raquel. *Coronelismo urbano em Joinville : o caso de Abdon Baptista*. Florianópolis: Ed. do Governo do Estado de Santa Catarina, 1988.
- TERNES, Apolinário. *A Notícia Jornalismo & História: 80 anos um mundo de informação (1923-2003)*. Letradágua: Joinville, 2003.
- _____. *História de Joinville: uma abordagem crítica*. Joinville: Meyer, 1981.
- VIVER JOINVILLE. Secretaria de Educação e Cultura. Joinville, 2000.

Demais obras sobre Joinville

- Álbum histórico do centenário de Joinville: 1851 – 9 de março – 1951*. Curitiba: [s.n.], 1951.
- ALMEIDA, Rufino Porfiro. *O movimento operário em SC: a greve de 1917 em Joinville – Santa Catarina*. Florianópolis, 1981.
- Associação Comercial e Industrial de Joinville. *Joinville e sua importância econômica e social: indicadores de conjuntura – 75/84*. Joinville: ACIJ, 1985.
- AUGUSTO, Cláudio Lúcio. *A produção do conhecimento histórico na imprensa escrita: o diálogo entre os historiadores Apolinário Ternes e Dilney Cunha das comemorações dos 150 anos de*

- Joinville. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social/Jornalismo)
Instituto Luterano de Ensino Superior de Santa Catarina/Ielusc, Joinville, 2003.
- Boletim do Arquivo Histórico de Joinville*. (todos os disponíveis)
- CARDOSO, Alex-Sandro Pinheiro. O ensino de história e a produção historiográfica regional **In:**
Revista do Iesville. V. 1, N° 3. Joinville, agosto de 2004.
- Catálogo de História Oral da Univille*. Univille, Laboratório de História Oral. Joinville: Univille,
2004.
- COELHO, Ilanil. *Joinville e a campanha de nacionalização*. Dissertação (Mestrado em História).
Universidade Federal São Carlos, São Carlos, 1993 .
- CORREA, Roseana Maria; ROSA, Terezinha Fernandes da. *Historia dos bairros de Joinville*.
Joinville: Fundação Cultural de Joinville, 1992.
- COSTA, Iara Andrade. Teatro de Memórias: ocultando conflitos/produzindo imagens em Joinville.
In: RAMPINELLI, Waldir José (org). *História e poder: a reprodução das elites em Santa*
Catarina. Florianópolis: Insular, 2003.
- _____. *Os movimentos paredistas de Joinville: 1979-1985*. FURJ/UFPR, 1989.
- CRISTOFOLINI, Nilton José; Universidade Federal de Santa Catarina. *Nacionalização do ensino*
estratégia para a construção da nacionalidade e sua contextualização em Joinville.
Dissertação (Mestrado em História Cultural). Universidade Federal de Santa Catarina,
Florianópolis, 2002
- EHLKE, Cyro. *Joinville história: síntese descritiva da fundação e do povoamento*. Itajaí: Edições
Uirapuru, [19-]
- _____. *A maçonaria do passado histórico de Joinville*. Joinville: PMJ/FCJ/AHJ, 1990.
- _____. *Joinville Histórica (1851-1975) Síntese descritiva da Fundação de Povoamento*.
Ed. Uirapuru (IHG/SC)s.d.
- FONTOURA, Arselle de Andrade; SILVA, Janine Gomes da. *Uma história de amor pela vida:*
Álbum comemorativo aos 50 anos da Maternidade Darcy Vargas. Joinville: Movimento &
Arte, 1997.
- GRUNER, Clóvis. *Ordem, disciplina e dissonância na Joinville do trabalho: o olhar da imprensa*
1960- 1980. Monografia. Universidade da Região de Joinville/Univille, Joinville, 1997.
- GUEDES, Sandra Paschoal Leite de Camargo. *Cine Palácio: fragmentos da história do cinema em*
Joinville. Joinville: Ed. Univille, 2003.

_____. *Instituição e sociedade: a trajetória do Hospital Municipal São José de Joinville – 1852-1971*. Joinville: Movimento & Arte, 1996.

HERKENHOFF, Elly. *Joinville ontem e hoje*. Joinville: AHJ, 1981.

JOINVILLE: a cidade dos príncipes, das flores e da dança. *Grande Enciclopédia Catarinense*. V 2. Guaramirim: Ana Paula; Florianópolis: Secretaria de Estado da Educação e Inovação; Alemanha: European Marketing, 2004.

JOINVILLE: 150 anos. Joinville: Alfarrábios, 2001. 1 v. não paginado.

KRISCH, Hilda Anna. *História do cemitério dos imigrantes e da casa da Memória do Imigrante de Joinville*. Joinville, 1991.

MACHADO, Diego Finder; FINDLAY, Eleide Abril Gordon. *Memórias do Trabalho e de Trabalhadores em uma Cidade Fabril: a construção do Patrimônio Industrial Joinvilense*. Monografia (Graduação em História). Universidade da Região de Joinville/Univille, Joinville, 2005.

_____; _____. Memórias estilhaçadas: as (re)leituras de um museu histórico na “Cidade do Trabalho” **In: Tempos Acadêmicos**. V 3. Criciúma, 2005. P 43-62

MACHADO, Diego Finder; GUEDES, Sandra Pascoal L. C. O caminho do progresso: olhares sobre História e sobre o Curso de História da Univille nas páginas do Jornal A Notícia (1968-1975). **In: Sob o Calor dos Acontecimentos: O Jornal A Notícia e a construção de representações sobre História e sobre o curso de História da UNIVILLE (1968-2004)**. (Projeto de Pesquisa do Curso de História). Universidade da Região de Joinville/Univille, Joinville, 2005. Trabalho não publicado.

MACHADO, Gerson. Etnicidade e espaço no Distrito Bananal (atual município de Guaramirim/SC) **In: Fronteiras Revista Catarinense de História**. N° 10. Florianópolis: Anpuh-SC, 2004.

MATHYAS, Alessandra da Mota. A imprensa local e a seletividade da memória histórica em Joinville **In: XIX Semana de História e XI Ciclo de debates sobre história regional da Univille** (Caderno de Resumos). Joinville: Univille, 2007.

_____. *Do conformismo à luta contra a privatização: elementos para uma história do Sindicato dos Eletricitários do Norte de Santa Catarina*. Monografia (Conclusão da Graduação em História) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

MEURER, Bellini. *Igreja e identidade: a contribuição germânica no sul do Brasil*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.

- PEDROSO, Gelta Madalena Jönck. *O ensino de história: da teoria à prática*. Dissertação (Mestrado em Educação). Fundação Universitária da Região de Blumenau, Blumenau, 1997
- PEREIRA, Francisco J. *As duas mortes de Crispim Mira*. Florianópolis: FCC: Lunardeli, 1992.
- RICHTER, Klaus. *A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a colonização no interior de Joinville e Blumenau*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Blumenau, SC: Ed. da FURB, 1986.
- SANTOS, Lilian Mann dos. *Kolonie-Zeitung, uma história: breve viagem pelas oito décadas do primeiro jornal alemão de Santa Catarina*. Florianópolis: Insular; ACI, 2007.
- SANTOS, Sílvio Coelho dos (org) et al. *São Francisco do Sul: muito além da viagem de Gonneville*. Florianópolis: Edufsc, 2004.
- SILVA, Janine Gomes da. Saudades, expectativas, realizações e ausências: histórias de mulheres em Joinville (1851-1900) **In:** BRANCHER, Ana; AREND Silvia M. Fávero (org). *História de Santa Catarina no Século XIX*. Florianópolis: Edufsc, 2001.
- SIMÃO, Édina Francini. A compreensão étnico-cultural no ensino de história **In:** *Revista do Iesville*. V 1, N° 4. Joinville, outubro de 2004.
- SOUZA, Luiz Alberto de; *O processo de ocupação das áreas de mangues em Joinville : agentes, estratégias e conflitos*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991.
- SOUZA, Sirlei de. Ecos de resistência na desconstrução da ordem: uma análise da Revolução de 64 em Joinville. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.
- S. THIAGO, Raquel; BÖBEL, Maria Thereza. *Joinville, os Pioneiros II: documentos e História (1867-1881)*. Joinville: Univille, 2005.
- _____. *Joinville, os Pioneiros: documentos e História*. V 1. Joinville: Editora Univille, 2001.
- S THIAGO, Raquel. *Eu, Wittich Freitag*. Joinville: Movimento e Arte, 2000.
- _____. *Fourier: utopia e esperança na Península do Saí*. Blumenau: FURB; Florianópolis: UFSC, 1995.
- TERNES, Apolinário; VICENZI, Herculano. *Legislativo de Joinville: subsídios para sua história (1869-206)*. 2ª ed. ampliada. Joinville: Letrad'água, 2006.
- _____. *Carlos Gomes de Oliveira: dossiê dos 100 anos*. Florianópolis: UFSC; Joinville: A Notícia, 1994.
- _____. *História econômica de Joinville*. 2ª ed. Joinville: Meyer, 1986.

UNGER, Beatriz Garcia. *Joinville: uma ideologia em marcha*. Joinville: FURJ, 1989.

VALENTIM, Lairton. *Joinville: seus médicos e sua história*. Florianópolis: Edufsc; Joinville: SJM, 1997.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

ABREU, João Batista de. A Peucer, o que é de Cícero: a odisséia narrativa entre a História e o Jornalismo **In: Estudos em Jornalismo e Mídia**. V 2, N° 1. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. *As manobras da informação: análise da cobertura jornalística da luta armada no Brasil (1965-1979)*. Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Tese (Doutorado em História) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

AMARAL, José Roberto do. *História e Historiografia: Brasil pós 64*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, imprensa e estado oligárquico (1968-1978)*. Bauru: Edusc, 1999.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2005 (Debates, 64).

ASSIS, Arthur Oliveira Alfaix. *O que fazem os historiadores, quando fazem história?* A teoria de Jörn Rüsen e Do Império à República, de Sérgio Buarque de Holanda. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

BAITELLO JR, Norval. O trabalho simbólico da notícia. *Anais da XII Reunião Anual da COMPOS*. Recife: 2002.

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. Jornalismo e História: um olhar e duas temporalidades **In: NEVES, Lúcia M.B.P; MOREL, Marco (org) Colóquio História e Imprensa: homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos**. Rio de Janeiro: UERJ, IFCH, 1998

- BIAVASCHI, Márcio Alex Cordeiro. A árvore e a floresta: uma contribuição metodológica de Pierre Bourdieu acerca da História Regional. **In:** *Revista de História Regional* 8(2). Santa Maria, 2003.
- BORDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- _____. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- BRASILIENSE, Danielle Ramos. *Senso comum, memória e identidade: as representações sociais do discurso do jornal O Globo sobre o caso “Candelária”*. Comunicação apresentada no III Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. Novo Hamburgo, abril de 2005.
- BURKE, Peter. *A escola dos Annales: a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: F.E. Unesp, 1997.
- _____. *A escrita da história*. São Paulo: Unesp, 1992.
- CAMPOS, Cyntia Machado. *Controle e normatização de condutas em Santa Catarina (1930-1945)*. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1992.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Héctor Peres. *Os métodos da história*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- _____. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.
- CAPELATO, Maria; WEINSTEIN, Bárbara; PRADO, Maria Ligia. *O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1988.
- CAPELATO, Maria Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto Edusp, 1988.
- CHARTIER, Roger. A construção estética da realidade: vagabundos e pícaros na idade moderna **In:** *Revista Tempo: Dossiê Narrativas e Fontes Literárias*. V 9, N° 17. Rio de Janeiro: 7Letras/EdUFF, 2004.
- _____. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2002.
- _____. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990.
- CHAUÍ, Marilena. *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. São Paulo: FPA, 2006.
- _____. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- CORRÊA, Dora Shellard. Historiadores e cronistas e a paisagem da colônia Brasil **In:** *Revista Brasileira de História: Natureza e Cultura*. V 26, N° 51. São Paulo: Anpuh, 2006.

- CUNHA, Jorge Luiz da. Historiografia recente sobre a emigração alemã para o Brasil. **In:** *Fronteiras Revista de História*. N° 6. Florianópolis, 1998.
- DALLABRIDA, Norberto. A historiografia catarinense e a obra de Américo da Costa Souto. **In:** *Revista Catarinense de História*. N° 4. Florianópolis, 1996.
- DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica:: memória, identidade e representação*. Bauru: Edusc, 2002.
- DMITRUK, Hilda B. *A história que fazemos*. Chapecó: Grifos, 1998.
- ESBOÇOS. Dossiê Cidade e Memória. *Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*. V 11. Florianópolis, 2004.
- ESBOÇOS. Dossiê Intérpretes do Brasil. *Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*. V 15. Florianópolis, 2006.
- FALCON, Francisco. *História cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da História Oral*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- FERRO, Marc. *A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação*. 2ª ed. São Paulo: Ibrasa, 1983.
- FIORI, Neide Almeida *et al* (org). *Etnia e educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres*. Florianópolis: Edufsc; Tubarão: Unisul, 2003.
- FLORES, Maria Bernadete R; LEHMKUHL, Luciene; COLLAÇO, Vera (org). *A casa do baile: estética e modernidade em Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 8ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.
- FRONTEIRAS. Dossiê Guerra e Nacionalização. *Revista Catarinense de História UFSC*. ANPUH-SC. N 13, 2005.
- FROTSCHER, Méri. *Etnicidade e trabalho alemão: outros usos e outros produtos do labor humano*. Mestrado em História. Florianópolis: UFSC, 1998.
- GOMES, Valter Manoel. *Conhecimento histórico e historiografia*. Florianópolis: Papa-Livro, 2001.
- GOMES, Walter Manuel. *Formas de pensamento historiográfico catarinense*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1984.

- GREGOLIN, Maria do Rosário (org). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003.
- HEINZ, Flávio M. (org). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Para uma nova história*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins fontes, 1992.
- JANOTTI, Maria de Lourdes: *João Francisco Lisboa: jornalista e historiador*. São Paulo: Ática, 1977.
- KLUG, João. O texto de História nas escolas teuto-catarinenses: dois casos de uma “historiografia doméstica”. **In:** *Revista Catarinense de História*. N° 5. Florianópolis: Insular, 1998.
- KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo: norte e sul: manual de comunicação*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2001.
- KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- LAGE, Nilson. *Controle da Opinião Pública: um ensaio sobre a verdade conveniente*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- LAZARIN, Katiuscia Maria. Lendo o Contestado: discursos e construção de sujeitos na bibliografia sobre a Guerra do Contestado – 1915 a 1960 **In:** *Revista Esboços: Dossiê Cultura e Resistência*. V. 12. Florianópolis: UFSC/Gráfica Universitária, 2004.
- LE GOFF, Jacques. *A nova história*. São Paulo: Martins Fontes, 1990
- LOPREATO, Cristina. A semana trágica. **In:** *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000.
- MARCHI, Euclides *et al.* Trinta anos de historiografia: um exercício de avaliação. **In:** *Revista Brasileira de História*. V 13, N° 25/26. São Paulo: Anpuh, set/1992; ago/1993.
- MEIRINHO, Jali. Momentos da historiografia catarinense. **In:** *Anais da XX Reunião da SBPH/Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. Rio de Janeiro: SBPH, 2002.
- _____. *Datas históricas de Santa Catarina: 1500-2000*. 2ª ed. Florianópolis: Edufsc; Insular, 2000.
- MELLO, Flávia Cristina de. *AATA TAPÚ RUPY – Seguindo pela estrada: uma investigação dos deslocamentos territoriais realizados por famílias mbya e chiripá guarani no Sul do Brasil*.

- Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001
- MELO, Osvaldo. *Introdução à história da literatura catarinense*. Porto Alegre: Movimento, 1980.
- MENDEZ, Rosemary Bars. O jornalismo como processo histórico. **In:** *Revista Idade Mídia*, v. 1, n.1, 2002.
- MORAES, Maria Célia M; MULLER, Ricardo Gaspar. A miséria da teoria: o debate de History Workshop **In:** *Revista Esboços: Dossiê Trabalho, Cultura e Poder*. V 14. Florianópolis: UFSC, 2005.
- NEVES, Lúcia M. B. Pereira; MOREL, Marco (org). *Colóquio História e Imprensa: homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos*. Rio de Janeiro: UERJ, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998.
- PEDRO, Joana Maria. *Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de Desterro no Século XIX*. Florianópolis: Edufsc, 1995.
- PEREIRA, Francisco José. As duas mortes de Crispim Mira. **In:** *Revista do IHGSC*. 3ª F, Nº 21. Florianópolis: 2002. P 123-135.
- PIAZZA, Walter F. Historiografia de Santa Catarina. **In:** *Revista do IHGSC*. 3ª F, Nº 3. Florianópolis: 1981. p 57-75.
- PONTE, Cristina. *Para entender as notícias: linhas de análise do discurso jornalístico*. Florianópolis: Insular, 2005.
- PRIORE, Mary Del. *Esquecidos por Deus: monstros no mundo Europeu e Ibero-americano (séculos XVI-XVIII)*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- _____. *As identidades do Brasil 2: de Calmon a Bomfim (a favor do Brasil: direita ou esquerda?)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- _____. *História & Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart Ribeiro. *A história do seu tempo: a imprensa e a produção do sentido histórico*. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

- _____. *Jornalismo e História: ambigüidades e aparentes paradoxos*. In: *Eco Publicação da Pós Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ*. V.4, N°. 1. Rio de Janeiro, 1999.
- ROCHA, Heitor Costa Lima da Rocha. *Verdade e Rigor no Jornalismo: a intersubjetividade como referência na construção da notícia*. Anais do XVI Encontro da Compós (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação). Curitiba: 2007.
- RODRIGUES, Cíntia Régia. A imprensa como fonte histórica: o caso dos indígenas no Rio Grande do Sul. In: *Métis História & Cultura*. Caxias do Sul: EducS, 2004.
- RODRIGUES, José Honório. *História e historiadores do Brasil*. São Paulo: Fulgor, 1965.
- _____. *Teoria da história do Brasil: introdução metodológica*. 4ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.
- _____. *A pesquisa histórica no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, 1978.
- SAID, Gustavo Fortes. *O acontecimento na perspectiva das narrativas histórica e jornalística: elementos para uma discussão*. Comunicação apresentada na Intercom, 2004.
- SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro (org). *M. Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004.
- SILVA, Rogério Forastieri da. *História da historiografia*. Bauru: Edusc, 2001.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- STEINBERGER, Margarethe Born. *Discursos geopolíticos da mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina*. São Paulo: Educ; Fapesp; Cortez, 2005.
- TASCHNER, Gisela. *Folhas ao vento: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TEVES, Nilda. O imaginário na configuração da realidade social in *Imaginário social e educação*. Rio de Janeiro: Gryphus: Faculdade de Educação da UFRJ, 1992.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são*. V1, 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2005.
- _____. *Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. V2. Florianópolis: Insular, 2005.
- WEHLING, Arno. Memória e História: fundamentos, convergências, confrontos. In: *Anais do Congresso de História e Geografia de Santa Catarina (4 a 7/09/1996)*. Florianópolis: CAPES/MEC, 1997.

WERNET, Augustin. Novas tendências historiográficas da Alemanha (1970-1990) **In:** *Revista Catarinense de História*. N° 5. Florianópolis: Insular, 1998. p 95-111

WOLFF, Cristina Scheibe. Historiografia catarinense: uma introdução ao debate. **In:** *Revista Catarinense de História*. N° 2. Florianópolis, 1994. p 5-15

WEBGRAFIA

Aos 150 anos, Joinville é uma cidade de futuro. *A Notícia*, 9 de março de 2001 Disponível em <http://www1.an.com.br/jville2001/pg01.htm> Acesso em 12 junho 2006

BARBOSA, Marialva. *Jornalistas, “senhores da memória”*. Anais do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. 2004. Disponível em <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/123456789/1248/1/R0165-1.pdf> Acesso em 02 setembro 2005 .

CAPOZOLI, Ulisses. *Imprensa, história e significados do mundo*. Disponível em <http://observatório.ultimosegundo.ig.com.br/ofjor/ofc220820011.htm> Acesso em 30 outubro 2004

Escolaridade e trabalho: desafios para a população negra nos mercados de trabalho metropolitanos. DIEESE – Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Econômicos. Ano 3, N° 37. Novembro de 2007. Disponível em <http://www.dieese.org.br/esp/estPesq37PopulacaoNegra2007.pdf> Acesso em 15 novembro 2007.

FALCON, Francisco. *A identidade do historiador*. Trabalho apresentado na mesa-redonda A historiografia contemporânea e a identidade do historiador. XVII Simpósio Nacional de História (ANPUH). Recife, 1995. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/183.pdf> Acesso em 10 junho 2007.

Gutenberg Museum Mainz. Disponível em <http://www.gutenberg-museum.de/> Acesso em 20 dezembro 2007.

Livro homenageia historiadora Elly Herkenhoff. *Jornal dos Bairros de Joinville*. 19/01/2007. Disponível em www.adjorisc.com.br/jornais/jornaldosbairros/noticias Acesso em 25 junho 2007.

Marcuse, Adorno, Horkheimer, Benjamin e Habermas: Teóricos de Frankfurt. Disponível em <http://www.culturabrasil.org/frankfurt.htm> Acesso em 30 de junho de 2007.

Morre, aos 98 anos, Elly Herkenhoff. *Jornal A Notícia*, 19/09/2004. Disponível em www1.an.com.br/2004/set/19/0ger.htm Acesso em 25 junho 2007.

ANEXO A

CÂMARA DE VEREADORES DE JOINVILLE CONCEDE O TÍTULO DE CIDADÃO BENEMÉRITO DA CIDADE AO JORNALISTA E HISTORIADOR APOLINÁRIO TERNES, EM CERIMÔNIA REALIZADA NA NOITE DE 01º DE AGOSTO DE 2005, NO TEATRO JUAREZ MACHADO, EM JOINVILLE.

DISCURSO DO HOMENAGEADO

Exmo. Senhor Darci de Matos, mui digno Presidente da nossa Câmara Municipal de Vereadores;

Exmo, Senhor Doutor Luis Henrique da Silveira, Governador de Santa Catarina;

Exmo. Senhor Doutor Rodrigo Borgnhol, muito digno vice-prefeito de Joinville

Dr. Ricarlo Resler, presidente da Associação dos Magistrados de Santa Catarina

Exmo. Sr. Moacir Tomazzi, nosso muito digno presidente do Jornal [A Notícia], representante da ACIJ;

Senhores Vereadores de Joinville,

Minhas Senhoras, Meus Senhores, Meus Amigos

Notícias de minha infância, transcorrida em parte na Rua do Príncipe no início dos anos 50, dão conta de que manifestara o desejo de ser bombeiro. Adiante a vocação religiosa me colocou num seminário. Doença grave me afastou da batina, dos livros e dos estudos, mas não me afastou de Deus. Voltei para a cidade, para os remédios e para a vigilância da mãe Eliete e da avó Licota.

De família não abastada, rápido fui para o mercado de trabalho. Comecei onde começam os sem estudo, como rapazote de serviços gerais. Começaram elogiar o que escrevia no modesto jornal da empresa, a então Companhia Antártica Paulista, nos idos de 1964 a 1968. E acabei como auxiliar de redação no Jornal do meio-Dia, na Rádio Nereu Ramos, em Blumenau.

Estávamos então em março de 1968. Em dezembro do mesmo ano, quase no mesmo dia 13 em que os militares editaram o Ato Institucional número 5, iniciava minha carreira em jornal, ainda em Blumenau, mas já em A Notícia. De lá para cá foram 37 anos de catar letrinhas, de escrever, de editar, de escolher, de opinar, de ceder à emoção, cultivar o lirismo, espalhar a esperança, azedar o caminho de muitos, despedaçar talvez a esperança de outros.

Jornalismo é uma profissão ingrata, veloz, mas sempre apaixonante. E fui feliz na profissão que me escolheu, pois dela nasceu outra vocação em novo ramo, talvez mais nobre, mais silencioso, mas igualmente fascinante: a História.

De 1977, depois de quatro anos com Pedro Ivo na Prefeitura e da briga feia com o jornal A Notícia, me refugiei na Biblioteca Pública, num espaço que chamávamos de Arquivo Histórico. Atolado literalmente em papéis e livros, enquanto o Prefeito Luis Henrique negociava o acervo de Carlos Ficker, finalmente reconquistado por Joinville naquela época. Recebi a sugestão de que poderia escrever um livro sobre Joinville. Estava então no último ano do Curso de História e me

coloquei a trabalho. Curioso é remontar, anos depois, como os fatos se encaixam para explicar os roteiros diferentes que a própria vida se encarrega de nos servir.

Estava lá, às voltas com a leitura do magnífico livro de Carlos Ficker, quando um senhor instalou-se na Biblioteca para a leitura de jornais. Trocamos dois dedos de prosa e no terceiro dia ele estava a me dar lições de como, afinal, escrever um livro. O cidadão era ninguém menos que o historiador Creso Coimbra, militar afastado de 1964 e autor de vasta e premiada obra. Ele me ensinou o caminho das pedras, de forma que *A HISTÓRIA DE JOINVILLE: UMA ABORDAGEM CRÍTICA* já estava pronta em 1979. A ele, saudoso Creso, prestei homenagem na publicação do livro, como ainda ao igualmente saudoso jornalista Osvaldo Silva, que me estimulou na juventude a ingressar no jornalismo.

Abençoado por bons mestres, saí pela vida a fazer reportagens, escrever crônicas, artigos e editoriais. Nas horas livres fui produzindo outros livros e em menos de 30 anos colecionei como autor mais de duas dezenas, quase todas dedicadas a Joinville. E até mesmo a única obra de ficção tem como chão, o chão da minha terra.

Escrever livros de história é seguir poucas regras: disposição para milhares de horas de leituras, fôlego para escrever centenas de páginas com encadeamento, síntese, brilhantismo e ânimo para enfrentar, depois da obra publicada, o silêncio mortal de quase todos. E ainda assim seguir para o próximo, e para o próximo, sempre com o entusiasmo da primeira vez e com a paixão fervente de que simplesmente é impossível viver sem aquilo. Aquilo é a longa viagem em torno de um tema, que fascina, nos aprisiona, nos escraviza. A longa viagem que nos ocupa de forma quase absoluta, que nos faz esquecer o tempo, que nos afasta o cansaço, que nos estimula a continuar.

Um livro não é um filho, como dizem. Um livro é uma aventura fantástica para quem escreve e para quem o lê.

Minhas senhoras, meus senhores, senhores vereadores,

Permitam-me neste momento de tanto significado e emoção, falar também de jornalismo. Venho de um tempo em que jornalismo ainda era uma profissão marginal. Não mais romântico e deleitadamente político como nos anos 30, 40 e 50, mas já ensaiava em Santa Catarina, no início dos anos 70, um tom mais profissional. Jornalistas, contudo, ainda eram homens inclinados às letras, chegados aos livros, capazes de redigir artigos imediatos sobre o impacto dos acontecimentos. Nada, absolutamente, que se compare aos tempos atuais. Vivi, e já sou dos últimos, a época do chumbo derretido, da oficina cheia de graxa e tinta, das ramas de paginação, da revisão ortográfica rígida de gramáticos chatos e de óculos e olhares pesados. Os tempos eram outros, as dificuldades também. Além da censura, do medo e da dúvida, tínhamos que nos esforçar para sobreviver no fio da lâmina. E tínhamos então um grupo histórico de *A Notícia*. Com a noite e energia da juventude para espantar fantasmas e caçar ilusões. Belas e delirantes noites. De conversa nervosa, amores relâmpagos e bebida farta. Tempos maravilhosos.

Agora, quase três décadas passadas e cerca de nove mil editoriais publicados, o jornalismo é ainda mais imediato, mais emocionante e muito mais exigente. Orgulho-me, não apenas de ocupar por mais tempo o cargo de editorialista de *A Notícia* em quase os seus 82 anos, superando o recorde de Heráclito Lobato, que esteve na mesma função por quase 20 anos. É possível até que não haja no momento, um jornalista no país que tenha permanecido tanto tempo na mesma função: duas décadas e meia de editoriais, desde junho de 1979, à exceção de alguns afastamentos temporários.

A Notícia se reergueu, desde 1978, capitaneada por Moacir Tomazzi e uma grande equipe de colaboradores e jornalistas. Quando lá cheguei, em 68, não tínhamos profissionais formados em curso superior, o que hoje é exigência legal. Agora somos mais de 130, espalhados por todo o

Estado, e o jornal resgatou, integralmente, o prestígio notável que usufruía até 1944, ano de morte do fundador Aurino Soares.

O jornalismo agora é produzido em ritmo on line, ou seja, em linha aberta, simultâneo com a notícia. Tudo obedece a um ritmo louco da globalização. E o jornal renasce, a cada amanhecer, cheio de reportagens, de fotos coloridas, de mapas e gráficos, com textos sobre economia, educação, esportes, cultura, política, etc, etc. Daqui ou de qualquer lugar do planeta, onde estiver a notícia que interessa. Das bombas de Londres às cuecas cheias de dinheiro nos aeroportos do país, ou às malas milagrosas do mensalão de Brasília. E é sobre isso que trabalhamos todos os dias, na mesma velocidade dos fatos. É, confesso, ainda mais interessante que já era no início dos anos 70.

Senhores vereadores,

Sois muito generosos ao me conceder o título de Cidadão Benemérito. Fiz o que faria qualquer outro nas minhas circunstâncias, pois como escreveu Ortega e Gassê, “eu sou eu e minhas circunstâncias”. Se contribuí para a história e para a memória da minha cidade, agora sabeis como e porquê. Nada foi planejado, mas tudo exigiu disciplina, esforço e silêncio. Muita disciplina, persistente dedicação e se a Câmara me premia com tão honrosa condecoração, que me enche de orgulho e vaidade, preciso reparti-la com os meus, que tanto me ajudaram o tempo todo.

Queria repartir com a Rita, essa maravilhosa mulher, musa, inspiradora e leal companheira de todas as horas. Que viu nascer cada uma de minhas obras. Com ela sempre se mantém, pleno e maduro, um amor construído pela mútua admiração e carinho. Repartir ainda com o Tiago e a Bruna, nossos filhos, duendes encantados do jardim da nossa felicidade. Desejo manifestar minha especial gratidão ao vereador Darci de Matos, autor da proposição desta generosa honraria. Assim, como a cada um dos senhores vereadores, inclusive aos da Legislatura passada, quando foi aprovada essa homenagem, que não exitaram em premiar um modesto jornalista com título tão nobre quanto honroso. Tenho particular orgulho, junto com o colega Herculano Vicenzi, de ser autor de um livro sobre a História do Legislativo de Joinville.

O nosso tempo, sabemos todos, são difíceis para os homens públicos, mas estejam certos, Vossas Senhorias continuam sendo, ao lado de outras instituições, como a família e a imprensa, os esteios da nossa democracia. Justamente porque atuam aqui, no município, onde vivem os cidadãos. A política, a exemplo de quase todas as demais atividades em que se envolve o homem neste início, ainda, de século, também enfrenta sua crise de identidade e também padece das limitações próprias do gênero humano. Mas é preciso não esmorecer e continuar muito além de onde a maioria desiste ou sucumbe.

Política, Jornalismo e História constituem a melhor tríade de toda a minha carreira profissional. Primeiro porque somos animais políticos, como disse Aristóteles nas proximidades do surgimento da democracia. E depois, porque não há como isolar Jornalismo e História da Política. Ela é a essência da História. Assim como é o centro vital do Jornalismo, cujo primeiro e único mandamento é a busca da verdade, da injustiça e da solidariedade.

Senhores vereadores, Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Nascido aqui, estudioso permanente da nossa história, já posso considerar-me um cidadão joinvilense integral. Os deuses foram bondosos e os homens generosos para comigo. Mais do que uma honra, é uma dádiva. Obrigado Joinville.

ANEXO B

ATA DA 003ª SESSÃO SOLENE DA
1ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 16ª LEGISLATURA
REALIZADA EM 14 DE MARÇO DE 2007 ÀS 19H
PRESIDÊNCIA DO SENHOR DEPUTADO JULIO GARCIA
39º ANIVERSÁRIO DE FUNDAÇÃO DA CASA DO JORNALISTA
100 ANOS DE FALECIMENTO DE OTTOKAR DÖERFELL
LANÇAMENTO DO LIVRO *KOLONIE-ZEITUNG: UMA HISTÓRIA*

SUMÁRIO

DEPUTADO DARCI DE MATOS – Exalta a figura e os feitos de Ottokar Döerffel como exemplo para as gerações vindouras de joinvilenses.

DEPUTADO KENNEDY NUNES – Elogia a Casa do Jornalista, a prefeitura de Joinville e o governo do estado por terem patrocinado a obra *Kolonie-Zeitung, uma história: Breve viagem pelas oito décadas do primeiro jornal alemão de Santa Catarina*.

DEPUTADO NILSON GONÇALVES – Ressalta a importância de Ottokar Döerffel para o desenvolvimento de Joinville.

JORNALISTA MOACIR PEREIRA – Em nome da Associação Catarinense de Imprensa, agradece todas as parcerias para a realização da sessão solene e a publicação do livro e salienta a importância da figura de Ottokar Döerffel no contexto histórico, cultural e político de Santa Catarina.

APOLINÁRIO TERNES – Discorre sobre a vida e a obra de Ottokar Döerffel, na comemoração do centenário do seu falecimento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Julio Garcia) – Havendo quórum regimental e invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão solene.

Convido os srs. deputados Darci de Matos, Nilson Gonçalves e Kennedy Nunes para conduzirem até o plenário as excelentíssimas autoridades que irão compor a mesa e que serão nominadas a seguir:

Excelentíssima professora Elizabete Anderle, presidente da Fundação Catarinense de Cultura, que neste ato representa sua excelência, o governador do estado de Santa Catarina em exercício, Leonel Pavan;

Excelentíssimo sr. Ivo Silveira, ex-governador do estado de Santa Catarina;

Excelentíssimo sr. conselheiro José Carlos Pacheco, presidente do Tribunal de Contas do Estado de Santa Catarina;

Excelentíssimo sr. Marco Antônio Tebaldi, prefeito do município de Joinville;

Jornalista Moacir Pereira, presidente da Associação Catarinense de Imprensa – Casa do Jornalista.

Excelentíssimas autoridades, senhoras e senhores, sras. deputadas e srs. deputados, a presente sessão solene foi convocada por esta Assembléia Legislativa, pela Mesa Diretora e à unanimidade de todos os parlamentares, pelo prefeito municipal de Joinville, sr. Marco Antônio Tebaldi, e pelo presidente da Associação Catarinense de Imprensa, jornalista Moacir Pereira, em dupla comemoração: ao centenário de falecimento de Ottokar Döerffel, fundador da imprensa e da Maçonaria de Joinville, e ao 39º aniversário de fundação da Casa do Jornalista. E aproveitamos ainda a solenidade para lançar o livro *Kolonie-Zeitung: uma história*, de autoria de Lilian Mann dos Santos.

Convidamos todos os presentes para, de pé, ouvirmos a execução do hino nacional, interpretado pelo Coral da Assembléia Legislativa, sob a regência do maestro Reginaldo da Silva.

(Procede-se à execução do hino.)

(Palmas)

A Presidência registra a presença dos srs. deputados Nilson Gonçalves, Elizeu Mattos, José Natal, Kennedy Nunes, Darci de Matos, João Henrique Blasi e da sra. deputada Ada De Luca.

Convido o sr. deputado Antônio Aguiar, secretário da Mesa Diretora da Assembléia Legislativa, para que faça parte da mesa.

Registramos, ainda, com muita satisfação, as seguintes presenças nesta Casa:

Sr. secretário de estado da Fazenda, dr. Sérgio Alves;

Major Castro Viana, representando neste ato o comandante da 14ª Brigada de Infantaria Motorizada;

Tenente Diogo Piassi Dalvi, representando, neste ato, o comandante da Base Aérea de Florianópolis;

Professor Carlos Humberto Pederneiras Corrêa, presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Santa Catarina;

Sra. Sílvia Hoepecke da Silva, vice-presidente do Instituto Carl Hoepecke;

Sr. Eugênio Carlos Evangelista Vieira, diretor-geral da revista maçônica *O Prumo*, neste ato representando o grão-mestre do Grande Oriente de Santa Catarina;

Sr. Luiz Rosa Reis, neste ato representando a Associação Catarinense de Emissoras de Rádio e Televisão - Acaert;

Secretária de estado do Desenvolvimento Social, Trabalho e Renda, sra. Dalva Maria De Luca Dias;

Primeiro-tenente bombeiro militar Diogo Bahia Losso, representando, neste ato, o comando do Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Santa Catarina.

Farão uso da palavra, em nome das bancadas com assento nesta Casa, os srs. deputados Darci de Matos, Kennedy Nunes e Nilson Gonçalves, que nesta Casa representam o norte de Santa Catarina e a cidade de Joinville.

Com a palavra o sr. deputado Darci de Matos.

O SR. DEPUTADO DARCI DE MATOS – Excelentíssimo sr. deputado Julio Garcia, presidente da Assembléia Legislativa;

Excelentíssimo sr. conselheiro José Carlos Pacheco, presidente do Tribunal de Contas do estado de Santa Catarina;

Excelentíssima sra. Elizabete Anderle, presidente da Fundação Catarinense de Cultura, neste ato representando o governador do estado;

Excelentíssimo sr. ex-governador Ivo Silveira,

Excelentíssimo sr. Marco Antônio Tebaldi, prefeito de Joinville;

Jornalista Moacir Pereira, presidente da Associação Catarinense de Imprensa - Casa do Jornalista;

Excelentíssimo sr. deputado Antônio Aguiar, quarto-secretário da Mesa;

Senhoras e senhores, imprensa e demais autoridades que participam desta sessão solene importante e emblemática do centenário da morte de Ottokar Döerfell.

Como deputado de Joinville, da região norte de Santa Catarina, não poderia deixar, sr. presidente, de dizer algumas palavras da história, da vida e, sobretudo, da importância que teve esse jornalista, político e empreendedor para o desenvolvimento do nosso município.

Início, sr. presidente, dizendo que o famoso escritor alemão afirmou que quem é firme em seus propósitos, molda o mundo a seu gosto. E esta frase, especificamente, aplica-se à vida e à história do homenageado.

Também desejo afirmar que, se analisarmos a história de Ottokar Döerfell, podemos constatar que a sua intensa participação comunitária na colônia Dona Francisca, município de Joinville, ou redundou na cidade que se constitui, hoje, na capital do voluntariado. Nós temos, em Joinville, praticamente 500 entidades que detêm o título de utilidade pública e, mais do que isso, são entidades compostas por joinvilenses, pelo povo de Joinville, que é educado, ordeiro, trabalhador e que respeita as instituições. Essas pessoas, através das entidades, despretensiosa e desinteressadamente, fazem as coisas acontecerem naquela cidade e prestam um serviço relevante no campo do voluntariado.

Também devemos afirmar, para concluir, que esta sessão serve para nós dizermos, sr. presidente e sr. prefeito, às novas gerações de Joinville, de Santa Catarina e do Brasil que o sucesso, o progresso e o desenvolvimento da nossa cidade deram-se pelo trabalho de muitas figuras históricas, mas a figura preponderante, a figura principal, é a do nosso homenageado, o ex-vereador, o ex-prefeito de Joinville Ottokar Döerfell.

Portanto, encerro as minhas palavras homenageando a Casa do Jornalista, que está realizando de maneira pertinente esta sessão, já que a propôs através da Assembléia Legislativa, e lançando o livro nesta noite, nesta Casa.

Parabéns, felicidades e que a história de Ottokar Döerfell sirva de exemplo para nós e, sobretudo, para as futuras gerações.

Muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Julio Garcia) – Convido, neste momento, o deputado Kennedy Nunes para fazer o seu pronunciamento.

O SR. DEPUTADO KENNEDY NUNES – Sr. presidente, quero, em nome do nosso sempre governador Ivo Silveira, cumprimentar todos os demais membros da mesa.

Senhoras e senhores, para mim é uma dupla honra estar aqui, neste momento. Uma por ser filho legítimo de Joinville e saber que este jornal começou lá. E estava conversando com o nosso historiador Apolinário Ternes, dizendo que em 1977, o então prefeito Luiz Henrique da Silveira comprou todas as edições que a família tinha levado para Minas Gerais, dando, assim, oportunidade de Joinville ter no seu seio a história desse jornal. Outra, caro colega Moacir Pereira, porque também sou jornalista. Então, tenho a dupla felicidade de estar aqui.

Vou deixar para ouvir mais sobre as questões históricas, mas gostaria de parabenizar a jornalista Lilian Mann dos Santos, que fez esta obra. Ela é uma ilha, mas mergulhou na história deste periódico; gostaria de parabenizar a nossa casa, a Casa do Jornalista, por ter feito esse investimento; gostaria de parabenizar o governo do estado, em nome do assessor de imprensa do governador, José Augusto Gayoso, que está aqui, e também a prefeitura da nossa cidade, em nome do prefeito Marco Tebaldi, que está aqui, pelo investimento que fez para que pudéssemos ter uma obra tão importante como esta.

Mas eu estava observando e algo me chamou a atenção, na rápida leitura que estava fazendo das coisas que foram buscadas nessa história, como alguns anúncios. E eu peço licença à autora para ler alguns anúncios que foram publicados lá em 1863:

(Passa a ler.)

“>Carne de porco gorda e fresca e banha podem ser obtidas toda terça e sábado com F. Jordan.

>Excelentes pás de aço inglesas a 1\$500 réis, recomendam – A. Ravache” (o nosso Ravache).

“>Albert Böhle, antigamente colono aqui residente, agora fotógrafo em Berlin, envia calorosas lembranças a todos os amigos e conhecidos.

>Os relógios que me foram encomendados estão prontos, podendo ser retirados. Joinville. J.Müller, relojoeiro.

>Ofereço-me para executar todos os tipos de facas de mesa, açougue, trinchadeiras e aquelas para o jardim e mato, em legítimo aço, bem para afiar as mesmas, assim como lâmina de barbear e tesouras. Encomendas que não me sejam dirigidas diretamente são aceitas pelos senhores Eduard e Ferdinand Trinks.”

Agora há um aqui que me chamou atenção.

(Continua lendo.)

“>A todos os amigos e conhecidos a notícia muito consternadora de que no dia 19 próximo passado” (isso em 1873) “minha querida esposa deu à luz a um robusto garoto, dotado de excelentes pulmões. Como dessa maneira se completa a primeira meia-dúzia, creio ter direito a pedir a todos os sentidos pêsames. Profundamente consternado Ed. Krisch. Este acréscimo de forças consumidoras obriga-me a comprar mais algumas centenas de fardos de milho (em forma de mingau). Peço que as ofertas neste sentido sejam-me encaminhadas diretamente.”[sic]

Uma coisa chamou-me a atenção, deputado Nilson Gonçalves, que trabalha, principalmente, na área da segurança pública: eu me lembrei do Aimoré do Rosário, nosso colega radialista, que todos os dias dá o cardápio do que os detentos comem, diz o número de presos que há tanto na cadeia como na penitenciária, secretário Sérgio Alves, e no final ele diz assim: “Depois vai ser você, eles vão te pegar”!, com aquele jeito do Aimoré.

Mas vejam esse anúncio que foi colocado:

(Continua lendo.)

“>Como curiosidade foi-nos informado que a cadeia local, na linguagem popular ‘Hotel Hoffmann’ está sem hóspede desde o dia 15 deste mês. Desde a inauguração desta sombria hospedaria em 1864, este fato só aconteceu uma vez, do dia 2 de junho a 9 de julho de 1875.”[sic]

Ou seja, para que cadeia se não havia ninguém que cometia crimes?

É por essas coisas que quero parabenizar a jornalista e desejar, mais uma vez, à minha casa, a Casa do Jornalista, parabéns por ter encabeçado e feito esta homenagem. E mais uma vez parabenizo o governo do estado e o município de Joinville por terem patrocinado essa relíquia que guardaremos com o maior orgulho.

Muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Julio Garcia) – Neste momento, fará o seu pronunciamento o deputado Nilson Gonçalves.

O SR. DEPUTADO NILSON GONÇALVES – Sr. presidente, autoridades que compõem a mesa e demais pessoas que se encontram presentes neste recinto, é difícil falar depois que um Darci de Mattos um Kennedy Nunes já falaram. Mas quero fazer minhas as palavras destes dois ilustres colegas e irmanar-me também a esta comemoração pelos 100 anos da morte de tão importante figura, que nos deu a honra

de ser joinvilense por tanto tempo, que chegou a Joinville, penso que todos aqui já sabem, certamente, com 36 anos de idade, vindo da Saxônia, portanto, em 1854, e ficou aqui por cerca de 50 anos, ajudando a construir a nossa história, como cronista, como jornalista, como matemático.

O livro *Joinville os pioneiros: documentos e história*, do qual o deputado Kennedy Nunes terminou de ler algumas partes, marcou a sua vida, a sua história. Preferiu vir para o Brasil ao invés de ir para os Estados Unidos, que seria bem melhor, estabelecendo-se na colônia Dona Francisca, tomando posse, como contador e depois tesoureiro, na direção da colônia.

Ele era jornalista, cronista e também enveredou pelo caminho da política, como fez v.exa., como fez também o deputado Nilson Gonçalves, que tem como origem a profissão de jornalista, e foi também para o caminho da política para ficar um mandato, e aqui está por tanto tempo. O mesmo caso aconteceu com o ilustre Ottokar Döerffel.

Em Joinville, e para aqueles que não são daquele município, uma das principais vias, na entrada da cidade, recebeu o nome de rua Ottokar Döerffel. Todos que chegam àquele município têm acesso por aquela entrada.

(Passa a ler.)

“Como jornalista sua grande obra foi o *Kolonie-Zeitung*, que desde 20 de dezembro de 1862, circulou por quase 80 anos, levando a Joinville e a outras regiões do estado os acontecimentos do Brasil e do mundo.

Em 1869, uma infecção na medula atingiu a coluna vertebral de Ottokar Döerffel deixando-o paraplégico e sem os movimentos dos braços por três meses.

A morte desse cidadão, que aconteceu no dia 18 de novembro de 1906, aos 88 anos de idade, abalaria o povo da colônia Dona Francisca, grato aos empreendimentos e às contribuições que ele deixou para a história local.”

Tenho certeza de que tenho, neste ambiente, neste local, pessoas muito mais qualificadas para falar de tão ilustre figura. Portanto, quero irmanar-me a todos que na noite de hoje fazem esta homenagem e especialmente à Casa do Jornalista.

Parabéns a todos que tiveram a iniciativa de fazer esta homenagem a tão ilustre figura joinvilense.

Muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Julio Garcia) – A Presidência registra a presença do deputado Sérgio Grando, do ex-deputado Sérgio Silva e do jornalista Ciro Barreto, vice-presidente do Conselho Superior da Associação Catarinense de Imprensa.

Fará uso da palavra, neste momento, o jornalista Moacir Pereira, presidente da Associação Catarinense de Imprensa - Casa do Jornalista.

O SR. MOACIR PEREIRA – Excelentíssimo sr. presidente da Assembléia Legislativa de Santa Catarina, deputado Julio Garcia, demais autoridades que compõem a mesa já nominadas pelo protocolo.

Destaco com muito prazer, alegria e honra a presença do ex-governador Ivo Silveira, durante cujo mandato no estado de Santa Catarina foi criada a nossa Associação Catarinense de Imprensa. Portanto, se a nossa entidade tem alguns serviços prestados à cultura, à comunicação e ao aprimoramento profissional em nosso estado deve-se também à parceria que v.exa. desenvolveu muito bem com o saudoso fundador da Casa do Jornalista, o companheiro Alípio Bossle.

Demais autoridades civis, militares e eclesásticas aqui presentes.

Meu cumprimento especial e carinhoso ao companheiro historiador Apolinário Ternes, que em seguida vai brindar-nos com uma palestra sobre a figura do nosso homenageado.

Como presidente da Associação Catarinense de Imprensa também trago a minha homenagem à nossa colega Lilian Mann dos Santos e a todos os seus familiares, que hoje aqui nos honram com a presença para a noite de autógrafos.

A minha presença aqui, sr. presidente, em primeiro lugar, com muito orgulho, presidindo a nossa entidade, é para trazer a todos os srs. 40 deputados o nosso abraço de gratidão, especialmente a v.exa., por ter aberto esta Assembléia, realizando esta sessão solene histórica para que Santa Catarina inteira, através da TVAL, da Rádio Digital, do *Jornal da Assembléia*, da *internet*, conheça um pouco mais de sua história. E uma parcela dessa jornada memorável dos imigrantes alemães na cidade de Joinville, quiçá por outros pontos de Santa Catarina, que também merecem essa recuperação histórica, deve-se à aprovação de v.exa., quando a diretoria da associação decidiu comemorar os 39 anos, não com uma festa, um grande jantar, um grande almoço, que seria absolutamente justificável, mas através de um evento cultural que lembrasse o centenário de falecimento do extraordinário, notável imigrante alemão Ottokar Döerffel.

É, portanto, motivo de muita satisfação para todos os colegas que aqui estão presentes, para todas as autoridades que também nos honram com a participação, poder realizar este evento cultural em

parceria, mais uma vez, com a Assembléia Legislativa. Receba, pois, sr. presidente, o nosso abraço de agradecimento e transmita-o a todos os integrantes da Mesa e aos demais deputados da Assembléia Legislativa de Santa Catarina.

Devo registrar também o abraço de gratidão ao companheiro jornalista Nelson Rolim de Moura, editor da Editora Insular, que, na primeira reunião do ano, trouxe justamente a idéia de abraçarmos a edição dessa obra, desse trabalho de pesquisa realizado por essa colega no encerramento de seu curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, uma das unidades didáticas, acadêmicas da nossa instituição federal que mais têm projetado o nosso estado, considerado hoje um dos melhores, senão o melhor do Brasil.

A obra estava pronta, precisava de alguém, de alguma instituição que patrocinasse esse lançamento. E na primeira reunião, prontamente, com chancela de Nelson Rolim de Moura, que já havia lido os originais e atestando que se tratava de um trabalho de excelente conteúdo didático e informativo, a diretoria, imediatamente, aprovou a idéia e passamos à execução dessa obra que hoje para todos nós, felizmente, torna-se uma grata realidade.

Cumprimentos à autora porque depois que o Rolim recomendou, recebi os originais para fazer uma pequena mensagem, que muito me honra, na contracapa da obra. Levei para casa no final de semana na praia e por isso também estou aqui, com muito prazer, porque tive o privilégio de coordenar o curso de Jornalismo, inclusive, na época, com algumas resistências de alguns colegas. E mais uma vez temos aqui um outro exemplo significativo da importância da formação acadêmica, da pesquisa acadêmica, também na área do Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina.

Mas numa tarde de domingo comecei a fazer a leitura dos originais e não terminei a leitura sem a conclusão da obra. Então, é uma obra com texto muito leve, muito agradável, com informações ricas, que nos deixa ansiosos por buscar novas informações sobre esse trabalho realmente meritório realizado pelos imigrantes alemães. E no contexto dos alemães, destaca-se realmente a figura de Ottokar Döerfell, que foi o fundador da Imprensa, fundador da Maçonaria, participou de todos os movimentos artísticos, culturais e recreativos na cidade de Joinville, deixando exemplos realmente notáveis para todas as gerações de catarinenses.

A associação, então, está comemorando os seus 39 anos com esta sessão solene magnífica aqui da Assembléia, e para nós também é um acontecimento singular, porque se vincula diretamente ao bicentenário de Jerônimo Coelho, cujas atividades também de caráter cultural ocorreram várias delas aqui na Assembléia Legislativa, e prosseguem através da exposição itinerante *Memória da Imprensa Catarinense*, que, inclusive, vai inaugurar uma nova fase amanhã, na cidade de Brusque.

E já anunciamos a todos os presentes que 2006 foi o ano do bicentenário de Jerônimo Coelho, também com notável serviço prestado ao estado de Santa Catarina e a todo Brasil, o mais notável do II Império, conforme o nosso historiador, professor Carlos Humberto Pederneiras Corrêa. E há um vínculo, há um eixo que liga Jerônimo Coelho a Ottokar Döerfell. Por quê? Porque quem iniciou os trabalhos de demarcação do domínio Dona Francisca com Joinville foi justamente Jerônimo Coelho e lá contraiu uma doença que o levou, inclusive, à morte no estado do Rio de Janeiro. E se 2006 foi o ano do bicentenário de Jerônimo Coelho, 2007 do centenário de falecimento de Ottokar Döerfell, já nos estamos preparando para as comemorações do centenário de fundação da Associação Brasileira de Imprensa, também para despertar entre os catarinenses o interesse pela pesquisa histórica, pela informação sobre outro jornalista importante.

Esta informação, inclusive, não é do conhecimento, não é de domínio público. Por isso é preciso fazer lançamento de livro, por isso é preciso fazer sessão cultural. Precisamos resgatar e dar mais valor à cultura, porque o consumismo está dominando as nossas mentes, as novas gerações. Então, precisamos valorizar um pouco mais a atividade cultural, com edição de livros, com sessões, debates, seminários, etc.

Gustavo de Lacerda, um modestíssimo jornalista de Florianópolis, homem de cor, um mulato, foi para o Rio de Janeiro e lá fundou a Associação Brasileira de Imprensa, a nossa grande ABI, com serviços também políticos, profissionais relevantes prestados durante toda a história do Brasil, especialmente na defesa dos direitos humanos e do regime democrático. Em 7 de abril de 2008 a ABI estará comemorando 100 anos de funcionamento.

Transmito a cada uma das autoridades, dos ilustres participantes desta solenidade, em nome da diretoria do Conselho da Associação Catarinense de Imprensa, o abraço de gratidão pela presença, pelo prestígio e, certamente, depois de ouvirem Apolinário Ternes vão ficar ainda mais interessados na leitura da obra da nossa colega Lilian dos Santos, especialmente por outros trabalhos de pesquisa sobre os desbravadores da colonização alemã, dos imigrantes valorosos, heróicos e corajosos que construíram a capital econômica do estado de Santa Catarina.

Despeço-me agradecendo a presença das ilustres autoridades e de todos os participantes desta cerimônia; uma menção especial ao nosso querido prefeito Marco Tebaldi, por ter sido também um parceiro em vários movimentos culturais da nossa entidade.

Registro a presença do secretário da Fazenda Sérgio Alves, também de Joinville, e de todas as autoridades que aqui se fazem presentes para prestigiar este acontecimento.

Muito obrigado a todos em nome da Casa do Jornalista, e uma boa-noite!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Julio Garcia) – Concedo a palavra ao jornalista e historiador Apolinário Ternes.

O SR. APOLINÁRIO TERNES – Excelentíssimo sr. presidente da Assembléia Legislativa, deputado Julio Garcia;

Excelentíssimo sr. ex-governador Ivo Silveira;

Excelentíssimo prefeito municipal de Joinville, sr. Marco Tebaldi;

Excelentíssima sra. Elisabete Anderle, presidente da Fundação Catarinense de Cultura;

Excelentíssimo presidente do Tribunal de Contas do Estado de Santa Catarina, conselheiro José Carlos Pacheco;

Caro colega Moacir Pereira, presidente da Associação Catarinense de Imprensa - Casa do Jornalista;

Gostaria, ainda, de saudar o caro colega e amigo presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, professor Carlos Humberto Pederneiras Corrêa;

Saúdo também os distintos deputados de Joinville, Darci de Matos, Kennedy Nunes e Nilson Gonçalves;

Saúdo o presidente da Fundação Cultural de Joinville, vice-prefeito Rodrigo Bornholdt;

Srs. deputados, minhas senhoras, meus senhores.

Que sejam as minhas palavras iniciais de cumprimento à Assembléia Legislativa e, em particular, ao presidente da Associação Catarinense de Imprensa Moacir Pereira, pela brilhante proposta de se realizar aqui uma sessão solene em homenagem a um ilustre cidadão de Joinville e de não menor importância no contexto de Santa Catarina, ilustre, mas também, eu diria, postergado na memória de todos nós, catarinenses e de nós, joinvilenses. Resgatar a presença de Ottokar Döerffel será sempre, como disse Goethe, honrar o legado dos nossos antepassados.

Gostaria, ainda de saudar a colega Lilian Mann dos Santos, pela iniciativa da publicação do seu trabalho de conclusão de curso, sobre a maior obra de Ottokar Döerffel, que foi o *jornal Kolonie-Zeitung*. Trata-se de uma obra inédita, decorridos 100 anos da morte de Ottokar Döerffel e quase 200 anos do seu nascimento, o que ocorrerá em março de 2018.

O dr. Ottokar Döerffel nasceu na Saxônia, na Alemanha, que tem por capital Dresden, bem no centro da Alemanha, fazendo divisa com a Baviera, numa cidadezinha, num Principado chamado Waldenburg, no dia 24 de março de 1818. O cenário era absolutamente distante e por mais que nos esforcemos para imaginar o que era a Alemanha em 1818, basta dizer que não existia como nação constituída. Só viria a ser uma nação a partir de 1862, com a atuação de Guilherme I, imperador da Prússia, e do chanceler Otto von Bismarck.

Waldenburg era uma pequena cidade, dominada por um principado. O pai de dr. Ottokar Döerffel exercia as funções de registrador da Câmara do Principado de Schönburg. Não sabemos com precisão que função era essa que o pai de Ottokar Döerffel exercia, mas podemos especular que se tratava de um tesoureiro do principado. Sua família freqüentava o palácio da região, de forma que Ottokar Döerffel conviveu, na infância, com os filhos do príncipe de Schönburg. Dos cinco aos 14 anos iniciou os seus estudos primários e fundamentais, freqüentando a escola pública e destacando-se em matemática e física.

Muito cedo, em 1839, transferiu-se para a cidade de Leipzig, para freqüentar a Universidade de Leipzig, a mesma cidade que era profundamente amada por Goethe. A essa época, 1839, Goethe falecera havia sete anos. Ottokar Döerffel era um grande admirador de Wolfgang Goethe, freqüentou a mesma universidade, universidade esta que também outros nomes célebres da cultura universal por lá passaram, como o filósofo Leibniz, o poeta Lessing Bach e Richard Wagner.

Em 1842, aos 24 anos, Ottokar concluiu o curso de Ciências Jurídicas e passou a atuar nos tribunais de Wolkenburg e Wolkendorf. A sua ascensão na carreira de advogado é bastante rápida. Em 1844 passa a ser serventuário no tribunal de Rochlitz; em 1846 casa-se com a jovem Ida e transfere-se novamente para a cidade de Glauchau - conhecida na Alemanha como uma cidade de perspectivas industriais -, entra na política e alcança o comando da prefeitura de Glauchau em 1849, ano em que ainda repercute em toda a Europa o ciclo revolucionário de 1848.

O ciclo revolucionário de 1848 foi e é de fundamental importância no contexto da Europa. Na verdade, os revolucionários, os rebeldes, que promovem levantes na Itália, na França, na Áustria e na Alemanha desejam acabar com o restabelecimento do velho regime, porque quando Ottokar Döerffel nasceu, em 1818, Napoleão Bonaparte havia apenas há três anos sido derrotado em Waterloo e as velhas

fronteiras, os velhos regimes e as velhas monarquias se restabeleceram em todo o cenário europeu. E as revoluções de 1848 tinham com objetivo, exatamente, estabelecer a nova ordem. Os ecos da Grande Revolução Francesa de 1789 ainda se faziam ouvir e não estava consolidado o ideário da liberdade, igualdade e fraternidade.

Ottokar Döerfell, na condição de prefeito de Glauchau, tinha a responsabilidade de conter os rebeldes que se mobilizaram para avançar e depredar a capital da Saxônia, Dresden. E ele não conseguiu conter os rebeldes. Em razão desse fato de 1849, em Dresden, Ottokar Döerfell perdeu o cargo de prefeito e foi julgado nos tribunais da Saxônia.

Existem três versões para o que aconteceu com Ottokar Döerfell. A primeira versão é de que ele teria sido condenado à morte; a segunda, de que teria sido condenado a 12 anos de prisão, e finalmente, num terceiro julgamento, teria sido absolvido. A verdade é que Ottokar Döerfell permaneceu na Alemanha até o final de 1854. Portanto, depreende-se que de fato não veio para Joinville em fuga. Permaneceu na Saxônia e aguardou o resultado dos tribunais. Isso é tão verdade que depois, nos 52 anos de vida em Santa Catarina, Ottokar Döerfell jamais foi incomodado por nenhum tipo de precatório, julgamento ou manifestação do Poder Judiciário.

Contudo, em razão dos três julgamentos, tornou-se uma figura estigmatizada; tentou ainda sobreviver como advogado, em Glauchau, cidade em que ele já obtivera o cargo de prefeito, mas não foi possível! Em razão disso, decidiu emigrar para o sul do Brasil.

Esta foi a primeira etapa da vida de Ottokar Döerfell.

O espanhol Ortega y Gasset, filósofo que estudou na Universidade de Leipzig, disse que nós somos nós e as nossas circunstâncias. Ottokar Döerfell tem isso muito visível na sua trajetória. A primeira circunstância da vida dele foi que poderia ter-se desempenhado muito bem na condição de serventuário da Justiça, de operador do direito e de político, porque já obtivera um cargo importante em Glauchau. Mas todas aquelas circunstâncias iniciais dos seus primeiros 32 anos foram interrompidas brutalmente pelas revoluções do ano de 1848.

É interessante também vincular que a fundação de Joinville, que vai ocorrer no dia 9 de março de 1851, está diretamente vinculada à Revolução de 1848, na França, na qual o rei Luiz Felipe, pai do príncipe de Joinville, perdeu o trono. Quando a família real francesa se viu em fuga para Londres, o príncipe de Joinville lembrou de suas terras dadas em dote de casamento, ele que casara com a princesa d. Francisca, no dia 1º de maio de 1843, no Palácio São Cristóvão, no Rio de Janeiro. Recebera, então, d. Francisca, irmã de dom Pedro II, um dote de 25 léguas quadradas do imperador do Brasil em qualquer lugar do sul do Brasil. E essas terras foram demarcadas dois anos antes da Revolução de 48, no ano de 46, pelo engenheiro civil Jerônimo Coelho, que lá esteve em 1846, cujo primeiro mapa está hoje guardado no Arquivo Histórico de Joinville.

O príncipe vendeu parte das terras para um senador alemão chamado Mathias Schröeder, de Hamburgo, um dos 20 homens mais ricos da Europa naquele momento, e ele fez um empreendimento da colônia Dona Francisca: estabelecer, nas proximidades de São Francisco do Sul, uma cidade, já então com 150 anos, a maior colônia agrícola da América do Sul. Um empreendimento capitalista de grande envergadura, porque o senador vendia os lotes aos imigrantes e ainda recebia, em parcelas mensais, o valor da passagem da família de cada um dos membros dos imigrantes de Hamburgo até São Francisco do Sul.

Então, a Revolução de 1848 é que determina a fundação de Joinville e determina, em 1854, a imigração de Ottokar Döerfell para a nossa cidade. Ele aqui chega, em 23 de novembro de 1854, aos 36 anos de idade, casado e sem filhos, porque Ottokar nunca teve filhos com a sua esposa Ida, e vai cumprir, na colônia Dona Francisca, a segunda grande circunstância da sua vida: o papel de líder comunitário, de político, de homem de cultura, de jornalista e, no final da vida, também de filósofo.

O legado de Ottokar Döerfell é importante para Santa Catarina e para Joinville porque ele foi um personagem que consolidou o empreendimento de Mathias Schröeder. E ele chegou no dia 23 de novembro de 1854. No ano seguinte, em 1855, ele está liderando o movimento para a criação de importantes instituições culturais na cidade, algumas delas sobrevivem até hoje, como a Sociedade Harmonia Lyra, com 150 anos a serem completados em 2009, se não me trai a memória, e a Sociedade Ginástica de Joinville, que ainda está presente e que foi criada no ano de 1858. Em 1855, é criada a primeira Loja Maçônica do Brasil vinculada a Hamburgo, porque outras lojas maçônicas já tínhamos no país, inclusive aqui na cidade de Desterro.

Foi este homem tão preocupado com a consolidação daquela pequena vila perdida nas bordas da serra Geral, em plena Mata Atlântica, que já em 1856 coleta dinheiro com os imigrantes, que não chegam a 2.000 habitantes, dos quais 800 morando no núcleo urbano e 1.200 na área rural, em propriedades bastante isoladas, pois teve o *insight* e a visão de perceber que era importante ter um jornal naquela colônia.

Coletou dinheiro e foi comprado na Alemanha um prelo, que veio a bordo do navio chamado Francisca. Mas na Lagoa da Babitonga, na Lagoa do Saguau, em Joinville, no momento do desembarque dos 118 imigrantes, acaba afundando e leva para o fundo do mar o primeiro prelo. Por esta razão Joinville não teve o primeiro jornal de língua alemã no Brasil, porque depois, em Novo Hamburgo, surgiria um jornal editado em língua alemã.

Mas Ottokar Döerfell não esmorece. Faz nova coleta de recursos, faz nova encomenda e no dia 20 de novembro de 1862 surge o número um do *Kolonie-Zeitung*. E esse jornal, que hoje a nossa colega Lilian lança essa obra de resgate, foi fundamental para Joinville e o é para Santa Catarina, porque é uma das fontes mais importantes para a construção da história da nossa cidade.

O jornal existirá por 80 anos, ininterruptamente, e só vai acabar em 1942 porque a campanha de nacionalização decretada por Getúlio Vargas, em 1938, proíbe os jornais em língua estrangeira. O *Kolonie-Zeitung* muda de nome para ser *Actualidade*, mas não sobrevive porque 98% dos seus leitores, leitores de 80 anos de existência do jornal, só liam em língua alemã e não tinham mais interesse pelo jornal em língua portuguesa.

A única coleção completa do *Kolonie-Zeitung* estava de posse do historiador Carlos Fiker, historiador que publicou a primeira obra sobre a história de Joinville e que morreu repentinamente. Com sua morte, sua família transferiu o acervo documental, que era propriedade do município de Joinville, para o interior de Minas Gerais, numa fazenda onde um filho de Carlos Fiker era o responsável. Mas Luiz Henrique da Silveira, em 1977, como prefeito de Joinville, entrou em negociações com a família e adquiriu a coleção completa do jornal, além de mais 20 mil outros documentos primários, originais, da colônia Dona Francisca.

Naquele momento, em 1977, eu estava na direção do Arquivo Histórico de Joinville e fui buscar os documentos de caminhão caçamba e vim de Camanducaia até Joinville trazendo aquela preciosidade extraordinária que é hoje o que constitui 95% do acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

Ottokar Döerfell criou o jornal, ajudou na Maçonaria, fez teatro, participou de canto coral, fundou inúmeras outras instituições e ganhou a vida na colônia Dona Francisca, de 1854 em diante, na prosaica função de dono de uma olaria, produzindo tijolos e telhas.

Primeiramente, em 1854, se estabeleceu na localidade Ana Burgo, 12 quilômetros distante do centro atual de Joinville, porque lá deveria ser construída a cidade; e ele foi e instalou-se com sua pequena olaria. Em 1866, 12 anos depois, ele se transferiu para uma grande casa, uma mansão, onde hoje funciona o Museu de Arte de Joinville, na rua 15 de Novembro, lá vivendo os seus últimos 40 anos.

Participou da política. Em 1873, foi eleito o mais votado dos vereadores da cidade, na segunda legislatura de Joinville, com 275 votos. E nessa condição foi o segundo prefeito de Joinville, porque o conselheiro mais votado era guindado, automaticamente, ao cargo de superintendente municipal e exercia as funções de prefeito. E lá permaneceu como vereador em dois mandatos, sendo o segundo prefeito da cidade.

Depois, por volta de 1870, teve uma enfermidade muito grave, a cidade praticamente foi se despedir dele. Não havia diagnóstico preciso. A verdade é que durante seis meses ele ficou muito mal. Mas depois se recuperou e viveu ainda até 16 de novembro de 1906, em pleno século XX, quando faleceu aos 88 anos de idade.

Joinville prestou-lhe um tributo emocionante. Foi o maior sepultamento ocorrido na cidade, no mesmo ano, aliás, em que a cidade perdeu um outro grande personagem. Ottokar Döerfell era protestante e o padre Carlos Bickchausen católico, vigário da catedral, vigário da Igreja Católica por 44 anos e o criador da primeira escola pública de Joinville. Estou falando de Carlos Bickchausen, o padre que também morreu no mesmo ano de 1906. Esse padre doou o terreno onde hoje está o Hospital São José, o mais importante hospital de Joinville.

Ottokar Döerfell, no dia 1º de junho de 1857, três anos depois de estar em Joinville, assinou a ata de fundação da Igreja Luterana na cidade. Foi um homem de excepcional envergadura moral, que amalgamou a comunidade e que, diuturnamente, de forma muito excepcional, de forma muito intransigente, nos primeiros anos da colônia, lutou bravamente para que fosse feita a estrada Dona Francisca, uma estrada que foi iniciada em 1853 e que demorou 33 anos para ser construída, sem uma máquina sequer, só com pá e enxada, essa estrada que os líderes de Joinville lutaram bravamente pedindo verbas para o governador, pedindo verbas para o imperador do Brasil, usando da influência de d. Francisca, quando chegou a São Bento do Sul, em 1867, determinou o primeiro grande ciclo da economia de Joinville, o ciclo do mate, da erva-mate.

E Ottokar tinha um sentido, uma premonição de que aquela estrada era fundamental para a cidade, como o foi de fato. Porque já em 1880, Joinville era uma cidade que reunia capitais, acumulação de capital tão suficiente que no alvorecer do século XX a cidade foi-se industrializando. Este é o legado do dr. Ottokar Döerfell. Foi, essencialmente, não um legado da economia, como nós tão habitualmente fazemos os elogios aos líderes empresariais, aos agentes da economia. Ottokar não foi importante na área

da economia, ele foi fundamental na área da cultura, e sendo fundamental na área da cultura, ele foi o consolidador do núcleo colonial criado em 1851, que hoje é o terceiro pólo industrial do sul do Brasil, é a terceira maior cidade do sul do Brasil em população. Esse é o legado do dr. Ottokar Döerfell.

Daí o acerto e o aplauso que fazemos nós, historiadores da cidade, à Assembléia Legislativa e à Associação Catarinense de Imprensa por resgatarem e por recuperarem, para as novas gerações, essa figura tão proeminente. Daí o aplauso e os cumprimentos à minha colega pela produção desta obra que será lançada daqui a pouco.

Eu, finalizando, queria repetir uma frase que certamente o dr. Ottokar Döerfell repetiu ao longo da sua vida, de um personagem muito admirado, um visitante da Universidade de Leipzig, onde ele também se formou em Ciências Jurídicas.

Disse Johann Wolfgang Goethe: “O legado dos antepassados, conquiste-o para merecê-lo”.

Muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Julio Garcia) – A Presidência registra ainda, com satisfação, a presença do professor Celestino Sachet e do vice-prefeito de Joinville, Rodrigo Bornholdt, que também é presidente da Fundação Cultural daquela cidade.

Convido, neste momento, os srs. deputados Darci de Matos, Antônio Aguiar, Ada De Luca e José Natal para, juntamente com o jornalista Moacir Pereira, em nome da Assembléia Legislativa e da Associação Catarinense de Imprensa fazerem a entrega de placa que homenageia o Museu de Arte de Joinville, que tem sede na casa que pertenceu a Ottokar Döerfell, fundador da Imprensa e da Maçonaria, homenageado hoje na Assembléia Legislativa.

Para receber a homenagem convido o prefeito Marco Antônio Tebaldi, de Joinville, e o vice-prefeito Rodrigo Bonholdt.

(Procede-se à entrega da placa.)

(Palmas)

Convido para fazer uso da palavra, neste momento, o prefeito Marco Antônio Tebaldi, de Joinville.

O SR. MARCO ANTÔNIO TEBALDI – Quero saudar o ilustríssimo deputado Julio Garcia, nosso presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina;

Dr. Ivo Silveira, nosso ex-governador;

Deputado Antônio Aguiar, secretário da Mesa;

Conselheiro José Carlos Pacheco, presidente do Tribunal de Contas do Estado de Santa Catarina;

Sra. Elisabete Anderle, presidente da Fundação Catarinense de Cultura;

Jornalista Moacir Pereira, presidente da Casa do Jornalista;

Sr. Apolinário Ternes, nosso jornalista e historiador;

Na pessoa do deputado Darci de Matos, nosso deputado de Joinville, saúdo os deputados presentes, as demais autoridades, os catarinenses;

Minhas senhoras e meus senhores.

Este é um momento histórico, sr. presidente, por isso eu não poderia furtar-me de estar presente para vivenciar este momento pela sua grandeza, por tudo o que foi feito aqui, mas especialmente pela bela história que o dr. Ottokar Döerfell construiu durante a sua vida.

Este é um momento para podermos relembrar, agradecer e refletir. Relembrar tudo o que aconteceu, que foi muito bem explanado aqui pelas pessoas que me antecederam e pelo próprio historiador Apolinário Ternes; agradecer por tudo que Ottokar Döerfell fez por Joinville nesses mais de 100 anos que comemoramos no dia 9 de março; e refletir sobre os desafios atuais.

Naquele momento apresentavam-se uma série de dificuldades, era o início da colonização de uma terra inóspita, mata, animais e eles venceram, naquele momento, os desafios para iniciar essa colonização. E nós, que vivemos no momento atual, enfrentamos o desafio atual que é dotar a sociedade de uma boa qualidade de vida, atendê-la nas suas necessidades, na segurança pública, na defesa do meio ambiente, defendê-la do efeito estufa que se apresenta e traçar um paralelo disso, dos momentos que vivemos.

Então, poderia dizer assim, resumir este momento, Moacir Pereira, dizendo o seguinte: um povo que não tem cultura, que não cultua sua história é um povo que não tem rumo, que não tem identidade. Você foi muito feliz, Moacir, em promover esta homenagem, esta sessão solene na Assembléia Legislativa, assim como o presidente e os deputados que aceitaram e fizeram com que esta sessão acontecesse, e todos que puderam trazer para cá essa história.

Quero saudar o meu companheiro, vice-prefeito Rodrigo Bornholdt, que é o presidente da Fundação Cultural, cuja equipe acompanhou o acervo, a exposição que vamos ver logo em seguida.

Agradeço a todos que colaboraram com esse momento que vai ficar para sempre marcado na nossa história, especialmente na minha, porque o estou vivendo na condição de prefeito desta maravilhosa cidade que é Joinville.

(Passa a ler)

“Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina

O Poder Legislativo Catarinense e a Associação Catarinense de Imprensa homenageiam a colônia alemã na sessão solene que comemora o centenário do aniversário de falecimento de Ottokar Döerfell, fundador da Imprensa e da Maçonaria de Joinville.

Deputado Julio Garcia - Presidente

Jornalista Moacir Pereira - Presidente da Associação Catarinense de Imprensa.”

Muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Julio Garcia) – Neste momento procederemos ao lançamento do livro *Kolonie-Zeitung: uma História*, e ninguém melhor para lançá-lo do que Lilian Mann dos Santos, sua autora.

A SRA. LILIAN MANN DOS SANTOS - Cumprimentando o sr. presidente da Assembléia Legislativa, deputado Julio Garcia, gostaria de cumprimentar as demais autoridades, os parentes, amigos e pessoas que aqui vieram prestigiar o lançamento dessa obra.

Acho que é difícil falar do lançamento de um livro. É uma árdua tarefa, porque um autor geralmente conhece o que escreveu na sua obra, mas ele também acha que ela sempre precisa ser um pouco aprimorada e aperfeiçoada.

Contando um pouquinho da história de como surgiu a idéia de escrever esse livro que resgata os 80 anos do *Kolonie-Zeitung*, como já foi dito aqui, que seria o primeiro jornal de língua alemã, do estado de Santa Catarina, a idéia surgiu a partir de um projeto da Rede Alfredo de Carvalho, do qual participei durante o ano de 2004, quando me formava no Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. E esse projeto da Rede Alfredo de Carvalho pretendia resgatar a história de alguns jornais de língua estrangeira escritos no estado de Santa Catarina.

Participei do projeto juntamente com o professor Francisco Karam, jornalista bastante conceituado, e resolvemos tomar isso como um desafio.

Havia poucas coisas escritas, até então, sobre o *Kolonie-Zeitung*: publicações esporádicas, publicações que resgatavam um pouco da história do fundador desse jornal. E o livro tem essa pretensão, resgatar a história da vida do fundador do jornal e também resgatar a história do jornal.

No livro vocês encontrarão as cinco fases pelas quais o jornal passou, períodos em que tanto foi escrito em língua estrangeira, como em língua portuguesa. Ele também trocou de nome por quatro vezes. Primeiro ele começou a chamar-se *Colonie-Zeitung* com “c”; depois *Kolonie-Zeitung* com “k”; mais adiante passou a chamar-se *Actualidade*, e no final, quando ele termina, em 1942, ele se chamava *Correio Dona Francisca*.

Eu gostaria, neste momento, de agradecer a oportunidade que me foi dada de lançar esse livro nesta Casa, nesta noite. Agradeço a oportunidade e o patrocínio recebido da Assembléia Legislativa, da Associação Catarinense de Imprensa, da Prefeitura Municipal de Joinville e também do governo de Santa Catarina.

Muito me honra fazer esse lançamento e a todos muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DA ORADORA)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Julio Garcia) – Lançado o livro, convido todos para, de pé, ouvirmos o hino de Santa Catarina.

(Procede-se à execução do hino.)

(Palmas)

A Presidência registra com satisfação a presença do desembargador Vanderlei Romer, agradece a presença das autoridades com assento à mesa e a todos que nos honraram com seu comparecimento, convidando-os para a noite de autógrafos, para a exposição de objetos pessoais de Ottokar Döerfell e também de exemplares do jornal *Kolonie-Zeitung*, que foram gentilmente cedidos pela Biblioteca Pública de Santa Catarina e ainda para o coquetel no *hall* deste Poder.

Antes de encerrar a presente sessão solene, esta Presidência convoca outra, ordinária, para amanhã, no horário regimental, com a seguinte Ordem do Dia: matérias em condições regimentais de serem apreciadas pelo Plenário.

Está encerrada a sessão.



AN especial



ANotícia

Onde você participa da boa informação

Endereço

ENTRE

AN Agora

ANotícia

**Joinville 150 anos****Economia, turismo, população**

Aos 150 anos, Joinville é uma cidade de futuro. População cresce 2,4% ao ano, segundo Ibge. Sobram motivos para visitar o município. Aeroporto caminha para a modernização.

Serviço social, educação

Joinville também se sobressai na solidariedade. Cozinha comunitária é receita que deu certo. Aposta na indústria do entretenimento. Novo modelo de educação estimula o aprendizado. Faculdade Cenecista é a mais jovem. Matrículas crescem 62% desde 1996 na Univille. Centros de tecnologia impulsionam a economia. Modelo da ETT serve a outros institutos.

Saúde, religião

Medicina busca exemplo dos primeiros "doutores". Modernização mudou perfil do tratamento. Um pioneiro no tratamento da doença mental. Cidade é o maior pólo

Aos 150 anos, Joinville é uma cidade de futuro

As quase 30 mil empresas estabelecidas no município proporcionam o terceiro maior volume de receitas geradas aos cofres públicos do Sul do País

Se ao completar 150 anos Joinville é saudada por ser a maior cidade de Santa Catarina e um dos mais importantes pólos do Sul do País, é porque este lugar de destaque tem ligação direta com a economia local. Um parque fabril com mais de 1,3 mil indústrias e um comércio diversificado e com quase dez mil estabelecimentos fazem de Joinville uma cidade de futuro. E essa perspectiva faz parte do espírito de quem comemora, em 2001, o aniversário de 150 anos da cidade. As quase 30 mil empresas estabelecidas no município proporcionam o terceiro maior volume de receitas geradas aos cofres públicos do Sul do País, inferior apenas às capitais gaúcha (Porto Alegre) e paranaense (Curitiba).

E o crescimento de 5,6% ao ano

Leia também

Em julho, Festival de Dança é a atração (no alto); Gruta da Imaculada Conceição (acima) atrai fiéis

Foto: Marcelo Caetano

Sobram motivos para visitar o município
Quem vem a Joinville pode participar de passeios, festas e feiras, além de frequentar bons restaurantes e hotéis

Não faltam motivos para visitar Joinville. Passeios, celebrações religiosas, farta culinária típica, negócios, congressos e uma geografia exuberante tornam Joinville um município com vocação turística. É aqui que um dos maiores iates da

luterano do continente.
Igreja Católica quer
ampliar presença.

Cultura

Cultura entra, enfim, na
ordem do dia.
Os cinco mestres da
arte.
Sem tradição, literatura
é uma arte em
emergência.
Aldeia musical reproduz
mais de mil e um
estilos.
Um olhar em direção às
brumas do passado.
Capital da dança sem
talentos locais.
O teatro fora do palco.
Grupos underground
fazem teatro na
periferia.

Imprensa, Corpo de Bombeiros

Em 1852, a imprensa
nascia na colônia.
Uma corporação que
defende a cidade.

Entidades

Acij está à frente no
crescimento de
Joinville.
Batalhão é parceiro da
comunidade.
Univille veio com a
industrialização.

Política

Normas de convivência
definidas desde o início.
Livres pensadores
inovam a cultura.

Lugares e personagens (1)

Tradicional cartão-
postal está revitalizado.
Abdon Baptista, o
"coronel" da colônia.
Catedral acompanha a
história da cidade.
O primeiro padre do
município.
O "berço" da cidade.
Albano Schmidt, o
criador da Tupy.
Rua Princesa Isabel
atraiu acontecimentos.
Palacete Niemeyer é
respeitado até hoje.
Fritz Alt, o 1º grande
artista.
De office-boy a dono de
empresa.

Lugares e personagens (2)

Praça é homenagem a
interventor federal.

na arrecadação de tributos dá à
economia local a certeza da
manutenção entre as cidades
mais importantes do País.
Só a produção da indústria de
Joinville é responsável por cerca
de 16% das exportações
catarinenses. No mercado
brasileiro, também participa com
destaque no fornecimento de
produtos manufaturados, como
geladeiras, ônibus,
motocompressores, têxteis,
compressores de ar, autopeças,
tubos e conexões em PVC e
metais sanitários.
A cidade, que ainda concentra
grande parte da atividade
econômica no setor de
transformação, tem faturamento
industrial de quase US\$ 10
bilhões por ano. O produto interno
bruto (PIB) per capita de Joinville
também é um dos maiores do
País e gira em torno de R\$
12.000/ano.

Ciclos econômicos

Mas antes de comemorar esta
diversidade produtiva, Joinville
passou por pelo menos três ciclos
econômicos distintos: o colonial,
entre os anos de 1851 e 1901 -
quando chegaram os primeiros
imigrantes europeus; o ciclo
comercial, entre 1920 e 1945,
quando Joinville se transformou
num ponto de referência de
mercadores do Sul; e o recente
ciclo da industrialização, no
período de 1945 até o final da
década de 1970 - nesta época,
houve realmente a explosão
industrial na região, tornando o
município um pólo,
definitivamente.

Hoje, na era da globalização e da
economia multissetorial, a cidade
"tipicamente alemã", com seus
milhares de operários e
trabalhadores disciplinados e
empresários audaciosos e
profissionalizados, ganha a cada
dia a característica de uma cidade
que vive a era da informação e
dos serviços.
Mesmo assim, é a indústria que

costa brasileira, o
barco "Príncipe",
leva todos os anos
milhares de turistas
a agradáveis
passeios pela baía
da Babitonga. Tem
capacidade para
centenas de
passageiros, que
desfrutam de
piscina, restaurante,
bares e uma
dinâmica de bordo e
paradas que
possibilitam aos
passageiros visitas à
Matriz Nossa
Senhora da Graça,
ao Museu Nacional
do Mar e outros
monumentos
históricos
remanescentes da
colonização
açoriana em São
Francisco do Sul.
As águas da baía,
tranquílias e seguras,
oferecem magnífico
visual, onde se
incluem 14 ilhas com
exuberante
vegetação, inseridas
em área de
preservação
permanente da mata
atlântica.
Para quem prefere
as orações, é a
Gruta da Imaculada
Conceição, na
Paróquia São
Sebastião, no bairro
Iririu, que oferece a
alternativa. Nela, há
uma imagem da
santa e sob seus
pés escorre uma
pequena vertente.
Fiéis e visitantes de
várias partes da
região e do Estado
visitam o local em
busca de milagres.
Entre outras opções,
está o passeio

Em 1906, surge a estação ferroviária. Dr. Sadalla, médico e grande construtor. O fundador da Consul e da Embraco. Colonizadora alemã é citada em livro. O primeiro cemitério oficial da cidade.

Lugares e personagens (3)

Crispim Mira, o jornalista assassinado. Carlos Gomes, acima de tudo um político. Mercado público foi palco de conflitos. Filósofo, político e jornalista. A vida heróica dos desbravadores.

ainda detém o maior poderio econômico do município.

Maior arrecadação vem da indústria

Um estudo da Associação de Joinville e Região da Pequena, Micro e Média Empresa (Ajorpeme), realizado em 2000, revela que o setor industrial ainda é responsável por dois terços da riqueza da cidade, apesar de representar menos arrecadação de ICMS hoje em comparação com cinco anos atrás. Em 1995, 68,34% do tributo recolhido em Joinville vinha do setor secundário, contra 0,16% do primário e 31,50% do terciário. Atualmente, a indústria é responsável por 59,04% da arrecadação, contra 40,67% do setor de serviços. O estudo, que foi avaliado pelo professor de economia da Universidade da Região de Joinville (Univille) Vitor Hugo Medeiros, constata uma realidade que não é diferente da maioria dos grandes centros industriais do País e do mundo: uma sensível desigualdade na distribuição de renda. Apesar da renda per capita passar dos US\$ 10 mil anuais (praticamente o dobro da média nacional), a maior parte da população do município recebe menos de R\$ 7 mil por ano. Essa renda per capita é responsável, no entanto, por um alto potencial de consumo, que é de quase US\$ 2 bilhões anuais na cidade. Cerca de 50% deste gasto diz respeito à alimentação, transporte e manutenção do lar. A pesquisa apurou ainda que o índice de desemprego em Joinville se mantém, nos últimos anos, na faixa dos 8%.

Consumo

Outro fator de desempenho marcante é o de consumo - hoje considerado um dos melhores

promovido pela Associação dos Ferroviários, com a maria-fumaça. O percurso é sinuoso e belíssimo, mas esporádico. O trem percorre o litoral e cidades serranas. E, se as flores estão em praticamente toda a cidade, é no Orquidário Boa Vista que é possível encontrá-las em exposição permanente. O orquidário é um grande "viveiro de plantas", com cerca de 80 mil metros quadrados, onde são cultivados cerca de 80 espécies de orquídeas. Ele fica aberto para visitação e comercialização. Mesmo para aqueles turistas que estão "apenas de passagem" pelas rodovias da região há opções, como a Joinvilândia, uma fábrica de chocolate artesanal localizada nas margens da BR-101. É uma boa oportunidade de acompanhar a produção e embalagem dos deliciosos chocolates e bombons - típicos da região. O local dispõe de toda infraestrutura para receber turistas. No mesmo complexo há o "Moinho da Oma", que abriga um restaurante com cozinha internacional. E, mesmo para quem gosta de

nacionais. Segundo a Florenzano Marketing, em estudo realizado no ano passado, Joinville é uma das cidades que mais consomem no Estado.

Só em alimentos, por exemplo, foram desembolsados R\$ 72,72 milhões em 2000. A retomada do crescimento econômico, especialmente na última década, também foi uma das principais responsáveis pelo aumento no consumo de energia elétrica. O número de consumidores praticamente dobrou no período, passando de 120 mil na virada do milênio, segundo a Centrais Elétricas de Santa Catarina (Celesc).

....

**População cresce 2,4%
ao ano, segundo Ibge**
**Município tem cerca de
430 mil habitantes.**
**Destaca-se a autonomia
dos bairros**

A população, que também representa o crescimento econômico, especialmente na arrecadação de impostos, demonstra igualmente índices de crescimento. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de habitantes de Joinville cresce em média 2,4% ao ano. Tem cerca de 430 mil habitantes e é a cidade catarinense mais populosa. Outro ponto forte da economia local é a quase autonomia dos 33 bairros. O Boa Vista é o maior em área, com 14,38 quilômetros quadrados, e o mais populoso, com 30 mil habitantes. O turismo, que tem crescimento mundial acelerado com o processo de globalização, também está mostrando sua força em Joinville. Segundo o Sindicato de Hotéis, Restaurantes e Bares e Similares, a cidade vira o milênio com um número significativo de estabelecimentos voltados para o setor. São 35 hotéis, seis motéis,

turismo com um gosto de aventura ou de opções culturais mais ligadas à história da região, Joinville tem cerca de 30 sítios arqueológicos - entre eles, os sambaquis, montes de conchas e outros vestígios culturais deixados por indígenas que viveram nesta região há pouco mais de 2000 anos. Os sambaquis estão espalhados por diversos bairros da cidade. São considerados importante fonte de pesquisa para arqueólogos do Brasil e do exterior. Alguns têm cerca de 13 metros de altura. A importância arqueológica destes sambaquis mereceram a construção de um Museu do Sambaqui, edificado com o intuito de preservar a memória dos ancestrais indígenas. Além das belezas naturais, Joinville tem se destacado pelo turismo de eventos. Festas, exposições, congressos e feiras têm atraído milhares de pessoas de todas as partes do mundo, fazendo com que a cidade seja o foco de atenções em todo o País. É comum ouvir expressões como "cidade das flores" ou "cidade da dança", numa alusão

lanchonetes.

Profissionais

O número significativo de empresas ligadas ao turismo na cidade tem aumentado a demanda por profissionais com formação técnica e, principalmente, superior para a área. Será nos próximos anos, no entanto, que essa tendência se mostrará mais aos olhos da população, já que se multiplicam os cursos específicos para a área na cidade. O setor hoteleiro já está oferecendo parceria com as instituições o oportunizando a pelo menos 70% dos alunos dos cursos técnicos em hotelaria e turismo estágios em empresas no setor. Há mais de 3,2 mil vagas nos hotéis da cidade.

Número
de vôos
regulares
(atualmente 40)
deve
dobrar
com a
ampliação
o do
aeroporto



Foto: Cleber Gomes

Aeroporto caminha para a modernização Obras de ampliação começam este ano e devem ser concluídas até 2003

Ao completar 150 anos, Joinville vai ganhar um presente que projetará o município ainda mais no País. É a modernização do

direta a dois dos principais eventos anuais de Joinville. Há a Expoinverno, voltada à geração de negócios, além de feiras industriais e agropecuárias. A vocação para o turismo, embora ainda em fase inicial de exploração, fica clara nas expressões que são utilizadas para lembrar a cidade: que é "das flores", "das bicicletas", "dos príncipes" e "da dança".

*Museu preserva a
memória dos
ancestrais indígenas*
Foto: Arquivo AN 23/1/96

*Festa deu a Joinville
o título de "Cidade
das Flores"*
Foto: Pedro Paulo

concluída até 2003, permitirá dobrar o número de vôos regulares (atualmente são 40 por dia) e o atendimento de passageiros (dos atuais 200 mil em média por ano, para mais de 400 mil por ano). Este é o primeiro passo de uma jornada ainda maior, a elevação do aeroporto local à categoria internacional, permitindo o pouso e a decolagem de aeronaves estrangeiras.

A empresa Sial Construções Civis, de Cascavel (PR), deve iniciar ainda este mês as obras, que prevêm a construção de um prédio para a administração do aeroporto, um terminal de passageiros e a torre de comando. O valor orçado para as obras é de R\$ 3,7 milhões. À Infraero caberá o financiamento de 70% dos recursos. A Prefeitura ficará responsável pelos 30% restantes.

Condizente

O terminal terá ampliado, ainda, o espaço para locação de veículos, lojas, restaurante e salas de embarque e desembarque. A sede da administração será aumentada em pelo menos quatro vezes. O prédio, que atualmente é construído em madeira e tem 150 metros quadrados, passará a ocupar uma área de 560 metros quadrados.

Segundo o superintendente do aeroporto, Gerson Luis David Guimarães, "somando estas novas implantações à criação do terminal de cargas e à ampliação do pátio de aeronaves, Joinville terá um complexo aeroportuário condizente com a importância social, política e econômica".

Luta para ser internacional

A mobilização para a

Vereadores e Prefeitura), empresários e autoridades regionais.

Há dois anos, esta luta ganhou força com a discussão e aprovação, na Câmara de Vereadores, de uma moção convocando a união de lideranças políticas e empresariais da cidade. Como terceiro maior pólo industrial e econômico da região Sul do País e com um aeroporto responsável pelo transporte de mais de 200 mil pessoas por ano, Joinville começou a decisiva luta junto à Infraero para conquistar a mudança.

Como receber vôos internacionais requer uma série de adaptações e a instalação de serviços básicos (Vigilância Sanitária Federal, posto da Delegacia da Polícia Federal e uma alfândega), é a ampliação da estrutura do aeroporto o primeiro passo para o sonho da internacionalização. Outro fator, é claro, é a demanda de passageiros interessados em viajar para o exterior. De todos os fatores, este é um dos mais importantes entre os levados em conta pelas companhias aéreas.

Perfil do aeroporto

Melhorias previstas até 2003

- 22 metros será a altura da torre de controle. Terá também 215 metros quadrados de área construída, frontal ao pátio de manobras e estacionamento das aeronaves.
- 3,4 mil metros quadrados distribuídos em dois pavimentos operacionais, e um nível técnico para manutenção terá o novo terminal de passageiros.
- 10 posições de check-in haverá no terminal, além de elevadores e um restaurante com terraço panorâmico, 20 lojas comerciais, cinco pontos para locadoras de

veículos.

110 passageiros será a capacidade da sala de embarque, e sala de desembarque para outras 130 pessoas.

- 150 vagas para veículos leves e dez para estacionamento rotativo de automóveis e vans.
- 400 mil passageiros por ano será a capacidade no novo aeroporto (em 2000, teve um movimento de pouco mais de 230 mil). A taxa de crescimento anual sucessivo, nos últimos cinco anos, ficou entre 15% e 20%.

....

Expediente

Caderno comemorativo ao aniversário de 150 anos de Joinville

Projeto: Apolinário Ternes

Edição: Albertina Camilo Franco e Sílvia Melatti

Redação: Apolinário Ternes (lugares e personagens), Leandro S. Junges (atualidade), Joel Gehlen (cultura), Luiz Fernando Assunção (atualidade), Maria Cristina Dias e Ronaldo Corrêa (instituições), Rosane Felthaus (família Roskamp)
Edição de Fotografia: Wagner Jorge, Roberto Adam e Sílvia Reinert

Projeto Gráfico: Paulo Roberto de Oliveira e Ivan Girardi Junior

Diagramação: Ivan Girardi Junior

Revisão: Aldo José Brasil de Lima

Tratamento de Imagens: Luís Carlos Fagundes e Odair Jaroczinski

Aniversário de Joinville

Veja a cobertura dos anos anteriores

9 de março de 2000: **Joinville 149 anos**

9 de março de 1999: **Joinville 148 anos**

9 de março de 1998: **Joinville 147 anos**

9 de março de 1997: **Joinville 146 anos**

A Notícia: Capa | Opinião | Esporte | Economia | Política | País | Mundo | Polícia | Geral | Fórmula 1 | Fórmula Indy | **Colunas:** Alça de Mira | Moacir Pereira | Informal | Raul Sartori | Livre Mercado | Espaço Virtual | Canal Aberto | Joelson Beting | Na Grande Área | **Cadernos:** Anexo | AN Cidade | AN Informática | AN Economia | AN Veículos | AN Tevê | AN Turismo | AN Verão | **Especiais:** AN Verde | Grandes Entrevistas | Cruz e Sousa | Joinville 149 anos | Festival de Dança | Recicle | Meio Ambiente | Ecologia | Anita Garibaldi | **Serviços:** AN Agora | AN Pergunta | AN Pesquisa | Como anunciar | Classificados | Guia Internet | Assinatura | Mensagem | Loterias | Cinema | Edições 2001 | Edições 2000 | Edições 1999 | Edições 1998 | Edições 1997 | **Info:** Índice | Expediente | Institucional | **AN Capital:** Capa | Geral | Última Página | Fala Mané | Ricardinho Machado | **StarMedia:** E-mail grátis | Bate-papo | Forum | Notícias

Copyright © 2000 A Notícia - Fone: 055-0xx47 431 9000 - Fax: 055-0xx47 431 9100 - Rua Caçador, 112 - CEP 89203-610 - C. Postal: 2 - 89201-972 - Joinville - SC - BRASIL - **EXPEDIENTE** - Redação: anoticia@an.com.br - Fotografia: foto@an.com.br - Classificados: ancla@an.com.br - Comercial: anuncio@an.com.br - Circulação: assinatura@an.com.br - Web site: internet@an.com.br

Por: Torque Comunicação e Internet